

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E
LITERÁRIOS EM INGLÊS**

MARLY D'AMARO BLASQUES TOOGE

Traduzindo o *Brazil*: o país mestiço de Jorge Amado

**São Paulo
2009**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

MARLY D'AMARO BLASQUES TOOGE

Traduzindo o *Brazil*: o país mestiço de Jorge Amado

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Estudos Lingüísticos e Literários em Inglês.

Área de Concentração: Estudos Lingüísticos e Literários em Inglês

Orientadora: Profª. Dra. Lenita Maria Rimoli Esteves

São Paulo
2009

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Tooge, Marly D'Amaro Blasques

Traduzindo o Brasil: o país de Jorge Amado / Marly D'Amaro Blasques
Tooge ; orientadora Lenita Maria Rimoli Esteves . -- São Paulo, 2009.
267 p.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Estudos
Linguísticos e Literários em Inglês) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências
Humanas da Universidade de São Paulo.

1. Tradução. 2. Representação cultural. 3. Política da Boa Vizinhança. 4.
Amado, Jorge 1912-2001. 5. Knopf, Alfred. A. I. Título. II. Esteves, Lenita
Maria Rimoli.

MARLY D'AMARO BLASQUES TOOGE

TRADUZINDO O *BRAZIL*: o país mestiço de Jorge Amado.

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: Estudos Lingüísticos e Literários em Inglês

BANCA EXAMINADORA

Prof(a). Dr(a). _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof(a). Dr(a). _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof(a). Dr(a). _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

*Dedico este trabalho a
Carlos Augusto B. Tooge,
companheiro, incentivador e
parceiro de vida,
a meus filhos Karina e Rodrigo,
e a meus pais Walter e Eny.*

AGRADECIMENTOS

Este trabalho não teria se realizado sem a valorosa supervisão de minha orientadora Lenita Maria Rimoli Esteves, seu olhar equilibrado, seu carinho e incentivo fortalecedor e sem sua imensa capacidade profissional. A ela dedico meu reconhecimento e agradecimento.

Agradeço também pela bolsa disponibilizada pela CAPES, que auxiliou significativamente nos dois últimos anos desta pesquisa, possibilitando um maior acesso às informações aqui contidas.

Aos professores presentes em minha banca de qualificação, Profa. Dra. Lilia Moritz Schwarcz e Prof. Dr. John Milton, cujas orientações foram extremamente úteis para a finalização deste trabalho, meu muito obrigada.

Agradeço à professora Viviane Veras pelas orientações quanto à qualidade da escrita acadêmica aqui apresentada.

Agradeço ainda aos professores e colegas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, por seu interesse e constante colaboração.

A Barbara Shelby Merello, cuja generosa e benevolente colaboração e envio de material foram extremamente positivos e esclarecedores.

Ao Harry Ransom Center da Universidade do Texas, pela permissão concedida para citar parte da correspondência da coleção pessoal de Alfred A. Knopf.

A minha mãe, Eny, escritora e inspiradora, e a meu pai, Walter, exemplo de empreendedorismo, por abrirem os caminhos para minha educação.

A meu marido, Carlos, pela confiança e incentivo à minha carreira acadêmica, e aos meus filhos, que indiretamente colaboraram para a ampliação de meu tempo dedicado às atividades universitárias.

RESUMO

TOOGE, M. D. B. Traduzindo o *Brazil: o país mestiço de Jorge Amado*. 2009. 267 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

O primeiro livro de Jorge Amado traduzido para o idioma inglês foi publicado nos Estados Unidos em 1945, pela Alfred A. Knopf Publishers, por meio de patrocínio do Departamento de Estado americano, que mantinha um programa de intercâmbio cultural como parte da “Política de Boa Vizinhança” do presidente Roosevelt. A literatura traduzida era, então, vista como um caminho para compreender o “outro”. Criou-se, a partir daí, um padrão de comportamento que perdurou por décadas. Érico Veríssimo, Gilberto Freyre, Alfred e Blanche Knopf, Samuel Putnam e Harriet de Onís foram atores importantes nesse cenário.

Apesar de seu contínuo posicionamento de esquerda, após desligar-se do Partido Comunista no final da década de 1950, Jorge Amado tornou-se um *bestseller* norte-americano, como resultado dessa vertente “diplomática” e do renovado projeto de tradução (e de amizade) de Alfred A. Knopf. Entretanto, outras redes de influência também atuavam sobre a recepção da obra do escritor, fazendo com que ela fosse assimilada de forma própria, metonímica, diferente da que ocorreu em países do leste europeu, por exemplo. Esta pesquisa investigou a relação entre os atores mencionados, tais redes de influência e a representação cultural do Brasil na literatura traduzida de Jorge Amado nos Estados Unidos.

Palavras chave: Tradução, Representação Cultural, Jorge Amado, Alfred Knopf, Boa Vizinhança.

ABSTRACT

TOOGE, M. D. B. **Translating *Brasil*: Jorge Amado's mestizo country. 2009. 267 p. Dissertation (Master's Degree) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.**

The first book by Jorge Amado in English translation was published in the United States in 1945 by Alfred A. Knopf Publishers, under the auspices of the U.S. State Department, who sponsored a cultural interchange program as part of President Roosevelt's Good Neighbor Policy. Translated literature was seen, at the time, as a way of understanding the "other". Érico Veríssimo, Gilberto Freyre, Alfred and Blanche Knopf, Samuel Putnam and Harriet de Onís were actors in this scenario.

In spite of his support of the tenets of the political left, after leaving the Communist Party in the late 1950's Jorge Amado became an American bestseller, a result of such "diplomatic" movement as well as of Alfred A. Knop's translation project. Nevertheless, other influence networks also affected the author's reception in the United States, which turned out to be quite different from what happened in Eastern Europe, for instance. This research investigates the relation between the aforementioned actors, such influence networks and Brazil's cultural representation through Jorge Amado's translated literature in the United States.

Key words: Translation, Cultural Representation, Jorge Amado, Alfred Knopf, Good Neighbor Policy.

SUMÁRIO

1. <u>INTRODUÇÃO.</u>	12
2. <u>CAPÍTULO 1: SOBRE TRADUÇÃO, AGÊNCIA E REPRESENTAÇÃO.</u>	19
3. <u>CAPÍTULO 2: PARA ENTENDER JORGE AMADO: BEST SELLER E FENÔMENO DE TRADUÇÃO.</u>	28
Entre Revoluções, rebeldias e o trânsito social: as diversas faces de Jorge Amado.	28
Fugitivo, grapiúna e rebelde.	29
Subversivo, revolucionário, comunista.	33
Cansado de guerra, libertário, freyriano, obá, e... comercial?	39
As “contravenções” de Jorge Amado.	44
Sob o olhar da crítica brasileira: o polêmico Jorge.	47
A recepção internacional de Jorge Amado.	50
4. <u>CAPÍTULO 3: AS TRADUÇÕES DE JORGE AMADO NOS ESTADOS UNIDOS</u>	53
Panorama político nas Américas em meados do século XX	53
Érico Veríssimo – Um “muito simpático ambassador”.	57
Traduções no pós-guerra: em cena, Alfred A. Knopf & Cia.	63
Gilberto Freyre e os Estados Unidos.	68
Samuel Putnam: brasilianista e tradutor.	73
A tradução de <i>Terras do Sem Fim</i> .	74
Deu no <i>New York Times</i> : o ressentimento durante a Guerra Fria...	82
... e as reminiscências da Boa Vizinhança.	85
Após a Revolução Cubana: Harriet de Onís e a renovação da embaixada.	88
Taylor e Grossman, e a tradução de <i>Gabriela</i> .	92
Entre dois sucessos, a sombra do passado.	101
A tradução de <i>Dona Flor</i> e o renascer do Zé Carioca.	104
As múltiplas mediações de Bárbara Shelby.	108
Desconstruindo o mito e construindo a inclusão.	112
<i>Tenda dos Milagres</i> : um escritor alheio às pesquisas.	115
<i>Tenda dos Milagres</i> nos Estados Unidos.	119
5. <u>CAPÍTULO 4: TRADUZINDO O TEXTO AMADIANO: COMENTÁRIOS</u>	130
O trabalho dos tradutores de Knopf.	135
Samuel Putman: tradução em demasia.	136
Taylor & Grossman: tradução em falta.	143
Harriet de Onís e o “uso do Thesaurus”.	151

Barbara Shelby: o duplo de Amado.	158
6. <u>CAPÍTULO 5: AS FACES DA REESCRITA E OS CAMINHOS DA MUDANÇA</u>	165
7. <u>REFERÊNCIAS</u>	170
Anexo I – Entrevista com Barbara Shelby Merello – carta de 21/03//2008.	187
Anexo II – Correspondência trocada entre Barbara Shelby, Alfred Knof e Jorge Amado (ver nota 1)	
Anexo III - Artigos publicados em jornais e revistas americanos (ver nota 1)	

¹ Nota: Para a versão em PDF não foram incluídos os anexos II e III, uma vez que os mesmos não estão disponíveis em formato digital.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - No <i>Jornal do Brasil</i> , Getúlio Vargas anunciava sua colaboração com os Estados Unidos. <i>Jornal do Brasil</i> - Sexta-feira, 29 de janeiro de 1943.	54
FIGURA 2 - <i>Joe Carioca</i> e Carmen Miranda em 1942.	55
FIGURA 3 - Os três cavaleiros... de chapéu mexicano, em 1942.	56
FIGURA 4 - Érico Veríssimo: Destaque do <i>New York Times</i> em 18 de abril de 1941.	57
FIGURA 5 - Foto de Blanche Knopf no Website da Fundação Joaquim Nabuco em Recife.	65
FIGURA 6 - Foto que encabeça o artigo sobre <i>Brazil, an Interpretation</i> no <i>The New York Times</i> de 26 de agosto de 1945.	68
FIGURA 7 - <i>Terras do Sem Fim</i> : capa da publicação no Brasil (1943).	75
FIGURA 8 - <i>Terras do Sem Fim</i> : Capa da publicação nos EUA (1965).	75
FIGURA 9 - Comparação entre os espaços jornalísticos reservados às obras de Freyre e Amado. <i>Brazil an Interpretation</i> e <i>Casa Grande & Senzala</i> .	76
FIGURA 10 - Artigo publicado no jornal <i>The New York Times</i> em 24 de junho de 1945. <i>Terras do Sem Fim</i> - espaço utilizado para a crítica literária.	77
FIGURA 11 - Colunas de Antônio Callado.	84
FIGURA 12 - Exposição em homenagem a Alfred A. Knopf em sua visita ao Consulado Americano em São Paulo em 1965.	87
FIGURA 13 - Capa da edição brasileira de <i>Gabriela, cravo e canela</i> de 1958.	98
FIGURA 14 - Capa da edição americana de <i>Gabriela, cravo e canela</i> de 1962.	98
FIGURA 15 - Capa da edição brasileira atual de <i>Gabriela, cravo e canela</i> .	98
FIGURA 16 - Capa da edição americana atual de <i>Gabriela, cravo e canela</i> .	98
FIGURA 17 - <i>Gabriela</i> no <i>The New York Times</i> de 16 de setembro de 1962.	99
FIGURA 18 - Carmen Miranda, na calçada da fama - Hollywood em 1941.	99
FIGURA 19 - Retrato de <i>Gabriela</i> do <i>Chicago Tribune</i> .	99
FIGURA 20 - Foto da baía da Guanabara.	99
FIGURA 21 - Jorge Amado e a tradutora Barbaba Shelby, durante o lançamento de <i>Quincas Wateryell</i> .	102
FIGURA 22 - <i>The New York Times</i> de 22 de janeiro de 1967 - foto de Alfred Knopf em sua visita à Bahia, acompanhado de Jorge Amado.	103
FIGURA 23 - Capa da edição brasileira de <i>Dona Flor</i> de 1966.	106
FIGURA 24 - Capa da edição americana de <i>Dona Flor</i> de 1968.	106
FIGURA 25 - Capa da edição brasileira atual de <i>Dona Flor</i> .	107
FIGURA 26 - Capa da edição americana atual de <i>Dona Flor</i> .	107
FIGURA 27 - Capa da 1ª edição de <i>Tenda dos Milagres</i> no Brasil em 1969.	120
FIGURA 28 - Capa de <i>Tent of Miracles</i> publicado nos Estados Unidos em 1971.	120

INTRODUÇÃO

A relação entre a formação de identidades culturais estrangeiras e os Estudos da Tradução foi o que serviu de inspiração para a realização deste trabalho. A tal inspiração uniu-se a vontade de utilizar a história como instrumento de pesquisa. Tudo começou, no entanto, com a observação de que autores inseridos na corrente de Estudos Descritivos da Tradução² já desenvolviam trabalhos notáveis em diversas regiões do mundo. Um exemplo é o estudo de Lawrence Venuti (1998), que relatou a influência das transposições realizadas em traduções da literatura contemporânea japonesa, as quais ajudaram a formar uma representação estereotipada do povo japonês. Uma vez que constrói “sujeitos domésticos”, a tradução revela-se, para Venuti, um processo de “espelhamento” ou auto-reconhecimento do leitor estrangeiro, que ele chama de “domesticação”. Assim, ao comunicar uma interpretação parcial e alterada do texto estrangeiro, a tradução estaria descaracterizando-o em suas qualidades mais autenticamente estrangeiras. (VENUTI, 2002: 17). Venuti observa ainda que, no longo prazo, a tradução pode interferir em bases diplomáticas, reforçando “alianças, antagonismos e hegemônias entre as nações” (1998, p. 175), e propõe a adoção de uma estratégia de tradução “estrangeirizadora” ou, ainda, “não etnocêntrica”, como forma de resistência à visão etnocêntrica da tradução no cenário anglo-americano (p. 198).

Maria Tymoczko, apesar de também enfatizar a questão da agência e do caráter político inerentes aos processos de tradução, tece duras críticas às propostas de Venuti, acusando-o de trabalhar com conceitos binários não adequados aos estudos da tradução (2000: 34-40). A autora mostra como a estratégia “domesticadora” da tradução para o idioma inglês de textos literários Irlandeses antigos, em sintonia com outras práticas, foi utilizada como instrumento de resistência e acabou por contribuir para a libertação da Irlanda e sua elevação da condição de colônia para Estado independente (TYMOCZKO, 1999, p.15).

Em *The Exotic Dimension of Foreignizing Strategies/Burton's Translation of the Arabian Nights*, Tarek Shamma (2005) discorre sobre as traduções de *Arabian Nights* para o inglês, feitas por Lane, Payne e Burton. Cada um desses tradutores afirmava, de formas diferentes, estar fazendo uma “tradução literal”. Contudo, no caso específico da tradução de Burton, a estratégia adotada era a “estrangeirizadora”. O que esse tradutor

² Para uma melhor compreensão dos Estudos Descritivos da Tradução ver Toury (1995).

pretendia era não só preservar as diferenças lingüísticas e culturais do texto estrangeiro, como também tecer uma crítica aos valores sociais que considerava “regressivos”, e que estavam presentes em sua própria cultura. A estratégia, no entanto, fez com que a tradução criasse uma imagem demasiadamente “excêntrica” e “exótica” da cultura de origem. Assim, a exagerada “estranheza” atribuída às diferentes práticas culturais fez com que a “outra cultura” se tornasse simplesmente irrelevante e não ameaçasse com questionamentos os costumes locais, reforçando a idéia de superioridade da cultura alvo (SHAMA, 2005, p. 63).

Apesar de suas discordâncias, esses acadêmicos têm em comum o fato de acreditarem na idéia de que o processo de tradução pressupõe uma agência política e pode também ser utilizado como forma de resistência. Transportando-nos para o território nacional, percebe-se a pequena quantidade de trabalhos, em especial de micro-história, aplicados à recuperação da memória da representação do Brasil mediada pelos processos de tradução. O fato reflete a pouca atenção dispensada no passado à tradução em nosso país.

Devemos lembrar que desde a colonização portuguesa na América existiram esforços para impor a língua portuguesa aos nativos. A língua geral, que já era uma criação derivada do tupi, articulada para a catequização pelos Jesuítas, teve seu uso proibido a partir do Diretório implantado pelo Marquês de Pombal (OLIVEIRA, 2002, p. 21). Uma outra ação contra o uso de línguas e dialetos estrangeiros no Brasil também ocorreu durante o período da escravidão, evitando que permanecessem juntos (em uma mesma região ou capitania) negros provindos de uma mesma nação africana. Nessa época, o medo de rebeliões fazia com que os senhores adotassem essa estratégia para acabar com a comunicação entre os escravos (FRANÇA, 2007, p. 199). Por fim, não podemos esquecer as medidas de restrição ao uso das línguas dos países do eixo (Alemanha, Itália e Japão) durante o primeiro governo de Vargas, em decorrência da adesão do Brasil à Segunda Guerra Mundial, ao lado dos Estados Unidos (BOLOGNINI, 2005, p. 44). O resultado desejado era sempre o de um país essencialmente monolíngue, a despeito das variações regionais. Sendo ainda o idioma português uma exceção na América Latina – na sua quase totalidade falante do espanhol – o Brasil se isola linguisticamente do restante do continente e usa a tradução como interface para se comunicar tanto com seus vizinhos próximos quanto com os países mais distantes. O papel da intermediação na representação cultural estrangeira não deve, conseqüentemente, ser menosprezado.

Com os novos rumos tomados pelos Estudos Descritivos da Tradução (DTS) nas últimas décadas, ampliou-se o foco das investigações de forma a englobar não apenas análises textuais, mas também os contextos políticos e socioculturais do processo tradutório. Tais contextos, cuja verificação é facilitada também por meio do estudo de paratextos³, mostraram-se muito reveladores no caso específico deste trabalho que aborda parte da história da literatura brasileira traduzida. Eles confirmam a forma como a literatura traduzida foi considerada, por um longo período (em meados do século XX) nos Estados Unidos, um retrato homogêneo e simplificado de culturas estrangeiras, sem levar em conta o caráter parcial, partidário e circunstancial de sua produção⁴. O Brasil não estava fora desse contexto.

O impacto internacional da obra de Jorge Amado tornou-se evidente mediante seu status de “autor mais traduzido do mundo” atribuído em 1996 pelo *Guinness Book of Records*, conforme aponta Correia (1998, p.27), e por ter sido ele o primeiro brasileiro a entrar para a relação de *bestsellers* do *The New York Times*.

Apesar de seu grande sucesso editorial, o autor teve uma recepção crítica polêmica e diversificada, variando de local para local e também ao longo do tempo, o que não só não impediu, mas talvez tenha até contribuído para que suas obras se tornassem um fenômeno de tradução, a partir dos anos 60, também nos Estados Unidos.

O objetivo deste estudo foi, assim, recuperar os dados históricos e as narrativas pontuais sobre as obras de Jorge Amado levadas aos Estados Unidos. Tal recuperação incluiu os relatos referentes aos agentes culturais e à recepção da literatura traduzida do autor. Tivemos ainda como finalidade, demonstrar como a tradução das obras brasileiras aconteceu de forma complexa, adequando-se tanto às agendas internas americanas, quanto a agendas de grupos de intelectuais no Brasil e nos Estados Unidos.

³ O uso de paratexto, de acordo com a classificação de Gérard Genette (2001), foi dividido em:

- peritexto: os elementos textuais situados à margem do texto e que coadunam no livro impresso, tais como título, nome do autor, dedicatórias, prefácios, notas de pé de página, etc. Eles são elementos percebidos no ato de leitura e interferem nas reações dos leitores e em seu horizonte de expectativas.

- epitexto: os elementos externos ao livro que funcionam como orientações de recepção, tais como entrevistas com o autor, opiniões expressas em público por este, cartas particulares do autor, anúncios do livro, e a fortuna crítica da obra.

Os elementos paratextuais, segundo Tahir-Gürçağlar (2001, p. 44-60), podem ser formados não apenas de maneira subordinada ao texto, mas também anteriormente a ele. Eles podem, assim, guiar a maneira como um texto é recebido ou como sua tradução é realizada, “preparando o terreno” para a publicação. O estudo do paratexto é, dessa forma, de grande interesse também para o estudo da micro-história da tradução.

⁴ Ver análise no capítulo 3 e conteúdo dos artigos publicados nos jornais e revistas americanos da época no Anexo III.

Buscamos, assim, analisar as condições de produção das traduções da obra amadiana para o idioma inglês por meio da agência de seu editor norte-americano, os momentos históricos nacionais e internacionais de cada tradução, as forças políticas, as cenas públicas e os interesses particulares envolvidos. Também se tornou objetivo deste trabalho retratar as interações pessoais e as redes de agência que determinaram a veiculação da obra amadiana naquele país.

Foi dado destaque ao vínculo entre Jorge Amado, o editor Alfred Knopf e o sociólogo brasileiro Gilberto Freyre. Isso porque, como veremos adiante, Knopf foi um dos maiores responsáveis pela divulgação da obra de Amado junto ao “grande público” norte-americano, e Freyre – amigo e “compadre” de Knopf – foi um escritor cuja obra influenciou sobremaneira muitos intelectuais de sua geração e cujas idéias aparecem refletidas na obra de Jorge Amado.

Por fim, buscou-se tecer alguns comentários sobre estratégias adotadas pelos tradutores de Alfred A. Knopf como reescretores dos romances de Jorge Amado no idioma estrangeiro, seus métodos e procedimentos de tradução, de acordo com o contexto histórico de cada publicação. Tal sondagem não se pretende exaustiva, nem demasiadamente abrangente, mas ilustrativa das diferenças entre as atuações de cada tradutor.

Para alcançar os objetivos desejados, tomamos as seguintes medidas:

1. Foi desenvolvida uma pesquisa sobre a história de vida de Jorge Amado e de suas publicações nos Estados Unidos editadas por Alfred A. Knopf. Foi coberto o período desde a contratação da tradução de *Terras do Sem Fim*, a obra que iniciou oficialmente a carreira de Amado nos Estados Unidos, até a data da morte do editor americano.
2. Conteúdos de texto e paratexto foram incorporados à pesquisa. Parte da correspondência entre Jorge Amado e o editor Alfred Knopf, (no período em que as três obras foram publicadas nos Estados Unidos) foi resgatada, junto ao “Harry Ranson Humanities Research Center”, na Universidade do Texas. O centro de pesquisa americano mantém em seus arquivos toda a correspondência restante entre o editor, seus escritores, tradutores, diplomatas e agentes literários.
3. Também foram realizados contatos e visita à Fundação Casa de Jorge Amado, em Salvador, Bahia. Lá se encontra um acervo com estudos,

pesquisas, artigos publicados e dados referentes a traduções de Jorge Amado.

4. Foram ainda adquiridos artigos publicados pelos jornais *New York Times*, *Washington Post*, *Chicago Tribune*, *Los Angeles Times*, *The Times* (britânico) e pela revista *Time Magazine*, entre as décadas de 1940 e 1980 – datas limites para o período de estudo deste trabalho. Tal época foi adotada considerando que o primeiro contato entre o editor Knopf e Amado aconteceu em 1942 e que Alfred Knopf morreu no ano de 1984⁵.
5. Além dos procedimentos de pesquisa citados acima, foi feito um contato direto com a tradutora Bárbara Shelby Merello, após difícil busca de informações a seu respeito. Com a ajuda de um funcionário da Universidade do Texas, conseguiu-se contato por carta (a tradutora não fazia uso da rede internacional de informações – Internet – naquele momento). Bárbara Shelby Merello teve a extrema delicadeza de enviar algumas informações inéditas para fazerem parte deste trabalho, as quais foram doadas por ela ao *The Harry Ransom Humanities Research Center*.
6. A pesquisa se completou com o levantamento de outros estudos e publicações sobre a obra e as traduções de Jorge Amado, realizado através de bibliotecas universitárias⁶, em especial, a da Universidade de São Paulo, com consulta a diversos bancos de dados acadêmicos.

Os resultados obtidos, após seu processamento e análise, resultaram nos cinco capítulos desta dissertação:

CAPÍTULO 1: SOBRE TRADUÇÃO, AGÊNCIA E REPRESENTAÇÃO.

- Análise bibliográfica dos estudos da tradução relativos ao papel da tradução e de seus agentes na representação cultural de um país. Os escritos aqui mencionados

⁵ Pesquisa online: As principais palavras-chave para busca de artigos foram:

- Jorge Amado / Alfred Knopf / Samuel Putnam / James L. Taylor / William Groszman / Harriet de Onis / Barbara Shelby / *The Violent Land* / Gabriela, Clove and Cinnamon / *Tent of Miracles* / Brazilian (Translated) Literature (Books) - Latin American (Translated) Literature (Books) - Brazil / Brazilian Literature / Brazilian authors / Brazilian culture.

⁶ Com destaque para o excelente serviço prestado por algumas bibliotecas, como a da USP e a da UNICAMP, que permitem acesso online a muitos de seus materiais e bancos de dados.

formam o arcabouço teórico que serve de base para a avaliação dos dados históricos obtidos e da sondagem das traduções;

CAPÍTULO 2: PARA CONHECER JORGE AMADO: BEST SELLER E FENÔMENO DE TRADUÇÃO.

- Análises biográfica, social e histórica, referentes à produção literária de Jorge Amado; sua carreira política e literária; sua recepção internacional; suas redes de relacionamentos dentro e fora do Brasil e as diferentes apreensões de seu trabalho.

CAPÍTULO 3: HISTÓRIA DAS TRADUÇÕES DE JORGE AMADO NOS ESTADOS UNIDOS.

- Descrição e análise da história das traduções das obras de Jorge Amado para o idioma inglês, buscando evidenciar os agentes de tradução envolvidos no processo que levou uma delas à condição de *bestseller* americano, transformando-a, assim, em um veículo de imagens sobre o Brasil.

CAPÍTULO 4: TRADUZINDO O TEXTO AMADIANO: COMENTÁRIOS

- Comentários sobre as características dos textos traduzidos, tomando uma obra de cada tradutor, dentro do período em estudo. As obras selecionadas foram: *The Violent Land*, traduzida por Samuel Putnam, por ter sido a primeira obra de Jorge Amado levada aos Estados Unidos; *Gabriela, Clove and Cinnamon*, traduzida por James L. Taylor e William Grossman, por ser o maior sucesso de Amado nos Estados Unidos e ter figurado na lista de *bestsellers* do *The New York Times*; *Dona Flor and Her Two Husbands*, traduzida por Harriet de Onís, por ter sido o segundo grande sucesso de Jorge Amado naquele país, e *Tent of Miracles*, traduzida por Barbara Shelby, por ser uma obra dedicada à questão racial, tema de grande importância para todo o contexto histórico deste trabalho. Buscou-se estabelecer uma relação entre alguns procedimentos tradutórios e a recepção pela crítica e pelo público leitor norte-americano. Escolhemos sondar os pontos mais evidenciados pela crítica jornalística sobre cada obra, e as dificuldades impostas pelo estilo de escrita de Jorge Amado. Trabalhamos, assim, os seguintes pontos: 1. O uso da Linguagem Popular; 2. O Baixo Calão; 3. Marcas Culturais e Religiosas.

CAPÍTULO 5: OS CAMINHOS DA MUDANÇA

– Considerações finais sobre os resultados da pesquisa.

A expectativa é que o que segue sirva não apenas como fonte para a compreensão dos trâmites envolvidos nos processos de tradução e representação em questão, mas também como inspiração para novas pesquisas na área.

CAPÍTULO 1

SOBRE TRADUÇÃO, AGÊNCIA E REPRESENTAÇÃO

Em função de sua natureza mediadora, os Estudos da Tradução sempre estiveram intimamente relacionados ao estudo das relações internacionais. E nessa área, os paradigmas têm se modificado rapidamente, com destaque atual para as correntes pós-modernas. Obras como as de Edward Said (1993), Benedict Anderson (1983) e Homi K. Bhabha (1990, 1994, 1998) têm sido muito discutidas nos setores acadêmicos.

Em seus escritos sobre as relações de poder no século XIX e XX, Edward Said, por exemplo, pôs em destaque a presença de uma resistência ativa contra todo tipo de imperialismo em quase todos os lugares do mundo. Segundo o autor, na “maioria esmagadora dos casos, essa resistência acabou preponderando” (1993, p. 12). Podemos associar como exemplo da afirmação de Said o já mencionado estudo de Maria Tymoczko (1999) sobre a Irlanda.

Nessa mesma obra, Said destacou o importante papel das “narrativas” como “cerne daquilo que dizem os exploradores e romancistas acerca das regiões estranhas do mundo”, assim como o “método usado pelos povos colonizados para afirmar sua identidade e a existência de uma história própria deles”(1993, p.13). Para o autor, “o poder de narrar, ou de impedir que se formem e surjam novas narrativas, é muito importante para a cultura e o imperialismo, e constitui uma das principais conexões entre ambos” (p.13). A narrativa está na base de tudo; ela está na base do próprio conceito de nação. Dessa forma, Said dedica seu estudo ao “romance” como forma cultural. Ele aponta que “a crítica recente tem se concentrado bastante na narrativa da ficção, mas pouquíssima atenção se presta a seu lugar na história e no mundo do império” (p.13). O romance, nesse contexto, foi utilizado tanto como instrumento para a dominação quanto instrumento de resistência⁷.

Para Said, o imperialismo ocidental e o nacionalismo terceiro-mundista alimentam-se um do outro, mas defende também que “mesmo em seus piores aspectos eles não são monolíticos nem deterministas” (1993, p. 26). A cultura, local onde o “romance” se insere, também não é monolítica e não constitui monopólio, nem do

⁷ Said (1993, p. 252) insiste no fato de “existirem dois lados” e de que a resistência também se tornou sistemática.

Oriente, nem do Ocidente, ou de grupos de pessoas. O acadêmico enfatiza a formação de uma “nova consciência intelectual e política” que deve buscar a diversidade, o espaço para novas narrativas:

Acabaram-se as posições binárias caras às atividades nacionalistas e imperialistas. Em vez disso, começamos a sentir que a velha autoridade não pode ser simplesmente substituída por uma nova autoridade, mas que estão surgindo novos alinhamentos independentemente de fronteiras, tipo, nações e essências, e que agora provocam e contestam a noção fundamentalmente estática de identidade que constitui o núcleo do pensamento cultural na era do imperialismo. (...)

Somos ainda herdeiros desse estilo segundo o qual o indivíduo é definido pela nação, a qual, por sua vez, extrai sua autoridade de uma tradição supostamente contínua. (SAID, 1993: 26-27)

Para Benedict Anderson (1983), nacionalidade e nacionalismo também são “artefatos” e “produtos culturais”. Nesse sentido, a nação é uma “comunidade imaginada”, pois ainda que seus membros nunca se conheçam pessoalmente, eles acreditam que estão em comunhão, que formam uma comunidade. A nação se imagina inerentemente limitada, já que ela nunca se percebe “coincidir” com o todo da humanidade. Ela se julga também soberana, uma vez que, em decorrência do Iluminismo e da Revolução Francesa, tornou-se a base de legitimidade das comunidades; base que outrora repousava sobre a religiosidade e/ou o poder da dinastia, e que foi transferida para a idéia de nação (1983, p. 15). Essas mudanças, consideradas “raízes culturais das nações”, tiveram como instrumentos para uma nova apreensão do mundo o romance e o jornal. Mas Anderson também fez referência à transformação do conceito de “temporalidade” e à idéia construída de que a nação se move ao longo de um tempo homogêneo e vazio. Essa noção foi o resultado do fenômeno que ele denominou “print-capitalism” e também teria sido veiculada através dos instrumentos mencionados. (p. 49). Os monumentos históricos, os museus, a elaboração de mitos de origem, o agrupamento de línguas vernáculas numa única língua impressa (“print-language”), todos esses fatores foram também instrumentos para a construção de uma idéia de nação.

Nessa mesma corrente de estudos, que relacionam a “construção da imagem de nação” por meio das narrativas, encontra-se o indiano Homi K Bhabha:

[Essa imagem de nação é] uma ambivalência que emerge de uma crescente consciência de que, apesar da certeza com que os

historiadores falam das “origens” da nação como um sinal da “modernidade” da sociedade, a temporalidade cultural da nação traça uma realidade social muito mais caracterizada pela transição. (1998, p. 1)^{8 9}.

Pensando a nação a partir de suas descontinuidades, o autor de *The Location of Culture* (1994) e editor de *Nation and Narration* (1990) critica a existência de um conceito unitário de nação, classificando-o como narrativamente construído. Bhabha alia-se aos teóricos que afirmam que o “nacionalismo do século XIX revelou sua arbitrariedade ao construir discursos monolíticos, como se a nação tivesse uma fonte única” (BHABHA apud TEIXEIRA, 2005, p. 1). O apagamento dos conflitos atua em prol de uma idéia unidimensional da cultura, forma a idéia de “nação coesa” e exclui, assim, as margens, a diversidade, as minorias. O discurso do nacionalismo busca a homogeneização e a horizontalidade da nação imaginada. Bhabha (apud TEIXEIRA, 2005, p. 1) propõe “procurar pensar a nação a partir de suas margens: as vivências das minorias, os conflitos sociais, o arcaísmo chocando-se com o moderno” (p. 1).

Em *Nation and Narration*, Bhabha (1990, p. 2) cita, entre outros, Hanna Arendt (1958), para quem a noção de nacionalismo se define como um domínio onde interesses privados assumem sentidos públicos. Nessa dinâmica de interesses e sentidos é de se imaginar que as relações de poder e de resistência desempenhem papel importante na resultante gerada pelas diferentes expressões de identidade.

Seja através da obra de Said, de Benedict Anderson, de Bhabha ou de outros pensadores dessa linha, a concepção de resistência também teve eco nos Estudos da Tradução e na forma de se abordar a literatura traduzida.

No final da década de 1990, Maria Tymoczko (1999), Susan Bassnett (1990) e Lawrence Venuti (1998), entre outros, já apresentavam a idéia da existência de relações de engajamento político e agência nos processos de tradução. Maria Tymoczko (2000) defendia a noção de que a tradução é sempre parcial e partidária e que, portanto,

[o] significado em um texto é sobredeterminado. Assim a informação e o significado de um texto fonte são sempre mais amplos do que uma tradução pode transmitir. Inversamente, o idioma e a cultura do receptor requerem características obrigatórias que limitam as possibilidades da tradução, como também estendem os significados da

⁸ Todos os textos nesta dissertação foram traduzidos por sua autora para o idioma português e devem ser vistos como resultado de seu lócus e de sua experiência no Brasil. Os textos originais em idiomas estrangeiros, quando existentes, estarão exibidos nas notas de rodapé.

⁹ “[That image of nation is] an ambivalence that emerges from a growing awareness that, despite the certainty with which historians speak of the ‘origins’ of nation as a sign of the ‘modernity’ of society, the cultural temporality of the nation inscribes a much more transitional social reality”

tradução em direções diferente daquelas inerentes ao texto fonte (cf. Tymoczko 1999:ch. 1 e fonte citada). Como resultado, os tradutores devem fazer escolhas, selecionando aspectos ou partes de um texto para transpor e enfatizar.

Para a autora, se as escolhas criam representações, estas são também parciais, e insiste em que:

Essa parcialidade não é meramente um defeito, uma falta, ou uma ausência em uma tradução - também é um aspecto que faz do ato de tradução [um ato] partidário: engajado e comprometido, seja de forma implícita ou explícita. Na verdade, parcialidade é o que diferencia as traduções de uma mesma obra ou de obras semelhantes, tornando-os flexíveis e diversificados, habilitando-os a participar da dialética do poder, do processo contínuo do discurso político, e das estratégias de mudança social. Tais representações e compromissos ficam aparentes a partir das análises das escolhas dos tradutores palavra-por-palavra, página-por-página, e texto-por-texto, e elas também são frequentemente demonstráveis nos materiais de paratexto que cercam as traduções, inclusive introduções, notas de rodapé, resenhas, crítica literária e assim por diante. As próprias palavras associadas à política e à ideologia enfatizada aqui sugerem o “nexus” de metonímia e compromisso com a atividade de tradução, indicando que a natureza parcial das traduções é o que as faz também políticas (TYMOCZKO, 2000, p. 23)¹⁰.

O caráter metonímico¹¹, atribuído na passagem acima à atividade tradutória, será de grande valia neste estudo, uma vez que a longa carreira e as mudanças no caráter político e literário da obra de Amado possibilitaram diferentes percepções e imagens, em diferentes regiões do mundo e para diferentes públicos. Nos Estados Unidos, no período referente a este estudo, verificamos a existência de uma corrente de formação

¹⁰ “Translations are inevitably partial; meaning in a text is overdetermined, and the information in and meaning of a source text is therefore always more extensive than a translation can convey. Conversely, the receptor language and culture entail obligatory features that limit the possibilities of the translation, as well as extending the meanings of the translation in directions other than those inherent in the source text (cf. Tymoczko 1999:ch. 1 and sources cited). As a result, translators must make choices, selecting aspects or parts of a text to transpose and emphasize. [...] This partiality is not merely a defect, a lack, or an absence in a translation - it is also an aspect that makes the act of translation partisan: engaged and committed, either implicitly or explicitly. Indeed partiality is what differentiates translations of the same or similar works, making them flexible and diverse, enabling them to participate in the dialectic of power, the ongoing process of political discourse, and strategies for social change. Such representations and commitments are apparent from analyses of translators' choices word-by-word, page-by-page, and text-by-text, and they are also often demonstrable in the paratextual materials that surround translations, including introductions, footnotes, reviews, literary criticism and so forth. The very words associated with politics and ideology emphasized here suggest the nexus of metonymy and engagement in the activity of translation, indicating that the partial nature of translations is what makes them also political.”

¹¹ Retomamos aqui o conceito de metonímia, definido por Houaiss (2002) como figura de retórica que consiste no uso de uma palavra fora do seu contexto semântico normal, por ter uma significação que tenha relação objetiva, de contigüidade, material ou conceitual, com o conteúdo ou o referente ocasionalmente pensado.

de imagens sobre o Brasil que teve grande influência na forma como as obras traduzidas de Jorge Amado foram lá inseridas e recebidas. Para compreender esse fenômeno é necessário conhecer os agentes atuantes em tal período. Como escreve Maria Tymoczko em *Translation in a Postcolonial Context*:

(...) não importa qual seja o idioma de um escritor, a interface com o mundo é feita através da tradução.

Cada vez mais, tem sido reconhecido que, já que ela facilita o crescimento do contato cultural e um movimento em direção a um mundo [único], a tradução é paradoxalmente o meio pelo qual a diferença é percebida, preservada, projetada e proscrita. A tradução se coloca como um dos mais importantes meios pelos quais uma cultura representa a outra. (TYMOZCKO, 1999, p. 17-18)

A autora observa que se as nações são, como disse Anderson, “comunidades imaginadas”, a forma como são representadas vai fatalmente variar, uma vez que a tradução vai reconstruí-las segundo as percepções particulares de identidade de diferentes grupos. Além disso, continua, a percepção da diferença é necessária para a articulação das identidades, e é a tradução a responsável pelo estabelecimento da diferença. É com base nessas constatações que Tymoczko conclui:

Assim, o processo de tradução é poderoso e não é inocente. Juntamente com gêneros narrativos como a história, a ficção, e a literatura de viagem, e com produções acadêmicas como publicações, antologias, e a crítica literária, as traduções formam imagens de culturas e povos inteiros, assim como de indivíduos, autores ou textos. Imagens que, por sua vez, passam a funcionar como realidade. Quando tais representações são feitas para um povo, elas constituem um meio de inventar tradição, inventar uma nação, e inventar o “self”. Embora a diferença cultural possa ser removida, apagada, ou obliterada na tradução, várias estratégias de traduções surgiram para chamar a atenção, sublinhar, e insistir nas diferenças de valores, na literatura, na cultura, e na linguagem. Por todas essas razões, a investigação de traduções é um aspecto essencial de investigação da cultura, revelando através da comparação com o texto fonte informações valiosas sobre a cultura fonte, enquanto um estudo longitudinal das traduções se torna um meio de mapear as relações em mutação entre duas culturas. (TYMOZCKO, 1999, p. 17-18)¹².

¹² “ (...) no matter what is a writer’s language, the interface with the world is made through translation. Increasingly it has been recognized that as it facilitates the growth of cultural contact and a movement to one world, translation is paradoxically the means by which difference is perceived, preserved, projected and proscribed. Translation stands as one of the most significant means by which one culture represents another. [...] Thus, the process of translation is powerful and it is not innocent. Along with such narrative genres as history, fiction, and travel literature, and such scholarly productions as editions, anthologies, and literary criticism, translations form images of whole cultures and peoples, as well as of individuals, authors or texts, images that in turn come to function as reality. When such representations are done for a people themselves, they constitute a means of inventing tradition, inventing a nation, and inventing the self. Although cultural difference can be effaced, erased, or obliterated in translation, various translation

Maria Tymoczko defende, assim, a utilização dos estudos da tradução como um “medidor” de representações, já se direcionando para longe dos “estudos prescritivos da tradução”. As escolhas dos tradutores, ao transferirem o texto de uma língua para outra, ou de uma cultura para outra, revelam as estratégias do tradutor, as pressões que o contexto exerce sobre ele quando recria uma realidade construída pelo texto fonte e as funções da tradução na cultura receptora.

Contexto cultural e condições de produção surgiram com mais força nos estudos da tradução com o que se chamou de “Cultural Turn”¹³, segundo o qual, nas palavras de Lefevere e Bassnett (1990, p. 8), “(...) nem a palavra, nem o texto, mas a cultura [é que] se torna uma ‘unidade’ operacional da tradução”¹⁴. Lefevere, em especial, fez questão de lembrar a importância das forças patronais e de contexto sobre o trabalho do tradutor. Mesmo sendo aparentemente feita de forma individual, a publicação de um livro traduzido tem um caráter coletivo, em que revisores, editores e público alvo são fatores que atuam e têm poder sobre o trabalho do tradutor: “Ninguém nunca fala ou escreve com total liberdade, ao menos se quer ser escutado, lido ou entendido”¹⁵ (LEFEVERE, 1983, p. 25). O autor sugere também que os tradutores operam dentro de contextos sociais e participam de comunidades com as quais compartilham valores e práticas e que, portanto, têm diferentes normas para seu comportamento tradutório¹⁶. Assim, estende aos Estudos da Tradução o conceito de “patronage” para o qual reivindica uma importância que não pode ser negligenciada.

Outro importante conceito desenvolvido por Lefevere é o de “refração”, sofrida pelo texto literário ao passar de uma cultura a outra. Como explica Susan Bassnett:

Uma reflexão envolve um espelhamento, uma cópia de um original, enquanto uma refração envolve mudanças de percepção, e isto é uma imagem que é útil para descrever o que acontece quando um texto passa de uma cultura para outra. Além disso... a refração coloca a

strategies have emerged to call attention to, underscore, and insist upon differences in values, in literature, in culture, and in language. For these several reasons the investigation of translations is an essential aspect of investigation of culture, revealing through comparison with the source texts valuable information about both the source culture and the receiving culture, while a longitudinal study of translations becomes a means of charting the shifting relations between two cultures.”

¹³ A partir dos trabalhos de Susan Bassnett e André Lefevere, na década de 1990, correntes dos estudos da tradução se aliaram aos estudos culturais em seus esforços para compreender o processo e o “status” da globalização e das identidades nacionais, aproximando-se também dos estudos pós-coloniais.

¹⁴ “(...) neither the word, nor the text, but the culture becomes the operational ‘unit’ of translation”.

¹⁵ “Nobody ever speaks or writes in complete freedom, at least if they want to be listened to, read and understood.”

¹⁶ Ver também Toury (1995, p. 277).

tradução em um continuum de tempo, em vez de ser uma atividade que acontece em um vácuo. (BASSNETT, 1991, p. xvii)¹⁷

Tal conceito se coaduna com a idéia de caráter metonímico da tradução, de Maria Tymoczko, uma vez que ambas prevêm que a interferência de fatores culturais implica tomada de decisão do tradutor que, em última instância, “manipula” o texto literário. As posições de Lefevere derivam dos conceitos de “normas da tradução”, criados por Gideon Toury (1988). Este, por sua vez, é oriundo da escola de Tel Aviv, e deu continuidade às idéias sobre polissistemas criadas por Itamar Even-Zohar¹⁸. Para Toury, a tradução se equilibra entre a adequação ao texto fonte – derivada da adesão a normas da cultura fonte – e sua aceitabilidade, determinada pela adesão às normas originadas na cultura alvo. Toury foi também um dos “fundadores” dos chamados *Descriptive Translation Studies* (Estudos Descritivos da Tradução - DTS), escola cujo nome foi cunhado primeiramente por James Holmes (1972/1988). Os DTS propunham-se a ir além dos estudos tradicionais teóricos, normativos, da tradução.

Assim, nas últimas décadas, os estudiosos da área passaram a se interessar mais intensamente pelo papel do tradutor e pelos fatores que influenciam seu trabalho. John Milton (2008), na introdução de *Agents of Translation*, ressalta que o conceito de “patronage”, conforme definido por Lefevere, fica em débito quanto à descrição do papel de outros agentes individuais (sejam eles tradutores, críticos, jornalistas ou figuras políticas) que influenciam o meio literário ao tentarem instigar mudanças no “status quo”.

A “patronage” pode também se referir àqueles agentes que se engajam em atos de consciência nacional, tais como os líderes, artistas ou as instituições em cenários multilíngües, as minorias e as culturas não letradas, através da promoção da criação de línguas e literaturas nacionais, com a finalidade de conseguir uma unidade nacional, impondo a identidade cultural, assim como ganhando reconhecimento dentro do espaço literário global. (MILTON, 2008, p. 3)¹⁹.

¹⁷ “A reflection involves a mirroring; a copy of an original; while a refraction involves changes of perception, and this is an image that is useful to describe what happens when a text crosses from one culture to another. Moreover...refraction places translation in a time continuum, rather than being an activity that happens in a vacuum.”

¹⁸ Ver Even-Zohar, Itamar, 1990. *Polysystem Studies*. [= *Poetics Today* 11:1]. Durham: Duke University Press. A special issue of *Poetics Today*.

¹⁹ “Patronage may also refer to those agents who engage in acts of national consciousness such as in the case of leaders, artists or institutions in multilingual settings, minority and non-literate cultures by promoting the creation of national languages and literatures for the purposes of achieving national unity, asserting cultural identity, as well as gaining recognition within the global literary space.”

Milton acrescenta ainda que o poder exercido pela “patronage” não deve ser subestimado, e utiliza os conceitos de Greenblatt (1990, p.164-165) para explicar que os agentes individuais estão inseridos em uma rede “coletiva de energias sociais”, onde ações individuais podem incorrer em resultados diferentes dos previstos ou da forma como foram inicialmente planejados. Ali, a volatilidade e a rápida transformação do panorama político (alianças e acordos) podem também dar a uma ação progressista um caráter reacionário no momento seguinte. Dessa forma o risco e o conflito entre agências estão sempre presentes no trabalho do tradutor.

Daniel Simeoni (1998), revisando as idéias de Toury (1988) e Holmes (1988 e 2000), acrescentou mais um conceito relevante para o processo em que se inserem as traduções. É o de “habitus” do tradutor, que se originou com as propostas de Pierre Bourdieu: o “habitus” do tradutor diz respeito à posição internalizada do tradutor em seu “campo social” (SIMEONI, 1998, p. 12). Ele resulta, para cada indivíduo, dos fatores da vida que o condicionam a determinada prática de grupo ou de classe e determinam sua ação dentro de tal campo. Segundo Simeoni, os tradutores são influenciados por seu meio-ambiente e sua sociedade, e esses fatores causam impacto em sua produção, assim como a posse de certos capitais (cultural, social, econômico, simbólico etc.), que são também determinantes para a atuação dos agentes sociais envolvidos no processo tradutório. A terminologia emprestada do sistema financeiro ocidental passa a ser utilizada, assim, para a análise do comportamento dos indivíduos pertencentes àquela sociedade. O conceito de “habitus” torna-se, então, um novo instrumento de análise das estratégias e atuações de diferentes tradutores, e o estudo do “campo” que o cerca e dos capitais que detêm, uma maneira de compreender seu trabalho. A carga de determinismo inerente às idéias de Bourdieu carece da devida relativização, uma vez que a rápida apreensão de tais fatores “internos” de influência sobre as decisões do tradutor será sempre incompleta e também condicionada ao lócus do observador. Todavia, o caráter social dos estudos de Bourdieu torna seus conceitos interessantes quando tidos como “possíveis” indicadores dos fatores que influenciam as decisões circunstanciais dos tradutores.

Por último, outro conceito muito interessante para a análise elaborada neste trabalho é o de “Embassy Theory”, desenvolvido por Francis R. Jones (2007). Jones propõe um modelo de produção de tradução que permite analisar a forma como as pessoas se unem e agem conjuntamente para produzir traduções, como se motivam e são

motivadas e como influenciam e são influenciadas pelos grupos sociais fora do contexto imediato da rede de produção. É a produção de “embaixadas” de tradução.

A idéia de “embaixada” afina-se, e é peculiarmente apropriada à questão das traduções brasileiras para os Estados Unidos nos meados do século XX, como ficará demonstrado no decorrer do capítulo 3. Na verdade, tanto os conceitos de normas e “habitus”, quanto o de “patronage” e “embassy networks” são adequados ao caso estudado. Como veremos adiante, a Segunda Guerra Mundial e a Revolução Cubana criaram normas de tradução circunstanciais, que tiveram de ser obedecidas por editores e tradutores. Até a Segunda Guerra, por exemplo, autores alinhados com a filosofia comunista ainda eram publicados nos Estados Unidos. Com a Guerra Fria (mais exatamente a partir de 1952), Jorge Amado e os demais escritores comunistas foram proibidos na maior economia capitalista do mundo. Somente mais tarde, quando Amado já tinha deixado os quadros do partido comunista (ao final de 1956), suas obras foram aceitas novamente dentro da nação norte-americana. Veremos adiante que essas obras foram inseridas através de agências múltiplas, paralelas e/ou possivelmente concorrentes, mas que a existência de mediação negociada e de “embaixadas” foi uma constante.

No que segue, passaremos a focalizar mais centralmente a questão da obra amadiana e a história de sua recepção nos Estados Unidos, sob a “patronage” do governo americano e de Alfred Knopf, desde a década de 1940 até a morte do editor.

CAPÍTULO 2

PARA ENTENDER JORGE AMADO: BEST SELLER E FENÔMENO DE TRADUÇÃO

Jorge Amado foi um dos mais populares escritores brasileiros. Foi também um grande “bestseller” mundial (GOLDSTEIN, 2000), cuja vendagem concorreu com a de Garcia Marquez, o mais famoso escritor do *boom*²⁰ da literatura latino-americana. Segundo os dados da Fundação Casa de Jorge Amado, em Salvador, ao final da década de 1980 a vendagem de seus livros era estimada em trinta milhões de volumes ao redor do mundo, com obras publicadas em 50 idiomas. Amado chegou ainda a ser considerado o exemplo mais importante de recepção internacional da literatura brasileira, fenômeno de sucesso e por muito tempo o “único escritor brasileiro a exercer algum impacto não apenas nos círculos acadêmicos internacionais”, mas também junto ao público internacional em geral (ARMSTRONG, 1999, pp. 133-134).

Apesar de tudo isso, muitos não conhecem com profundidade a história de vida ou as diferentes fases da literatura desse escritor, nem mesmo as razões para seu sucesso fora do Brasil. Tal desconhecimento pode tornar difícil compreender as polêmicas, complexidades e discussões criadas em torno de sua figura. Também pode impossibilitar que o leitor compreenda as diferentes maneiras de encarar sua obra. Por essa razão, faremos uma breve recapitulação de alguns dos fatos marcantes da vida e da recepção crítica do escritor baiano no Brasil e fora dele.

ENTRE REVOLUÇÕES, REBELDIA E O TRÂNSITO SOCIAL: AS DIVERSAS FACES DE JORGE AMADO.

Utópico²¹, anarquista, romântico e sedutor²², “espião do nazismo”, “agente do stalinismo” e “roteirista oficioso de Roberto Marinho”²³, talentoso contador de

²⁰ O *boom* da Literatura Latino-Americana foi um período (após a Revolução Cubana) em que o trabalho de autores latino-americanos tornou-se amplamente divulgado no mundo. As inovações narrativas associadas ao *boom* incluem o “realismo mágico” e o “realismo maravilhoso”. Seus maiores representantes foram Gabriel García Márquez, Mario Vargas Llosa, Miguel Angel Asturias, Álvaro Mutis, Alejo Carpentier, Julio Cortázar, José Lezama Lima, e Juan Rulfo.

²¹ Ver DUARTE, 1996.

histórias²⁴, popular e populista, defensor da cultura afro-brasileira²⁵, antropólogo da terra da mestiçagem²⁶, classista e sexista²⁷, bem/mal amado²⁸, desprezado²⁹. Esses foram apenas alguns dos epítetos atribuídos ao polêmico escritor Jorge Amado de Faria, ora visto como herói, ora como vilão.

“Qual é o seu Amado?” é a questão que Ana Maria Machado (2006) levanta no livro que dedica ao autor. A pergunta foi utilizada em sua pesquisa para demonstrar as diferentes formas como a obra amadiana foi abordada, analisada, aceita ou rejeitada: “Cada um tinha o seu Amado, que saltava automaticamente. Múltiplos e variados. Em seguida, as justificativas podiam não ser sempre apaixonadas, mas nunca deixavam de ser emocionais” (p. 21). O jogo de amor e ódio pela obra amadiana foi sempre uma constante, por inúmeros motivos. Alguns deles estarão apresentados a seguir.

FUGITIVO, GRAPIÚNA E REBELDE³⁰.

Itabuna, Ferradas... mata cerrada, jagunços, disputa de terras. Esse é o ambiente em que nasceu Jorge Amado, em 1912, em uma fazenda no sul do estado da Bahia. E esse foi o clima que invadiu várias de suas obras. Em sua família já existia o exemplo de um escritor, seu tio Gilberto Amado, também político.

Amado era filho de “Dona Lalu”, uma descendente de índios e do “coronel”³¹ do cacau João Amado, que trazia no sangue descendência negra e européia. A migração

²² Ver MACHADO, 2006

²³ Ver Cristaldo, Janer. *ENGENHEIROS DE ALMAS* em http://www.uol.com.br/cultvox/livros_gratis/zdanov e <http://br.geocities.com/sitecristaldo/artigosum.htm> acesso em 28/01/2007.

²⁴ Ver Scliar in Amado, 2003.

²⁵ Ver análises de Armstrong (1999).

²⁶ Ver Schwarcz (2001) disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u16322.shtml> acesso em 4/08/2008.

²⁷ Ver Galvão, Walnice Nogueira. *Saco de Gatos*. São Paulo: Duas Cidades, 1976.

²⁸ Roche, Jean; *Jorge Bem / Mal Amado* São Paulo: Cultrix, 1987.

²⁹ Vincent, Jon S. *Jorge Amado, Jorge Desprezado*. Luso-Brazilian Review, Vol. 15, Supplementary Issue (Summer, 1978), pp. 11-17.

³⁰ Os dados biográficos exibidos neste subcapítulo foram compilados a partir das seguintes fontes:

- Rubim, Rosane e Carneiro, Maried. *Jorge Amado: 80 anos de vida e obra. Subsídios para a pesquisa*. Salvador, Fundação Casa de Jorge Amado, 1992.

- Biografia de Jorge Amado publicada na revista eletrônica RELEITURAS, disponível em <http://www.releituras.com/jorgeama>, acesso em 26/06/08.

- Biografia de Jorge Amado, publicada no site criado pela Companhia da Letras, disponível em <http://www.jorgeamado.com.br/vida.php3?pg=0>, acesso em 05/08/2008.

- Raillard, Alice. *Conversando Com Jorge Amado*. Record, 1990.

³¹ O termo “coronel” é aqui utilizado para definir o “dono de terras” na região de Ilhéus, sem real patente militar.

também fez parte de seu passado: seu pai partira de Sergipe para a Bahia, buscando terras para se tornar um fazendeiro (“coronel”) do cacau. Vários relatos contam, de forma romântica, como João Amado foi ferido em uma tocaia quando na presença do filho (Jorge) de apenas dez meses³², e como a família teve que se mudar no ano seguinte, devido a uma epidemia de varíola.

Assim, sua infância turbulenta serviu de inspiração para seus romances sobre o “ciclo do cacau”:

Era um mundo de uma violência extrema. Ainda criança, vi gente morrer. Tenho presente a lembrança de meu primo Alvinho, que mais tarde foi chefe de jagunços, de Basílio de Oliveira, seu padrinho, abatendo um homem numa pensão de mulheres durante uma briga em Ilhéus, e depois a fuga – eu era um menino de doze, treze anos... Eu me lembro... Toda a minha infância marcada por essa violência que nada conseguia brecar; as brigas, a morte fácil, e eu brincando na praça de Ilhéus, lembro-me de meu tio e meu primo – o que mais tarde matou o homem – chegando correndo e gritando: “Vamos, menino, vamos depressa.” (RAILLARD, 1990, p.183).

A infância de Amado foi marcada, ainda, por seus estudos em um colégio jesuíta no regime de internato. Lá, um padre chamado Luiz Gonzaga Cabral costumava fazer grandes elogios à sua escrita e emprestar-lhe livros de autores de várias partes do mundo (como Charles Dickens, Jonathan Swift, José de Alencar e clássicos portugueses). Segundo Jorge Amado³³, o padre Cabral abriu-lhe as portas da literatura, incentivando-o à carreira de escritor.

Mas o autor relatou também que “(...) a disciplina [no internato] era rígida e, depois da liberdade à qual eu me habituara em Ilhéus, à beira-mar, ou na fazenda de meu pai, o colégio dos padres para mim era uma prisão” (RAILLARD, 1990, p. 31). Assim, dois anos mais tarde, ao voltar de férias e sem conseguir convencer seus pais a removê-lo do internato, Amado fugiu do colégio e passou dois meses viajando sozinho pelo interior do nordeste, convivendo com as camadas mais pobres da sociedade, até chegar à casa de seu avô em Sergipe. Entre as pessoas que o auxiliaram nessa “aventura” estiveram as prostitutas e os vagabundos, tão mencionados pelo escritor e por seus críticos.

³² É o caso da biografia de Jorge Amado na revista eletrônica RELEITURAS, disponível em <http://www.releituras.com/jorgeama>, acesso em 26/06/08.

³³ Ver documentário de João Salles, disponível no site criado pela Companhia das Letras <http://www.jorgeamado.com.br/vida.php3?pg=0>, acesso em 05/08/2008.

Novamente enviado a Salvador, foi morar no Pelourinho, em meio à população pobre da região. Lá, voltou a estudar, agora em regime de externato, e começou a trabalhar em jornais locais como o “Diário da Bahia” e “O Imparcial”. Dessa época o escritor também diz ter retirado muitas das personagens de seus romances.

Amado foi um dos fundadores da “Academia dos Rebeldes”, um movimento de contestação à literatura tradicional da época, “reflexo dos movimentos que surgiram na Europa depois da Primeira Guerra e que, no Brasil, repercutiram primeiramente em São Paulo” (RAILLARD, 1990, p. 34). Segundo Amado, em entrevista ainda a Raillard, o grupo não se pretendia modernista, mas sim moderno: (...) lutávamos por uma literatura brasileira que, sendo brasileira, tivesse um caráter universal; uma literatura inserida no momento histórico em que vivíamos e que se inspirava em nossa realidade, a fim de transformá-la (p. 36).

A “Academia dos Rebeldes” era composta por jovens escritores provindos de famílias modestas. Entre eles estavam Alves Ribeiro, Edison Carneiro, Clovis Amorim, Guilherme Dias Gomes e outros. O objetivo desses escritores era “varrer com toda a literatura do passado (...) e iniciar nova era” (AMADO, 1992, p. 84). A academia existiu entre 1928 e 1931, sendo liderada pelo poeta e jornalista baiano Pinheiro Viegas, um descendente de espanhóis que participara da campanha civilista ao lado de Ruy Barbosa e trabalhara vários anos no Rio. Em *Navegação de Cabotagem* (1992), Amado descreveu Pinheiro Viegas como um “poeta baudeleriano, (...) panfletário temido, epigramista virulento, o oposto do convencional e do conservador, personagem de romance espanhol, espadachim (...)” (p. 84). A importância da “Academia dos Rebeldes” na vida literária de Jorge Amado foi enfatizada por ele em várias ocasiões:

Não varremos da literatura os movimentos do passado, não enterramos no esquecimento os autores que eram os alvos prediletos de nossa virulência: Coelho Neto, Alberto de Oliveira e em geral todos os que precederam o modernismo. Mas sem dúvida concorreremos de forma decisiva – nós, os *Rebeldes*, e mais os moços do *Arco e Fecha* e do *Samba* – para afastar as letras baianas da retórica, oratória balofa, da literatice, para dar-lhe conteúdo nacional e social na reescrita da língua falada pelos brasileiros. Fomos além do xingamento e da molecagem, sentíamos-nos brasileiros e baianos, vivíamos com o povo em intimidade, com ele construimos, jovens e libérrimos nas ruas pobres da Bahia (AMADO, 1992, pp. 84-85).

Em entrevista a Alice Raillard (1990), Amado lembrou o papel do colega da Academia dos Rebeldes, Edson Carneiro, como o etnólogo e folclorista que fez os

primeiros “estudos sérios sobre os negros brasileiros, as religiões negras, os candomblés da Bahia, os negros Bantos (...)” (p. 35). Nessa mesma entrevista, Raillard contou a Amado que utilizou o dicionário de Édison Carneiro, *A Linguagem Popular da Bahia*, para ajudar na tradução de seus livros para o idioma Francês. Edson Carneiro foi o responsável pela introdução de Jorge Amado no mundo do candomblé, quando o apresentou ao pai-de-santo Procópio, de quem o escritor recebeu seu primeiro título do candomblé (ogã de Oxossi).

Apesar de ser contemporâneo dos escritores modernistas, de rejeitar a linguagem formal que esse movimento também criticava, e de ser didaticamente classificado como pertencente à “segunda fase” do modernismo³⁴, Amado confia a Raillard que acreditava que os modernistas, em geral, “tinham um grande desconhecimento do povo” (com algumas exceções, entre elas Antônio de Alcântara Machado, Raul Bopp e Guimarães Rosa) (p. 58). Ele via o modernismo como “um movimento de classe que nasce[u] da órbita dos grandes proprietários do café. Formalmente o modernismo é [foi] uma transposição dos movimentos que surgiram na Europa depois da Primeira Guerra”. a linguagem de *Macunaíma*, de Mário de Andrade, era “uma língua inventada, não é a língua do povo” (p. 57).

A questão da linguagem, para Amado, sempre esteve intimamente ligada ao seu posicionamento político e à sua busca do grande público, da compreensão das camadas mais baixas da sociedade. Por isso mesmo, Jorge Amado apoiava-se muito no uso do “cordel”. Para Ana Maria Machado (2006), a principal inovação de Jorge Amado foi:

(...) trazer para as páginas literárias brasileiras o falar popular brasileiro. Hoje, isso ficou tão comum, que nem se nota o tamanho da revolução que representou quando ele o fez. Mas foi uma inovação e tanto, pondo em prática o que os modernistas buscavam sem conseguir até então – retratar a língua do povo em uma obra literária (MACHADO em entrevista ao jornal Balaio de Notícias de 17 de setembro a 15 de outubro de 2006).

Na opinião de Amado, o modernismo foi uma revolução formal vinculada a um nacionalismo de direita e de esquerda. Já o grande acontecimento político no Brasil foi a Revolução de 30, para o autor “uma revolução apoiada por um enorme movimento das massas, por um grande entusiasmo popular” (RAILLARD, pp.57-60). A Revolução de 1930 implicou a derrubada da política do “café-com-leite”, pela qual se revezavam na

³⁴ Ver Faria (2007)

presidência da república ora representantes das oligarquias cafeeiras de São Paulo, ora representantes das oligarquias de fazendeiros (agropecuáristas) de Minas Gerais. Tal revolução resultou na primeira ascensão de Getúlio Vargas ao poder. A versão de Amado é a de que ela “não foi um golpe de Estado, (...) foi uma revolução popular” (p. 76).

Décadas mais tarde, ao tomar posse na Academia Brasileira de Letras, entidade que muito criticou quando jovem, Amado proferiria o seguinte discurso:

Procuro num milagre de imaginação, reviver no dia de hoje o adolescente magro, membro da Academia dos Rebeldes, na Bahia, nos anos de 1928 a 1930. Pequeno aprendiz de escritor em cerrada fita com outros de sua idade e condição, levantava-me em imprecações contra a Academia Brasileira e toda a literatura de então, disposto a arrasar quanto existia, convencido de que a literatura começava com a minha incipiente geração, nada devendo ao que se fizera antes do nosso aparecimento, nenhuma beleza fora criada, nenhum resultado obtido. Que diria o jovem de dezesseis anos, assombrado ante a vida e o mundo, solto ao mistério da Bahia, ao ver o quase cinquentão de hoje, envergando fardão, espadim e colar acadêmico. Dentro de mim, senhores, neste coração que resiste a envelhecer, ouço o riso moleque do rebelde em busca de caminho. Rio-me com ele, não há entre nós oposição, não existem divergências fundamentais entre o menino de ontem e o homem de hoje, apenas um tempo intensamente vivido. São muitos homens em diversas idades a encontrarem-se nessa tribuna somados num homem maduro, mais ainda de experiência e vida vivida que de idade.

Posso assim rir um riso bom com aquele velho companheiro, o adolescente que eu fui, nas ruas e ladeiras da Bahia, plenamente jovem e plenamente rebelde. Rebelde e não ainda revolucionário, resulta[do] do conhecimento e da consciência. (JORGE AMADO, Discurso de posse na Academia Brasileira de Letras – 1961).

Preconizando a pergunta de Ana Maria Machado, Jorge Amado já descrevia suas múltiplas fases, os múltiplos “Amados”.

SUBVERSIVO, REVOLUCIONÁRIO, COMUNISTA!

Direita quer dizer fome, miséria, ditadura, e encontram-se então elementos de direita, formas de direita em todos os regimes, sejam eles capitalistas ou os assim chamados socialistas. Esquerda para mim quer dizer paz, liberdade, sem miséria, com trabalho, ter um emprego, cultura para todos, e liberdade. A Liberdade. Para todos. (RAILLARD, 1990: 52).

Como descreveu em seu discurso para a Academia Brasileira de Letras, o rebelde ainda se transformaria em revolucionário. Amado mudou-se para o Rio de Janeiro em 1930 e lá se formou advogado, porém nunca praticou a profissão. Na faculdade, travou amizade tanto com membros de grupos de esquerda, como Carlos Lacerda, quanto com “tomistas”³⁵, o que já indicava sua tendência a conciliar os ideais políticos com a religião. Em 1931, conseguiu publicar seu primeiro livro, *O País do Carnaval*³⁶, pela Editora Schmidt, por intermédio de um amigo de Viegas, o crítico literário Agripino Grieco. Em entrevista ao jornalista Joel Silveira, Jorge Amado confirmou que Viegas e a Academia dos Rebeldes serviram de inspiração para a escrita de *O País do Carnaval*, sendo a obra bem recebida pela crítica da época. Então, por intermédio de Rachel de Queiroz, Amado ingressa na Juventude Comunista. O tom político invade sua obra. *Cacau* (1933)³⁷, *Suor* (1935) e *Jubiabá* (1936) são frutos dessa época; este último protagonizado por um dos primeiros heróis negros da literatura brasileira³⁸. Em seguida, publicaria *Mar Morto*, obra que inspirou Dorival Caymmi a compor a música “É doce morrer no mar”. Os ideais comunistas levam-no a fazer parte da ALN – Aliança Libertadora Nacional – e a participar da Revolução de 1935, também chamada de “Intentona Comunista”, em Natal, no Rio de Janeiro e em Recife. Tal participação foi o motivo de sua primeira prisão política, em 1936, juntamente com Graciliano Ramos, Di Cavalcanti e Caio Prado Jr., entre outros³⁹.

Com o apoio do Partido Comunista, sai em viagem em meados da década, e visita os Estados Unidos e a América Latina. Durante o Estado Novo, em novembro de 1937, após a publicação de *Capitães de Areia*, regressa ao Brasil e é novamente preso. Em 19 de novembro do mesmo ano, seus livros são queimados em praça pública, em frente à Escola de Aprendizes-Marinheiros, em Salvador.

Desde o início da década de 1930, sua literatura já começara a ser “exportada” para a Europa, em função de sua atuação no Partido Comunista. Em 1935, a tradução

³⁵ Praticantes da doutrina ou escolástica filosófica de São Tomás de Aquino.

³⁶ Amado sempre considerou *O País do Carnaval* sua primeira obra, apesar de já ter escrito, em conjunto com Édison Carneiro e Dias da Costa, o romance *Lenita*, em 1929, o qual assinou com o pseudônimo Y. Karl. Amado considerava *Lenita*, todavia, uma “coisa de criança”, de escritores muito jovens ainda e não a incluiu na sua lista de obra completas.

³⁷ Também no ano de 1933, Jorge Amado casou-se com Matilde Garcia Rosa, com quem teve uma filha, Eulália Dalila Amado, nascida em 1935 e falecida com apenas catorze anos. Amado separou-se de Matilde em 1944 e em 1945 conheceu Zélia Gatai, que foi sua companheira e “grande amor” pelo resto de sua vida.

³⁸ Ver biografia no site <http://www.jorgeamado.com.br>

³⁹ Fonte: 'Jorge Amado - 80 Anos de Vida e Obra - Subsídios para Pesquisa'. Organização, texto e pesquisa de Rosane Rubim e Maried Carneiro (Casa de Palavras - Acervo Jorge Amado).

espanhola de *Cacau* chega à Argentina e no final de 1938 a tradução francesa de *Jubiabá* é lançada em Paris, onde recebe uma crítica muito positiva de Albert Camus. Na década de 1940 suas obras são levadas também a Portugal, Espanha e Uruguai.

Em 1941, porém, Amado decide escrever um livro sobre Luís Carlos Prestes, o que torna impossível sua permanência no Brasil sem ser preso. Passa então a residir na Argentina. A obra *A vida de Luís Carlos Prestes, o Cavaleiro da Esperança*, era uma tentativa de apoio à anistia de Prestes e de outros presos políticos.

Com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial ao lado dos aliados, em 1942, e com a invasão da União Soviética, o Partido Comunista resolve apoiar o governo de Getúlio Vargas. Amado e alguns de seus “companheiros” comunistas voltam então ao Brasil. Amado é preso no Rio de Janeiro e levado a Salvador, para lá ser libertado. Depois de seis anos de proibição à publicação de suas obras no Brasil, ele lança, em 1943, *Terras do Sem Fim*. Foi o primeiro romance de Jorge Amado levado em tradução inglesa pela Alfred A. Knopf Publishers para os Estados Unidos.

Em janeiro de 1945, Amado preside a delegação baiana do I Congresso de Escritores, em São Paulo, sendo eleito vice-presidente desse congresso. O evento acaba se transformando em uma manifestação contra a ditadura do Estado Novo. Amado é preso, juntamente com Caio Prado Jr., mas é logo libertado. Nesse mesmo ano, além das atividades como escritor, torna-se secretário do Instituto Cultural Brasil-URSS, cujo diretor era Monteiro Lobato⁴⁰.

Ainda em 1945, o PCB volta à legalidade e Amado é eleito deputado pelo partido, com 15.315 votos. Tal votação e o capital simbólico que ela representou surpreendem o próprio escritor. Enquanto deputado, consegue aprovar a lei pela defesa da liberdade religiosa e pela defesa dos direitos autorais. Em 1947, o partido cai novamente na ilegalidade. Amado segue, então, para o exílio em Paris, e faz da França sua segunda casa. Foi a partir da data de seu exílio na Europa que a obra de Amado começou a se projetar mais fortemente nos países comunistas e socialistas. E também que sua obra tornou-se mais amarrada à estética do partido.

Se a amizade de Raquel de Queiroz levara-o ao comunismo, nessa altura dos acontecimentos nem mesmo a amizade de Érico Veríssimo conseguia movê-lo. Luis

⁴⁰ O papel de Monteiro Lobato durante o processo de americanização do Brasil está descrito em: Milton, J.; Hirsch, I. *Translation and Americanism in Brazil 1920-1970. Across languages and cultures*, Budapest, v. 6, n. 2, pp. 234-257, 2005.

Fernando Veríssimo, filho de Érico Veríssimo, por ocasião da morte de Jorge Amado relatou que:

Desde o seu rápido asilo conosco⁴¹, ele e meu pai, Érico Veríssimo, foram amigos, mas a amizade passou por alguma turbulência no final dos anos 40 e início dos 50, quando a questão do engajamento político dividiu os intelectuais do País. Meu pai contava uma cena dolorosa e cômica, que se passara no banheiro de um quarto de hotel no Rio. Ele dentro de uma banheira de água quente, tentando aliviar uma cólica renal e ao mesmo tempo convencer o Jorge, sentado num banquinho ao lado, que, com toda a sua simpatia pelo socialismo, não podia aceitar o dogmatismo comunista e o totalitarismo. E o amigo tentando convencê-lo da justificativa histórica do stalinismo. Mas continuaram se gostando e se admirando e acabaram se aproximando politicamente também, engajados no repúdio a qualquer sistema desumano (Luís Fernando Veríssimo para o jornal “O Estado de S. Paulo” de 10/8/2001).

Assim, Jorge Amado passa a viajar intensamente pela Europa. Visita a Itália, a Tchecoslováquia, a Alemanha, a Bélgica, a Suíça, a União Soviética, a Suécia, a Noruega, a Dinamarca, a Holanda, a Hungria e a Bulgária. Em suas viagens, participa de conferências e congressos difundindo as idéias do Partido, e torna-se amigo de personalidades como Jean Paul Sartre, Pablo Picasso e Pablo Neruda. Traduções de suas obras surgem em Moscou, Varsóvia, Praga, Holanda, Bulgária e espalham-se pelo restante da Europa, sendo bem aceitas principalmente nos países da “cortina vermelha” onde se privilegiava o “realismo socialista⁴²”.

Em janeiro de 1950, Amado é “convidado”, por motivos políticos, a retirar-se da França, onde já morava há cerca de dois anos. Muda-se, então, para a Tchecoslováquia, passando a morar no Castelo da União dos Escritores.

Em 1951 escreve *O Mundo da Paz*, um relato sobre sua viagem a várias regiões da União Soviética e dos países das democracias populares, onde o povo e o governo lutam para reparar os danos causados pela Segunda Guerra Mundial. Como nos conta Edvaldo Correa Sotana, professor da UNESP:

Jorge Amado utilizou o seu relato de viagem para produzir representações sobre a União Soviética como “baluarte da paz mundial” e de Stálin como um gênio que guiava os povos na luta pela

⁴¹ Luis Fernando Veríssimo, filho de Érico Veríssimo, recorda, nessa mesma entrevista, que havia conhecido Jorge Amado no final da década de 1930, quando este se refugiara na casa de seus pais, escondendo-se da polícia política.

⁴² Para uma visão da recepção da obra de Jorge Amado em alguns países da “cortina vermelha”, ver: Jezdzikowski (2007), Horta (2002), Rougle (1984). Para recepção de obra de Jorge Amado na França, ver: Rivas (2005).

paz. A descrição de Amado sobre o pacifismo soviético pode ser compreendida ao considerar as tensões geradas pela Guerra Fria. A manutenção da paz mundial também foi um assunto tanto para capitalistas como para comunistas. (SOTANA, 2005, p. 7)

Amado acreditava que “o desejo dos soviéticos em manter a paz não provinha do temor de uma derrota militar, mas da condição de Estado socialista que não tinha interesse pela guerra e que apenas deseja avançar na construção do comunismo” (AMADO, 1951, p. 49). Na sua visão à época, o inimigo cruel era o “Imperialismo Americano”. Com a publicação de *O Mundo da Paz*, Amado recebeu o Prêmio Internacional Stalin da Paz. No Brasil, no ano seguinte, o autor foi processado por tal publicação e enquadrado na Lei de Segurança Nacional. Mesmo assim, ele retorna ao Brasil, com garantia de liberdade assegurada pelo sargento Gregório, chefe da guarda pessoal de Getúlio Vargas, um fato no mínimo incoerente, mas que já mostrava a força que adquiria o capital social de Jorge Amado. *Os subterrâneos da liberdade*, publicado em 1954, também seguiu fortemente a estética do PC.

Enquanto isso, nos Estados Unidos, com a aprovação da lei anticomunista McCarran-Water, no início da década de 1950, o escritor fica proibido de entrar naquele país e seus livros têm sua publicação vetada.

Suas contínuas viagens fazem com que seus romances passem, então, a ser traduzidos extensivamente para diversos idiomas, e seu capital social cresce cada vez mais.

Em 1953, sai então em Portugal, pela Editora Avante, um folheto assinado por Jorge Amado e Pablo Neruda com a intenção de libertar o líder comunista Álvaro Cunhal e demonstrar seu posicionamento de oposição ao sistema de governo de Salazar.

Mas a história política e literária de Amado começa a mudar após o recebimento do Prêmio Stalin. Em *Navegação de Cabotagem*, Amado (1992, pp. 241-244) revela que pouco após essa data, o medo e a incerteza já começavam a invadir sua vida. Seus antigos amigos começam a ser presos e acusados de traição. A dor de suas famílias choca Jorge e sua esposa Zélia. A revelação de torturas a que os presos políticos eram submetidos o angustia (p. 30). O anti-semitismo stalinista desagrada-o, constrange-o (p. 36).

E foi a partir daí que Amado começou a mudar seu comportamento e a se manifestar contra as decisões totalitárias do Partido. Tanto que, após a quinta edição de *O Mundo da Paz*, em 1953, Amado proíbe novas reedições da obra. Anos mais tarde, o

autor confessaria que o fez por achar a obra “desatualizada”, não correspondendo à realidade das nações comunistas da época⁴³. Relata ainda em *Navegação de Cabotagem*:

Publicado no Brasil pela editora do pecê, *O Mundo da Paz* vendeu cinco edições em poucos meses, valeu-me processo na justiça, acusado de autor subversivo. Convidei João Mangabeira para meu advogado, mas não cheguei a ir a juízo, o magistrado a cargo do processo mandou arquivá-lo com sentença repleta de sabedoria: “de tão ruim, o livro não chega a ser subversivo, é tão-somente sectário”. Em verdade não escreveu “de tão ruim”, o acréscimo quem faz sou eu, autocrítica tardia, mas sincera.

Dei razão ao meritíssimo, retirei *O Mundo da Paz* de circulação, risquei-o da relação de minhas obras, busco esquecer-lo, mas, de quando em vez, colocam em minha frente um exemplar com pedido de autógrafo. Autógrafo. O que posso fazer se o escrevi? (AMADO, 1992, p. 234).

Assim, a partir de 1955, já consolidada sua decepção com os rumos e as atividades do Partido, e em virtude das revelações que surgiriam no Congresso do PCUS (Partido Comunista da União Soviética) e do Relatório de Kruchev, das quais Amado já tinha conhecimento, ele decidiu finalmente desligar-se do Partido Comunista. O escritor era agora um novo Jorge Amado, cansado de guerra. Com as revelações do XX PCUS, muitos outros intelectuais também abandonaram o comunismo. A princípio, sua saída fora silenciosa, sem muitas declarações, mais cheia de pesares. Aos poucos, com o passar do tempo, e de forma lenta, Amado começou a se abrir sobre o incidente e a revelar sua decepção e sofrimento.

Confessou a Raillard:

Para mim, o processo foi extremamente doloroso, e tão terrível que eu não gosto... sequer de me lembrar. Não acreditar mais em tudo em que antes acreditara, naquilo pelo qual lutei minha vida inteira, da forma mais generosa, ardente, apaixonada e arriscada. E tudo isto estava afundando, você me entende? Aquele a quem víamos como a um deus não era um deus, era somente um ditador, um ditador à maneira dos... autocratas orientais... (RAILLARD, 1990, p. 141).

No documentário dirigido por João Moreira Salles (1995), Jorge Amado é entrevistado e fala sobre o mesmo episódio, agora de maneira mais ressentida,

⁴³ Disponível em http://www.releituras.com/jorgeamado_bio.asp, acesso em 04/07/2008.

rejeitando o discurso político de sua primeira fase como escritor. Ele mostra claramente a mágoa que lhe deixara a desilusão com o Partido Comunista:

Nenhum escritor naquele momento, naquela ocasião, era um escritor que não tivesse um engajamento. E toda a primeira parte da minha obra traz um discurso político que é uma excrescência. Nós éramos stalinistas, mas terrivelmente stalinistas. Para mim Stalin era meu pai, era meu pai e minha mãe. Para a Zélia, a mesma coisa. Nós levamos uma trajetória de anos cruéis para compreender que o pai dela era o mecânico Ernesto Gattai e que o meu pai era o coronel do cacau João Amado. Quer dizer, o partido me utilizou, e a partir desse momento, em realidade o que o partido fez foi, sem querer provavelmente, a tentativa de acabar com o escritor Jorge Amado, para ter o militante Jorge Amado (...). No fim do ano de 1955 eu soube que a polícia socialista torturava os presos políticos tão miseravelmente quanto a polícia de Hitler. O mundo caiu sobre minha cabeça. Já sem escrever há longo tempo, já descrente por inteiro das ideologias... do fundamental das ideologias... Stalin era vivo ainda; eu deixei o partido comunista. Fui atacado por muitos comunistas, de uma forma muito violenta... O principal dirigente comunista da época, depois de Prestes, que era Arruda Câmara, disse que dali a seis meses eu não existiria como escritor e como intelectual... Felizmente ele se enganou. A ideologia você quer saber o que é, Henry? É uma merda!

Com esse desfecho tipicamente amadiano, o escritor encerrou sua demonstração de desprezo pela manipulação e pela adesão impensada a ideologias radicais. Quanto às adivinhações de Arruda Câmara, elas estavam mesmo erradas, e muito. Após ter deixado o Partido Comunista, a carreira de Jorge Amado como escritor deslanchou de forma espantosa. Escreveu inúmeras obras de sucesso, agora longe dos quadros do Partido Comunista.

CANSADO DE GUERRA, LIBERTÁRIO, FREYREANO, OBÁ, E... COMERCIAL?!

Construíram uma teoria (...) segundo a qual a minha obra se dividia em duas partes: uma anterior a “Gabriela” e outra posterior. É uma estupidez, uma bobagem total. (...) Diziam que a obra se tornara folclórica, que era a negação da obra passada, (...) como se os elementos da vida, do folclore, não estivessem presentes em livros como “Jubiabá”, “Mar Morto”, a presença de Iemanjá, do candomblé etc., ou em “Capitães de Areia”. Tudo isso é uma tolice incomensurável. Mas perdura até hoje: as duas obras, a do início, revolucionária, denunciando a injustiça social, e a outra. Não, minha obra é uma unidade, do primeiro ao último momento. Só se pode dizer que existe, no início, uma profusão do discurso político, correspondendo ao que eu era então (RAILLARD, 1990, p. 267).

Se para Amado *Gabriela, Cravo e Canela* foi a continuação natural de seu projeto literário, para muitos foi uma nova etapa na vida do escritor. Amado deixava de escrever romances dedicados ao Partido, passando a escrever livremente e a louvar todo tipo de liberdade. Mesmo assim, a tônica da defesa das classes subalternas, a contestação e a denúncia nunca deixaram de existir em sua obra. Já a rispidez política seria substituída pelo humor e pela ironia.

Dessa fase surgiram os livros *A morte e a morte de Quincas Berro D'água*, considerada uma obra-prima⁴⁴, que depois seria publicada junto com o romance *O capitão-de-longo-curso* no volume *Os velhos marinheiros* (1961). Depois foram publicados *Dona Flor e seus dois maridos* (1966), *Tenda dos Milagres* (1969), *Tereza Batista cansada de guerra* (1972) e *Tieta do Agreste* (1977).

Em seus novos romances, um antigo e constante elemento de sua obra se reforçava, crescia – a defesa da cultura Afro-brasileira:

Sou um velho brasileiro, de antigas idades, o que significa ter no sangue a mistura de muitos sangues, tantos que nem mesmo eu saberia dizer quais exatamente. Com certeza sangue indígena, sangue negro, sangue branco. Minha mãe, dona Lalu, era uma pequena índia, a lembrar no físico e em circunstâncias de caráter aquela sua avó capturada na selva pelo avô caçador. Ao que me contaram, um português um tanto quanto aventureiro. Sangue indígena bem próximo, como se vê, não mais distante o sangue negro.

Meu pai, João Amado de Faria, coronel de cacau, conquistador de terras, plantador de fazendas, ria a morrer quando parentes nossos, atarracados mulatos sergipanos, se gabavam de seu sangue holandês. Os Amado teriam vindo na comitiva do Príncipe Nassau, governador da província holandesa do Brasil.

O coronel João Amado amava alardear fatos acontecidos no passado, sobre os quais os parentes preferiam guardar silêncio. Tais fatos contavam detalhes dos amores da filha do patrão de um comércio de secos e molhados, moça branca que, tendo se apaixonado por um negro que fazia as contas das vendas e dos lucros, a ele se entregou e dele engravidou. Diante da gravidez patente, o comerciante não teve outro jeito, para salvar a honra da família, senão permitir o casamento, aceitar um negro como genro. Aliás, acrescentava meu pai, nas mãos do negro o armazém conheceu a prosperidade, a fortuna da família cresceu.

Quanto ao propalado sangue holandês, a chegada dos Amado em Pernambuco com Nassau, existem certa razão de ser e dúvidas de origem. A razão de ser baseia-se no fato de que Nassau trouxe para o Brasil muitos daqueles cristãos novos que se haviam exilado na Holanda. Judeus convertidos e nem assim perdoados pela Inquisição,

⁴⁴ Um exemplo é o Posfácio da mais recente publicação da Cia. das Letras, assinado por Affonso Romano de Sant'Anna.

abandonaram a península Ibérica, Espanha e Portugal, em busca de liberdade e de paz. Alguns historiadores consideram que esses cristãos novos eram os cidadãos mais cultos não só da colônia holandesa, mas de todo o Brasil. Para decepção de certos parentes nossos, o sangue holandês virava sangue judeu. Na melhor das hipóteses, sangue árabe, dos mouros que haviam invadido e ocupado a península. (AMADO em “Louve-se quem deve ser Louvado”)⁴⁵

Não é à toa que Jorge Amado afirmou diversas vezes sua admiração pela descrição freyreana da formação da sociedade brasileira: ele via em si mesmo o elemento da “nova raça” gerada no Brasil. A mistura entre o índio, o negro e o branco⁴⁶.

E foi certamente daí que surgiu seu apoio à obra do pernambucano Gilberto Freyre. Após sua saída do Partido Comunista, e apesar de vivenciar ideais políticos divergentes dos de Freyre, o escritor baiano alinhou-se cada vez mais ao sociólogo pernambucano em seu ideário regionalista-nacionalista-mestiço. A ideologia da mestiçagem falava mais alto do que as diferenças políticas (GOLDSTEIN, 2000, p. 101). Diferenças políticas que não eram poucas. Todavia, o próprio autor baiano viria a declarar, em entrevista à Revista PenAzul, o seguinte:

Eu vejo a obra de Gilberto Freyre como uma das mais importantes. Eu discordei muito de Gilberto durante a minha vida, por posições políticas. Eu tive uma militância política comunista, todo mundo sabe, durante muitos anos e, aliás, fomos colegas na Constituinte de 46. Eu era deputado comunista e Gilberto era deputado da UDN... Discordamos muitas vezes, mas o fundamental é que me sinto muito feliz e orgulhoso de ter sido contemporâneo de Gilberto Freyre, de ter assistido à publicação de *Casa Grande & Senzala* em 1933, na edição Schmidt. (...) o livro de Gilberto Freyre nos deu a nossa identidade brasileira, ele nos ensinou como é que somos brasileiros.⁴⁷

Na obra comemorativa do 25º aniversário da publicação de *Casa Grande & Senzala*, Jorge Amado homenageou Freyre, comentando a forma como o livro teria sido “fundamental para a transformação sofrida no país, verdadeira alavanca” (AMADO, 1962, p. 32). E continua, enfatizando a forma revolucionária da escrita de Freyre para os padrões da época:

⁴⁵ Disponível em http://www.ecco.com.br/vita_mia/oriundi_pre.asp. Acesso em 27/03/2008.

⁴⁶ Tanto Ilana Goldstein (2000), quanto Regina Helena Machado Aquino Corrêa (2008), também descrevem o caráter freyreano da obra de Jorge Amado.

⁴⁷ Disponível em <http://medei.sites.uol.com.br/penazul/geral/entrevis/jamado.htm>.

Pois, antes de ele entrar em cena editorial, livro de estudo no Brasil era sinônimo de livro chato, mal escrito, retórico, pernóstico, ilegível. Era assim mesmo, com raras exceções. Só levado por absoluta necessidade aventurava-se alguém na intrincada floresta onde cresciam os palavrões difíceis e uma prosa de colarinho duro e sobrecasaca negra. Como se, para ser ensaísta de peso, historiador, sociólogo, válido autor de estudos, fosse obrigatoriamente necessário escrever difícil (quando não escrever mal), se fazer distante e incompreensível, substituído o verdadeiro saber pela retórica e pela gramatiquice. Um horror.

De súbito, eis que um escritor admirável, dono de uma língua envolvente, brasileira, sensual, quente e íntima do leitor, surge e prova que tudo pode ser lido com prazer, pode ser saboreado como um poema, pode ser literatura da melhor, além de realmente ensinar e fazer pensar (p. 32).

O mais interessante no depoimento de Amado é que o que ele elogia é uma das características mais atacadas pelos críticos de Freyre: sua escrita “não científica”. No entanto, ficam claros quais são os ideais de Amado quanto à linguagem adequada à sua “literatura de qualidade”. Nesse mesmo texto, Amado elogiara o fato de Freyre, assim como ele, promover a “tradição de uma literatura ligada ao povo, nascendo dele” (p. 34). Ele reafirma que discordou muitas vezes das idéias e conceitos de Freyre e que por vezes tiveram pontos de vista diferentes. Mas sempre que menciona tal fato, Amado coloca-o num patamar inferior à sua admiração e respeito pelo sociólogo. É o que revela novamente em *Navegação de Cabotagem*:

Ligam-me a Gilberto Freyre estima e admiração. Não fui vassalo de sua corte, mas tive plena consciência da significação de *Casa Grande & Senzala*, apenas publicado em 1933, e a proclamei aos quatros ventos: em suas páginas aprendemos por que e como somos brasileiros; mais que um livro, foi uma revolução. Na cena política coincidimos e divergimos, jamais as divergências resultaram em desestima, levaram ao afastamento. (AMADO, 1992, p. 45)

Já os elogios de Freyre a Jorge Amado eram bem menos freqüentes, seja pelo perfil mais “aristocrático” e vaidoso do primeiro, ou por seu posicionamento político de direita. Durante sua estadia no Brasil, o tradutor Samuel Putnam relatou ao *The New York Times* que um repórter na Câmara dos Deputados perguntara a Freyre o que ele achava de Jorge Amado como político. Ao que este respondera: “Como deputado, ele é um ótimo escritor”⁴⁸ (*New York Times* de 6 de outubro de 1946). Apesar disso, Amado

⁴⁸ “As a Deputy, he is a very fine writer”.

continuava a defender as idéias de Freyre para explicar a brasilidade, a identidade nacional.

Em 1957, o autor conheceu a mãe menininha do Gantois, figura de grande importância no candomblé da Bahia, e tornou-se muito ligado a ela. Em 1959, recebeu um dos mais altos títulos da religião africana do candomblé: tornou-se um “obá orolu”, assumindo a função de sábio conselheiro da comunidade. Esses fatos passavam a influenciar grandemente sua literatura. As mudanças no posicionamento político do escritor baiano também implicaram uma alteração em sua recepção crítica no Brasil. Em 1961, Amado foi eleito por unanimidade para a Academia Brasileira de Letras e eleito membro da presidência do Pen Club do Brasil. Nesse mesmo ano, a obra amadiana foi inaugurada na televisão brasileira: a extinta TV Tupi lançava a adaptação de *Gabriela, Cravo e Canela* no formato de novela.

Amado passa, então, a participar ativamente de festivais, encontros e exposições. Recebe inúmeras homenagens por suas obras, chegando mesmo a ser convidado pelo presidente Juscelino Kubitschek para ser embaixador do Brasil na República Árabe – convite que recusou. A União Brasileira de Escritores apresentou duas vezes sua candidatura formal ao Prêmio Nobel de Literatura (em 1967 e 1968). Em 1970 recebeu em São Paulo o Prêmio Juca Pato, da União Brasileira de Escritores, e dividiu com Ferreira de Castro o Prêmio Gulbenkian de Ficção, em Paris. Na década de 1980, como autor já consagrado, Amado escreve ainda grandes sucessos, como *Tocaia Grande* (1984) e *O sumiço da santa* (1988).

Foi também convidado a falar aos alunos da Universidade da Pensilvânia, a representar o Brasil na Comissão Internacional de Assessoria ao projeto de reconstrução da antiga biblioteca de Alexandria, no Egito, a participar de um seminário em Berlim e do Fórum Mundial das Artes em Veneza. Foi convidado ainda a presidir, no Marrocos, o 14º Festival Cultural de Asyilah, cujo tema foi “Mestiçagem, o exemplo do Brasil”.

Em 1987, foi criada a Fundação Casa de Jorge Amado, uma instituição que passava a tomar conta do acervo do autor. Considerada por Glauber Rocha uma obra extremamente plástica – obra de um *metteur-en-scène* (ROCHA, citado por VEIGA, 2003, p. 3) – Jorge Amado teve ainda outras de seus romances transformados em telenovelas, filmes cinematográficos e peças teatrais:

Amado tinha certo carinho pelo filme *Dona Flor e Seus Dois Maridos*, de 1976, com direção de Bruno Barreto e estrelado por Sonia Braga, José Wilker e Mauro Mendonça. Segundo ele, a maior

bilheteria da história do cinema brasileiro era "uma agradável comediuzinha". Sempre que possível, no entanto, Amado procurava fugir das exibições de filmes baseados em textos seus. Na televisão, foi grande o número de novelas e minisséries inspiradas em Jorge Amado. Gabriela virou novela duas vezes, em 1961, na Rede Tupi, e em 1975, na Rede Globo. Terras do Sem Fim, Tenda dos Milagres, Capitães de Areia, Tieta, Tereza Batista Cansada de Guerra, Tocaia Grande e, mais recentemente, Dona Flor e Seus Dois Maridos foram outros romances que ganharam formato televisivo. (Revista VEJA de 15 de agosto de 2001)⁴⁹,

Amado foi tema de Samba Enredo de Escolas de Samba e teve seu romance “Dona Flor e Seus Dois Maridos” transformado (adaptado) em uma peça da Broadway: o musical *Saravá*, em 1978. Teve ainda sua efígie estampada em seis milhões de bilhetes da Loteria Federal e foi homenageado em inúmeras instituições nacionais e internacionais: tornou-se Doutor Honoris Causa de várias universidades, nacionais e internacionais, entre elas, a Universidade Federal da Bahia; a Universidade de Lumière, em Lyon; a Universidade de Israel, a Universidade Dagli Studi de Bari, na Itália; e a Universidade de Sorbone, em Paris. Em 1995, recebeu o Prêmio Camões, uma das maiores honrarias da literatura de língua portuguesa.

Sua saúde começou a piorar em 1996, em decorrência de um edema pulmonar. Jorge Amado morreu em agosto de 2001, não sem antes deixar o livro de memórias *Navegação de Cabotagem* (1992).

AS “CONTRAVENTÕES” DE JORGE AMADO

Como se pôde perceber nesses breves fragmentos da vida de Jorge Amado, o caráter contestador, de um idealismo quase adolescente, foi muito característico em sua história. Como formador de opiniões, aliava-se a uma vertente identitária que celebrava a cultura afro-brasileira e não a européia, nem a americana. Como escritor, rebelou-se contra o caráter tradicional da linguagem acadêmica. Mas o fato de Jorge Amado ter pertencido aos quadros do Partido Comunista e ter sido, por muito tempo, militante ferrenho do stalinismo, foi certamente a questão mais polêmica e provocadora de sua carreira. Amado tornou-se comunista na época em que vários intelectuais brasileiros

⁴⁹ Também disponível em http://veja.abril.com.br/150801/p_096a.html Acesso em 26 de junho de 2008.

seguiram essa mesma corrente, só que foi mais fundo nas atividades do partido: viajou pelo mundo militando a favor da causa e por muito tempo submeteu sua escrita às ordens da cúpula comunista. Isso tudo atraiu o total desprezo das correntes de direita do país.

Apesar de seu desligamento do Partido Comunista e das demonstrações de repulsa pelas atitudes violentas e repressoras tomadas pelos líderes soviéticos, não se pode dizer que Amado tivesse se tornado um convicto capitalista. Na famosa entrevista a Alice Raillard, ele descreveu a forma dual como enfrentou a questão do anti-americanismo:

Dediquei boa parte de minha vida a desancar o imperialismo norte-americano, mal dos males, horror dos horrores, bete noire, vilão do filme, responsável pelas desgraças do mundo, peste, fome e guerra, as tiranias, a ameaça atômica—repeti com afinco e ênfase todas as frases feitas do discurso de esquerda.

Em meio à demagogia, verdades a granel: o desmascaramento, a denúncia da tentativa de domínio econômico e político, dos golpes militares em nossas pátrias da América Latina, ditaduras e ditadores feitos nas coxas dos embaixadores ianques, os Pinochets, os Videlas, a Redentora de 1964. Não me arrependo da artilharia gasta em artigos e discursos, pronunciamentos para desmascarar a impostura, denunciar a agressão, a face do imperialismo é mesquinha e sangrenta.

Repito, contudo, a dois por três que os bens materiais mais valiosos que possuo, eu os devo ao imperialismo, pilhéria de gosto duvidoso ao ver dos puritanos. Em verdade eu os devo a meu trabalho — ao meu e ao de Zélia, não distingo nem separo: a casa do Rio Vermelho, na Bahia, a mansarda sobre o Sena, no Morais, em Paris.

Em 1962 a Metro Goldwyn Mayer comprou-me os direitos cinematográficos de “Gabriela”—a tradução editada por Alfred Knopf figurava nas listas de best-sellers das gazetas de *New York* e de *Los Angeles* - pagou-me preço barato, eu era então muito pouco divulgado naquelas bandas. Para mim, um dinheirão, ainda por cima em dólares. Senti-me rico. A Metro demorou mais de vinte anos para realizar o filme, por duas vezes busquei recomprar os direitos, na segunda tentativa ofereci o dobro do que recebera; por duas vezes a Metro recusou em cartas idênticas: não pensamos nos desfazer dessa nossa mercadoria — mercadoria, a palavra usada. (AMADO, 1992, p. 67).

Amado arrependeu-se, e deplorou o fato de ter vendido seus direitos à Metro logo após o ocorrido. Em carta enviada a Alfred Knopf, que intermediou o evento, Amado escreveu que tanto Martins, seu editor na época, como ele tinham assinado os “sagrados papéis” sob o olhar zeloso dos oficiais do Consulado Americano no Rio de Janeiro e São Paulo, em uma cerimônia “tocante” (ênfases nossas). Dizia-se feliz por ter concluído o assunto “patético” e que ficaria no aguardo de sua cópia do contrato. Por

fim, agradecia a ajuda do “bom amigo” para dar por encerrado o “triste negócio” e que esperava pagá-lo na mesma boa moeda: a amizade (Carta de Jorge Amado a Alfred Knopf em 22 de novembro de 1963. HRC – BOX 401 – folder 1).

Em 04/08/1995, em entrevista ao Jornal do Brasil, o autor afirmou que “(...) o socialismo é o futuro. A queda do muro significou o fim de ditaduras medonhas, que existiam em nome do comunismo, mas não era comunismo na realidade. Acredito no avanço do homem em direção a um futuro melhor”.

Se a questão política trazia tensão à carreira do autor, polêmica foi, também, a forma como Jorge Amado lidava com as questões religiosas. Como comunista, pressupunha-se ateu e materialista, o que já seria uma agressão aos preceitos religiosos de um país oficialmente católico. No entanto, sua predileção pelo candomblé, que o encantava por ser uma religião em que não existia a noção de pecado⁵⁰, e sua defesa da liberdade de cultos africanos trouxeram-lhe o já mencionado cargo de Obá.

Amado tinha também grande amizade com Camafeu de Oxossi, Carybé e Dorival Caymmi entre outros, o que o levou a obter grande prestígio na comunidade do candomblé da Bahia. E demonstrava apoiar e valorizar as igrejas como instrumentos de reforma. Em 1990, o escritor baiano disse a Alice Raillard:

O conceito marxista de religião, ópio do povo, é a meu ver de uma infinita tolice, terrivelmente sectário. A religião representou uma força revolucionária imensa, porque era diferente. Aliás, quando os comunistas falaram do ópio do povo, também eles defendiam as suas próprias posições de capela, é seita contra seita!... Eu acrescentaria que a Igreja católica não é uniforme, hoje em dia ela está dividida. Atualmente temos no Brasil uma igreja tradicionalista, conservadora, ao lado de uma igreja progressista, eu até diria revolucionária: sob certos aspectos é ela quem neste momento impele as reivindicações sociais, sobretudo no meio rural, com as comunidades eclesiais de base, que são a vanguarda da luta contra um regime econômico retrógrado e ainda latifundiário em grande parte do país. (RAILLARD, 1990, p. 83).

Essa forma de pensar obviamente desagrava os ex-companheiros comunistas. Mais ainda, nessa entrevista (pp. 89 e 94), Jorge Amado diz-se adepto do sincretismo religioso, vinculando-o à questão da intolerância. Rejeitava, por conseqüência, as tentativas dos movimentos negros de retorno do candomblé às origens e à identidade africana. A mistura sobrepunha-se à pureza.

⁵⁰ Para uma visão mais aprofundada da defesa que Jorge Amado faz do candomblé, ver Raillard, 1990, p. 83-84.

Novamente encontramos um Jorge em rebelião, contrariando o caráter religioso oficial do país, contrário aos preceitos comunistas anti-religiosos, contrariando os movimentos da “negritude”. Tanta polêmica, seja de ordem política, racial ou religiosa, não poderia passar ilesa a críticas, fossem elas positivas ou negativas.

SOB O OLHAR DA CRÍTICA LITERÀRIA BRASILEIRA: O POLÊMICO JORGE

Uma das melhores descrições da recepção crítica da obra de Jorge Amado foi feita pelo jornalista Sérgio Vilas Boas para o Jornal da Poesia:

A obra de Jorge Amado nunca excitou a academia. Mas a maioria dos poucos ensaios críticos foi implacável. Argumentou-se que personagens de Jorge - coronéis desumanos, negros viris, brancos arrivistas, proletários utópicos, especuladores, biscateiros, prostitutas beatíficas, cafetões manipuláveis, etc. - eram caricaturais, estereotipadas e psicologicamente vazias; que seus enredos eram melodramáticos, com soluções sobrenaturais (às vezes embebidas em sincretismo religioso) para conflitos sociais concretos; que o conteúdo era panfletário, machista e folclórico; que sua linguagem popularesca negava a literatura como arte; que imperava a pornografia gratuita, quase perversa; que o pano de fundo socialista era, na verdade, populista, pois acreditava que tudo o que vem do povo é necessariamente bom.

Diante da inabalável empatia de várias gerações de leitores, multiplicados anualmente aos milhares, tais argumentos (luminosos nas décadas de 60 e 70) podiam soar invejosos e até levianos, e contrapunham-se a defesas veementes, como as feitas por Roger Bastide, Albert Camus, Jean-Paul Sartre, Pablo Neruda, Gabriel García Márquez, Celso Furtado, José Paulo Paes, Antonio Candido e outros. Muitas opiniões favoráveis a Jorge estiveram marcadas também pela amizade e admiração que sua figura sempre cultivou entre personalidades de diversas ideologias. Para os estrangeiros, principalmente, os romances de Jorge Amado são uma espécie de carteira de identidade do Brasil. (Sérgio Vilas Boas, “Olhares modernos sobre um romântico”, *Jornal da Poesia* de 10 de agosto de 2001)⁵¹

Podemos encontrar os exemplos das opiniões negativas mencionadas por Sérgio Vilas Boas nas críticas de vários membros da comunidade acadêmica no Brasil. Alfredo Bosi, em sua *História Concisa da Literatura Brasileira*, afirmou que:

⁵¹ Disponível em <http://www.jornaldepoesia.jor.br/svboas1.html> Acesso em 25 de junho de 2008.

(...) sua obra tem dado de tudo um pouco: pieguice ao invés de paixão, estereótipos em vez de trato orgânico dos conflitos sociais, pitoresco em vez de captação estética do meio, tipos folclóricos em vez de pessoas, descuido formal a pretexto de oralidade. (BOSI, 1958, p. 459)

Já Walnice Nogueira Galvão, referindo-se à obra *Tieta do Agreste*, teceu críticas à forma como Jorge “reforçava a mitologia baiana”, além de questionar sua abordagem política, e argumenta:

(...) a bandeira progressista (...) é o populismo, a glorificação do ‘povo’ justificando qualquer barbaridade que sua ficção perpetre. Tudo o que é bom vem do povo e, por isso, todas as personagens são caricatas. Abra-se exceção para o rico e fino Coronel e para a representante do povo, a prostituta mulata, casal revelador da ótica classista e sexista do escritor (GALVÃO, 1976, p. 14)

Esses são apenas alguns exemplos de como a crítica literária se opôs à obra amadiana, mas o crítico mais feroz de Jorge Amado talvez tenha sido o jornalista e tradutor Janer Cristaldo, que mantém até hoje na rede internacional de informações (INTERNET), em um sítio para turistas estrangeiros⁵², um artigo online cujo título é “A Grande Prostituta”. O texto revela a indignação de Cristaldo por ocasião da homenagem a Jorge Amado em fevereiro de 1998, no 18º Salão do Livro de Paris. Cristaldo acusa Amado de ser a “prostituta maior das letras contemporâneas”. O jornalista não poupou agressividade ao falar sobre o autor baiano:

O Brasil será o país homenageado do Salão e terá como convidado de honra e representante de nossas Letras, Jorge Amado, o mais vendido escritor nacional, que começou sua carreira como estafeta do nazismo, continuou como agente do stalinismo e hoje é roteirista oficioso de Roberto Marinho. Amado ainda receberá, na ocasião, o título de Dr. Honoris Causa por uma universidade parisiense. Nada de espantar: os parisienses, de longa tradição colaboracionista e stalinista, não perderiam esta oportunidade de homenagear, neste século que finda, o colega que desde a juventude militou nas mesmas hostes. (CRISTALDO, A Grande Prostituta)⁵³

Após discorrer sobre a vida e obra de Amado de forma irônica, o jornalista e tradutor afirma que, ao homenagear Amado, Paris estava “condecorando um escritor

⁵²Ver: <http://www.brazzil.com/p26apr98.htm>; <http://www.baguete.com.br/colunasDetalhes.php?id=2690> http://cultvox.locaweb.com.br/livros_gratis/amado_jorge.pdf; e <http://www.scribd.com/doc/2940573/A-Grande-Prostituta-Jane-Cristaldo> entre outros. Acesso em 26/06/2008.

⁵³ Disponível em http://cultvox.locaweb.com.br/livros_gratis/amado_jorge.pdf, acesso em 26/06/2008

venal, que prestou os piores desserviços ao Brasil ao lutar para transformá-lo em mais uma republiqueta soviética, em nome de uma rápida ascensão literária e fortuna pessoal”⁵⁴.

Os ataques de Cristaldo certamente não afetariam Jorge Amado. Acostumado às críticas ferozes, tornara-se indiferente e até irreverente diante delas. É o que se verifica no já mencionado documentário do cineasta João Moreira Salles, feito para a televisão francesa e exibido no Brasil em 2008 em uma mostra cinematográfica. Nele o autor demonstra sua atitude diante de tais críticas: "Uma vez, na tentativa de diminuir minha obra, um crítico disse que eu era um escritor de putas e vagabundos. Nunca recebi um elogio maior", testemunhou.

Em várias ocasiões, as polêmicas sobre a obra amadiana ressurgiram fortemente. Uma delas foi à época de sua morte, em 2001, quando vários obituários lembraram sua vida e obra. E toda essa polêmica não evitou que os direitos de publicação fossem comprados e a obra relançada pela Companhia das Letras, em março de 2008. O fato desencadeou as farpas do jornalista internauta José Pires:

Chico Buarque aparece nos jornais em uma foto lendo Jorge Amado. Está confortável numa cadeira e olha de longe o livro, com jeito de quem precisa de óculos. O compositor tem tempo pra perder lendo – ou pior ainda, reler – o escritor baiano? Vai ler a obra completa? Olhe que é uma quantidade razoável: a editora Companhia das Letras pretende publicar 34 títulos. É provável que Buarque saiba que está anunciando uma porcaria, mas pelo jeito o espírito do “partidão” ainda pesa bastante. O “partidão” é o falecido Partido Comunista Brasileiro, que durante muito tempo foi um fator de sucesso quase que garantido no jornalismo e na literatura. Era como um grande clube. Os sócios tinham todos os benefícios e elogios possíveis advindos da ação de seus pares. (José Pires. “Jorge Amado, um mito sem qualidade” Brasil Limpeza, 17 de Março de 2008)⁵⁵.

Ao que parece, ter participado do Partido Comunista é, ainda hoje, motivo de rancor para com o autor. Todavia, a visão da Companhia das Letras é bem diferente. Em seu site na Internet, lê-se a descrição do mega-projeto como: “a reedição da obra de Jorge Amado, o baiano que criou algumas das histórias e personagens mais famosos,

⁵⁴ Cristaldo, disponível em <http://www.scribd.com/doc/2940573/A-Grande-Prostituta-Jane-Cristaldo> e em <http://www.brazzil.com/p26apr98.htm> entre outros. Acesso em 26/06/2008.

⁵⁵ Disponível em <http://brasillimpeza.blogspot.com/2008/03/jorge-amado-mito-construdo-com-foice-e.html> acesso em 25 de junho de 2008.

carismáticos e atrevidos da nossa literatura, trazendo a Bahia para o coração do país e revelando-se um valioso intérprete do Brasil”⁵⁶.

A menção da Companhia das Letras de que Jorge Amado é um “valioso intérprete do Brasil” mostra que sua ótica está muito mais ligada aos estudos sociológicos e antropológicos, em contraste com os críticos que se apegam às normas da “boa escrita” ou ao passado político do escritor.

A RECEPÇÃO INTERNACIONAL DE JORGE AMADO

Regina Helena Machado Aquino Corrêa, em sua tese de doutorado, cita a importância internacional da obra amadiana, fazendo a seguinte defesa:

Mesmo concentrando-se em um mundo cultural tão específico como a Bahia e sendo tão criticado pelo estilo comercial da sua obra, não se pode ignorar um escritor brasileiro que é lido no mundo inteiro, teve seus livros traduzidos para 49 línguas e consta do “Guinness Book of Records” de 1996 como o escritor mais traduzido do mundo. (CORRÊA, 1998, p. 27)

Contudo, quando se fala da recepção da obra de Jorge Amado fora do Brasil, devemos ter o cuidado de não homogeneizá-la. Ser traduzido para tantos idiomas e levado a tantos países não significa que sua obra foi apreendida da mesma forma em todos os lugares. Um exemplo disso é o estudo feito por Patrícia Horta, da Universidade de São Paulo, que analisa a diferente recepção de Jorge Amado na Alemanha Democrática e na Republicana, e sua posterior reavaliação na Alemanha Unificada. Ao falar da crítica jornalística, Horta declara que esta:

(...) inicialmente e durante a Guerra Fria centrou-se na propagação panfletária das características – principalmente as pessoais – que ligavam o autor ao Socialismo Democrático, mesmo após seu rompimento com o Partido Comunista. Porém, com o passar dos anos e a paulatina abertura do leste europeu, os atributos populares e exóticos da obra amadiana foram sendo acrescidos a sua recepção “socialista”. Por fim, nos tempos da *glasnost* na União Soviética, a permissão de entrada da cultura ocidental fez com que a militância política de Amado perdesse importância para a abordagem de seu estilo literário, principalmente no que diz respeito à representação da

⁵⁶ Disponível em <http://www.jorgeamado.com.br/apresentacao.php>, acesso em 5/08/2008.

cultura brasileira sob os aspectos do exótico, do humor e da alegria de viver. (2003, p. 88)

Para a autora, a recepção do escritor brasileiro engendrada pela crítica jornalística na República Democrática deu lugar a “uma passagem do engajamento para o exotismo” (p. 88), mantendo-se estável na República Federativa. Continuando sua análise, Horta afirma ainda que essa crítica

(...) distanciou-se também da recepção programada pelas editoras ocidentais, que deram mais importância aos elementos populares presentes na obra de Amado. Na crítica jornalista ocidental sobre o autor, os elementos populares presentes serviram de base para críticas literárias. Além disso, destacou-se também sua função política. (...) o socialismo de Amado é frequentemente interpretado, na República Federativa, por seu valor como crítica social e, assim, como determinação de uma das facetas de seu estilo. Não existe, portanto, a valorização da militância do autor, como na República Democrática (HORTA, 2003, p. 88).

O exemplo da Alemanha torna evidente que as diferentes máquinas governamentais e os diferentes sistemas culturais vinculados a elas modificaram a recepção da obra do autor.

Já na França, onde Jorge Amado viveu por muitos anos, de onde fora expulso e para onde pôde retornar e ser condecorado ainda mais tarde, a obra recebeu inicialmente a crítica negativa de André Gide. Mas o fato ficou apagado diante dos elogios de intelectuais como Blaise Cendrars e Albert Camus (MACHADO, 2006, p. 2). Na verdade, a crítica positiva de Camus com relação à tradução francesa de *Jubiabá* foi a primeira grande mola propulsora da obra amadiana no exterior.

Um recente estudo sobre as traduções de Amado na Polônia mostra que, naquele país, a tradução foi “manipulada com fins políticos desde o início do regime comunista” (JEDZIKOWSKI, 2007, p. 114). Ali, as imagens de Jorge Amado reforçam o ideal de um escritor comunista:

(...) comprometido com o PC. O retrato de um intelectual de origens humildes, que com seu trabalho consegue a promoção da sociedade e que luta pela causa operária e pela paz mundial é a quintessência da ascensão social na Polônia Marxista. As notícias veiculadas nos periódicos poloneses enquadram a obra de Jorge Amado dentro dos moldes do realismo e do realismo socialista. A categoria do exotismo, quando associada aos escritos amadianos, permanece subordinada aos imperativos do *socrealismo* [sic]. (JEDZIKOWSKI, 2007, p. 114)

A conclusão de Jedzikowski é a de que: “a importação de Jorge Amado para o polissistema sociopolítico polonês objetivava a consolidação dos valores da ideologia comunista, assim como visava à diversificação do repertório do sistema literário da República Popular da Polônia” (2007, p. 194).

Como podemos perceber, a recepção internacional da obra de Amado demanda estudos particulares e individuais, dentro dos contextos e momentos históricos de cada país. É o que pretendemos fazer com relação às obras de Jorge Amado publicadas nos Estados Unidos.

Não há, no entanto, como ignorar um ponto já mencionado, mas que pode não ter ficado suficientemente evidenciado. A recepção da obra amadiana esteve sempre vinculada a um outro fator: a grande rede de relacionamentos do autor, seu grande capital social. Amado não tinha bons amigos apenas no Brasil. Ele era internacionalmente bem relacionado. Pablo Neruda, Fidel Castro, Jean Paul Sartre e Simone de Beauvoir, Picasso, Ferreira de Castro, são apenas alguns dos nomes que encontramos nas constantes menções a amigos de Amado. Até mesmo o cineasta polonês Roman Polanski teria visitado o escritor na Bahia em 1968 para agradecer a “alegria que seus livros lhe proporcionaram na juventude”⁵⁷. Uma das maiores habilidades de Jorge Amado era a de manter amizades e de ter aliados fiéis e admiradores.

O relacionamento mais importante de Jorge Amado, no tocante à inserção de suas obras no mercado americano, foi certamente o que desenvolveu, a partir de 1961, com o editor Alfred A. Knopf.

⁵⁷ Releituras – resumo biográfico e bibliográfico – disponível em http://www.releituras.com/jorgeamado_bio.asp

CAPÍTULO 3

AS TRADUÇÕES DE JORGE AMADO NOS ESTADOS UNIDOS

Diferentemente do que se possa imaginar, a atividade de tradução já esteve muito interligada às questões históricas e políticas na sociedade brasileira. Este capítulo demonstra a interligação entre a atividade de tradução, questões políticas pontuais e a representação da sociedade brasileira. Aqui, o enfoque é o período entre as décadas de 1940 (Segunda Guerra Mundial) e 1980 (década da morte de Alfred A. Knopf), sondando a relação entre a atividade de tradução e a representação do Brasil nos Estados Unidos.

Entre a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria, a literatura estrangeira traduzida foi vista pelo governo dos Estados Unidos e por intelectuais brasileiros e americanos como ferramenta para conhecer a cultura do “outro” e como instrumento para fortalecer alianças políticas. Nesse período, os jornais norte-americanos, com destaque para o *The New York Times*, funcionaram tanto como fontes de narrativas sobre os acontecimentos políticos internacionais, quanto como construtores de imagens das nações estrangeiras. Eles também atuaram como veículos das opiniões de agentes literários. Jornal e romance, as duas formas de comunicação escrita, descritas por Benedict Anderson (1983, p. 25) em *Comunidades Imaginadas* como responsáveis pela formação da imagem da nação moderna, criam as bases para o fenômeno demonstrado a seguir.

PANORAMA POLÍTICO NAS AMÉRICAS EM MEADOS DO SÉCULO XX

Herbert Hoover, presidente dos Estados Unidos de 1929 a 1933, foi quem primeiro utilizou a expressão “good neighbor” (TOTA, 2000, p. 28) ao executar uma viagem diplomática à América Latina, logo no início de seu mandato. Foi a semente do que se tornaria mais tarde a “marca registrada” do Governo de Franklin Delano Roosevelt e sua política de “Boa Vizinhança”, aplicada a partir de 1933. A articulação

desses governos, contrariando a filosofia do “Big Stick⁵⁸” de seus predecessores, não se baseava mais, como observa Tota (2000, p. 43), na intervenção armada, mas na defesa através da cooperação continental. Para isso, foi criado o Gabinete do Coordenador de Assuntos Interamericanos (Office of the Coordinator of Inter-American Affairs - OCIAA), encabeçado pelo empresário Nelson Rockefeller e filiado ao Departamento de Estado. Uma das divisões do OCIAA era a de Relações Culturais, à qual se atribuiu grande importância no processo da formação de uma política “Hemisférica” (p. 51). Foi um período de grande influência americana na cultura e na sociedade brasileira. Não cabe aqui relatar em detalhes todos os acontecimentos da época⁵⁹. Mas é importante lembrar que, juntamente com uma série de negociações estratégicas e militares (i.e. disputa por bases militares no nordeste do Brasil), comerciais (comercialização de bauxita, borracha, níquel e ferro, e o financiamento para a construção da siderúrgica de Volta Redonda em troca do apoio do Brasil na guerra), houve na época uma forte política cultural americana de combate ao Nazismo na América Latina.

FIGURA 1



No *Jornal do Brasil*, Getúlio Vargas anunciava sua colaboração com os Estados Unidos. (*Jornal do Brasil* - Sexta-feira, 29 de janeiro de 1943).

⁵⁸ O termo “Big Stick” (grande porrete) referia-se à política diplomática empregada por Theodore Roosevelt, como corolário da Doutrina Monroe, segundo a qual os Estados Unidos atuavam como polícia internacional no hemisfério ocidental, incluindo em sua política as intervenções internacionais.

⁵⁹ Para um relato mais detalhado, ver Tota (2000).

Vários foram os ícones culturais então criados para representar o Brasil. O exotismo de Carmen Miranda faria da cantora a embaixadora musical e “hollywoodiana” da república das “bananas” nos Estados Unidos, a “musa da boa vontade” (ALMEIDA, 2005, p.1). Em visita patrocinada pelo Departamento de Estado, Walt Disney criou Panchito (representando o México) e Zé Carioca (representando o Brasil), para contracenarem com o “amigo” Pato Donald (representando os Estados Unidos). E foi justamente o Nordeste, a região brasileira mais cobiçada para fins geoestratégicos,⁶⁰ que inspirou o filme de Disney que trazia o Zé Carioca como um dos protagonistas: “Você já foi à Bahia?”.

FIGURA 2

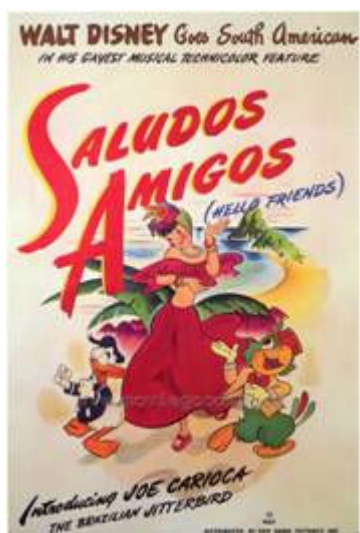
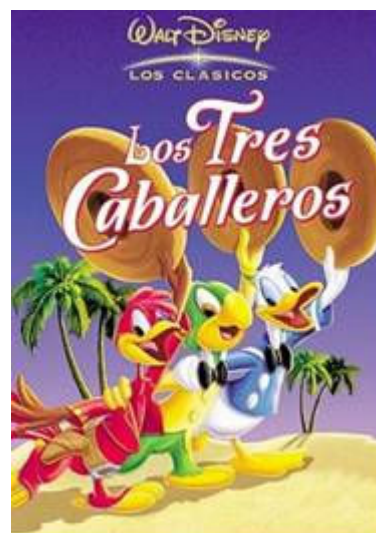


FIGURA 3



“Joe Carioca” e Carmen Miranda em 1942 Os três cavaleiros... de chapéu mexicano em 1942

Segundo Marcio Siwi (2007, p. 5), da Universidade do Texas, Nelson Rockefeller empreendia grandes esforços para que tanto a imagem dos Estados Unidos no Brasil, quanto a do país do Zé Carioca nos Estados Unidos fossem extremamente positivas. Um esforço que, ao tentar quebrar antigos estereótipos, criava outros. O simpático papagaio tornou-se o símbolo cordial, malandro e vagabundo para um povo que sempre admirou a figura do “self-made-man”.

O rádio e o cinema foram os dois grandes alvos da política de intercâmbio cultural do OCIAA. Todavia, outras áreas da sociedade também foram afetadas. Um

⁶⁰ O Nordeste também abrigou a maior base militar americana fora de seu próprio território: a “Parnamirim Field”, em Natal – RN. Já as regiões sudeste e, principalmente, sul, onde colônias italianas e alemãs eram vistas como inclinadas a aderir às idéias fascistas e nazistas, o interesse do OCIAA era manter o controle das comunicações. Para maiores detalhes ver: Tota (2000, pp. 84-90).

exemplo de iniciativa da época pode ser visto no artigo do *The New York Times* de 23 de março de 1941, cujo título era “Laços Culturais com Estados Unidos crescendo no Brasil”⁶¹. No artigo, a esposa de Lourival Fontes, o então diretor do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) do governo de Getúlio Vargas, é apresentada como modelo de admiração pela cultura americana. Dona Adalgiza, viúva de Ismael Nery e recém-casada com Fontes (em uma cerimônia na casa do Ministro das Relações Exteriores, Oswaldo Aranha), mostrava-se exultante com tudo o que fosse americano e, principalmente, com o papel participativo das mulheres naquela sociedade. Lia-se no artigo:

“A influência americana aqui no Brasil é tremenda”, ela declara. “Ela vem através dos filmes, da rádio, revistas e livros e através de um grande número de americanos viajando para o Brasil. Restou muito pouco para nós admirarmos na Europa, pois somos uma nação de individualistas que não conseguiriam sobreviver sob uma ditadura européia. Mas as conquistas e a liberdade da democracia americana – estas são coisas que povoam a mente brasileira agora”⁶². (*The New York Times* de 23 de março de 1941)

Esse deslumbramento, tão bem descrito por Dona Adalgiza, teve um grande representante à época nas Letras Brasileiras: o escritor Monteiro Lobato, que fez traduções e adaptações de obras americanas no Brasil (MILTON & HIRSCH, 2005).

O jornal nova-iorquino também anunciava a chegada de alunos, intercambistas provindos de vários países latino-americanos, à cidade de Nova York sendo recebidos pelo próprio prefeito da cidade e pelo “Coordenador” Nelson Rockefeller. Os alunos estavam recebendo bolsas de estudos nos Estados Unidos como parte do projeto de “boa vizinhança” (*The New York Times* de 21 de junho de 1942).

A literatura não ficou de fora dos projetos de americanização. O *The New York Times* de 22 de novembro de 1940 já anunciava que estavam sendo elaborados planos e listas de livros para o intercâmbio entre a América do Norte e a do Sul⁶³. Nos Estados Unidos, livros despreziosos a respeito do Brasil já começavam a surgir⁶⁴.

⁶¹ U.S. Cultural Ties Growing in Brazil

⁶² “The American influence here in Brazil is tremendous”, she asserts. It comes through the movies, the radio, magazines and books and through the large number of Americans traveling to Brazil. There is little left for us to admire in Europe for we are a nation of individualists who could not survive under a European dictatorship. But the achievements and freedom of American democracy – these are the things that fill the Brazilian mind now.”

⁶³ O jornal nova-iorquino traria manchete similar (*New book listed for Latin America*) em 27/04/41.

⁶⁴ O *The New York Times* de 12 de janeiro de 1941 trazia um artigo sobre um livro sem “atrativos físicos”, com aparência modesta, mas com excelente conteúdo, chamado *Seven Keys to Brazil*, de Vera Kelsey. A obra se propunha a descrever o Brasil e um pouco de sua história.

A tradução também fazia parte do projeto maior. A princípio, o Departamento de Estado Americano começou a incentivar as universidades e editoras para que realizassem traduções de obras literárias da América Latina. O que inicialmente era uma iniciativa modesta, que previa baixos custos para uma atividade de alto risco financeiro⁶⁵, acabou por intensificar-se com a criação do OCIAA. A tradução adquiria assim um poderoso patrono oficial: o Departamento de Estado Americano. Nos termos de Jones (2008), o gabinete de Rockefeller e o governo americano criaram uma “embaixada” específica com a finalidade de promover a coesão política hemisférica. O grupo de brasileiros que apoiava tal projeto era, também em seus termos, um “time” ou uma “parte” aliada.

ÉRICO VERÍSSIMO – UM “MUITO SIMPÁTICO AMBASSADOR”

FIGURA 4



- Já leu Jorge Amado?
- Por alto. É bandalho e comunista.
- E o nosso Érico Veríssimo.
- Nosso? Pode ser seu, meu não é. Li um romance dele que fala a respeito do Rio Grande de antigamente. O Zózimo, meu falecido marido, costumava dizer que por esse livro se via que o autor não conhecia direito a vida campeira, é “bicho da cidade”. Há uns anos o Veríssimo andou por aqui, a convite dos estudantes, e fez conferências no teatro. Fui, porque o Zózimo insistiu. Não gostei, mas podia ser pior. Quem vê a cara séria desse homem não é capaz de imaginar as sujeiras e despautérios que ele bota nos livros dele.
- A senhora diria que ele também é comunista?
- D. Quitéria, que mastigava uma broinha de milho – e mais que nunca parecia um pequinês – ficou pensativa por um instante.
- O Prof. Libindo costuma dizer que, em matéria de política, o Érico Veríssimo é um inocente útil. (Texto extraído do romance *Incidente em Antares* de Érico Veríssimo, 2004: p 152)

**Destaque do *New York Times*
em 18 de abril de 1941.**

⁶⁵ O *The New York Times* de 30 de dezembro de 1939 trazia uma nota anunciando que o Departamento de Estado passava a incentivar, através de um projeto na Universidade de Cleveland, a publicação de traduções de baixo custo, por meio de trabalho voluntário e renúncia de direitos autorais, para trazer o produto da escrita dos países latino-americanos ao público norte-americano. Era a fórmula para expandir as relações culturais e o entendimento mútuo. No entanto, para ser lucrativa, uma publicação precisaria implicar uma venda acima de 2000 exemplares.

A idéia de panamericanismo gerou o patrocínio de intercâmbios de artistas, escritores, músicos e cineastas. Além dos já mencionados ícones representativos da América Latina e do Brasil, nomes como Heitor Villa-Lobos, Cândido Portinari, Ary Barroso e Elsie Houston, entre outros, tiveram grande destaque na *New York World's Fair* (TOTA, 2005, pp. 99-102).

O maior representante de nossa literatura na época foi o escritor Érico Veríssimo. O autor gaúcho foi convidado pelo Departamento de Estado Americano a visitar os Estados Unidos como porta-voz da cultura brasileira, e foi apresentado como consultor de uma importante editora do sul do Brasil, a Editora Globo. Além disso, lembra ainda Tota (2005, p. 88), Veríssimo era o tradutor de várias obras americanas publicadas no Brasil. Era também originário do Rio Grande do Sul, fato que não pode ser negligenciado, já que toda a região Sul brasileira, onde existiam colônias alemãs e italianas, era temida pelo possível apoio às “idéias nazistas de uma grande *Fatherland* germânica, que se estenderia por toda a América Latina”. Veríssimo, ao contrário, era um “bom informante”, um conhecido escritor brasileiro liberal que representava o apoio aos Estados Unidos e a oposição tanto ao fascismo quanto ao comunismo. O autor, que havia viajado pelos Estados Unidos de norte a sul, teria afirmado que os americanos do sul eram muito parecidos com o povo brasileiro. Segundo a imprensa da época, Veríssimo apresentava a seguinte proposta:

Sua idéia é de que as relações interamericanas podem ser forjadas por uma troca mútua de conhecimento sobre a literatura das duas Américas – não literatura no senso “literário”, mas livros a serem lidos por diversão (...) O que o Sr. Veríssimo tem em mente é completamente diferente do tipo lisonjeiro de intercâmbio literário. Sua idéia é de que a compreensão do bom e do ruim é necessária e de que, quando tais relações têm cara de propaganda, elas falham. A tendência na literatura brasileira já é em direção aos Estados Unidos, ele destaca.⁶⁶ (*Los Angeles Times*, 18 de abril de 1941)

É interessante a afirmação de que Veríssimo se propunha a expor o “bom e o ruim” do Brasil, em busca de credibilidade, em um momento no qual vigorava nas relações internacionais a forte propaganda ideológica (o que Pedro Tota (2005, p.190) chamou de “a fábrica de ideologias” de Rockefeller. Na verdade, podemos falar em

⁶⁶ His idea is that Inter-American relations can be fostered by a mutual exchange of knowledge about the literature of the two Americas – not literature in the “literary” sense but books to be read for amusement (...) What Mr. Veríssimo has in mind is entirely apart from the complimentary kind of literary interchange. His idea is that understanding of good and of bad is necessary, and that once such relations smack of propaganda, they fail. The tendency in Brazilian Literature already is toward the United States, he points out.

duas diferentes propostas: a de forjar a imagem positiva dos “bons vizinhos”, apagando as diferenças culturais e políticas, e a de incentivar o diálogo e o intercâmbio de valores políticos e culturais para, através da visibilidade e da compreensão da diferença, alcançar a tolerância e a mudança de paradigmas.

Seja como for, ainda que a proposta de Veríssimo indicasse um caminho diverso, o artigo do jornal americano apresentava-o também como o “bom amigo” e, trazendo mais revelações, comentava que Veríssimo havia escrito um romance sobre a revolução espanhola, no qual mostrava-se solidário com o lado republicano⁶⁷. Era certamente uma referência à rejeição do autor ao fascismo.

No retrato inicial de Veríssimo, feito pelo *Los Angeles Times*, ainda não aparece a verdadeira ou mais completa posição do escritor. A razão dessa imprecisão deve-se ao fato de Veríssimo, assim como alguns artistas que foram aos Estados Unidos, alinhar-se a intelectuais da época que, influenciados por pensadores como Waldo Frank⁶⁸, acreditavam que o Brasil também tinha muito a ensinar ao país ianque. Se eles tinham a grande indústria e o progresso tecnológico, também tinham um consumismo exacerbado, a conhecida “linha de cor” (*color line*), e não tinham “o calor humano” atribuído ao povo brasileiro. Segundo Machado, “é nesse contexto que Érico Veríssimo chega aos Estados Unidos e seu objetivo é mostrar que o Brasil pode contribuir no proposto diálogo pan-americano, equilibrando o materialismo ianque com o “caráter mais humano” do brasileiro (...)” (2004, p. 1).

Érico Veríssimo, que apenas completara o ensino médio no Brasil, permaneceu por alguns anos nos Estados Unidos, fazendo palestras nas universidades americanas, e em 1944 foi convidado a dar um curso na Universidade de Berkeley, na Califórnia (MACHADO, 2004, p. 1). Com o passar dos anos, o autor já apresentava certo descontentamento com a imagem “hollywoodiana” do Brasil. Ele diria a seus alunos em Berkeley:

O Brasil que vocês conhecem é um Brasil falsificado, feito em Hollywood, que em geral nos apresenta ou como um país de opereta, em que homenzinhos que vestem fraque, usam cavanhaque e gesticulam como doidos beijam na rua e em plena face outros

⁶⁷ O artigo usa o termo “loyalist”.

⁶⁸ Waldo Frank fazia parte de um grupo de intelectuais de grande influência no começo do século, que questionava o materialismo cultural norte-americano e via no misto de natureza e espiritualidade das culturas dos países ao sul a humanidade que faltava aos Estados Unidos. Os Estados Unidos eram vistos, pelos membros desse grupo, como a parte masculina das Américas, e os povos latinos como a parte feminina: partes que deveriam se unir e não dominar uma à outra. (TOTA, 2000, pp. 34-35) Congruentemente, “Brazil” é uma palavra feminina no idioma inglês.

homúnculos igualmente grotescos; ou então com os recursos do technicolor nos mostram como uma terra de mirabolantes maravilhas. Não somos nem ridículos nem sublimes. Na minha terra, como aqui, há de tudo. (palestra de VERÍSSIMO na Califórnia, citado em MACHADO, 2004, p. 3)

Veríssimo buscava ainda mostrar aos americanos a razão de algumas divergências culturais entre os povos. Em um artigo publicado pelos *Los Angeles Times* em 14 de novembro de 1944, por exemplo, Veríssimo surge alertando para as diferenças morais e religiosas entre as culturas (o divórcio era aceito nos Estados Unidos, mas ainda era mal visto no Brasil, onde a religião oficial sempre fora o catolicismo) e tecendo comentários sobre as críticas dos brasileiros ao materialismo, à falta de religiosidade e ao imperialismo norte-americano. Veríssimo fazia muito mais do que ser um “inocente útil” – de que foi acusado por muitos, e que tratou com ironia em *Incidente em Antares* (epígrafe acima): não representava nem uma reação anti-ianque⁶⁹, nem um americanismo apaixonado e desmedido⁷⁰, como o de Dona Adalgisa – dialogava com o público estrangeiro sobre as principais questões sociais de sua época; tampouco acreditava que Jorge Amado fosse simplesmente um “bandalho comunista”, ou não teria mantido sua amizade com o escritor baiano e se unido a ele na liderança do movimento contra a tentativa governamental de censura prévia aos livros em 1970⁷¹. Assim, a proposta de “real conhecimento” de intelectuais como Veríssimo constituía, para Jones (2008), uma “embaixada” diferente da proposta pelo OCIAA. Nas palavras de Bourdieu (2004, p. 3), esses agentes adentravam o “campo” da literatura americana tentando alterar a relação entre as culturas.

Em 4 de fevereiro de 1945 o *The New York Times* anunciava o lançamento da obra do autor gaúcho *Brazilian Literature: An Outline*. O texto, produzido em idioma inglês, trazia uma bem humorada introdução à história da literatura brasileira. Segundo o próprio Veríssimo, não fora levado a escrever sobre a literatura brasileira não por considerá-la um assunto vital, ou por ver os escritores brasileiros como atipicamente importantes. A verdade é que ele estava certo de que “a melhor chave para a alma de um país é o trabalho de seus escritores”, e porque sabia como era importante para os norte-

⁶⁹ A resistência ao americanismo no Brasil está bem descrita na obra de Tota (2000) ou de Milton e Hirsch (2005).

⁷⁰ Como o representado pelas afirmações de D. Adalgisa, comentadas anteriormente.

⁷¹ Biografia de Jorge Amado – disponível em http://www.releituras.com/jorgeamado_bio.asp Acesso em 02 de setembro de 2008.

e sul-americanos conhecerem uns ao outros (Érico Veríssimo, *The New York Times* de 4 de fevereiro de 1945). A crítica do jornal concluía:

Este livro é essencial para todos os interessados no desenvolvimento de uma solidariedade panamericana genuína. Ele tem a vantagem de ter sido escrito por um dos mais talentosos e populares escritores brasileiros. Nosso Departamento de Estado deveria ser encorajado a estender um convite permanente a Érico Veríssimo para lecionar e dar palestras aqui. Com sua empática compreensão dos problemas em ambos os países, ele seria um dinâmico e muito simpático embaixador da boa-vontade. (Enriqueta Chamberlain, *The New York Times* de 4 de fevereiro de 1945)⁷²

A editora MacMillan já vinha publicando a tradução das obras de Veríssimo desde 1943, com o lançamento de *Crossroads (Caminhos Cruzados (1935))*, o único livro seu lançado durante o período da Segunda Guerra. Continuou a publicá-lo até 1965, sendo o último título lançado nos Estados Unidos *His Excellence, The Ambassador (1967) (O Senhor Embaixador (1965))*. Apesar de essas publicações não terem tido uma vendagem demasiadamente significativa, não se pode menosprezar a atuação de Érico Veríssimo na época.

No ano de 1942, enquanto vários intelectuais brasileiros ainda chegavam aos Estados Unidos, editoras universitárias e particulares, usavam os incentivos financeiros do Departamento de Estado Americano para fechar contratos de tradução com autores brasileiros. Um dos primeiros livros traduzidos e publicados em decorrência dessas contratações foi *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, provavelmente por ser um grande ensaio sobre nossa história. Mas o prazo de tradução fez com que o lançamento acontecesse apenas em 1944. A crítica, publicada no *The New York Times* em 6 de fevereiro daquele ano, foi feita pelo próprio Veríssimo. Após descrever a obra de Da Cunha e sua visão a respeito da saga de Antônio Conselheiro, Veríssimo tece vários elogios ao difícil e admirável trabalho de tradução feito por Samuel Putnam, e aconselha a leitura das notas de rodapé e do prefácio da obra, mostrando que atribuía à tradução de Putnam uma função “educacional”. O mais significativo, contudo, é a crítica que Veríssimo faz à própria obra “Os Sertões”. Ele explica que tanto governantes quanto escritores brasileiros não mais tentavam resolver os problemas do sertão com

⁷² This book is a “must” for all who are interested in the development of genuine Pan American solidarity. It has the advantage of having been written by one of the most talented and popular of Brazilian writers. Our State Department should be urged to extend a permanent invitation to Érico Veríssimo to teach and lecture here. With his friendly understanding of the problems in both countries, he would be a dynamic and *muito simpatico* ambassador of good-will (The New York Times de 4 de fevereiro de 1945).

expedições armadas, e sim com compreensão, criação de escolas, higiene, leis trabalhistas e auxílio social. Veríssimo tentava convencer o público americano de que o povo brasileiro era antitotalitarista e contra a violência:

A tônica de sua vida é uma mistura deliciosa de malícia e amabilidade, combinadas com sentimentalismo e um toque boêmio. Eles têm um senso de humor maravilhoso e não se interessam muito por uma civilização expressa em termos de dinheiro e progresso mecânico. (Érico Veríssimo, *The New York Times* de 6 de fevereiro de 1942)⁷³

Nesse artigo, vemos claramente a menção ao caráter mais “humano” do brasileiro, contraposto ao “materialismo” norte-americano. O escritor brasileiro finaliza dizendo que, uma vez vencidos os problemas de pobreza, analfabetismo e saúde, o Brasil concretizaria as esperanças de Stefan Zweig, cumprindo seu destino de país do futuro⁷⁴. Veríssimo usava, assim, sua habilidade de escritor para inverter o caráter determinista transmitido pela obra de Da Cunha, além de deixar claro que as correntes mais contemporâneas (à época) já discordavam do “exagero” de Da Cunha quanto à questão das raças.

Durante o período da guerra, a questão do racismo tornara-se marcadamente importante. Na Europa, Hitler impunha o arianismo e o genocídio de negros e judeus. Nas Américas, enquanto o Brasil era visto como o exótico “cadinho das raças” (ou “*melting pot*” para os norte-americanos), em vários estados norte-americanos as leis segregacionistas de Jim Crow ainda vigoravam. Foi então que começou a se destacar o sociólogo brasileiro Gilberto Freyre. Nos Estados Unidos, o pernambucano fora discípulo de Franz Boas, que dedicara grande parte de suas reflexões e pesquisas à resolução de problemas sociais como o racismo e a suposta superioridade cultural de alguns povos. Em 1933, Freyre lança *Casa Grande e Senzala*, invertendo o caráter pejorativo até então atribuído à mestiçagem e valorizando as culturas de povos africanos⁷⁵. As comparações de Freyre também focavam o Brasil e os Estados Unidos, colocando o Brasil em uma posição privilegiada quanto à questão do racismo. Enquanto

⁷³ The keynote of their life is a delicious mixture of malice and kindness, blended with sentimentality and with a Bohemian touch. They have a wonderful sense of humor and don't care very much for a civilization expressed in terms of money and mechanical progress (*The New York Times* de 6 de fevereiro de 1942).

⁷⁴ Stefan Zweig escreveu: *Brasil, país do futuro*, publicado em 1941. Ver: Adelaide Stoos Hertz, Os leitores e as leituras da obra de Stefan Zewig no Brasil, in *Fênix, Revista de História e Estudos Culturais*. Mai/Jun/Jul 2007.

⁷⁵ Ver também Almeida, 2000.

materialismo e raça tornavam-se os principais pontos de discussão para a comparação entre as Américas, a questão diplomática servia de mola propulsora para a literatura traduzida.

TRADUÇÕES NO PÓS-GUERRA: EM CENA, ALFRED KNOPF & CIA

O fato de as traduções de obras brasileiras serem publicadas 3 a 4 anos após sua contratação pode ter sido um dos impedimentos para uma melhor recepção no continente norte-americano. Em 1944, o *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs* foi transformado em *Office of Inter-American Affairs*. Getúlio Vargas foi deposto no Brasil em 1945 e Franklin Roosevelt morreu nesse mesmo ano. Com o fim da Segunda Guerra em 1946, as atenções governamentais, editoriais e até mesmo as do público leitor já se desviavam novamente para a Europa. O *Office of Inter-American Affairs* foi extinto em maio de 1946 pelo presidente Harry Truman. Com o início da Guerra Fria, essa situação somente se acentuaria, com as atenções dirigindo-se agora para a Europa e para a Ásia, com destaque para a China e a Coreia (TOTA, 2000, p. 190).

No campo das traduções literárias, sentiam-se ainda os efeitos da política de Roosevelt. E um novo ator, um novo e importante patrono, começava a se destacar nesse cenário: o editor Alfred A. Knopf.

O fundador e dono da “Alfred A. Knopf Publishers” (mais tarde “Alfred A. Knopf Inc.”) foi responsável pela publicação americana de inúmeras traduções de obras de autores brasileiros como João Guimarães Rosa, Jorge Amado, Graciliano Ramos, Cecília Meireles, Gilberto Freyre, entre outros. A ele também foram atribuídos os louros, juntamente com a tradutora Harriet de Onís, pelo fato de o número de traduções de obras brasileiras para o idioma inglês ter dobrado na década de 1960 (ARMSTRONG, 1999, p. 117 e ROSTAGNO, 1997, pp. 31-35).

Knopf nasceu em uma família judaica de Nova York em 1892. Estudou literatura e história na Universidade de Columbia. Após trabalhar por algum tempo como funcionário em editoras como a Doubleday (1912–13) e a Michael Kennerly (1914), fundou sua própria empresa em 1915. Desde seus primórdios, a “Alfred A. Knopf Publishers” foi uma editora interessada na publicação de literatura estrangeira nos Estados Unidos. Inicialmente dirigiu sua atenção para a escrita europeia, “particularmente a russa” (ROSTAGNO, 1997, p. 31). Como empresário iniciante,

Knopf buscava produzir, pela primeira vez nos Estados Unidos, aquilo que até então tinha que ser importado da Inglaterra: literatura em língua inglesa que retratava a Rússia, o país que integrou a Tríplice Entente, juntamente com a Inglaterra e a França. Vale lembrar que os Estados Unidos também se aliaram à Tríplice Entente durante a Primeira Guerra, e que a visão que se tinha da Rússia naquele momento era bem diferente da atual⁷⁶. O nome “Borzoi Books” – dado a sua coleção de *design* impecável, originou-se desse interesse pela cultura Russa.

Mas o editor da Alfred A. Knopf Publishers também se voltava para outras regiões do mundo. E foi então, em 1922, que a editora publicou a obra *Brazilian Literature*, de Isaac Goldberg, uma leitura da época sobre o caráter múltiplo de nosso repertório literário e um elogio aos nossos autores. No prefácio, Goldberg agradecia à Academia Brasileira de Letras, na figura de seu presidente Carlos de Laet, a Manoel de Oliveira Lima, a Gilberto Freyre (que na época tinha apenas 22 anos de idade), a Hélio Lobo (o cônsul brasileiro em Nova York) e aos demais colaboradores americanos envolvidos na publicação.

Entretanto, discorrer sobre a “Alfred A. Knopf Publishers” é necessariamente falar sobre “o casal Knopf”: Blanche Knopf, esposa de Alfred, sócia e, a partir de 1921, diretora e vice-presidente da editora, sempre participou da escolha das obras a serem publicadas. Blanche Knopf era, na verdade, uma peça chave nessa seleção. Sua facilidade em lidar com questões literárias, comerciais e políticas fazia dela uma mulher muito ativa para a época. Logo de início, depositou sua atenção sobre a literatura afro-americana da Nova York dos anos 20, o “Harlem Renaissance”, revelando um compromisso da editora com escritores negros. Blanche trocou vasta correspondência com o poeta negro Langston Hughes, criando com ele um vínculo especial⁷⁷. O valor que Blanche atribuía à cultura africana coincidia com aquele demonstrado pelo sociólogo Gilberto Freyre. Da mesma forma, o interesse de Alfred por parques nacionais (KNOPF, 1965, pp. 173-190) e pela preservação da natureza também era compatível com as idéias de conservação da natureza expressa pelo sociólogo em algumas de suas obras (DUARTE, 2005, p. 2). Além disso, o interesse de Blanche pelo

⁷⁶ Um exemplo disso é a publicação da obra *Great Russia: Her Promise and Achievement [Grande Rússia: Sua Promessa e Conquista]*, de Charles Sarolea, em 1916, pela Alfred A. Knopf. O *The New York Times* de 20 de fevereiro de 1916 trouxe um artigo sobre a publicação, cujo título era *Russia as the Hope of Democracy [A Rússia como a Esperança de Democracia]*.

⁷⁷ A correspondência entre eles pode ser acessada no *The Harry Ransom Humanities Research Center* da Universidade do Texas. O site está disponível em: <http://www.hrc.utexas.edu/research/fa/aakhist.html> Acesso em 19/11/2007.

Brasil e a amizade do casal Knopf com Gilberto Freyre contribuíram para a existência da atual biblioteca Blanche Knopf, na Fundação Joaquim Nabuco – reduto cultural de Gilberto Freyre no Recife.

FIGURA 5



Foto de Blanche Knopf no Website da Fundação Joaquim Nabuco em Recife⁷⁸

É importante ressaltar que a “Alfred A. Knopf Publishers” publicava tanto literatura americana quanto livros traduzidos. Suas escolhas incluíram autores como André Gide, Kafka, Jean Paul Sartre, Thomas Mann, Ilya Ehrenburg, Mikhail Sholokhov, Ezra Pound, Simone de Beauvoir, Albert Camus, Khalil Gibran, Elizabeth Bowen, Pablo Neruda, Gabriel Garcia Marques e Sigmund Freud, entre muitos outros. Observando a relação de autores da “Knopf”, percebemos o grande número de países dos quais a editora trazia obras a serem traduzidas: já na década de 1960 ela incluía mais de 25 países (FADIMAN, 1965, xx-xxvi). Knopf também agia de forma liberal quanto à publicação de obras de autores com diferentes posturas políticas⁷⁹.

Nem mesmo as tensões políticas pareciam impedir as constantes viagens em busca de autores estrangeiros. A Sra. Knopf, mesmo fazendo parte da comunidade judia, esteve na Alemanha pouco antes da Segunda Guerra. Em uma entrevista ao *The New York Times* (edição de 14 de julho de 1936), Blanche Knopf dava o seguinte depoimento:

Não restou um escritor alemão que valha a pena pensar a respeito (...).
Os escritores talentosos e editores arrojados que tinham qualquer

⁷⁸ Disponível em <http://www.fundaj.gov.br/docs/indoc/bib/bibli3.html> Acesso em 05/01/2009.

⁷⁹ Um exemplo é o fato de, durante o período da Guerra Fria, Knopf ter se dedicado à tradução de obras do Cubano Alejo Carpentier. Ver Cohn, 2003.

independência deixaram a Alemanha. Somente os escritores e editores nazistas permaneceram. Eles escrevem e publicam para agradar o governo nazista.⁸⁰ (Blanche Knopf, *The New York Times*. Edição de 14 de julho de 1936)

E, então, com a Segunda Guerra Mundial, quando o mercado editorial europeu fechou-se totalmente para os Estados Unidos, a América Latina tornou-se uma fonte de literatura estrangeira interessante para Knopf. Através dos programas do OCIAA, Knopf teve a oportunidade de ser também patrocinado pelo Departamento de Estado Norte Americano para vir à América Latina buscar escritores para seu já existente projeto de tradução – um esquema agora vinculado àquela política de Boa Vizinhança do governo Roosevelt. (ROSTAGNO, 1997)

Assim, Blanche Knopf iniciou o que ela chamaria de “Literary Roundup”, um “tour” pela América Latina em busca de obras que representassem os vizinhos do sul. Em 1942 Blanche chegava ao Brasil para, enfim, assinar os contratos de publicação das já mencionadas obras de Gilberto Freyre (*Casa Grande & Senzala*), Jorge Amado (*Terras do Sem Fim*) e Graciliano Ramos (*Angústia*). As escolhas de Blanche demonstravam o objetivo de levar obras de caráter político ou ensaios que descrevessem a história do Brasil. As escolhas pareciam se aproximar mais da proposta de Veríssimo – de diálogo e compreensão – do que da fórmula “propagandística” que ele rejeitava. Blanche adotava como “norma preliminar” a opção pelo intercâmbio cultural, mas, obviamente, a questão diplomática não podia ficar totalmente esquecida. A idéia era a de que as culturas Latino-Americanas não fossem “rejeitadas” pelo leitor norte-americano.

Como vimos anteriormente, no ano em que Blanche esteve no Brasil (1942), a União Soviética e os Estados Unidos tinham reatado, provisoriamente, relações diplomáticas, lutando ambos contra as nações do “eixo”. Nessa época, os comunistas também combatiam o nazismo e o fascismo. Muitos dos intelectuais brasileiros comunistas que estavam no exílio voltaram ao Brasil para apoiar Getúlio Vargas contra o nazismo. Em decorrência do ataque de Hitler à URSS, as divergências ideológicas entre capitalistas e comunistas foram colocadas em segundo plano. Nos Estados Unidos, a proibição de publicações de obras comunistas só aconteceria mais tarde, após o início da Guerra Fria.

⁸⁰ “There is not a German writer left in Germany who is worth thinking about (...). The gifted writers and enterprising publishers who had any independence have all left Germany. Only Nazy writers and publishers remain. They write and publish to please the Nazi Government.”

O *The New York Times* testemunhou todos os lançamentos de Knopf⁸¹, inclusive o de *Brazil, an Interpretation*, uma obra escrita por Gilberto Freyre originalmente em inglês e publicada na mesma época que as traduções mencionadas. Mostrando a continuada preocupação com as relações diplomáticas e a manutenção da oposição “materialismo e humanidade”, O *The New York Times* trazia os seguintes comentários sobre essa publicação:

Que lado tomarão os países ao nosso sul no mundo pós-guerra? Eles ficarão satisfeitos em seguir o norte industrial e imitar seu progresso material? Ou, fiéis a sua índole, apontarão um novo caminho em termos de humanidades ou do que chamam agora as ciências sociais? Gilberto Freyre, um brilhante sociólogo do Brasil, prevê para seu país uma resposta neste livro, feito a partir de palestras que ele proferiu na Universidade de Indiana no inverno passado.⁸² (Mildred Adam, *The New York Times* de 26 de agosto de 1945).

Como visto anteriormente, a questão das raças tornara-se crucial para a nação americana. Segundo Freyre, no Brasil, a mestiçagem não era mais vista como mácula. O preconceito existia no Brasil mais como resultado da consciência de classes do que de raça ou cor⁸³. Esse mesmo artigo declara que a discussão sobre as raças no Brasil era “tão valiosa quanto provocativa para o leitor americano, que reluta em encarar o fato de que os problemas de raça, aos quais eles tinham dado as costas desde a Guerra Civil, estavam se tornando mais agudos a cada dia⁸⁴”. Para Freyre, o Brasil era, ainda, um país que tinha orgulho de seus elementos de base ameríndia, judaica⁸⁵ e africana. Segundo o sociólogo, os jovens brasileiros consideravam um dever opor-se a qualquer tipo de

⁸¹ *The New York Times* de 26 de agosto de 1945, 31 de março de 1946, e de 6 de outubro de 1946.

⁸² “What part will the countries to the south of us take in the post-war world? Will they be content to follow the industrial north and imitate its material progress? Or will they, true to their past genius, point out new paths in terms of humanities or what are now called the social sciences? Gilberto Freyre, brilliant young sociologist from Brazil, foreshadows for his country a possible answer in this book, made up of lectures, which he delivered at the Indiana University last winter.”

⁸³ As idéias de Freyre foram combatidas por diversos intelectuais, em vários estudos, entre eles: Roger Bastide, e Florestan Fernandes, *Negros e brancos em São Paulo*. São Paulo, Anhembi, 1995 – e Carlos A. Hasenbalg, *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*. Rio de Janeiro, Graal, 1979. Este ponto será retomado mais adiante.

⁸⁴ “(...) as valuable and as it is provocative to the North American reader, reluctantly facing the fact that race problems, on which they have turned their backs since the Civil War, are daily looming more acute”.

⁸⁵ Mesmo que essa não tenha sido a tônica da obra de Freyre, o texto do *The New York Times* sugere que Freyre incluiu o elemento judeu na composição do povo brasileiro e na sua promessa de igualdade racial e tolerância. Marcos Chor Maio (1999) analisou o papel do judeu em *Casa Grande & Senzala* e refutou “a crítica dominante que identifica uma perspectiva anti-semítica no livro de Gilberto Freyre” (p. 1). Maio defende que, apesar do estilo ambíguo e impreciso e do discurso racista do autor, a principal discussão de Freyre, influenciada pelo conceito neo-lamarckiano de raça e pela abordagem weberiana do capitalismo moderno, incita a que se veja a inclusão dos judeus na sociedade brasileira de forma positiva. Uma análise desse problema nas traduções em inglês das obras de Freyre, trabalho ainda inexistente, poderia mostrar como a questão foi trabalhada por Samuel Putnam e Harriet de Onís.

discriminação racial. Dessa forma, Freyre aproveitava a “lacuna” aberta pelas tensões da Segunda Guerra para inserir o Brasil nas grandes discussões mundiais, atribuindo-lhe uma posição privilegiada.

FIGURA 6



Foto que encabeça o artigo sobre *Brazil, an Interpretation* no *The New York Times* de 26 de agosto de 1945 – um símbolo do nacionalismo da época.

Sem deixar de questionar o caráter utópico das afirmativas de Freyre, o artigo afirmava que *Casa Grande e Senzala* tinha sido aclamada como uma contribuição de valor para o aprendizado mundial e anunciava sua breve publicação nos Estados Unidos. As cenas públicas e os interesses privados de alguns grupos sociais começavam e se alinhar.

GILBERTO FREYRE E OS ESTADOS UNIDOS

Grande destaque foi dado à publicação de *Casa Grande e Senzala* no jornal nova-iorquino. Era “um presente dos deuses para se entender a terra e o povo brasileiro”⁸⁶ (Putnam, *The New York Times* de 6 de outubro de 1946). A tônica da obra não se afastava daquela de *Brazil: an Interpretation*. A crítica do jornal nova-iorquino dava novamente destaque à obra de Freyre, e agradecia o bom trabalho do tradutor Samuel Putnam e do editor (Alfred Knopf) que traziam diversas obras latino-americanas

⁸⁶ “a gift of the gods to all who would [sic] understand the Brazilian land and people”

para os Estados Unidos. Apesar de não existirem menções ao fato, é provável que a inclusão da comunidade judaica nas discussões das obras de Freyre, sugerindo aí também a rejeição brasileira à discriminação racial, já chamasse a atenção desses dois judeus, após o terrível extermínio causado por Hitler. Mais tarde, Knopf viria a tornar-se amigo e “compadre⁸⁷” de Freyre e daria grande apoio a sua obra (ROSTAGNO, 1997, p. 42).

É importante também lembrar que, no período da Guerra Fria, a idéia de “democracia racial” anunciada por Freyre já cumpria um papel de destaque junto ao projeto da UNESCO no Brasil, que objetivava estudar as relações raciais em nosso país. Como observa Maio (1999), após o genocídio praticado durante a Segunda Guerra, “a UNESCO foi criada tendo como um de seus principais objetivos tornar inteligível o conflito internacional e sua conseqüência mais perversa, o Holocausto” (p. 143). Para debater a questão do racismo, a UNESCO promoveu, em 1948, uma reunião de cientistas que conta com a participação de Gilberto Freyre, que aproveita a ocasião para apresentar sua pesquisa documentada em *Casa Grande e Senzala* (1933). Em seguida, a UNESCO escolhe o Brasil para sediar uma pesquisa “sobre os aspectos que influenciariam ou não a existência de um ambiente de relações cooperativas entre raças e grupos étnicos, com o objetivo de oferecer ao mundo uma nova consciência política que primasse pela harmonia entre as raças” (MAIO, 1999, p. 143).

Envolvido com sua carreira de deputado pela UDN no Brasil, Freyre declina do convite da UNESCO para ajudar a delinear o projeto no Brasil. Arthur Ramos é então convidado a fazê-lo. O plano de Arthur Ramos previa não apenas o programa contra o analfabetismo, implantado pela UNESCO, mas também um programa de estudo e integração dos grupos negros e indígenas ao “mundo moderno”.

Para Arthur Ramos, o tema das relações raciais assumia um lugar privilegiado para a percepção e análise dos desafios da transição do tradicional para o moderno, do cenário de significativas desigualdades sociais e raciais, da diversidade regional e da busca em conformar, em definitivo, uma identidade nacional (MAIO, 1999, p. 143).

Mesmo com a morte de Arthur Ramos em meados de 1949, seu projeto foi aprovado pela UNESCO em 1950 e levado a cabo nos anos seguintes. Já Freyre não poupou esforços em divulgar suas teorias de “democracia racial”. O livro *Palavras Repatriadas*, organizado por Edison Nery da Fonseca (2003) traz uma coletânea dos

⁸⁷ Knopf batizou a neta de Freyre.

textos que Freyre utilizou na divulgação internacional de suas idéias. Através de artigos para universidades, instituições americanas, européias, e textos elaborados para a UNESCO, Freyre (2003, p. 331) continuou defendendo o Brasil como um exemplo a ser seguido no tocante à mistura de raças e interpenetração cultural.

A adoção de *Casa Grande e Senzala* como uma das grandes fontes de informações históricas sobre o Brasil é mencionada pelo acadêmico A.J.R. Russell-Wood, da Duke University:

Finalmente, devemos prestar homenagem a Alfred Knopf, que assumiu a missão da disseminação do conhecimento sobre o Brasil nos Estados Unidos através de traduções e que, na série Borzoi, tornou disponível aos alunos fontes da história do Brasil. Como tradutor e editor de “Casa Grande e Senzala” (Rio de Janeiro, 1933) Samuel Putman e Knopf apresentaram aos leitores norte-americanos o que, para muitos, ainda é o único livro de história do Brasil prontamente identificável [escritor por] um brasileiro, e que se tornaria um marco (...). (RUSSELL-WOOD, 1985, p. 703)⁸⁸

A importância dada à fórmula de “democracia racial” naquele momento pode ser justificada por seu caráter de certa forma conciliador. Ela amenizava o conflito entre as raças graças ao elogio à mestiçagem⁸⁹. Contudo, ao mesmo tempo em que trazia uma imagem de um país tolerante e suavizava as tensões entre dominadores e dominados⁹⁰ com base em sua “harmonia de contrastes”, apresentava também, estranhamente, certo saudosismo do Brasil patriarcal e do tempo da escravidão. Era o surgimento do que mais tarde foi chamado por Florestan Fernandes (1965, p. 205) de “mito da democracia

⁸⁸ “Finally, homage should be paid to Alfred Knopf, who took as his mission the dissemination of knowledge about Brazil in the United States through translations and who, in the Borzoi series, made available to students sources for Brazilian history. As translator and publisher of “Casa Grande e Senzala” (Rio de Janeiro, 1933) Samuel Putman and Knopf presented to North American readers what, for many, still is the only readily identifiable book on Brazilian history by a Brazilian, and one that was to be cornerstone, (...)”.

⁸⁹ O enviado do *The New York Times* ao Brasil, durante a Segunda Guerra Mundial, Ernesto Montenegro, já relatava, em um artigo publicado em 11 de fevereiro de 1940, de título *The Literary Scene In Latin America*, que o livro mais significativo encontrado na literatura brasileira naquele momento não era algo que podia ser incluído na categoria das “Belas Letras”. Era, no entanto, uma dessas obras destinadas a exercer influência duradoura no desenvolvimento intelectual e social de um país. Ele se referia a *Casa Grande e Senzala* de Gilberto Freyre. Surgem aí as primeiras referências às comparações feitas por Freyre entre o nordeste brasileiro e o sul dos Estados Unidos. O artigo também compara a história da abolição nos dois países, julgando-as semelhantes. Os comentários sobre a obra de Freyre são interessantes. Segundo o artigo, Freyre simplesmente afirmava que a escravidão tinha sido um “mal necessário” e que, apesar disso, ele considerava o negro um trunfo na formação do povo brasileiro. Tudo para concluir que se a escravidão era um mal, o mal maior viria do estabelecimento de uma barreira de raça ou cor entre os descendentes dos senhores e dos escravos. A carga maior do livro estava no reconhecimento da contribuição do negro para a cultura brasileira e o problema do negro deveria ser resolvido através do amor e não pela força, como já dizia Oliveira Lima.

⁹⁰ Um exemplo dessa visão encontra-se em Fonseca, 1987.

racial”. Formava-se, então, uma utopia que foi muito debatida e combatida por vários outros historiadores, sociólogos e antropólogos. Esse ponto será retomado mais adiante. Neste momento, o que interessa é perceber que, para muitos dos atores envolvidos nos processos de publicação das obras de Freyre e no contexto da época, elas pareciam significar uma reação às correntes eugênicas do começo do século.

As idéias de Freyre não convenceram somente Knopf. O tradutor Gregory Rabassa⁹¹ iniciou, em 1965, seu trabalho de PhD para a Universidade de Columbia (que resultou no livro *O negro na ficção brasileira*) com as seguintes afirmações:

O Brasil contemporâneo situa-se entre as nações do mundo como um modelo de relações raciais livres de preconceito. Os índios que os portugueses encontraram ao chegar a suas praias desapareceram, não através de sangrenta exterminação, mas por meio de uma gradual miscigenação (...) O Brasil foi uma das nações americanas que viram a introdução de milhões de negros da África, na qualidade de escravos. E, embora tenha sido um dos últimos desses países a libertar seus escravos, (...) a razão parcial dessa data tardia reside no fato de que no Brasil os negros eram tratados de um modo que chega a parecer benevolente quando comparado ao tratamento dispensado aos escravos em outras terras (...). A enorme população mulata no Brasil é uma prova de que brancos e negros não se mantinham separados uns dos outros. Apesar dos numerosos casos de coabitação forçada, havia outros tantos de união voluntária entre negro e branco. (RABASSA, 1965, p. 13)

Rabassa, naquele momento, também tinha sido convencido pelas idéias “freyrianas” divulgadas na nação norte-americana. Mesmo no final da década de 1960, Freyre ainda recebia prêmios nos Estados Unidos por sua contribuição para a humanidade. Em 1967 recebeu o prêmio do “Aspen Institute for Humanistic Studies” no Colorado (*Latin American Research Review*, Vol. 3, No. 1, 1967, pp. 185-189).

Ironicamente, Freyre elegera para servir de comparação com o Brasil justamente os Estados Unidos, onde ele havia escrito sua dissertação de mestrado e iniciado seus estudos sobre o Brasil. Da mesma forma que Veríssimo, Freyre falava em especial da região sul dos Estados Unidos, também chamada *Dixieland*, comparando-a ao nordeste brasileiro⁹². A verdade é que as comparações entre o Brasil e os Estados Unidos já tinham se tornado muito comuns na época. Mas, agora, entre todas as “qualidades” das

⁹¹ Gregory Rabassa tornou-se um dos mais renomados tradutores de obras latino-americanas, principalmente pela tradução do original de *Cem Anos de Solidão* para o inglês.

⁹² O interessante é que, possivelmente em função das constantes comparações feitas pelos escritores brasileiros entre o sul dos Estados Unidos e o nordeste brasileiro, muitos tradutores passaram a adotar o padrão de fala do dessas duas regiões para fazer a correspondência entre os dialetos regionais.

quais os americanos podiam se gabar, não estava a da igualdade racial⁹³. Enquanto isso, a utópica crença de que o Brasil era o país da “democracia racial” invadia o imaginário de importantes instituições mundiais.

A tradução de *Casa Grande & Senzala*, publicada por Knopf, havia gerado polêmica no Brasil e, em menor grau, na Europa. A obra, cuja primeira edição exerceu pequeno impacto nos Estados Unidos, foi reeditada em 1956, após o projeto da UNESCO no Brasil e a divulgação de Freyre em várias instituições de ensino e/ou científicas. A segunda edição teve maior aceitação nos círculos acadêmicos americanos (ROSTAGNO, 1997, p. 41). Mesmo assim, Freyre reclamava, chamando a atenção para a maior aceitação européia a seu trabalho:

Eu estou inclinado a acreditar que os críticos europeus estão avaliando meus livros por um ângulo diferente daquele que os mesmos livros estão sendo avaliados pela maioria dos críticos americanos – em geral, especialistas em assuntos latino-americanos. Para os Europeus (Febre... Gabriel Marcel...) meus livros são tidos como algo mais do que estudos latino-americanos ou brasileiros... Os críticos europeus vêem meus livros como livros que tratam de particularidades... de problemas humanos universais (FREYRE apud ROSTAGNO, 1997, p. 41)⁹⁴.

Contudo, mesmo com a boa recepção de seu trabalho após a publicação de *Sobrados e Mucambos*⁹⁵ em inglês, Freyre sempre se viu como um “excluído” dos círculos intelectuais americanos. Tecia também duras críticas à forma como a tradutora Harriet de Onís “não compreendia” as “implicações de sua escolaridade” e alegava que ela via nele apenas um historiador social (citado em ROSTAGNO, 1997, p. 41). As cobranças de Freyre fizeram com que Knopf tivesse constantemente que demonstrar seu apoio ao autor:

Eu não brinco de favoritos entre meus autores brasileiros... Eu o amo e apesar de ter feito o melhor de mim para promover Amado e Guimarães Rosa como romancistas, eu jamais me referi a eles de

⁹³ Em alguns estados dos Estados Unidos os casamentos inter-raciais chegaram a ser proibidos por lei.

⁹⁴ “I am also inclined to think that European critics are considering my books from an angle that is not the same from which the same books are being considered by most American critics – as a rule, specialists in Latin American subjects. For the Europeans (Febre... Gabriel Marcel...) my books are to be taken as something more than Latin American or Brazilian Studies... European critics take my books as books that deal with particularities... of universal human problems.”

⁹⁵ A grafia da palavra aparece aqui como nos originais de Freyre, ou seja, “Mucambos”, e não “Mocambos”, como consta nos dicionários atuais.

forma nem sequer parecida com os termos que habitualmente uso quando eu falo de você (KNOPF apud ROSTAGNO, 1997, p. 41)⁹⁶.

O que o trecho acima revela é mais do que “boa vontade”, é uma “nova embaixada” que objetivava agora não apenas a boa vizinhança, mas a promoção das idéias de igualdade étnica. A criação do mito freyriano da democracia racial teve várias outras conseqüências, dentro e fora do Brasil, mas uma delas parece ter sido a de que, alheio às mudanças nas relações diplomáticas entre os dois países, Knopf passou cada vez mais a se interessar pelo Brasil e transformou a tradução de obras brasileiras em seu “pet project”⁹⁷.

SAMUEL PUTNAM: BRASILIANISTA E TRADUTOR

Vários estudos internacionais mencionam o caráter deficitário e arriscado de se traduzir obras da América Latina e levá-las para os Estados Unidos⁹⁸. O sistema literário americano sempre foi muito resistente a trabalhos oriundos de países menos desenvolvidos e de autores desconhecidos. Além dessa resistência à literatura estrangeira, o desconhecimento da cultura latino-americana e a falta de tradutores experientes – que no caso do português falado no Brasil era ainda mais grave – também eram impedimentos fortes. Tais entraves foram evidenciados no estudo de Irene Rostagno (1997). A pesquisadora descreve o trabalho de Samuel Putnam com *The Violent Land (Terras do Sem Fim)* e *The Masters and the Slaves (Casa Grande & Senzala)* como “raridades num campo caracterizado por mediocridade”⁹⁹. Rostagno não deixa claro, no entanto, o porquê de tal opinião a respeito dos demais tradutores. Seja como for, é sabido que encontrar tradutores do idioma português nos Estados Unidos era realmente complicado. O português nunca fora uma língua estrangeira considerada importante e não existiam muitos conhecedores do idioma na época. Além disso, a norma geral para traduções literárias era a de não contratar tradutores que não fossem

⁹⁶ “I do not play favorites among my Brazilian authors... I love you and while I have done my best to promote Amado and Guimarães Rosa as novelists, I have never referred to them in anything like the terms I habitually use when I speak of you.”

⁹⁷ Projeto de estimação.

⁹⁸ Ver Cohn, 2006, p. 101; Cohn, 2003, p. 161; Rostagno, 1997, p. 33 e Putnam, 1948, ix.

⁹⁹ “Apparently the greatest problem facing a publisher of Latin America literature was to find the right translators. Samuel Putnam’s skilful renderings of Amado’s *The Violent Land* and Gilberto Freyre’s *The Masters and the Slaves* were rarities in a field characterized by mediocrity.”

nativos do idioma de chegada. Essa forma de pensar era uma constante na editora. Seguindo o conselho da tradutora inglesa Constance Garnett, Knopf acreditava que “ninguém deveria tentar traduzir para nenhuma língua exceto sua língua materna” (Memo de Knopf a Garrett em 15 de abril de 1971).

No caso de Putnam, ele não apenas era um tradutor nativo no idioma inglês, como também era um “brasilianista”. Após ter vivido na França, na época da Grande Depressão, Putnam tornara-se adepto do comunismo. Amado e seu tradutor alinhavam-se na ideologia comunista à época da tradução de *Terras do Sem Fim*, compartilhando assim, momentaneamente, ideais políticos. Putnam deixou o Partido Comunista por volta de 1944.

Foi também na Europa que Putnam sofreu a influência de Fidelino Figueiredo, que o aconselhou a viajar para o Brasil e conhecer nossa “interessante literatura”. Daí por diante, Putnam nunca mais se desligaria da literatura brasileira, e seu sonho passaria a ser a publicação de sua história. Atuando inicialmente como crítico literário de obras brasileiras, Putnam escreveu vários ensaios e artigos sobre a variada produção literária do Brasil, muitos dos quais foram publicados no *Handbook of Latin American Studies* (GARDINER, 1970, viii-ix). Além disso, Putnam contribuiu com artigos e críticas literárias para *The New York Times* por duas décadas (*The New York Times* de 18 de Janeiro de 1950 – obituário de Samuel Putnam)¹⁰⁰.

A TRADUÇÃO DE “TERRAS DO SEM FIM”

O autor-tradutor Samuel Putnam também indicava obras para tradução. Segundo Gardiner (1971), o título *Terras do Sem Fim*, de Jorge Amado, causou-lhe entusiasmo, um sentimento que compartilhava com Blanche Knopf. Esta, por sua vez, convidou-o a realizar a tradução daquela obra para a editora. Em seguida, Blanche o convidaria a traduzir também *Casa Grande e Senzala* de Gilberto Freyre, o que fez de Putnam o tradutor de grandes ensaios sobre nossa história e daquele que era considerado na época um dos melhores romances de Jorge Amado (p. 110).

Já a versão do episódio de acordo com o próprio Jorge Amado é diferente. Segundo Amado, ele participava de um concurso organizado pelo editor americano

¹⁰⁰ Em 1949, foi publicada sua tradução de *D. Quixote de la Mancha*, pela editora Viking de Nova York, obra que trouxe, mais tarde, reconhecimento internacional ao tradutor.

MacMillan (o mesmo que publicou as obras de Veríssimo) para escritores da América Latina. O Brasil não participara no primeiro ano do concurso. No ano seguinte, incluíram o Brasil e o Haiti. Conta o autor:

Três livros encabeçavam a seleção brasileira: *Terras do Sem Fim*, *Fogo Morto*, de José Lins do Rego, e um livro de Oswald de Andrade – creio que era *Chão, a Revolução Melancólica*. Finalmente, *Terras* foi retido, assim como o livro de Oswald, não me lembro bem dos detalhes. Mas, naquele momento, um escritor brasileiro que vivia então nos Estados Unidos, Afrânio Coutinho, recomendou meu livro à Knopf, informando-o sobre a leitura etc., e Knopf me propôs editar o livro. Renunciei ao concurso, e *Terras do Sem Fim* foi lançado por Knopf em 1945 (AMADO apud RAILLARD, 1990, p. 205).

FIGURA 7



Capa da publicação no Brasil (1943)

FIGURA 8



Capa da publicação nos EUA (Edição de 1965)
Apesar da diferença gráfica, a capa da edição de 1965 é “fiel” ao clima da obra original. No paratexto, a menção da crítica do *The New York Times*.

Uma narrativa não exclui necessariamente a outra. É possível que a indicação de Afrânio Coutinho tenha se somado aos elogios de Putnam.

No *The New York Times*, um artigo anunciando sua publicação de *Terras do Sem Fim* em 1945 ocupara um espaço bem menor do que o de *Brazil: an Interpretation* ou *Casa Grande & Senzala*, publicados em datas próximas.

FIGURA 9



Brazil--A Practical Melting-Pot

By [Author Name]

W HILE in the United States, the melting-pot theory is a popular one, it is not so generally accepted in Brazil. The country is a vast, diverse land, with a long history of immigration and a complex social structure. The author discusses the challenges of creating a unified national identity in a country with such a rich and varied heritage.

The text continues with a detailed analysis of the social and cultural landscape of Brazil, highlighting the influence of different immigrant groups and the role of the state in shaping national identity. The author argues that while the melting-pot theory is an ideal, it is not always practical in the context of a large, diverse country like Brazil.

Brazilian Melting Pot

(Continued from Page 11)

The author further explores the complexities of the Brazilian melting pot, discussing the role of religion, language, and social class in the process of cultural integration. The text provides a nuanced view of the challenges and opportunities of building a cohesive national identity in a country with such a diverse population.



The Big House and the Slave Hut

By [Author Name]

The Big House and the Slave Hut are two contrasting symbols of the Brazilian social hierarchy. The Big House represents the wealth and power of the elite, while the Slave Hut represents the poverty and oppression of the lower classes. The author explores the stark differences between these two worlds and the impact of social inequality on Brazilian society.

The text delves into the historical and cultural context of these structures, discussing the role of slavery and the legacy of social inequality. The author argues that the stark contrast between the Big House and the Slave Hut is a reflection of the deep-seated social divisions in Brazil.

Land of the Big House and the Slave Hut

(Continued from Page 12)

The author continues to explore the social and cultural implications of the Big House and the Slave Hut, discussing the role of these structures in the formation of Brazilian identity. The text provides a critical analysis of the social hierarchy and the impact of social inequality on the lives of the Brazilian people.

A título de comparação entre os espaços jornalísticos reservados às obras de Freyre e Amado. Os artigos publicados pelo *The New York Times*. Na seqüência, a crítica da tradução de *Brazil, an Interpretation* em 26 de agosto de 1945 e de *Casa Grande & Senzala* em 6 de outubro de 1946.

FIGURA 10



Artigo publicado no jornal *The New York Times* em 24 de junho de 1945. A crítica da tradução de *Terras do Sem Fim* dividia o espaço de uma pequena coluna com outras três obras (apenas o espaço pintado).

Esse artigo apresentava o romance como um livro de brigas, em que tudo acontece em escala heróica. Sua sinopse do enredo não apenas trazia uma referência geográfica errada, mas também colocava em um plano privilegiado as marcas dos cultos religiosos africanos no romance:

O Sequeiro Grande no sudeste [sic] do Brasil era “a melhor terra do mundo para a plantação de cacau, uma terra fertilizada com sangue humano.” “A Terra Violenta”¹⁰¹ se refere à luta pela posse da floresta – uma luta a três, envolvendo um feiticeiro do local e dois assassinos ricos que vivem em plantações adjacentes, cercadas por mulheres corajosas e bonitas, assassinos contratados, trapaceiros no jogo [de baralho], e advogados corruptos. O feiticeiro fracassa primeiro, mas não antes de ter rogado uma praga eficaz sobre seus dois vizinhos, no alto tom que abunda em seus livros. (“A piedade secou, e eles estão olhando para a floresta com os olhos dos maus

¹⁰¹ Optamos aqui por fazer uma retrotradução do texto em inglês publicado no artigo.

* * * Eles entrarão na floresta, mas será sobre os corpos de seus próprios mortos.") Ele deseja que os maus tenham problemas, e eles os têm da forma mais violenta e variada, antes que o Sequeiro Grande seja finalmente tomado e queimado para o plantio das árvores de cacau, para a música lúgubre dos "uivos [sic] das onças enquanto fogem, o sibilar das cobras se queimando."¹⁰² (Nancy Flag, *The New York Times* de 24 de junho de 1945).

A localização geográfica do Sequeiro Grande é o primeiro erro que encontramos. Mas a questão é que o feiticeiro Jeremias não é senão uma personagem secundária no romance, sem outras grandes aparições na história e, na verdade, ele nunca chegou a "disputar a posse" das terras, conceito que não se aplicava a seu tipo de comunidade. O feiticeiro Jeremias lança um clamor de vingança pela destruição da floresta aos deuses de seu culto africano. Ainda, os ditos "assassinos" são dois "coronéis"¹⁰³ do cacau da região. Apesar de seu estranhamento e incompreensão do texto – continuando a sinopse – o crítico remetia-se aos editores e à qualidade da tradução com condescendência:

De acordo com os editores, este livro já atingiu um grande sucesso no Brasil. Ele deveria ser um sucesso aqui entre os muitos leitores que gostam de sua aventura, romance, crime, sedução e injustiça social em uma exótica fantasia, espiando através de véus de linguagem literária.

Não é provável que este livro tenha perdido muito na tradução. Restou demais: demasiado estilo pelo estilo em si, demasiada indignação para com os poderosos e demasiada pena dos pobres, personagens demasiadamente excitadas e sombrias, demasiados amor e luxúria, e demasiada cobiça e incêndio e matança (...). O único déficit é humor, mas talvez isso seja compensado por um golpe de mestre: um grupo de teatro amador na cidade próspera de Ilhéus produz uma peça, e dá a ela o título Pós-Ibsen de "Vampiros Sociais".¹⁰⁴

¹⁰² "The Sequeiro Grande in southern Brazil was "the best land in the world for the planting of cacao, a land fertilized with human blood." "The Violent Land" is concerned with the struggle for possession of the forest—a three-way fight, involving a witch-doctor on the spot and two rich murderers who live on adjoining plantations, surrounded by brave and beautiful women, hired assassins, card sharps and crooked lawyers. The witchdoctor fails first, but not before he has put an effective curse on his neighbors, in the high tone in which the book abounds. ("Piety is dried up, and they are eyeing the forest with the eyes of the wicked * * * They shall enter the forest, but it shall be over the bodies of their own dead.") He wishes the wicked trouble, and they get it in the most violent and various forma before the Sequeiro Grande is finally taken and burned for the planting of cacao trees, to the dismal music of "the howls of the jaguars as they fled, the hiss of the burning snakes."

¹⁰³ Termo utilizado para proprietários de terra na época, sem implicar patente militar.

¹⁰⁴ "According to the publishers, this book has already had a great success in Brazil. It should be successful here with the many readers who like their adventure, romance, crime, seduction and social injustice in exotic fancy dress, peeping through veils of literary language.

It isn't likely that this book has lost very much in translation. Too much is left: too much style for the style's sake, too much indignation with the powerful and pity for the poor, too many excited, shadowy characters, too much love and lust and greed and arson and killing (...). The only deficit is humor, but perhaps that is made up for by one master stroke: an amateur theatre group in the boomtown of Ilhéus

Se anteriormente foi o exotismo do culto de magia que mais chamou a atenção, agora, ao repetir tantas vezes a palavra “demais”, o crítico demonstrava ter ficado incomodado com o “exagero” que viu na obra.

Um estranhamento semelhante foi revelado na revista *New Yorker*, em que se alegava que “O cenário é o selvagem e exuberante interior do leste [sic] do Brasil, quando todo mundo estava tomando a terra em meio a um tumulto [tal] que faz o “violenta” do título parecer um abrandamento [de fatos]¹⁰⁵” (citado em ROSTAGNO, 1977, p. 37).

As críticas já mostravam a pouca aceitação da obra. A repercussão do romance de Jorge Amado nos Estados Unidos foi pequena, assim como sua vendagem. Em 1950, exilado na Tchecoslováquia, Jorge Amado enviou uma carta à editora solicitando o envio de dez exemplares da tradução de *Terras do Sem Fim*, sem especificar exatamente o motivo. Teve o dissabor de ter como resposta a informação de que a editora não possuía mais cópias do livro e que, “em vista do fato de sua venda total ter sido decepcionantemente pequena”, havia pouca probabilidade de a obra ser reimpressa. (Correspondência trocada entre Herbert Weinstock e Jorge Amado, entre outubro e novembro de 1950 – Harry Ranson Humanities Research Center – University of Texas – Knopf Collection - BOX 80 – folder 13). Mal sabiam eles que a obra seria republicada quinze anos mais tarde, após o sucesso de *Gabriela, Cravo e Canela* nos Estados Unidos.

Em *Terras do Sem Fim*, Amado trata de denunciar a violência e o uso do poder sobre o humilde dono da terra, a desigualdade e a manipulação dos “jagunços”. Não existem, no entanto, menções estritamente partidárias ou de luta de classes, sindicalistas ou líderes comunistas.

Mesmo assim, em um artigo publicado na coluna “Literaty Notes from Rio” do *The New York Times* de 6 de outubro de 1946, o tradutor comentava que o clima de confusão e desorientação no cenário político à época levava vários escritores a se unirem ao “leftist band wagon”¹⁰⁶. E buscava a solidariedade do leitor norte-americano

produces a play, and gives it the definitive post Ibsen title, ‘Social Vampires’”. (*The New York Times* de 24 de junho de 1945)

¹⁰⁵ “The background is the wild, lush, countryside of eastern Brazil when everybody was grabbing land amid a turmoil that makes the ‘violent’ of the title seem an understatement...”

¹⁰⁶ “Algo como o “trio elétrico” ou “trem da alegria” da esquerda – uma referência ao caráter impulsivo como os escritores aderiam ao comunismo”.

comparando a “Grande Depressão” com o vazio deixado pelo colapso do regime Vargas¹⁰⁷ (Putnam, *The New York Times*, 6 de outubro de 1946).

Apesar da situação de final de guerra e do fim dos subsídios governamentais para as traduções, Putnam buscava realizar ainda um antigo sonho de publicar uma antologia sobre a literatura brasileira. E o conseguiu em 1948, por meio da agora Alfred A. Knopf Inc. O livro *Marvelous Journey: Four Centuries of Brazilian Literature*¹⁰⁸ apresentava a seguinte dedicatória: “Para minha ‘Segunda Pátria’, Brasil, e para os inúmeros amigos brasileiros que fizeram da minha visita em 1946 uma verdadeira ‘viagem Maravilhosa’”¹⁰⁹.

No prefácio, Putnam ressalta o pequeno número de obras literárias brasileiras existentes no idioma inglês à época. Lamentando o fato, o tradutor credita o conhecimento dos americanos sobre a literatura em português, ainda que pequeno, aos esforços do “Coordinator of Inter-American Affairs, Nelson Rockefeller”. Putnam destaca ainda a atuação dos especialistas (presume-se que se refira aos tradutores) e do editor, Alfred Knopf, mencionando “perdas financeiras” durante o processo de publicação das obras brasileiras. O brasilianista lamenta a fria recepção das traduções dos romances, justificando-a pela incompreensão da obra de Amado:

Graças à Guerra, muitos leitores descobriram, para sua surpresa, a existência nas Américas de uma literatura valiosa em português (...). Foi um começo promissor, mas agora que as hostilidades findaram, já existem sinais de uma visível diminuição do interesse público, e o fato é que mesmo durante a guerra os livros latino-americanos venderam em desencorajadoras pequenas quantidades. Isso é especialmente verdadeiro quanto aos romances, nos quais a vida retratada e as relações humanas envolvidas freqüentemente parecem distantes e desagradavelmente exóticas, se não incompreensíveis. Quando Jorge Amado, por exemplo, descreve um feiticeiro negro, ou um curandeiro, em seus ritos, nós tendemos a acreditar que ele está se entregando a um melodrama horrível; mas quem conhece o Brasil sabe que não é o caso, pois a feiticeiro e a feiticeira e tais cerimônias fetichistas como o candomblé e a macumba ainda acontecem comumente. (PUTNAM, 1948, p. ix)¹¹⁰

¹⁰⁷ “With us in 1936 it was the Great Depression. With Brazilians today it is the void left by the collapse of Vargas regime, accentuated by the present economic and political muddle”.

¹⁰⁸ *Viagem Maravilhosa: Quatro Séculos de Literatura Brasileira* (Putnam, 1948)

¹⁰⁹ “To my “Second Fatherland”, Brazil, and to all my innumerable Brazilian friends who made my visit of 1946 truly a ““Viagem Maravilhosa””.

¹¹⁰ “Thanks to the war, many readers discovered to their surprise the existence in the Americas of a worth-while literature in Portuguese (...). It was a promising start, but now that hostilities have ended, there are already signs of a distinct letdown of public interest; and the fact of the matter is that even during the war Latin American books sold in discouragingly small quantities. This was especially true of novels, in which the life portrayed and human relationships involved often seemed remote and unpleasantly exotic, if not incomprehensible. When Jorge Amado, for instance, describes a Negro

A questão levantada por Putnam era a de que o esforço de guerra visando a uma reaproximação cultural tinha sido muito apressado e improvisado. O leitor médio americano teria estado mais bem preparado para a “compreensão e deleite” dos romances brasileiros se tivesse estudado os ensaios de Freyre e Euclides da Cunha, dizia ele. Putnam previa, entretanto, uma solução para o típico desinteresse e estranhamento: os cursos de literatura brasileira e de língua portuguesa que surgiam nas universidades trariam às futuras gerações maiores conhecimentos sobre aquela nação grande e cheia de potencial do hemisfério ocidental.

A obra *Marvelous Journey*, de Samuel Putnam, era uma publicação que também reproduziria a linha ideológica da Boa Vizinhança, como mostrava o jornal *novaiorquino*, em 25 de julho de 1948:

Neste ponto de nosso relacionamento com a América Latina, quando a histeria do período de guerra parece tender a ser sucedida por um retorno à nossa prévia indiferença, livros que nos ajudam em direção a uma posição equilibrada são exatamente o que nós precisamos. E em lugar algum é a necessidade maior do que no campo de nossa compreensão sobre o Brasil, o melhor amigo que nós temos na América do Sul e uma nação destinada a um grande futuro, se a raça humana sobreviver a sua crise atual.¹¹¹ (Herchel Brickel, *The New York Times* de 25 de julho de 1948).

Mas Knopf e sua equipe sabiam que remavam contra a correnteza. O que Putnam previa em 1948, pouco adiante seria fatal: a população americana, e também seu governo, novamente se desinteressariam do Brasil e da América Latina. Enquanto o Brasil ainda esperava sua recompensa por ter sido o único país latino-americano a enviar tropas para lutar na guerra, os governantes americanos se distanciavam da política de boa vizinhança. O Plano Marshall não previa ajuda financeira aos países Latino-Americanos¹¹². A atenção dedicada a nossa cultura também diminuía. Somente uma nova instabilidade política mundial poderia trazer de volta a visibilidade dos “bons vizinhos”. Todavia, um fenômeno interessante manteria o “cordão umbilical” entre os

feiticeiro, or witch doctor, at his rites, we are likely to think that he is indulging in a bit of lurid melodrama; but anyone who knows Brazil knows that this is not the case, for the sorcerer and the sorceress and such fetishistic ceremonies as *candomblé* and the *macumba* are still of common occurrence.”

¹¹¹ “At this point in our relationship with Latin America, when the hysteria of the war period seems likely to be succeeded by a return to our previous indifference, books which will help us toward a balanced attitude are exactly what we need. And nowhere is the need greater than in field of our understanding of Brazil, the best friend we have in South America and a nation destined for a great future, if the human race survives its present crisis.”

¹¹² Para as relações internacionais Brasil-Estados Unidos a partir de 1950, ver Vizentini, 1994.

primeiros projetos de tradução e aqueles que surgiriam novamente durante a Revolução Cubana. Foram as reminiscências da política de boa vizinhança fora do principal escopo governamental americano.

**DEU NO ‘NEW YORK TIMES’:
O RESSENTIMENTO DURANTE A GUERRA FRIA...**

O jornal nova-iorquino também foi fonte de narrativas sobre as instabilidades diplomáticas entre o Brasil e os Estados Unidos no período da Guerra Fria. Em 1º de abril de 1951, o *The New York Times* publicava um artigo com a manchete: “O Brasil está ressentido com o desprezo dos EUA”¹¹³. Como subtítulo lia-se que “O melhor amigo dos ianques entre os latinos têm muitas queixas, algumas delas justificadas”¹¹⁴.

O artigo relatava que a nação, cuja amizade tinha sido subestimada e cujo papel na Segunda Guerra tinha sido esquecido, agora reclamava da falta de apreciação. O Brasil se ressentia por sua exclusão do Plano Marshall, pelas perdas causadas com a inflação norte-americana do pós-guerra, e pela falta de generosidade nos empréstimos. Não ficava de fora o ressentimento em relação a um grande empréstimo feito à Argentina, que, ao contrário do Brasil, mantinha uma política externa muito mais hostil para com os Estados Unidos. Além disso, os grandes empresários brasileiros alegavam que os Estados Unidos queriam dominar a economia brasileira, mantendo-a basicamente agrícola.

O jornal americano apresentava as críticas brasileiras como “positivas”, quando comparadas à ação da *intelligentsia* comunista e dos nacionalistas “anti-ianque”, que contribuíam para o abalo na “amizade entre os vizinhos”, mas, em contrapartida, o artigo comentava que várias queixas brasileiras eram injustificadas, uma vez que os empréstimos do *Import-Export Bank* para o Brasil tinham sido maiores do que os concedidos a qualquer outro país latino-americano. Defendia-se, ainda, afirmando não ser verdade que os Estados Unidos queriam dominar a economia brasileira e que acabara de ser criada a *Joint Brazilian-American Economic Development Commission*¹¹⁵, para solucionar muitas dificuldades econômicas. O argumento mais

¹¹³ “Brazil is Smarting from U.S. Neglect”.

¹¹⁴ “The Best Friend of Yankees Among Latins Has Many Grievances, Some of Them Justified”

¹¹⁵ Comissão Conjunta Brasileira-Americana para o Desenvolvimento Econômico

curioso, no entanto, era o de que o Serviço de Informação dos Estados Unidos instalado no Brasil era o maior da América Latina e um dos maiores do mundo, além de ser um dos mais impressionantes e bem sucedidos, o que não indicava negligência, já que a iniciativa trazia o conhecimento a respeito dos Estados Unidos aos brasileiros¹¹⁶.

O artigo trata também as discussões como querelas entre dois bons amigos, o que em nada se comparava ao antagonismo existente entre os Estados Unidos e a Argentina, nem à campanha antiamericana de Juan D. Perón. Não ficava esquecido o fato de Getúlio Vargas, o ex-ditador populista que “adorava aplausos”, estar subindo novamente ao poder em um momento delicado de uma democracia ainda nova. Getúlio Vargas, eleito democraticamente e com grande apoio popular, era apresentado como alguém que podia agora fazer o que quisesse em nome da democracia, mas que não tinha mais motivos para se voltar para os antigos métodos totalitários. Era um “ator soberbo”, que podia agora interpretar o papel de um democrata. Segundo o artigo, o grande perigo vinha do comunismo, tornado ilegal no Brasil em 1947, mas ainda forte graças à terrível pobreza e ao prestígio do líder comunista Luis Carlos Prestes. A conclusão era a de que, o fato de o Brasil não representar grandes ameaças não significava que o mais poderoso e melhor amigo da América Latina podia ser seguramente ignorado.

Nesse período acirrou-se a disputa entre dois importantes grupos no Brasil. O primeiro – o dos “nacionalistas” – buscava mais autonomia diante dos Estados Unidos para promover o desenvolvimento industrial, calcando-o “em certa perspectiva de reforma social”; enquanto o segundo apoiava as vantagens “comparativas da agricultura e [d]a agenda de segurança defendida pelos Estados Unidos na Guerra Fria”. Os partidários desse grupo, acusados de querer “entregar” o Brasil ao estrangeiro, foram chamados de “entreguistas”. (VIZENTINI, 2003, p. 13) Ventos mais agitados sopravam no continente americano.

Fiados nos artigos e narrativas costurados pelos jornais americanos, os leitores teciam imagens e conceitos a respeito das relações com o Brasil. Além das agências de incentivo ao intercâmbio cultural, esses jornais funcionavam não apenas como veículos de informações, mas como importantes instrumentos de formação de opinião.

O *The New York Times* manteve, a partir da década de 1950, uma coluna chamada *Literary Letter From Brazil*, por vezes *Literary Letter from Rio*, que contou

¹¹⁶ A obra de Pedro Tota (2000) descreve a implantação desse Sistema de Informação no Brasil, vinculado ao OCIAA.

com a constante contribuição do escritor, crítico e também jornalista, Antônio Callado¹¹⁷.

Ex-correspondente da BBC durante a Segunda Guerra e tendo trabalhado no Serviço Brasileiro da *Radio-Diffusion Française*, em Paris, Callado não era apenas politizado, mas também muito ativo dentro e fora do Brasil, e foi um dos escritores que também teve muito contato com Knopf, que em 1970 publicou a tradução inglesa de *Quarup*, escrito em 1967. Na década de 1950, Callado fazia a crítica das obras brasileiras no *The New York Times*, tecendo especiais elogios ao “romance do nordeste”.

FIGURA 11



Coluna de Antonio Callado em 1951



Coluna de Callado em 1956



Coluna de Callado em 1964

¹¹⁷ Por ocasião do julgamento de Antonio Callado no Brasil, em 1969, o *The New York Times* publicou uma nota com o título *BRAZILIAN AUTHOR ACQUITTED BY COURT (AUTOR BRASILEIRO INOCENTADO POR TRIBUNAL)*, em caixa alta, mostrando como Callado tinha sido inocentado das acusações de incitar uma campanha subversiva jogando o povo contra as forças armadas. Era certamente importante para o jornal americano mostrar o veredicto de inocência de um colaborador, mesmo que este fizesse oposição ao governo militar. (*The New York Times*, 26 de setembro de 1969)

Talvez não por mera coincidência, em 1956 a editora da Universidade da Califórnia em Berkeley publicou a obra *O Novo Romance Brasileiro: Quatro Mestres Nordestinos*¹¹⁸ do professor Fred P. Ellison, que era, na verdade, um ensaio crítico sobre as obras de Jorge Amado, José Lins do Rego, Raquel de Queiroz e Graciliano Ramos.

... E AS REMINISCÊNCIAS DA BOA VIZINHANÇA

Apesar do esfriamento das relações oficiais entre os dois países no período da Guerra Fria, alguns empresários americanos mantiveram seu interesse pelo Brasil e pela América Latina. Foi o caso do próprio Nelson Rockefeller, cuja obstinação não lhe permitia aceitar o abandono de seu projeto e agora agia através das fundações filantrópicas de sua família e de sua política de corporativismo. Henry Kaiser foi outro nome que pertenceu a essa lista de empresários (COBB, 1992, p. 5). E, por fim, como pudemos perceber, os Knopf também foram membros desse grupo que não desistiu da América Latina e, em especial, do Brasil.

Constata novamente Rostagno:

Por um pequeno período de tempo, as obras que a Sra. Knopf selecionou alimentaram o apetite oficialmente promovido dos EUA por coisas da América Latina; mas logo após a Guerra o interesse público se evaporou. O mesmo não ocorreu com o dos Knopf, cuja lealdade para com a América Latina permaneceu firme, apesar do fim da “euforia da boa vizinhança”. (1997, p. 33)¹¹⁹.

O caráter comercial e corporativista da atuação dos grandes empresários mencionados anteriormente mostrava que sua ideologia se baseava na formação de alianças que assegurassem a estabilidade política e econômica na região. No caso da equipe de Knopf, a imagem era a de uma movimentação contra guerras e a favor da tolerância e da cordialidade. Esse projeto ideológico se confirmava nas palavras de vários de seus participantes de longa data. Ele surgia já com o próprio Samuel Putnam, na introdução de *Marvelous Journey* ...

¹¹⁸ *Brazil's New Novel: Four North-eastern Masters*.

¹¹⁹ “For a short time, the works Mrs. Knopf selected fed the officially promoted U.S. appetite for things Latin American, but soon after the war, public interest evaporated. Not so the Knopfs [sic], whose allegiance to Latin American literature remained steadfast, despite an end to the ‘good neighbor euphoria’.”

Seria deplorável e perigoso para nosso bem estar nacional, se caíssemos novamente na antiga atitude de indiferença, [O estado de] emergência não acabou. Há um mundo novo e democrático a ser construído, e nesta tarefa as Américas devem se aproximar sempre mais. É com o objetivo de fazer o que considero uma contribuição necessária à amizade entre o Brasil e os Estados Unidos mediante o plano cultural que o presente livro é confeccionado¹²⁰. (PUTNAM, 1948, p. x)

e também na atitude de Alfred Knopf...

Os Knopf freqüentemente lamentavam a falta de interesse por coisas brasileiras. A principal queixa de Alfred Knopf era de que a imprensa raramente “se apressava para criticar favoravelmente ou não [seus] livros brasileiros”.¹²¹ (KNOPF apud ROSTAGNO, 1997, p. 35)

A atenção dos Knopf para com o Brasil tinha crescido gradualmente. Quando Blanche Knopf veio ao Brasil pela primeira vez em 1942, o país já chamou sua atenção por ser um ambiente mais variado e hospitaleiro que o restante da América Latina (ROSTAGNO, 1997, p. 34). Foi quando passou a incentivar a publicação da literatura brasileira pela editora, razão pela qual ela recebeu o título de “Cavaleiro(a) da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul” em 1950¹²² e, em 1952¹²³, foi promovida à categoria de “Oficial” dessa ordem. O editor também foi condecorado com uma insígnia nessa mesma data¹²⁴.

Alfred Knopf, em pessoa, fez sua primeira viagem ao Brasil somente em 1961, e a partir de então seu interesse pelo país também se intensificou, assim como suas visitas à região. A “política da amizade” agora faria parte da vida do próprio editor. Era o início de uma terceira e nova “embaixada”: a promoção da “brasilidade”. Nos termos de (MILTON, 2008), Knopf era um patrono cuja extensão de seus projetos o levava também a se comportar como um “agente da tradução” interessado na mudança do “status quo”.

¹²⁰ “It would be deplorable, and dangerous to our national welfare, if we were to fall back into our old attitude of indifference. The emergency is not over; there is a new and democratic world to be built, and in this task the Americas must draw ever closer to each other. It is with the object of making what I believe to be a needed contribution to Brazilian-North American friendship upon the cultural plane that the present book is undertaken.”

¹²¹ “The Knopfs often lamented American lack of interest in things Brazilian. Alfred Knopf’s main complaint was that rarely did the press “rush to review favorably or not [his] Brazilian books.”

¹²² Ver *The New York Times* de 3 de novembro de 1950.

¹²³ Ver *The New York Times* de 5 de junho de 1966.

¹²⁴ Ver também documento de referências JM pi Magalhães, J. 1964.11.24 no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Faculdade Getúlio Vargas – SP.

Ao chegar pela primeira vez a Salvador, Knopf foi recebido por Jorge Amado, que lhe causou uma agradável impressão. Daí para frente, além de Gilberto Freyre, Jorge Amado também passaria a figurar na lista de “amigos dos Knopf”. Knopf passou então a se corresponder constantemente com escritores, editores e tradutores no Brasil (entre eles Gilberto Freyre, Jorge Amado, o editor Alfredo Machado, a tradutora Bárbara Shelby). Blanche e Alfred Knopf foram ainda padrinhos de batismo da primeira neta de Freyre.

Além da reedição da tradução de *Casa Grande e Senzala* em 1956, voltamos a encontrar a atuação Knopf no lançamento, em 1959, de *New World in the Tropics*. A obra era uma nova versão de *Brazil: an Interpretation*, também escrita por Freyre. *The Mansions and the Shanties*, a tradução em inglês de *Sobrados e Mucambos* (1937) sairia nos Estados Unidos em 1963.

Na década de 1960, Alfred Knopf já era visto por muitos como um “embaixador extra-oficial para assuntos referentes ao Brasil”. Ele chegava a se manifestar perante a imprensa, instituições financeiras e em eventos internacionais protestando contra a pouca atenção dispensada àquele que seria no futuro “um país tão importante quanto todas as nações hispano-americanas juntas”. (ROSTAGNO, 1997, p. 35)

FIGURA 12



Exposição em homenagem a Alfred A. Knopf em sua visita ao Consulado Americano em São Paulo em 1965. Da esquerda para a direita: Alan James (da embaixada americana), Alfred A. Knopf, Niles Bond (cônsul geral americano) e a tradutora Bárbara Shelby. (foto enviada pela tradutora)

A relação de Knopf com a política e com o corpo diplomático brasileiro também é significativa. Após a morte de Blanche em 1966, Knopf casou-se novamente, em 1967, com a escritora Helen Hedrick, e seu casamento aconteceu no Rio de Janeiro, na capela da casa do ex-embaixador brasileiro Mauricio Nabuco¹²⁵. Se considerarmos o papel de Joaquim Nabuco, pai do embaixador, na história do Brasil, como figura de combate à escravidão negra, podemos verificar a convergência para a questão racial.

Todo o contexto sócio-histórico descrito anteriormente serviu como preparação do terreno para o que viria a acontecer na década de 1960. Com a Revolução Cubana, as atenções do governo dos Estados Unidos voltaram-se novamente para o continente americano. Mas, diferentemente do que ocorrera anteriormente, a questão central do conflito instaurara-se agora na América Latina, e o perigo da expansão comunista no continente era iminente. O interesse era mais legítimo do que na década de 1940. Kennedy retomaria em grande parte a filosofia de “Boa Vizinhança” de Roosevelt, agora sob a roupagem da “Aliança para o Progresso”. Segundo o *The New York Times* de 20 de maio de 1961, o governo de Jânio Quadros mostrava uma “independência desconcertante nos assuntos internacionais”. O ministro das Relações Internacionais do Brasil emitira uma declaração defendendo o direito de Cuba à autodeterminação e opondo-se a qualquer intervenção estrangeira. O jornal informava que o presidente Kennedy sabiamente resistia à tentação de associar a ajuda financeira ao Brasil às concessões ou interferências políticas.

Enquanto isso, os críticos literários do *The New York Times* anunciavam uma nova geração de autores que substituiriam os antigos escritores da década de 1940 (*The New York Times*, de 1º de dezembro de 1961). Entre eles figuravam Jorge Amado e Guimarães Rosa.

APÓS A REVOLUÇÃO CUBANA: HARRIET DE ONÍS E A RENOVAÇÃO DA EMBAIXADA

Após a morte de Samuel Putnam, em janeiro de 1950¹²⁶, a principal tradutora da Knopf Inc. passara a ser Harriet de Onís. Original de Illinois, Harriet Vivian Wishnieff

¹²⁵ Mauricio Nabuco era filho de Joaquim Nabuco. A notícia do casamento foi documentada no *The New York Times* de 21 de abril de 1967.

¹²⁶ O obituário de Putnam, publicado no *The New York Times* de 18 de janeiro de 1950, citava a dedicação que o tradutor de *Don Quixote* para o inglês dispensara à literatura brasileira, assim como seu

nasceu em 1899. A literatura hispânica chamou sua atenção na Universidade de Columbia, quando ainda estudava Literatura Inglesa. Foi lá que conheceu o professor e Chefe do Departamento de Estudos Hispânicos da Universidade, Federico de Onís:

O ex-Professor de Literatura Espanhola da Universidade de Salamanca, que se transferira para os Estados Unidos em 1916, e a aluna casaram-se em agosto de 1924.

Em 1930, a Editora Alfred Knopf ofereceu a Mrs. de Onís a tradução do livro de Martín Luís Guzmán, que tanto a impressionara. Iniciava-se uma parceria que se estenderia por quase quarenta anos. De tradutora, Mrs. de Onís passaria a membro do corpo de conselheiros da Editora, como consultora especializada para a América Latina. (VERLANGIERE, 1993, p. 17)

Já casada com Federico de Onís, Harriet passaria a trabalhar como colaboradora para editoras e revistas especializadas, tornando-se logo uma “descobridora de talentos” da América Latina. Contudo, observa ainda Verlangiere, seu primeiro contato com a língua portuguesa foi em 1948, quando traduziu e editou *The Golden Land*. A obra, publicada pela Knopf, era uma antologia de autores latino-americanos, e “Mrs. de Onís incluiu – entre os 48 textos selecionados – seis traduções de trechos de autores brasileiros: Euclides da Cunha, Affonso Arinos de Melo Franco, Gustavo Barroso, Monteiro Lobato, José Lins do Rego e Mário de Andrade” (p. 17).

A primeira viagem da tradutora ao Brasil seria em 1953, em visita ao filho Juan de Onís, que aqui trabalhava como correspondente da United Press. Por ocasião das homenagens aos 50 anos da Alfred A. Knopf Publishers, Harriet de Onís alegaria que, assim como Knopf, também ela teria se “apaixonado pelo Brasil” (KNOPF, 1965, p. 203). Em suas palavras, a metáfora sobre o papel de Knopf e seu projeto no Brasil migrava da “Política da Boa Vizinhança” para a “Aliança para o Progresso”¹²⁷.

A Era Kennedy e a instabilidade das relações internacionais, decorrentes da Revolução Cubana, traziam outras correntes para o intercâmbio cultural entre os países americanos. Era uma nova versão do antigo caráter diplomático atribuído aos projetos de aliança através da literatura traduzida. Esse foi o caráter retratado por De Onís:

recebimento do prêmio “Pandiá Calógeras”, sua atuação como professor na Universidade do Brasil e sua nomeação para a Academia Brasileira de Letras.

¹²⁷ A “Aliança para o Progresso” foi um programa de ajuda econômica e social à América Latina, criado no governo Kennedy em 1960, com o intuito de combater a interferência da Revolução Cubana na região.

(...) foi apenas por volta de 1945 que me tornei um membro quase permanente do estabelecimento Knopf. Isto aconteceu, em grande parte, devido ao grande interesse de Blanche e Alfred pela América Latina, após a viagem que ela fez à região em 1942, sob os auspícios do Departamento de Estado. (...) Mas nossa associação de real proximidade data do caso de amor de Alfred pelo Brasil, que tem todo o jeito de um apego indissolúvel (...). Então, em 1961, Alfred visitou o Brasil, e como muitos outros americanos, incluindo eu mesma, se apaixonou por ele. (...) Ele se tornou uma Aliança para o Progresso de um só homem.¹²⁸ (DE ONÍS in KNOPF, *Portrait of a Publisher* p. 202-203).

De Onís gozava da total confiança dos Knopf. Ela própria confirmaria a continuidade da importância dada à tradução como instrumento de aliança, anos mais tarde, ao buscar publicidade para a obra traduzida de Jorge Amado na década de 1960:

Parece-me muito importante neste momento que o livro tenha boa cobertura, primeiramente por causa de seu valor intrínseco, e porque cada escritor latino-americano que recebe o devido reconhecimento de nossa parte é um aliado potencial. Eu não tenho que lhes dizer qual mais importante é o papel que escritores desempenham ao influenciar a opinião pública lá, do que no nosso lado da fronteira (DE ONÍS apud COHN, 2003, p. 96)¹²⁹.

A idéia, agora exposta por De Onís, não é apenas a de que o intercâmbio cultural levaria à compreensão entre as diferentes culturas, mas a de que o autor é um formador de opinião em seu próprio território e, dessa forma, tornava-se importante tê-lo como aliado. Seu interesse pelo caráter político da atividade tradutória era novamente proclamado em 1967, quando De Onís recebeu o “P.E.N. Award” (Poets, Playwrights, Essayists, Editors, and Novelists American Center) pela tradução de *Sagarana* (ROSA, 1946), lançada nos Estados Unidos por Knopf em 1966. Ao receber o prêmio, a tradutora fez um apelo a escritores e tradutores para que prestassem mais atenção à literatura latino-americana, como uma forma de melhorar o entendimento mútuo no hemisfério ocidental. De Onís afirmou, ainda, que os escritores latino-americanos

¹²⁸ “(...) it was not until around 1945 that I became an almost permanent member of the Knopf establishment. This was due in large measure to Blanche and Alfred’s heightened interest in Latin America, following her trip there in 1942 under the auspices of the State Department. (...) But our really close association dates from Alfred’s love affair with Brazil, which has all the air of an indissoluble attachment.(...)Then in 1961 Alfred visited Brazil, and like many other Americans, including myself, lost his heart to it. (...) He has become a one-man Alliance for Progress.”

¹²⁹ “It seems to me so important at this moment for the book to have good coverage, first of all, because of its intrinsic value, and because every Latin American writer who receives due recognition at our hands is a potential ally. I don’t have to tell you how much more important a role writers play in influencing public opinion there than on our side of the border.”

“refletiam o que 200 milhões de pessoas tão próximas aos Estados Unidos pensavam, sentiam, aceitavam ou rejeitavam”, e que o país ainda não tinha nem chegado perto de reconhecer sua importância (De Onís, *The New York Times* de 8 de maio de 1967).

É importante ressaltar ainda os esforços de Knopf para divulgar a obra de Guimarães Rosa nos Estados Unidos, na década de 1960. Knopf e De Onís reconheciam o grande valor literário do autor mineiro e foram responsáveis também pela introdução sua obra nos Estados Unidos.

Dessa forma, no início da década de 1960, o interesse da principal tradutora de Knopf repousava sobre Guimarães Rosa e *Grande Sertão Veredas*. A tradutora trocou correspondência com Rosa durante todo o tempo da tradução (VERLANGIERI, 1993). No entanto, de Onís sofreu com uma úlcera e precisou da ajuda do professor James Taylor para terminar a tradução de *Grande Sertão Veredas*. Nesse meio tempo, foi o próprio James Taylor – que também teria o auxílio do professor William Grossman – quem assumiu a tradução de *Gabriela, Cravo e Canela*. Rosa manteve muito mais contato com sua tradutora e acompanhou mais de perto o processo de tradução de sua obra do que Jorge Amado, que sempre preferiu ficar alheio a qualquer processo de tradução ou adaptação, como afirmou em várias entrevistas:

— (...) depois que meu livro é publicado procuro deixá-lo livre para seguir seu próprio caminho.

— Toda adaptação, seja ela qual for, por melhor que seja, é sempre uma traição ao autor. Quem adapta está criando também. É uma recriação da obra. Então, nunca reclamo. É uma coisa muito pessoal minha. Podem adaptar à vontade, fazer o que quiser. Não quero nem saber. Não quero ver, nem ler. Porque se não vejo, nem leio, não fico marcado pela indignação da modificação ou daquilo que for necessário mudar. Eu acho que o adaptador tem o direito de criar, ele é um novo criador. Se ele não fizer uma nova criação, a adaptação não presta.

— Olho todas [as adaptações] da mesma maneira. Não tenho preferência por nenhuma. Uma coisa é a criação inicial; outra é tudo que vem ao redor dela. Porque ela permite que exista aquela possibilidade de existir. (A entrevista de Jorge Amado ao *Jornal Opção* — 14 a 20 de setembro de 1997).

De qualquer forma, traduzir o estilo de Rosa era um trabalho difícil e complexo e, apesar do reconhecimento de parte da crítica jornalística americana, seus livros eram de difícil assimilação pelo público leitor americano. Comparado a Joyce pelos críticos do *The New York Times*, Rosa teve vários títulos publicados por Knopf. Nenhum deles obteve sucesso comercial e os tradutores, em geral, acabavam no banco dos réus

(ROSTAGNO, 2007, p. 2-47). Um exemplo disso foi o artigo publicado no *Los Angeles Times* em 28 de abril de 1963, com título *Romance recente de brasileiro perde poder poético na tradução*¹³⁰. Nele, o crítico lamentava que a parte mais notável da obra, seu extraordinário e habilidoso manejo da linguagem, “inventivo, dinâmico flexível e sugestivo”, aparecia de forma vaga ao leitor americano, “se [é que] aparecia”. E concluía: “De fato, a prosa de Rosa, tão difícil de traduzir, pode bem marcar uma virada na linguagem literária do Brasil.”¹³¹ (*Los Angeles Times* de 28 de abril de 1963).

Assim sendo, quem levou a literatura brasileira traduzida à lista de *bestsellers* do *The New York Times* não foi o governo ou as universidades americanas, mas sim o próprio Alfred Knopf. E a obra que teve sucesso imediato não foi nenhum romance de Rosa, mas *Gabriela, Clove and Cinnamon* (1962) (*Gabriela, Cravo e Canela*, 1958) de Jorge Amado.

TAYLOR E GROSSMAN, E A TRADUÇÃO DE “GABRIELA”

Então Publiquei “Gabriela” – eu decidira escrever uma história de amor, insistindo em que fosse uma história de amor, mas sem abandonar o contexto social, a questão da realidade brasileira. (...) Aí, vários responsáveis do PC (...) atacaram-me, violentamente (...) algum tempo mais tarde foi publicada uma edição cubana de “Gabriela”. Soube-o por acaso (...) Esta edição Cubana era prefaciada por um marxista, um crítico literário marxista, que ironizava certas críticas brasileiras de esquerda, comunistas, que consideravam “Gabriela” o fim de tudo: segundo ele, meu livro era [um livro] marxista, onde a sociedade era analisada com lucidez e rigor perfeitos etc. (...).

Assim, “Gabriela” aparece como uma etapa clara em minha obra. Acho que ela é clara, mas não no que se refere ao abandono do discurso político. O discurso político está ausente em “Terras do Sem Fim”, aparece pouco, muito pouco em “São Jorge de Ilhéus”; e se encontra somente no epílogo de “Seara Vermelha”. Depois desaparece completamente.

Jorge Amado ¹³²

¹³⁰ Brazilian’s Recent Novel Loses Poetic Power in Translation. (*Los Angeles Times* de 28 de abril de 1963).

¹³¹ “Indeed, Rosa’s prose, so difficult of translation, may well mark a turning point in the literary language of Brazil” (*Los Angeles Times* de 28 de abril de 1963).

¹³² Em entrevista a Alice Raillard, 1990, p. 265.

Jorge Amado contou a Alice Raillard (1990, p. 263) que deixou de militar no Partido Comunista, sem se demitir ou ser excluído dele no final de 1955. O XX Congresso dos PUCS, que denunciou o terror Stalinista, só aconteceu entre 14 e 25 de fevereiro de 1956. O prazo entre uma coisa e outra foi tão curto que a repercussão das revelações que aconteceram durante o Congresso calou por um tempo os militantes comunistas no Brasil e seu afastamento do PC não gerou grande repercussão. Foi então que escreveu *Gabriela, Cravo e Canela*.

A obra trazia à literatura uma mulata tão sensual como a antecessora Rita Baiana. A suja retirante que o árabe Nacib contrata como cozinheira torna-se sua grande paixão e deixa-o louco de ciúmes. Na continuação de sua conversa com Alice Raillard, Jorge Amado descreve *Gabriela* como uma personagem que é “quase um símbolo do povo na sua inocência, sua ignorância do comprometimento, fora de todas as regras, de todas as convenções inventadas pela sociedade” (p. 277). Atribuindo seu sucesso à história de amor entre ela e o “bom brasileiro” Nacib, Amado acrescenta que na obra também “há (...) uma denúncia da sociedade feudal e os primeiros sintomas da evolução desta sociedade”¹³³. O árabe Nacib foi inserido na obra pelo escritor para marcar o aspecto da “formação da nação brasileira que é a ausência de preconceito em relação a um homem que vem de fora, do estrangeiro que entra no Brasil” (RAILLARD, 1990, p. 277).

Assim, *Gabriela* é um romance que traz à tona a imagem da exótica mulata brasileira, do estrangeiro incorporado à sociedade brasileira, do conservadorismo em luta contra a modernidade, do rural contra o urbano.

Como vimos, em 1951 o escritor Jorge Amado recebera o Prêmio Stalin da Paz. O que naquele contexto era praticamente impossível, tornar-se-ia realidade aproximadamente dez anos mais tarde: um romance de Jorge Amado tornava-se um sucesso comercial norte-americano, em uma reviravolta que só não foi mais surpreendente porque foi, antes de tudo, uma demonstração do dinamismo da história e da adaptabilidade da literatura traduzida; contudo, ele precisava ser assimilado de forma própria.

Amado deixara o Partido Comunista 5 anos antes da publicação de *Gabriela* nos Estados Unidos, em 1962, e sua obra já era amplamente conhecida na Europa: o romance *Gabriela, Cravo e Canela* havia sido traduzido para 14 idiomas. Ora, o público

¹³³ O que teria sido perdido na adaptação da MGM, como observa nessa entrevista a Raillard (1990, p. 277)..

americano não era indiferente a esse sucesso internacional, e em 28 de outubro de 1962, Claude L. Hulet escreve no *Los Angeles Times* que o livro já é um bestseller no Brasil e que está para ser publicado em mais de uma dúzia de países.

Com Harriet de Onís envolvida na tradução de Guimarães Rosa, Knopf teve que recorrer a outros tradutores. O primeiro tradutor a ser convidado por Knopf para traduzir *Gabriela* foi o professor da Universidade de Stanford, James L. Taylor, que havia nascido no Brasil e tinha vivido aqui por trinta anos (PEDREIRA, 2001, p. 43). Ao contratar Taylor, Knopf quebrava uma longa tradição: a de contratar somente tradutores nascidos nos Estados Unidos.

James L. Taylor nascera no Brasil, mais especificamente em São Paulo, e a informação que se tem é a de que era filho de “missionários americanos”¹³⁴. Nos Estados Unidos, fez parte da Associação Americana de Professores de Espanhol e Português¹³⁵, tendo ficado conhecido como lexicógrafo após a publicação de seu *Dicionário bilíngüe Inglês-Português*, junto à Universidade de Stanford¹³⁶. Suas únicas traduções literárias foram as realizadas para Knopf: a tradução de *Gabriela, Cravo e Canela* (1962) que, como veremos, precisou ser revista por William Grossman; e a tradução de *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa (1963), que foi, na verdade, uma colaboração com a tradutora Harriet de Onís, impossibilitada de terminar o trabalho. Depois disso, Taylor não mais se interessou por traduzir obras literárias brasileiras e passou a se dedicar à criação de dicionários técnicos, principalmente na área metalúrgica¹³⁷. Foi também membro Sociedade Americana de Metais¹³⁸ e sócio honorário da ABM (Associação Brasileira de Metalurgia e Materiais). Faleceu em 1983¹³⁹.

No início da década de 1960, Taylor trabalhava no departamento de estudos hispano-americanos e luso-brasileiros da Universidade de Standford, e foi quando Knopf convidou-o para traduzir *Gabriela*. Mas o trabalho de Taylor não teve a total aprovação de Knopf: “Decepcionado com a tradução de James Taylor, Knopf convocara

¹³⁴ Fonte: Ronald Hilton. The "Hispanic American Report" (1948-1964) *Hispania*, Vol. 48, No. 1 (Mar., 1965), pp. 89-97 Published by: American Association of Teachers of Spanish and Portuguese. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/336405> Acesso 10/09/2008.

¹³⁵ American Association of Teachers of Spanish and Portuguese.

¹³⁶ James L. Taylor, *A Portuguese-English Dictionary* (Stanford University Press, 1958, 662p.).

¹³⁷ *English-Portuguese Metallurgical Dictionary* (Stanford: Institute of Hispanic American and Luso-Brazilian Studies, 1963, 299p.).

¹³⁸ American Society for Metals

¹³⁹ Fonte: dados da Associação Brasileira de Metalurgia e Materiais, disponíveis em http://www.abmbrasil.com.br/news/noticia_integra.asp?cd=725 ,Acesso em 10/09/2008.

William Grossman para criar um produto mais polido”¹⁴⁰ (ROSTAGNO, 1997, p. 38). Assim, entrava em cena outro tradutor para Jorge Amado.

William Grossman teve um percurso de tradutor bem peculiar. Sua formação era de advogado¹⁴¹, tendo trabalhado em Washington. Mas também atuara como professor da área de transportes e utilidades públicas, e ensinando economia da área de transportes, na Universidade de Nova York Durante a década de 1930, desempenhara o papel de perito em transporte oceânico e aéreo para a administração de Roosevelt, e foi graças a essa experiência em transportes que acabou prestando serviços ao governo brasileiro. Durante seu trabalho no Brasil, começara a se dedicar à atividade tradutória e, em 1952, teve a oportunidade de fazer seu primeiro trabalho de tradução: *Epitaph of a Small Winner (Memórias Póstumas de Brás Cubas)* de Machado de Assis. A publicação nos Estados Unidos ficou a cargo de uma editora pequena, chamada Noonday, após Samuel Putnam recomendá-la em *Marvelous Journey*. Grossman chegou a contribuir com críticas literárias para o *The New York Times*. Teve seu nome registrado, mais tarde, como o 5º ocupante da cadeira 14 da Academia Brasileira de Letras, nomeado em 1969.

No início da década de 1960, Grossman fora então chamado para “melhorar” o trabalho de Taylor. O resultado final também não agradou muito ao crítico do *Los Angeles Times*, que publicou em 28 de outubro de 1962:

Compreensivelmente difícil é a tarefa de traduzir a qualidade poética da prosa de Jorge Amado. A inadequação de tom de várias traduções, a transposição de um número de expressões para um nível cultural mais alto ou mais baixo do que o usado pela personagem em questão, e algumas omissões do texto original, embora deploráveis, não são suficientes para arruinar o estilo caracteristicamente fluente e refrescantemente popular do autor para leitor falante do inglês¹⁴².
(Claude L. Hulet, *Los Angeles Times* de 28 de outubro de 1962)

¹⁴⁰ “Disappointed with the rendering by James Taylor, Knopf had called in William Grossman to create a more polished product”

¹⁴¹ Os dados que seguem foram publicados no obituário de William Grossman no *The New York Times* de 8 de maio de 1980.

¹⁴² “Understandably difficult is the task of translating the poetical quality of Jorge Amado’s prose. The tonal inadequacy of several translations, the rendering of a number of expressions at a higher or lower cultural level than that used by the character in question, and some complete omissions from the original text, although deplorable, are not sufficient to appreciably mar the author’s characteristically smooth and refreshingly popular style for the English speaking reader.”

Difícil aqui é a tarefa de saber a extensão da interferência de Grossman na primeira tradução feita por Taylor. Afinal, tratava-se de um colega alterando o trabalho “não tão bem feito” de outro, uma situação no mínimo constrangedora.

Décadas mais tarde, os desvios evidenciados pelo *Los Angeles Times* também levariam a críticas, no Brasil, de que a tradução teria priorizado o erotismo da obra em detrimento das questões político-sociais do romance¹⁴³. Isso também parecia ocorrer no caso do artigo do jornal de Nova York:

Se suas outras traduções forem tão habilmente fluentes, cheias de vida e naturais como a tradução inglesa de James L. Taylor e William Grossman, a heroína “cor de canela” do Sr. Amado tem uma chance de se tornar tão internacionalmente famosa como aquelas outras beldades latinas: Gina Lollobrigida e Sophia Loren¹⁴⁴. (Orville Prescott, *The New York Times* de 12 de setembro de 1962).

A menção às “beldades latinas” mostra *Gabriela* já se encaminhando para o ideal de Hollywood, e para a produção da MGM que, como vimos anteriormente, desagradou muito o escritor baiano.

O que se viu em 1962 foi Gabriela chegar aos Estados Unidos como “uma filha impulsiva da natureza¹⁴⁵”, a mulata brasileira que, após conquistar o mundo, também conquistaria o mercado leitor americano. “A *café au lait* Gabriela é tão doce e picante quanto o título deste romance brasileiro campeão de vendas sugere”¹⁴⁶ – dizia o jornal californiano *Los Angeles Times*, de 28 de outubro de 1962.

Já a forma como o caráter político de Jorge Amado foi tratado na época pode ser visualizada através da crítica de Juan de Onís, filho da tradutora Harriet de Onís, também no *The New York Times*, de 16 de setembro de 1962:

“Gabriela” representa sem dúvida a liberação artística do Senhor Amado de um longo período de compromisso ideológico com a ortodoxia comunista. Ele não teve que fazer uma declaração pública a respeito de sua presente visão para mostrar que sua integridade artística prevaleceu sobre a linha intelectual partidária. Ficou chocado

¹⁴³ Ver Adilson da Silva Correia, “Gabriela na malha da tradução domesticadora dos anos 60”. In: *Congresso Nacional de Estudos Filológicos e Lingüísticos*, 7, 2003, Rio de Janeiro.

¹⁴⁴ “If its other translations are expertly smooth, racy and natural as the English translation by James L. Taylor and William Grossman, Mr. Amado’s “cinnamon colored” heroin has a chance of becoming as internationally famous as those other Latin charmers, Gina Lollobrigida and Shopia Loren.”

¹⁴⁵ “A Impulsive Child of Nature”.

¹⁴⁶ “The *café au lait* Gabriela is as sweet and spicy as the title of this best selling Brazilian novel implies.” [*café au lait* vem do francês e significa “café com leite, referindo-se à cor da mulata”].

com o derramamento de sangue na Hungria e criticou publicamente o manejo soviético do caso Pasternak e nessas recentes reações ele está muito próximo a intelectuais europeus como Jean Paul Sartre, de quem é amigo pessoal. O Senhor Amado continua a seguir de perto o desenvolvimento político do Brasil, mas está completamente convencido de que doutrinas rígidas extraídas da experiência russa são agora de pouco valor para o Brasil, onde ele acredita que as mudanças democráticas e pacíficas ainda são possíveis (Juan de Onís, *The New York Times*, de 16 de setembro de 1962)¹⁴⁷.

A literatura de Jorge Amado rompeu, assim, a resistência do sistema literário americano da única forma possível durante a Guerra Fria: como um exemplo de “rejeição” à doutrina Russa. A visão é oposta àquela retratada no prefácio da edição cubana, mencionada por Jorge Amado. Em poucas semanas, *Gabriela* entrou para a lista de *bestsellers* do *The New York Times*, para lá permanecer por quase um ano.

O editor Alfred Knopf declarou então: “Apesar de o livro não ter tido a vendagem [nos Estados Unidos] que eu acho que ele merece e [que] pode ainda alcançar, ele concretizou, creio, minha previsão de que atravessaria o anel de ferro¹⁴⁸ que sempre deu azar aos romances dos países da América do Sul” (KNOPF, 1965, vol1, p. 256)¹⁴⁹.

Rostagno (1997) fala da existência de um grande entusiasmo em torno da publicação de *Gabriela* que, diferentemente dos demais livros latino-americanos, foi bem recebida tanto em Nova York quanto no restante do país. O autor também faz referência a críticas positivas que surgiram nos jornais *Chicago Sunday Tribune*, *San Francisco Chronicle*, *Springfiled Republican*, e considera que as razões do sucesso de *Gabriela* vinham do humor inerente à obra, do enredo romântico e do fato de que, “apesar das implicações sociológicas, o romance foi lido mais como uma versão tropical de “Cinderela”, do que qualquer outra coisa” (1997, p. 38).

¹⁴⁷ “*Gabriela* represents undoubtedly the artistic liberation of Senhor Amado from a long period of ideological commitment to Communist orthodoxy. He has not had to make a public profession of his present views to show that his artistic integrity has prevailed over the intellectual “Party line”. He was shocked by the Hungarian bloodbath and publicly criticized the Soviet handling of the Pasternak case and, in these reactions, he is very close to European intellectuals, such as Jean Paul Sartre, with whom he is personally friends with. Senhor Amado continues to follow Brazil’s political development closely, but he is fully convinced that rigid doctrines drawn from the experience of the Russian revolution are now of little value for Brazil, where he believes democratic, peaceful social changes are still possible.”

¹⁴⁸ A menção a um “anel de ferro” parece se referir a um anel de proteção ou barreira mística criada contra o estrangeiro.

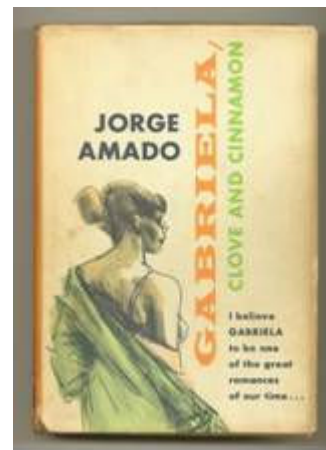
¹⁴⁹ “While the book has had nothing like the sale in this country that think it deserves and may indeed still achieve, it has, I feel confident, fulfilled my prediction that it would break through that iron ring that has always hoodooed novels from the South American countries.”

FIGURA 13



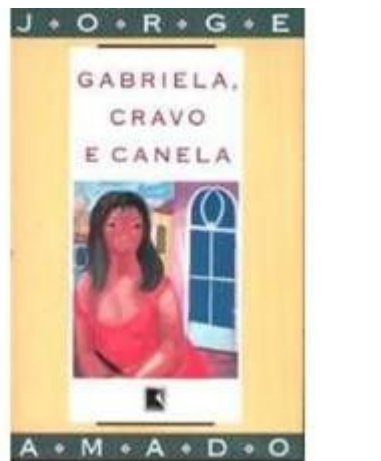
Capa da edição brasileira de 1958

FIGURA 14



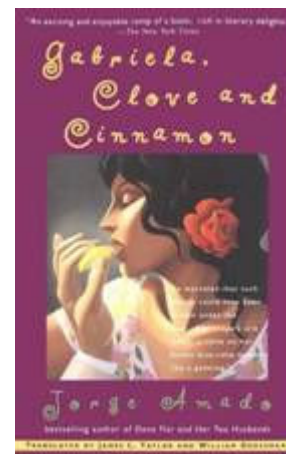
Capa da edição americana de 1962
Lollobrigida ou Cinderela?

FIGURA 15



Capa da edição brasileira atual.

FIGURA 16



Capa da edição americana atual.
A gravura é muito mais erótica.

A imagem proposta por Rostagno é mais incongruente ainda, uma vez que a heroína de Amado nem ao mesmo aceitava usar sapatos, como as senhoras da sociedade baiana, muito menos prender-se às regras comportamentais de sua comunidade, ou suportar um “sapatinho de cristal”. A imagem da Cinderela não foge, no entanto, ao ideal do país de Disney e Hollywood.

Um dos “efeitos colaterais” dessa restrição ao caráter político das obras seria a renovação de antigos estereótipos e o apagamento de possíveis questionamentos sociais mais profundos: a versão *bestseller* de *Gabriela* ressuscitava o mito da mulher sensual vivido por Carmen Miranda.

FIGURA 17



“Gabriela” no *The New York Times* de 16 de setembro de 1962, se assemelha muito a...

FIGURA 18



Carmen Miranda, na calçada da fama - Hollywood em 1941.

FIGURA 19



FIGURA 20



A história de *Gabriela* se passa em Ilhéus, mas a paisagem no retrato de Gabriela do *Chicago Tribune* (ao lado) lembra a vista da baía da Guanabara e o romantismo da Bossa Nova.

A apreensão da obra via-se, então, condicionada ao passado. Ao sofrer a “refração” para um novo campo cultural, surgia uma imagem reconstituída, reelaborada de acordo com linhas de demarcação já conhecidas e palatáveis ao público leitor; formas socialmente desenhadas, que tinham se incorporado à identidade brasileira.

Após o sucesso de *Gabriela*, a menção à Bahia como sítio turístico começava a surgir na mídia americana, como ficou exemplificado no *The New York Times* de 11 de abril de 1965, no qual se lia que Salvador, a primeira capital do Brasil, estava sendo

“redescoberta” pelos turistas. As imagens do paraíso tropical e da mulata sensual eram palatáveis e de fácil assimilação, posto que já existentes e outrora bem aceitas.

Charles Wagley, agora escrevendo para o *The New York Times* (12 de maio de 1963) e anunciando o lançamento de *The Mansions and the Shanties (Sobrados e Mucambos)*, afirmava: *Gabriela, Clove and Cinnamon* não poderia ter sido escrita antes de Freyre [publicar suas obras]. Era a leitura freyreiana do romance de Amado, ou o que Tymoczko(2000) chamaria de “metonímia” da tradução: desaparecia o líder social comunista e destacava-se o freyreiano. O jornal nova-iorquino enfatiza, no mesmo artigo, a atuação de Knopf e de sua tradutora, Harriet de Onís, por tornarem acessível em idioma inglês “mais um clássico Latino Americano”.

A menção a Knopf e aos seus tradutores é relativamente constante nas críticas jornalísticas, demonstrando que, se no corpo dos textos alvo a transparência e a fluência eram valorizadas, levando a possíveis apagamentos da figura do tradutor, ao menos no que se refere ao paratexto, a atividade dos tradutores de Knopf nos Estados Unidos não era completamente “invisível”. E tal visibilidade funcionava como o que Gideon Toury denominou “environmental feedback” [algo como uma “resposta do meio”] (TOURY, 1998, p. 28). As críticas, premiações, as menções nos artigos dos jornais, foram sempre “mensagens” ou “avisos” enviados aos tradutores, construindo as normas locais: não deveriam acontecer muitas “perdas”, as traduções deveriam ser fluentes (não esqueçamos que o próprio Knopf rejeitou a tradução “pouco polida” de Taylor), naturais etc. Seria previsível que os tradutores buscassem essas fórmulas para evitar as “sanções” do mercado. As críticas também apontavam para o que era aceito ou rejeitado nas obras publicadas. Essa forma de “comunicação” com os tradutores manteve-se durante todo o período analisado. O que podemos imaginar é que tais recados passariam, com o tempo, a interferir no *habitus* dos tradutores.

Uma das exigências, todavia, vinha do próprio editor. Vários dos romances de Jorge Amado foram criticados nos Estados Unidos por serem muitos longos¹⁵⁰. A característica não era apreciada por aquele público. O próprio Knopf admitia isso e chegou a comentar com Bárbara Shelby, em correspondência de 11 de abril de 1973, que os “livros de Jorge são sempre longos demais”¹⁵¹, mas completaria que: “(...) é um princípio fundamental para mim que, quando publicamos um livro estrangeiro, devemos

¹⁵⁰ Isso ocorreu também nas críticas do *New York Times* de *Gabriela* e *Dona Flor* mencionadas neste trabalho.

¹⁵¹ “Jorge’s book are always too long.”

publicá-lo completo, a menos que o próprio autor tenha modificado a edição original para leitores da versão em inglês e que o editor possa deixar isso claro – por exemplo, como [é o caso de] nosso Freyre¹⁵²”. Knopf refletia, com suas palavras, uma forma de encarar a tradução como algo que devia ser “fiel” ao texto original, afastando-se da idéia de “adaptação”. Ele demonstrava, ainda, ao especificar essa necessidade de “o editor poder deixar isso claro”, uma preocupação com os aspectos formais, talvez até legais, da publicação, assim como um receio de que houvesse críticas aos cortes realizados.

ENTRE DOIS SUCESSOS, A SOMBRA DO PASSADO

Enquanto no Brasil a situação política se agravava e a história caminhava para a tomada de poder pelos militares de 1964, nos Estados Unidos os romances de Jorge Amado continuavam a ser publicados. Foram lançados por Knopf, na seqüência, na década de 1960:

- *Os velhos marinheiros ou capitão de longo curso* (ou conforme o título completo *A completa verdade sobre as discutidas aventuras do Comandante Vasco Moscoso de Aragão, capitão de longo curso* (1961), lançado em inglês em 1964 com o título *Home is the Sailor*). A obra é uma sátira que relata a história do Comandante Vasco Moscoso, um navegador inexperiente, desleixado e de duvidosa competência. Chamado a Belém para substituir o falecido comandante de um navio, tem que lidar com a animosidade da tripulação. Ajudado pela sorte, consegue manobrar o navio, levando de roldão todos os barcos do porto. A história foi elogiada pela crítica do *The New York Times* (22/03/1964), fazendo referência ainda à publicação de *Gabriela, Clove and Cinnamon*.

- *A morte e a morte de Quincas Berro D'Agua* foi lançado nos Estados Unidos, em 1965, com o título *The Two Deaths of Quincas Wateryell*. Assim como *Os velhos marinheiros*, é também uma história curta. Relata a disputa entre a forma tradicional como a família de Quincas pretende fazer seu funeral, preservando sua antiga imagem, e

¹⁵² Knopf dá aqui a indicação para um outro interessante trabalho: a adaptação feita pelo próprio Gilberto Freyre dos textos revertidos para público leitor do idioma inglês. No texto original lê-se: “(...) it is a cardinal principle with me that when we publish a foreign book, we must publish it complete unless the author himself has edited the original edition for reader of the English version and the publisher can make that clear – e.g., out Freyre”.

a forma como seus companheiros de boêmia, do período após Quincas ter abandonado a família e a vida regrada, achavam que ele realmente queria. Os companheiros de Quincas preparam o "verdadeiro" velório do amigo organizando uma farra que termina no mar, onde Quincas acaba sendo sepultado como herói marinheiro, ou seja, jogado ao mar.

FIGURA 21



Jorge Amado e a tradutora Barbara Shelby, durante o lançamento de *Quincas Wateryell*

Contudo, a sombra do passado político do escritor já voltava a incomodar os críticos literários. Dudley Fitts, ao final da crítica do *The New York Times* (28 de novembro de 1965), dizia de *Quincas*:

Qualquer um que se lembre dos romances proletários do período entre as guerras se sentirá desconfortavelmente de volta ao lar novamente nestas páginas; de volta ao lar e perseguido por uma assombração. Talvez fosse inevitável desde o princípio; certamente a intenção alegórica era central. Entretanto, símbolos concebidos menos bruta e manipulados de forma menos esperada teriam permitido que o trágico e hilário espaço masculino penetrasse, [com] mais espaço para manobra. A Musa Social – seu nome é Mopsia – atropelou o velório de Berro D’Água. Ela deveria ter ficado na cama.¹⁵³

- Knopf ainda tentou aproveitar o sucesso de *Gabriela* para relançar *Terras do Sem Fim* em 1965. “O Gatilho mais rápido do Nordeste”¹⁵⁴, título da *Time Magazine* de

¹⁵³ “Anyone who remembers the between-the-wars proletarian novel will feel uncomfortably back home again in these pages, back home and haunted. Perhaps, it was inevitable from the start; certainly, the allegorical intention was central. Nevertheless, symbols conceived less crudely and handled less expectably would have allowed the tragic and hilarious male space to move in, more room for play. The Social Muse – her name is Mopsia, crashed Wateryell’s wake. She should’ve stood in bed.”

¹⁵⁴ *The Fastest Gun in the Northeast.*

28 de maio de 1965, fazia uma comparação direta entre o nordeste brasileiro e o [velho] oeste americano¹⁵⁵. “A Violenta Saga da Fronteira Brasileira¹⁵⁶” (*Los Angeles Times* de 18 de julho de 1965), título do artigo no *Los Angeles Times*, formava uma imagem parecida. O *Chicago Tribune* apontava para o lado poético daquele novelista-historiador (*Chicago Tribune* de 13 de junho de 1965). Mas a segunda edição de *Terras do Sem Fim* também não alcançava a repercussão de *Gabriela*.

- Finalmente, *Pastores da noite*, lançado em 1967 como *Shepherds of the Night*. É uma obra dividida em três episódios - *O casamento do Cabo Martim*, *O compadre de Ogum* e *A invasão do Mata Gato* - o livro retrata pitorescamente a vida de personagens malandros na cidade da Bahia.

Se a crítica do *Los Angeles Times* (de 19 de fevereiro de 1967) foi até certo ponto condescendente, reforçando comparações já existentes entre Jorge Amado e Mark Twain, no *The New York Times* (de 22 de janeiro de 1967) a opinião foi bem mais dura.

FIGURA 22



O *The New York Times* de 22 de janeiro de 1967 trouxe uma foto de Alfred Knopf em sua visita à Bahia, acompanhado de Jorge Amado.

O “Mundo do Povo” de Jorge Amado, onde “todo pobre é saudável e feliz” e “os ricos são doentes”¹⁵⁷, era motivo de tédio para o crítico John Duncan. “A dificuldade, mesmo agora, parece ser a de que ele é tanto um ideólogo quanto um romancista; ele vê classes, não indivíduos”¹⁵⁸. O crítico deplora o fato de que, em seu mundo, o instinto, o impulso e a exuberância animais tornavam-se o valor maior,

¹⁵⁵ “But, otherwise, the U.S.’s West and Brazil’s Northeast were much alike.”

¹⁵⁶ *Violent Saga of Brazilian Frontier*.

¹⁵⁷ “(...) everyone is poor, healthy and happy. (...) The rich are sick (...)”

¹⁵⁸ “The difficulty, even now, seems to be that he is as much an ideologist as a novelist.”

enquanto o “homem pensante permanece esquecido”¹⁵⁹. Nem mesmo a tradução passou incólume aos ataques: o leitor era barrado por palavras “que parecem só existir em traduções”. Ele citava os exemplos de “caterwauling”, “scamp”, “lovey-dovey”, “highfaluting” e “missus”. Era o preço que o público americano tinha que pagar para ler “tais livros”. John Duncan ironizava: “Existe um dicionário secreto somente para traduções? Ou é um mau uso maníaco do thesaurus?”.

A crítica do jornal nova-iorquino, impiedosa com o que Amado considerava ser seu “humanismo” (GOLDSTEIN, 2000, p. 83), certamente não incentivou as vendas do livro nos Estados Unidos, fazendo o entusiasmo com a obra amadiana seguir uma linha descendente.

A TRADUÇÃO DE “DONA FLOR” E O RENASCER DO ZÉ CARIOCA

Em 1969 foi lançada a tradução de *Dona Flor e seus dois maridos* (1966) como *Dona Flor and Her Two Husbands*. Agora, os Estados Unidos se deparavam com a viúva de Vadinho, um malandro avesso ao trabalho, mas não à bebida, ao jogo e às mulheres, que volta para assombrar sua saudosa esposa, já casada novamente com o trabalhador, respeitável e disciplinado Teodoro. O calor humano opunha-se à segurança material no romance do escritor, as mesmas características que foram outrora utilizadas para comparar o Brasil e os Estados Unidos. Nas palavras de Amado:

Eu já chegara ao fim do romance, exatamente quando Vadinho volta [dos mortos] e quer dormir com Dona Flor. Ela, que tem um segundo marido, o doutor Teodoro, e que é uma mulher honesta, pequeno-burguesa com todos os preconceitos da pequena burguesia, não quer deitar com Vadinho, mas ao mesmo tempo ela o ama, então vai fazer um ebó, para que Vadinho volte ao nada de onde viera. Que volte à sua morte.

(...) e quando o ebó começa a manifestar o seu poder, ela se põe a gritar, e seu grito impede Vadinho de desaparecer, e ela fica com seus dois maridos. (RAILLARD, 1990, p. 297)

A possível semelhança ou sutil comparação entre as características das duas nações não chega aos olhos da crítica norte-americana. Além do mais, com tal enredo, *Dona Flor* surge como o romance menos politizado de Jorge Amado. A obra foi

¹⁵⁹ “His is a world where instinct, impulse and animal exuberance become the ultimate value, while the whole range of thinking man remains unexamined.”

traduzida por Harriet de Onís nos Estados Unidos, e o romance surgiu como a marca da “Boa vida no Brasil”. Ao menos assim dizia o *Chicago Tribune* (24 de agosto de 1969). A leitura do livro não é “um substituto para uma visita [diz o jornal], mas o romance fornece uma agradável apresentação da esplêndida e antiga cidade brasileira de Salvador, freqüentemente chamada Bahia”¹⁶⁰. Como se o apelo turístico aqui não bastasse, a revista *Time* reforçava: “Comida e sexo. Sexo e comida. Frango em leite de coco – vatapá – então uma noite clara sob as estrelas. Isto constitui a vida no estado brasileiro da Bahia, de acordo com seu mais celebrado escritor, Jorge Amado”¹⁶¹. Para o crítico da revista, o romance rico, divertido e afrodisíaco de Dona Flor apresentava uma prima próxima da heroína mais celebrada de Amado: Gabriela também causava uma tempestade tanto na cozinha quanto na cama. O antigo comunista agora trazia em seus romances “amantes viris, morenas misteriosamente sensuais, prostitutas e vizinhos, todos exuberantes”¹⁶² (*SUGAR AND SPICE* - revista *Time* de 05 de setembro de 1969).

Na verdade, tanto o fato de Amado ter sido um ex-comunista, quanto as rejeições à forma politizada de seus outros romances aparecem em destaque em todos os artigos encontrados referentes à obra “Dona Flor”. O *The New York Times* de 14 de agosto de 1964 foi provavelmente aquele que mais enfatizou tais aspectos. Lia-se:

O que quer que possamos pensar a respeito do romance, “Dona Flor e Seus Dois Maridos” deveria fazer Stalin se revirar no caixão. Jorge Amado recebeu o Prêmio Stalin da Paz em 1951 por seus “austeros e coléricos” romances anteriores sobre a vida dura dos trabalhadores brasileiros (...). O *Daily Worker* parabenizou o Sr. Amado pelo fato de “seus escritos não terem nada em comum com aqueles romances exóticos de oscilação tortuosa” de que alguns de seus contemporâneos latino-americanos eram culpados. O Sr. Amado se desviou do realismo socialista em 1958 com a amável, sentimental – e decididamente exótica – “Gabriela, Cravo e Canela.” Apesar de ser antes de tudo um sonho sexy impossível sobre uma cozinheira perfeita e uma amante ideal, “Gabriela” era ainda, até certo ponto, um romance sócio-político sobre mudanças na Bahia durante o “boom” do cacau nos anos vinte. O mais novo livro do Sr. Amado é descaradamente pessoal, uma fantasia cômica indolente, com absolutamente nenhuma dimensão política. Isto é [uma] descrição, não [uma] reclamação: “Dona Flor e Seus Dois Maridos” é um romance

¹⁶⁰ “It’s not a substitute for a visit, but this novel furnishes a pleasant introduction to the culturally splendid old Brazilian city of Salvador, often called Bahia.”

¹⁶¹ “Food and sex, Sex and food. Chicken in coconut milk – vatapá – then a white night under the stars. These constitute life in Brazilian state of Bahia, according to its most celebrated writer, Jorge Amado.

¹⁶² Gabriela marked an abrupt mellowing in Amado’s outlook. Now he romancizes his Bahians into virile lovers, darkly sensual morenas, whores and neighbors, all larger than life.

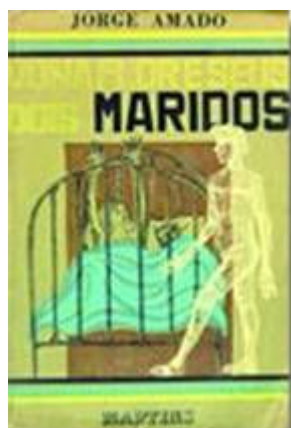
mais interessante do que o popular “Gabriela”.¹⁶³ (Walter Clemons, *The New York Times* de 14 de agosto de 1969).

Menos política e mais sensualidade povoam assim a imagem do Brasil. O “engajamento socialista” é um exótico “tortuoso”, enquanto *Gabriela* é um exótico “amável e sentimental”.

Surge ainda o novo anti-herói: a imagem do playboy, incauto, jogador, vagabundo e sensual Vadinho. O carismático mulato é praticamente um novo retrato do antigo representante brasileiro: o Zé Carioca. Em meio aos comentários do crítico David Gallagher, no *The New York Times* de 17 de agosto de 1969, lia-se a afirmação: “Ninguém que conhece o Brasil precisa ser lembrado de que este é um país imensamente feliz, mesmo no Nordeste”. Afinal, praticamente todos na “galáxia” de personagens de Amado emanam um impulsivo “*joie de vivre*”¹⁶⁴.

O *Chicago Tribune* (de 24 de agosto de 1969) não deixou de mencionar que a tradução da agora falecida¹⁶⁵ Harriet de Onís tinha sido exímia.

FIGURA 23



Capa da edição brasileira de 1966. A alusão é ao fantasma de Vadinho.

FIGURA 24



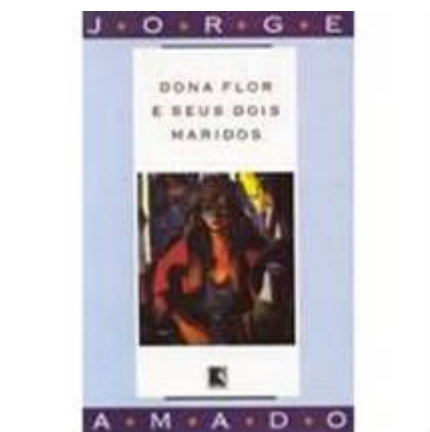
Capa da edição americana de 1968. O estilo gráfico é marcante e as cores fortes.

¹⁶³ “Whatever the rest of us may make of it, “Dona Flor and Her Two Husbands” should set Stalin spinning in his grave. Jorge Amado was awarded a Stalin Peace Prize in 1951 for his “stern and Wrathful” earlier novels about the hard life of Brazilian workers (...). The Daily Worker congratulated Mr. Amado on the fact that “his writings have nothing in common with those ‘exotic’ novels of tortuous vacillation” of which some of his Latin-American contemporaries were guilty. Mr. Amado strayed from socialist realism in 1958 with the amiable, sentimental – and decidedly exotic – “Gabriela, Clove and Cinnamon.” Though it was primarily a sexy pipedream about a perfect cook and an ideal mistress, ‘Gabriela’ was still to some extent a social-political novel about changes in Bahia during the cacao boom of the nineteen twenties. Mr. Amado’s newest book is unabashedly personal, an indolent comic fantasy with no description dimension at all. This is description, not complaint. ‘Dona Flor and Her Two Husbands’ is a more interesting novel than the popular ‘Gabriela’.”

¹⁶⁴ “No one who knows Brazil need be reminded that this is an immensely happy country, even in the North East. Practically everyone in Amado’s galaxy of characters exudes a reckless *joie de vivre*.”

¹⁶⁵ Harriet de Onís faleceu em março de 1969 (*The New York Times* de 16 de março de 1969).

FIGURA 25



**Capa da edição brasileira atual.
A alusão é ao carnaval.**

FIGURA 26



**Capa da edição americana atual.
A sensualidade tomou conta da gravura.**

Um ponto relevante surge, ainda, quanto a *Dona Flor*: a questão da religião e do candomblé no romance de Amado. Se o tema aparece levemente em *Terras do Sem Fim* e quase nada em *Gabriela, Cravo e Canela*, em *Dona Flor e Seus Dois Maridos* ele volta com mais força. Menções ao candomblé e aos orixás estão espalhadas no texto. E é através de um “ebó”¹⁶⁶ que Dona Flor tenta se livrar do fantasma de Vadinho.

Contudo, os rituais religiosos africanos não soavam tão estranhos ao público americano quanto mais de duas décadas antes. Dentre 4 veículos pesquisados, com cinco artigos publicados (dois no *The New York Times*), apenas um artigo deu um destaque maior à questão. David Gallagher, crítico do jornal nova-iorquino explicava:

Nas últimas décadas a tradição xamanista da América Latina (frequente em países onde há uma forte influência negra ou uma cultura indígena viva) tem sido habilidosamente explorada. A fantasia em muitos romances latino-americanos é uma dimensão real, ativa na vida das personagens – e assim como as próprias personagens ignoram os limites entre a realidade e a imaginação, também para o leitor os eventos reais deslizam quase imperceptivelmente mágica adentro. Em “Dona Flor e seus dois maridos” é o Diabo-Deus-Exu quem ressuscita Vadinho e o devolve a Dona Flor para distraí-la de seu segundo marido (David Gallagher, *The New York Times* de 17 de agosto de 1969)¹⁶⁷.

¹⁶⁶ Ritual de despacho do candomblé.

¹⁶⁷ “In the past few decades the shamanistic tradition of Latin America (usually in countries where there is a strong Negro influence or a living Indian culture) have been skillfully exploited. Fantasy in many Latin American novels is a real, active dimension in the characters’ lives- and just as the characters themselves ignore the boundaries between reality and imagination, so for the reader, too, real events slip almost imperceptibly into magic. In “Dona Flor and Her Two Husbands” it is the Devil-God-Exu who resuscitates the body of Vadinho, and restores it to Dona Flor, to distract her from her second husband.”

O que percebemos aqui é que as práticas descritas por Amado foram enquadradas no contexto literário do “realismo mágico”, que se renovava com o *boom* da literatura latino-americana. Assim, o que aparece marcadamente, é que tais práticas religiosas são apresentadas como “fantasia” e “imaginação”. Essa porção do “realismo humanista” da obra de Jorge Amado transformava-se em “conto de fadas”, não ameaçando a estabilidade das crenças religiosas do leitor. E só assim se explica a boa aceitação de uma obra cheia de rituais de magia e feitiçaria, fantasmas e orixás, em uma comunidade rigorosamente protestante.

O resultado é que *Gabriela e Dona Flor* foram os romances amadianos que obtiveram melhor recepção nos Estados Unidos, justamente por serem consideradas obras com menor “tom político” (ROSTAGNO, 1997, p. 38-39) e menos ameaçadoras. Enquanto isso, as antigas imagens do Brasil não seriam tão facilmente eliminadas do imaginário norte-americano. Assim, enfatizar a “metonímia” do exótico em detrimento do questionamento social e político expresso pelo autor em suas obras fora a solução encontrada, seguindo, assim, as “normas” do sistema literário americano ainda durante a Guerra Fria.

Ao nos referirmos ao caráter metonímico com que a obra estava sendo apreendida, não nos limitamos, no entanto, às escolhas dos tradutores. A parcialidade surge também em função do esforço dos agentes de tradução encarregados de tornar a obra aceita dentro de uma comunidade extremamente resistente às idéias de um escritor que havia se vinculado, por muito tempo, a ideologias que ela aprendera a rejeitar em função das políticas governamentais. Vale ressaltar, contudo, que tal fenômeno não aconteceu unicamente nos Estados Unidos. Devemos ainda lembrar que “metonímia” não quer dizer “inverdade” – pelo contrário, o exotismo realmente existe em abundância na obra amadiana. Foram os parâmetros de aceitação e adequação da obra traduzida e inserida em um novo sistema cultural, político e literário que definiram a parcialidade da apreensão.

AS MÚLTIPLAS MEDIAÇÕES DE BÁRBARA SHELBY

*Eu me recordo de um professor de literatura espanhola nos dizendo que toda a língua que alguém aprende é uma nova alma.*¹⁶⁸

(Barbara Shelby Merello).

¹⁶⁸ “I recall a Spanish literature professor telling us that every language one learns is a new soul.”

Quando *Dona Flor e seus dois maridos* chegou às prateleiras das livrarias americanas, Harriet de Onís já havia falecido e Knopf precisava agora de novos tradutores. Vimos que, depois da publicação de *Gabriela*, enquanto Harriet de Onís ainda se ocupava com as obras de Rosa¹⁶⁹, Knopf já tinha recorrido a uma outra tradutora. Como James L. Taylor e William Grossman já não mais trabalhavam com traduções, e com as perspectivas de aposentadoria de Harriet de Onís (que acabaria por falecer pouco mais tarde), Knopf tinha novamente recomeçado a sua “caça a tradutores”. A dificuldade ainda era grande, como transparece na correspondência entre Alfred Knopf e sua assistente Janet Garrett. Em agosto de 1969, Knopf escrevia:

Sob o risco de ser repetitivo, nosso assunto mais importante e imediato é encontrar o tradutor certo para Amado. Nós não podemos perder tempo com isto ou arriscar ou conseguir [alguém] que não seja o melhor. Ele era devotado, claro, a Harriet de Onís e, além disso, sua posição agora é de importância tal que não queremos por em risco, de forma alguma, seu contínuo carinho conosco e [sua] aceitação afável de tudo que fizemos. Seu novo romance, que não é longo, será lançado em setembro. Título: “Tenda dos Milagres”. Não sei exatamente quem sugerir no momento, mas Bárbara, se estivesse disponível, seria provavelmente a melhor. Então, por favor, verifique e reverifique nossa lista e dê ao assunto toda sua atenção.¹⁷⁰ (Memorando de Alfred A. Knopf para Janet Garrett, em 28/08/1969).

Entre indicações, buscas nas universidades e contatos por correspondência, o local onde Knopf encontrou sua próxima tradutora foi dos mais inusitados: o Serviço de Informação Americano instaurado no Brasil.

Barbara Shelby nasceu nos Estados Unidos¹⁷¹; sua mãe, no México, mas tinha pais americanos e conheceu seu marido na Universidade do Texas. Ao ser contratado pelo canal de televisão NBC, seu pai mudou-se para Nova York, onde Barbara nasceu. Autodidata em língua espanhola, a tradutora frequentou por um ano a Universidade

¹⁶⁹ Como mencionado anteriormente, De Onís traduziu *Sagarana*, sendo premiada pela P.E.N. por essa tradução em 1967.

¹⁷⁰ “At the risk of repeating myself, our most important and immediate piece of business is to find the right translator for Amado. We cannot fool around with this or risk getting anything that is not the very best. He was devoted, of course, to Harriet de Onís, and besides his position now is one of such importance that we do not want to risk in any way his continued kindness toward us and agreeable acceptance of everything we have done. His new novel, which is not a long one, will be out in September. Title, “Tent of Miracles”. I don’t know exactly whom to suggest at the moment, but Barbara, were she available, would probably be the best. So please, check and recheck our list and give this matter your very best consideration.”

¹⁷¹ As informações sobre a biografia de Bárbara Shelby Merello foram fornecidas pela própria tradutora, através de correspondência direta. A entrevista realizada com a tradutora está apresentada na íntegra no ANEXO V.

Nacional no México, estudando principalmente literatura. Depois, obteve sua graduação pela Universidade do Texas, com um grau maior (“major”) em Linguagens de Romances e um grau menor (“minor”) em História. Lá, aprendeu português por um semestre, em um curso ministrado por uma jovem professora baiana, “nunca imaginando que me juntaria ao Serviço de Relações Exteriores e teria a sorte de ser enviada ao Rio” (Entrevista com Bárbara Shelby – ANEXO I).

No sítio do IHCA (International Hospitality Council of Austin), na rede internacional de informações (Internet), encontra-se ainda a informação de que Shelby tinha treinamento em mediação pela Escola de Direito do Centro de Resolução de Disputas da Universidade do Texas¹⁷². Um treinamento certamente aproveitado tanto em suas funções diplomáticas, quanto em suas traduções, comerciais ou não.

Bárbara Shelby nos testemunhou que na década de 1960 os novos funcionários passavam vários meses aprendendo o idioma no local de trabalho. Ela trabalhava como oficial assistente de Assuntos Culturais em São Paulo, quando o adido cultural, Dr. George Boehrer, mencionou que Knopf precisava de um novo tradutor para o português e Bárbara Shelby se candidatou. Na entrevista que nos foi concedida, Shelby declarou que Knopf também procurava um correspondente no Brasil e estava obcecado por conseguir para os autores brasileiros – particularmente Amado – a mesma popularidade que tinha alcançado para Thomas Mann antes da guerra (ANEXO I).

Assim, Knopf encontrara sua nova tradutora e correspondente, alguém com que trocava idéias sobre as questões políticas pontuais, além de compartilhar amigos e interesses diplomáticos, como revela a correspondência entre o editor e a tradutora¹⁷³.

Shelby declara, em carta endereçada à Universidade do Texas, que a tradução, na época, ainda não era uma profissão acadêmica (Carta de Bárbara Shelby Merello ao HRC na Universidade do Texas – 28 de agosto de 2002). Iniciando suas traduções na Editora Knopf com *A morte e a morte de Quincas Berro D'Água*, Bárbara Shelby permaneceu na equipe por quinze anos¹⁷⁴ e traduziu também obras de Gilberto Freyre, Guimarães Rosa e Antônio Callado. Relatou em entrevista (Anexo I) que fazia suas traduções nos intervalos de seu trabalho no Serviço de Informação. Diferentemente dos demais tradutores, realizava seu trabalho à distância, uma distância intercontinental.

¹⁷² "Barbara Shelby Merello is a retired Foreign Service officer who has lived in Peru, Spain, Mexico, Brazil, Argentina, Ecuador, and Costa Rica. Trained in mediation at the Dispute Resolution Center at the UT School of Law, she has served as a volunteer mediator and conducted mediation workshops in Peru with a partial grant from Partners of the Americas."

¹⁷³ ANEXO VI

¹⁷⁴ Ver carta de Shelby à Universidade do Texas de 28/8/2002. ANEXO V

Assim, a remessa de correspondência através do correio aumentava o período de entrega e atrasava todos os prazos de trabalho. “Agora que eu penso a respeito, talvez aqueles atrasos não fossem algo tão ruim no final. Nós tínhamos tempo para repensar, adaptar e corrigir” – acrescenta a tradutora.

Jorge Amado agora se mantinha um pouco mais disponível, solucionando eventuais dúvidas lexicais da tradutora, mas Knopf era quem mais interferia, corrigindo alguns termos, sugerindo outros. Quando voltava aos Estados Unidos, seja por licença de trabalho ou em alguma missão, Shelby aproveitava para fazer contato direto com o editor.

Nessa época, também, já era forte a presença do “editor” no processo da tradução. O “editor” a que nos referimos aqui não é o dono da editora, mas o profissional encarregado de organizar os trabalhos de tradução, de publicação e de revisar e supervisionar os textos – equivalendo aos “organizadores” ou “coordenadores” nas editoras atuais. O “editor” de Bárbara Shelby era Herbert Weinstock, um músico, tradutor e biógrafo, e sua interferência também era significativa no processo de tradução.

Além de ter traduzido *Quincas Berro D’Agua*, a nova tradutora de Knopf também já se ocupara com a tradução de *Dona Sinhá e o filho padre*, de Gilberto Freyre (1964), lançado nos Estados Unidos como *Mother and Son: a Brazilian Tale*. Agora traduziria *Tenda dos milagres*.

Hoje, Bárbara Shelby Merello está aposentada de suas funções diplomáticas e vive no Texas, sem, no entanto, ter deixado de ser um membro atuante na sociedade. Demonstra ter ainda grande participação em movimentos de defesa do meio ambiente e em círculos acadêmicos e de discussão de assuntos internacionais. Em função de nosso contato direto com a tradutora, as informações sobre o processo de tradução de *Tenda dos milagres* foram mais abundantes que as das demais obras.

Quanto à importância que damos à publicação nos Estados Unidos, acontece menos em função de sua vendagem do que de seu significado no que diz respeito à questão do conceito de democracia racial vinculado à imagem do Brasil, como veremos adiante.

DES(CONS)TRUINDO O MITO E CONSTRUINDO A INCLUSÃO

Muitas respostas negativas [que dizem não haver preconceito racial no Brasil] explicam-se por esse preconceito de ausência de preconceito, por esta fidelidade do Brasil ao seu ideal de democracia racial.¹⁷⁵

Roger Bastide e Florestan Fernandes

É só dessa maneira que podemos explicar os resultados de uma pesquisa realizada em 1988, em São Paulo, na qual 97% dos entrevistados afirmaram não ter preconceito e 98% - dos mesmos entrevistados - disseram conhecer outras pessoas que tinham, sim, preconceito. Ao mesmo tempo, quando inquiridos sobre o grau de relação com aqueles que consideram racistas, os entrevistados apontavam com frequência parentes próximos, namorados e amigos íntimos. Todo brasileiro parece se sentir, portanto, como uma ilha de democracia racial, cercado de racistas por todos os lados.¹⁷⁶

Lilia Schwarcz

Ou seja, a oportunidade do mito se mantém, para além de sua desconstrução racional, o que faz com que, mesmo reconhecendo a existência do preconceito, no Brasil, a idéia de harmonia racial se imponha aos dados e à própria consciência da discriminação.¹⁷⁷

Lilia Schwarcz

Se em 1965 Rabassa iniciara sua dissertação mencionando o Brasil como exemplo de democracia racial, em 1971 ele teria uma posição bem diferente. Entre as décadas de 1950 e 1960, muito já havia acontecido no sentido de desconstruir essa crença. Não que não existissem movimentos negros de resistência às idéias que foram exclusiva e erroneamente atribuídas a Freyre. Ou discordâncias, mesmo dentro do projeto da UNESCO, quanto à “conclusão de Wagley, segundo a qual, no Brasil, ‘em todo seu imenso território semi-continental’ a discriminação e o preconceito raciais estão sob controle, ao contrário do que acontece em muitos outros países” (WAGLEY apud GUIMARÃES, 2001, p. 11). Pelo contrário, o artigo publicado em abril de 1951 na revista *Courrier* já impunha ressalvas a tais afirmações, declarando que o Brasil era um país onde “as relações entre as raças são relativamente harmoniosas” (METRAUX

¹⁷⁵ *Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo*, São Paulo: UNESCO-ANHEMBI, 1955, p. 123.

¹⁷⁶ Nem preto, nem branco, muito pelo contrário, cor e raça na Intimidade: *História da vida Privada no Brasil*, org. Fernando Novais, São Paulo: Cia de Letras, 1998, pp. 177-184.

¹⁷⁷ Questão racial e etnicidade. *O que ler na Ciência Social Brasileira (1970 – 1995)*, org. Sérgio Miceli, São Paulo: Sumaré e ANPOCS, 1999, p. 309.

apud MAIO, 1999, p. 11) e dizia ser “um exagero, entretanto, afirmar que o preconceito racial é desconhecido”.

Florestan Fernandes, no início da década de 1960, já apontava para a existência de uma estrutura social rigidamente estratificada e para a permanência do preconceito racial no Brasil, contrariamente às alegações de Freyre. Era, para ele, o racismo à brasileira, um racismo vinculado à posição social e ao status econômico. Florestan dizia não existir democracia racial efetiva no Brasil, onde o intercâmbio entre indivíduos pertencentes a “raças” distintas “começa e termina no plano da tolerância convencionalizada”, que podia satisfazer às “exigências de ‘bom tom’, de um discutível ‘espírito cristão’ e da necessidade prática de ‘manter cada um em seu lugar’” ((FERNANDES, 1960, p. xiv). Era o início de um processo sistemático de desconstrução do que foi, a partir de então, intitulado “mito da democracia racial”. Os estudos da época caminhavam lado a lado com as mudanças no sistema político brasileiro.

Até 1964, a “democracia racial” ainda podia ser vista, tanto por intelectuais aliados à luta anti-racista, quanto por alguns líderes de movimentos negros, como um ideal a ser alcançado. Podia ser vista como a busca da igualdade de direitos, como um “pacto social” em que seria possível promover a inclusão. A partir de então, as esquerdas brasileiras passaram a encarar a questão de forma diversa: a idéia de mito passou a imperar. Um dos estudos representativos da época foi *A Integração do Negro na Sociedade de Classes*, também de Florestan Fernandes, em 1965.

É claro que os estudos e debates não parariam aí. Outros historiadores, sociólogos e antropólogos brasileiros como Carlos Hasenbalg, Roberto Da Matta, Lilia Schwarcz, Antonio Sérgio Alfredo Guimarães e Lívio Sansone apresentaram, ao longo de décadas, estudos que não somente desconstruíram o mito, mas reavaliaram a questão na sociedade brasileira. As pesquisas passaram a indicar cada vez mais os mecanismos do que a mídia convencionou chamar “racismo cordial¹⁷⁸” do povo brasileiro. A questão da democracia racial tornou-se um “mito desconstruído, mas não extinto”. Como explica Antonio Sergio. A. Guimarães:

Morta a democracia racial, ela continua viva enquanto mito, seja no sentido de falsa ideologia, seja no sentido de ideal que orienta a ação concreta dos atores sociais, seja como chave interpretativa da cultura,

¹⁷⁸ Folha de S.Paulo de 25 de junho de 1995.

seja como fato histórico. Enquanto mito continuará viva ainda por muito tempo como representação do que, no Brasil, são as relações entre negros e brancos, ou melhor, entre as raças sociais (Wagley 1952) – as cores – que compõem a nação. (GUIMARÃES, 2001, p. 19)

A atuação desses intelectuais direcionou-se, então, para a busca de soluções, de formas para compatibilizar os discursos oficiais, de combate à desigualdade social, e as práticas do preconceito racial em nossa sociedade. Como observa Schwarcz (2007)¹⁷⁹:

Raça não é uma realidade ideológica, mas raça é uma construção, muitas vezes perversa, porque ela leva a um campo de hierarquização. Dito isso, raça é uma construção, identidade também é uma construção. Estamos nesse campo: identidade também não é uma construção que se faz em contexto e com lutas sociais e com tensões sociais a todo momento. Então seria preciso pensar por que é que no Brasil raça sempre foi material para pensar em identidade e o que é que seria esse racismo à brasileira. Eu acho que existe, sim, um racismo à brasileira, cuja grande complexidade é que ele é uma idéia que é, sobretudo, de caráter privado. Isso tem se alterado e muito. Esse racismo brasileiro ainda se manifesta na esfera do privado, por conta da ausência de movimentos no corpo da lei.

Para a autora, essa manifestação de racismo privado e – por isso mesmo – fora da lei, produz o que chama de uma inversão.

O que está havendo é uma inversão. Estamos tentando colocar no corpo da lei políticas de compensação, praticando políticas que, de alguma maneira, estão retornando e racializando o debate. Esse racismo à brasileira é de caráter privado, por não se manifestar no corpo da lei e por não se manifestar nas estâncias mais oficiais. Além de tudo ele também é um racismo que sempre joga no outro a cota de preconceitos. Pode ser o argentino, no caso do futebol. O lado bom do momento em que nós vivemos é, enfim, que as pessoas estão passando a refletir sobre essa questão. Não falar a respeito não significa que você não viveu o problema. As pessoas negam e jogam no outro o racismo que na verdade é de cada um. (SCHWARCZ, 2007)

É o desafio de enfrentar a herança do passado, em um país onde a desigualdade social, a pobreza e a marginalidade ainda são grandes, historicamente causadas (já que fomos uma colônia onde existiu a escravidão oficial de índios e negros) e vinculadas à discriminação. Existe aí uma urgência em buscar soluções menos ilusórias, em

¹⁷⁹ A referência é o artigo Quase pretos, quase brancos, publicado na *Revista Pesquisa FAPESP*, Abril de 2007 - Edição 134.

concretizar a democracia simples e plena. E assim, a questão chega à esfera das políticas públicas, com as discussões e a adoção de medidas de “ação afirmativa” e busca de fórmulas de inclusão social.

Desenvolver em profundidade essas questões sociológicas e antropológicas ligadas à questão da democracia racial seria nos desviarmos muito dos objetivos desta dissertação, cujo alvo primeiro são os Estudos da Tradução. O que nos interessa aqui é perceber de que forma a atividade da tradução e as questões políticas e sociais se intersectaram. Importa saber que, quando a tradução de *Tenda dos milagres* foi lançada nos Estados Unidos em 1971, a questão já tinha tomado um formato diferente, com o pensamento intelectual direcionando-se para o multiculturalismo¹⁸⁰. A existência de miscigenação no Brasil, para muitos intelectuais, não mais correspondia à existência de uma “democracia racial”, mas sim à de um “racismo à brasileira”. Se a idéia de “paraíso racial” servira para chamar a atenção da comunidade estrangeira, internamente suas conseqüências já eram questionadas.

TENDA DOS MILAGRES: UM ESCRITOR ALHEIO ÀS PESQUISAS

*Eu tenho um sonho de que meus quatro filhinhos um dia, viverão numa nação onde não serão julgados pela cor de sua pele e sim pelo conteúdo de seu caráter.*¹⁸¹

Martin Luther King, Jr.

É nesse contexto, do questionamento inicial levantado por Florestan Fernandes, que *Tenda dos milagres* surge com uma história que remonta aos acontecimentos do início do século na Universidade da Bahia, e cujos personagens, como em vários outros romances de Jorge Amado, oscilam entre a ficção e a realidade. É o caso do médico baiano Nina Rodrigues, representado pela personagem do professor Nilo Argolo. Nas palavras de Jorge Amado, trata-se de uma época [o início do século XX] em que as

¹⁸⁰ Para a questão do multiculturalismo no Brasil, ver: Antonio Sérgio Alfredo Guimarães, . Depois da democracia racial. *Tempo soc.*, São Paulo, v. 18, n. 2, 2006 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702006000200014&lng=en&nrm=iso . Acesso em: 05 de Setembro de 2008.

¹⁸¹ “I have a dream that my four little children will one day live in a nation where they will not be judged by the color of their skin but by the content of their character.” (Em “*Eu Tenho Um Sonho*”. 28 de agosto de 1963. Washington, D.C.)

“teorias racistas dominam grande parte da intelectualidade brasileira” (RAILLARD, 1990, p. 83).

Ao observar o enredo da obra, verificamos o quanto existe de autobiografia nele. Nas palavras da esposa Zélia Gatai: “(...) de todos os personagens criados por Jorge, o que mais se parece com ele mesmo é Pedro Arcanjo (...)”(GATTAI apud OLINTO, 2006, p.1). Nossas explicações sobre a tradução de *Tenda dos Milagres* estendem-se um pouco mais sobre essa questão, em função de seu caráter autobiográfico, do maior número de informações obtido sobre a tradução e de o processo mostrar as diferentes leituras possíveis de uma mesma obra. Também, a obra parece indicar um “desfecho” para a “narrativa da democracia racial”: ela se tornaria desacreditada a partir da década de 1970.

O protagonista de *Tenda dos Milagres*, Pedro Arcanjo, é um mulato de muitas mulheres. Mas seu grande amor, sua grande paixão é inacessível. Rosa de Oxalá o ama, mas vive com seu grande amigo Lídio Coró, dono da “Tenda dos Milagres”, e a lealdade de Arcanjo não lhe permitirá roubar a mulher do melhor amigo. Na “Tenda dos Milagres”, Lídio faz e vende pinturas de “milagres” alcançados pela população, e o local serve também para apresentações de teatro amador. Aos poucos, o malandro Pedro Arcanjo vai crescendo intelectualmente, de forma autodidata, tornando-se um escritor que retrata a cultura africana no Brasil. Faz sua a “missão” de desconstruir o racismo e demonstrar a hipocrisia daqueles apontam a inferioridade de negros e mulatos. Arcanjo é também defensor da liberdade dos cultos africanos, perseguidos pela polícia e pelos governantes da época. Frequenta o candomblé da Yalorixá Magé Bassã, e capoeira de Mestre Budião, contudo, ao intelectualizar-se, Arcanjo se torna um ateu, embora nunca abandone a comunidade do candomblé: “Meu materialismo não me limita”, é como responde ao professor e amigo comunista que questiona sua posição no terreiro. Os cultos são para ele um bem do povo. “Terreiro de Jesus, tudo misturado na Bahia, professor. O Adro de Jesus, o Terreiro de Oxalá, Terreiro de Jesus. Sou a mistura de raças e de homens, sou um mulato, um brasileiro”. Pedro Arcanjo parece trazer ao leitor o pensamento amadiano sobre a religiosidade:

Sei de ciência certa que todo sobrenatural não existe, resulta do sentimento e não da razão, nasce quase sempre do medo. No entanto, quando meu afilhado Tadeu me disse que queria se casar com moça rica e branca, mesmo sem querer pensei no jogo feito pela mãe-de-santo no dia em que ele se formou. Trago tudo isso no sangue,

professor. O homem antigo ainda vive em mim, além de minha vontade, pois eu o fui por muito tempo. Agora eu lhe pergunto, professor: é fácil ou é difícil conciliar teoria e vida, o que se aprende nos livros e a vida que se vive a cada instante?

Se eu proclamasse minha verdade aos quatro ventos e dissesse: tudo isso não passa de um brinquedo, eu me colocaria ao lado da polícia e subiria na vida, como se diz. Ouça, meu bom, um dia os orixás dançarão nos palcos dos teatros. Eu não quero subir, ando para frente, camarado. (AMADO, 2006, p. 272)

Foi trabalhando como Bedel da Faculdade de Medicina que Arcanjo entrou em contato com professores e catedráticos, e interessou-se pela leitura. Também foi lá que se deparou com as idéias de eugenia do professor Nilo Argolo. Exatamente como Nina Rodrigues fazia no começo do século, Nilo Argolo defendia que os negros e mulatos tinham “tendência hereditária para o crime e não deveriam conviver na mesma sociedade que os brancos”. O médico baiano ia mais longe: “O governo brasileiro deveria deportá-los para a região norte do país, que ainda não havia sido explorada, para eles conviverem entre si, longe da raça pura...”. O colega de Arcanjo, Fraga Neto, esbravejaria ao saber do projeto de lei de Argolo: “Nem na América do Norte se cogitou de legislação tão brutal. O Monstro Argolo ganhou até para as piores leis, as mais odiosas de qualquer Estado sulista, daqueles mais racistas dos Estados Unidos” (p.272).

É essa idéia de existência de uma “raça pura” que Pedro Arcanjo desmonta, provando, com base em uma investigação sobre a árvore genealógica das principais famílias baianas, que 87% da população da Bahia era mestiça e apenas 13% era da raça branca. Assim, a grande maioria da população era fruto da miscigenação, inclusive o professor Nilo Argolo, cujo bisavô era negro.

Apesar de seus escritos, Pedro Arcanjo morre pobre e esfarrapado, esquecido por seus inimigos, mas lembrado pelo povo. Sua obra permanece no anonimato até que o professor americano, J.D. Levenson, da Universidade de Columbia (onde Franz Boas lecionava e Knopf também estudou), descobre seus livros documentando a formação e a miscigenação do povo Baiano. Levenson vem então ao Brasil para estudar a vida de Arcanjo e tece elogios à sua obra, que passa a ser reconhecida pelas entidades locais. O nome de Pedro Arcanjo torna-se conhecido e também alvo da especulação dos intelectuais e da mídia. Paralelamente, desenvolve-se a história de seu sobrinho Tadeu, que Arcanjo ajudou a criar, e que se apaixona por uma moça branca, de família rica. O moço parte da Bahia para estudar, consegue progredir, e volta para se casar com Lu, mesmo contrariando a vontade do pai da moça. A obra é, assim, um romance dedicado à

luta contra o preconceito racial e cultural. Enquanto exhibe a defesa dos rituais de origem africana e a denúncia da perseguição à liberdade religiosa, Amado também defende a miscigenação como forma de acomodação da sociedade.

Em entrevista a Alice Raillard, já na década de 1990, Amado ainda afirmava categoricamente:

Nos Estados Unidos há milhares e milhares de anti-racistas, talvez possamos até falar em milhões, tanto entre brancos quanto entre negros. Mas há uma filosofia de vida racista em todos eles. No Brasil é o contrário: há milhares e milhares, centenas de milhares de racistas, principalmente nas camadas superiores da sociedade, mas o povo, este não é racista. Chamar o povo brasileiro de racista é uma ignomínia e uma calúnia. O povo brasileiro é a negação do racismo (p. 93).

Em 1989, Amado reforçava essas mesmas idéias¹⁸² em uma entrevista à revista *Courier* da UNESCO. Admitiu a existência de racismo no Brasil, mas defendeu que a sociedade brasileira em si não era racista – um conceito difícil de entender: “Havia, e ainda há algum racismo. No Brasil, como em outras partes do mundo, o racismo sobe à superfície e irrompe sempre que grupos de diferentes etnias se encontram em situação de conflito” – ele dizia. Mas acrescentava: “Entretanto, o Brasil não é uma sociedade racista, porque qualquer tendência em direção ao racismo é contrariada por uma tendência geral em direção à mistura e ao sincretismo”. Para Amado, o racismo no Brasil não tinha raízes profundas, institucionalizadas, mas tendia, como afirma na entrevista ao *Courier*, a tornar-se difuso através da mistura espontânea das raças, do “impulso que acomoda as diferenças e une opostos”. Amado defende claramente sua solução para o racismo – “A mestiçagem é a chave para a cultura brasileira (...) Estou convencido de que, no longo prazo, há uma única solução real – absorver o racismo na mistura das raças”. Por mais que os sociólogos e antropólogos, ou mesmo movimentos de defesa dos negros já discordassem dessas idéias, Jorge Amado ainda buscava o ideal político da democracia racial. Não há como não lembrar da idéias de Freyre ao ouvi-lo falar em “acomodação de diferenças” e “união de opostos”. Se esse era o real pensamento de Amado, ainda no final da década de 1980, *Tenda dos milagres* não era,

¹⁸² “There was, and still is, some racism. In Brazil, as in other parts of the world, racism rises to the surface or erupts whenever different ethnic groups find themselves in a situation of conflict. Nevertheless, Brazil is not a racist society, because any tendency towards racism is countered by a general tendency towards intermingling and syncretism. Instead of being deep-rooted, institutionalized and encouraged, racism tends rather to be defused by the movement towards mixing, by this drive that accommodates differences and weds opposites. Mixture is the key word of Brazilian culture.”

para ele, uma denúncia sobre o racismo no Brasil, mas uma demonstração da luta do povo brasileiro contra o racismo.

TENDA DOS MILAGRES NOS ESTADOS UNIDOS

O romance original foi lançado no Brasil em 1968, e em 1969 Knopf já começava a planejar sua publicação nos Estados Unidos. Esses eventos acontecem em uma época muito próxima ao assassinato do líder negro e pastor da igreja Batista Martin Luther King Jr., nos Estados Unidos.

Grande parte das informações que seguem foram extraídas das cartas entre Shelby e Knopf. Em 8 de dezembro de 1969, Alfred Knopf questionava Shelby sobre a leitura e a opinião da tradutora sobre a nova obra de Jorge Amado:

Eu lhe faço estas perguntas não apenas pela curiosidade natural de um editor, mas porque minhas relações com Jorge se tornaram mais íntimas e prazerosas do que nunca e eu me sinto na obrigação de tratá-lo com a máxima cortesia e atenção.

Recebi uma carta sua [de Amado] outro dia dizendo que o Martins está imprimindo nova edição [de *Tenda dos Milagres*] e que a primeira edição de setenta e cinco mil [exemplares] já quase se foi. Ele está agora no topo da lista de mais vendidos, com Vasconcelos em segundo lugar. Em vista do que disse acima, acho que seria melhor se você endereçasse todas as comunicações sobre “Tenda dos Milagres” a mim e a mais ninguém¹⁸³. (KNOPF para SHELBY em 8 de dezembro de 1969).

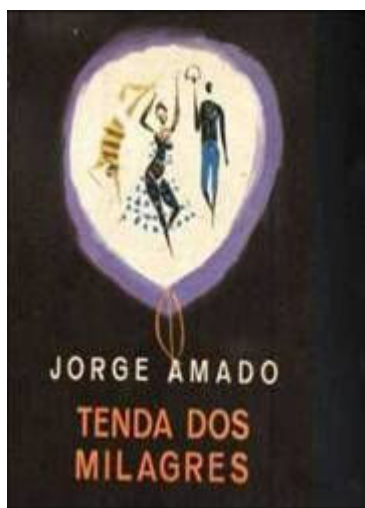
Knopf optava, assim, por dedicar atenção especial à obra de Amado, passando por cima da figura de seu próprio “editor” (organizador). A verdade é que, com o passar dos anos, Knopf aproximara-se mais de Amado (distanciando-se um pouco de Freyre, que restringira suas visitas aos Estados Unidos) e seu maior interesse agora era a promoção da obra do escritor baiano nos Estados Unidos. Shelby escreve a Knopf contando que a nova obra de Amado era uma das melhores do escritor.

Em nossa entrevista com a tradutora, ela declarou que evitava consultar Amado a respeito da tradução. No entanto, o escritor contribuiu com explicações sobre os

¹⁸³ “I ask you these questions not only out of a publisher’s natural curiosity but because my relations with Jorge have become closer and more delightful than ever and I feel obliged to treat him with the utmost courtesy and consideration. I had a letter from him the other day saying that Martins is reprinting and that the first printing of seventy-five thousand is almost gone. He is now at the top of the bestseller list with Vasconcelos in second place. In view of what I’ve said above I think it would be best for you to address all communications regarding ‘Tent of Miracles’ to me and not anyone else.”

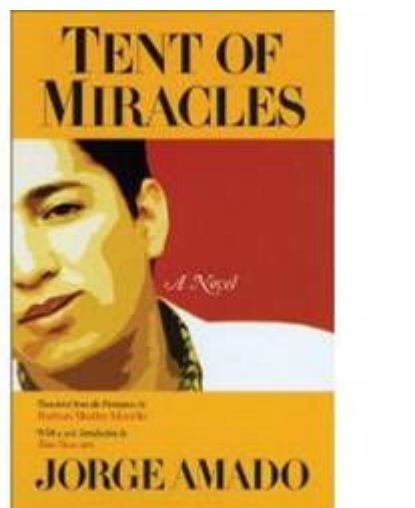
regionalismos em cartas enviadas à tradutora. Jorge Amado acrescentava: “Fiquei muito contente quando soube que você o estava traduzindo para o inglês. Sei assim que Pedro Arcanjo sairá inteiro na edição de Knopf” (JORGE para SHELBY em 30 de maio de 1970).

FIGURA 27



Capa da 1ª edição de *Tenda dos Milagres* no Brasil em 1969. A figura mostra uma alegoria do candomblé.

FIGURA 28



Capa de *Tent of Miracles* publicado nos Estados Unidos em 1971. Quem aparece é o mulato Pedro Arcanjo.

Alfred Knopf também fazia intervenções no texto traduzido. Um exemplo disso foi a sugestão de Shelby de que o título da obra fosse “The Miracle Shop”, rejeitada por Knopf, que via a palavra “tent” como passível de ser ampliada e de cobrir todos os tipos de lugares sem causar nenhuma perturbação no leitor.

Knopf elogiava muito a obra, e escrevia ao amigo baiano: “Estou me divertindo muito lendo a tradução de *Tenda dos Milagres*. Que homem amplamente informado você é. Eu imagino se seus amigos e admiradores em seu próprio país percebem isso”¹⁸⁴ (20 de agosto de 1970). Comentava ter estudado na Universidade de Columbia quando Franz Boas era um renomado professor. Elogiava ainda o tributo que Amado prestara à Bahia com aquela obra e comentava a forma como o escritor se referia negativamente às pessoas com status e poder. Mas, ainda na mesma carta, advertia: “(...) você deve sempre lembrar que, como quer que eles tenham enganado as pessoas quando

¹⁸⁴ “I’ve been having great fun reading the translation of ‘Tent of Miracles’. What a widely informed man you are. I wonder how many of your friends and admirers in you own country realize this.”

concorreram a vagas públicas, foram as pessoas que os colocaram lá”¹⁸⁵. E comunicava ao amigo seu espanto quanto às informações contidas no livro:

E o que você diz sobre racismo no Brasil é muito esclarecedor. Seus compatriotas muito freqüentemente expressam grande orgulho em sua reivindicação de que tais coisas não existem no Brasil. Mas por ocasião de minha primeira visita, eu passei a véspera de Ano Novo no Clube Atlético em Salvador com pessoas do consulado. Nós não fomos embora até as três ou quatro da manhã e eu observei os dançarinos, da meia noite em diante, procurando, sem encontrar, um único rosto branco.

O que Knopf afirmava era não ter observado em Salvador a famosa “harmonia” e o “intercâmbio” entre negros e brancos. Infelizmente não pudemos obter a carta de resposta de Jorge Amado, para saber como ele reagiu ao comentário do editor. Na mesma carta, Knopf dizia a Amado que considerava que a tradução feita por Shelby era extraordinária.

Em agosto do mesmo ano, Knopf escreve a Shelby dizendo ter terminado a leitura da tradução do livro de Amado, e que acha que o trabalho é extraordinário¹⁸⁶. Confirma o entusiasmo de sua esposa Helen para com a obra e diz não ter dúvidas de que aquele é “o trabalho mais importante [de Jorge Amado] em um longo período”¹⁸⁷. Contudo, a carta já expressava dúvidas e certo pessimismo quanto à aceitação da obra pelo público leitor americano:

O problema – é claro – é que, apesar de todos os nossos esforços – e eles foram consideráveis nos últimos dez anos – nós não fizemos [do nome] ‘Amado’ um nome conhecido, e há muito no presente livro que será realmente “grego” para o leitor americano. Em primeiro lugar, ele traça uma linha muito fina, eu acho, entre fato e ficção, e embora, no meu ponto de vista, ele não deixe clara a identidade do narrador, parece-me que é claramente o próprio Jorge. Claro, a história se liga – ou melhor, as colocações dele se ligam – à questão do racismo em todos os lugares hoje, e se o livro for bem recebido, como deveria ser em certos setores estratégicos, ele pode, apesar de todo seu material exótico, ter uma boa venda. O que ele deve ter, é claro, é um glossário, que nós achamos que você pode fornecer e sobre o qual a Jane [Garrett] lhe escreverá.¹⁸⁸ (KNOPF para SHELBY em 25 de agosto de 1970)

¹⁸⁵ “But in looking at us you must always remember that however much they fooled the people when they were running for office it was the people who put them there.”

¹⁸⁶ “I think it’s a very remarkable work.” (KNOPF para BARBARA em 25 de agosto de 1970).

¹⁸⁷ “Helen is wild about the book and I don’t think there can be any doubt of its being his most important in a long period.”

¹⁸⁸ “The trouble, of course, is that despite all our efforts – and they have been considerable over the last ten years – we have not made the name Amado a household word and there is so much in this present

Knopf agora ignorava o fato de os limites entre fato e ficção, realidade e literatura terem sido tênues desde os primórdios do projeto de Roosevelt. Era o próprio Departamento de Estado, juntamente com as universidades, que afirmava ser a literatura o melhor meio para se conhecer as nações vizinhas. E as escolhas de obras com caráter histórico ou político faziam confirmar essa linha tênue.

Entretanto, Knopf provavelmente percebia que o “exotismo” do novo romance afastava-se daquela imagem da heroína sedutora que fizera sucesso no país. Era um “exotismo” mais próximo do criticado em *Terras do Sem Fim*, em que a valorização era a da cultura afro-brasileira. Observamos novamente o termo “exótico” sendo usado de forma “relacional” para se referir a diversos tipos de “diferença”, mais ou menos aceitas. Por fim, teria sido fundamental se Knopf tivesse especificado melhor quais eram os “setores estratégicos” a que ele se referia. Podemos apenas imaginar aqui que ele se referia à crítica literária expressa pela mídia.

Na carta já mencionada, Knopf relata que o romance tinha entusiasmado a todos, menos a Bob Gottlieb e Nina Bourne, o então editor-chefe e vice-presidente e a vice-presidente de publicidade da Alfred A. Knopf Inc. Gottlieb e Bourne tinham sido os responsáveis pela publicação de *Dona Flor*. Eles acreditavam que seria muito mais difícil tornar a publicação de *Tent of Miracles* tão bem sucedida quanto a de *Dona Flor*. A idéia desagradou fortemente à tradutora, que não compreendia como Gottlieb podia achar um livro “com substância e sátira [como *Tenda dos milagres*]” mais difícil de ser aceito do que um “sufê mal cozido” como *Dona Flor*, “apenas engraçado porque Amado pôs todos os seus amigos nele”¹⁸⁹ (SHELBY para JANET GARRET em 5 de setembro de 1970).

Gottlieb e Bourne infelizmente não estavam tão errados assim. *Tent of Miracles* foi publicado em 1971. O destaque dado pelos jornais e revistas americanas foi bem menor do que aquele dispensado a *Dona Flor*: dois pequenos artigos anunciavam o lançamento da obra, um no *The New York Times* de 24 de outubro de 1971 e um no *Los*

book that will really be Greek to the American reader. For one thing, he draws a rather thin line, I think, between fact and fiction and though, in my view he doesn't make the narrator's identity clear, it seems to me to be clearly Jorge himself. Of course, the story ties in – or rather his asides tie in – with the racist question everywhere today and if the book is welcomed as it ought to be in certain strategic quarters it might, despite all its exotic material, have a good sale. What it must have of course is a glossary, which we think you can supply and about which Jane [Garrett] will be writing you.”

¹⁸⁹ “I am sorry to hear that Mr. Gottlieb thinks it will be harder to put over this book of substance and satire than a half-baked soufflé like “Dona Flor”, which was only funny because Amado put all his friends in it.”

Angeles Times de 19 de setembro de 1971, além de uma pequena nota no *Christian Science Monitor* de 21 de outubro do mesmo ano. O *Los Angeles Times* dizia que, com a morte de Guimarães Rosa, Jorge Amado havia se tornado o único escritor brasileiro vivo internacionalmente conhecido. *Tent of Miracles* foi apresentado no artigo como um “Tributo Ficcional à Bahia”:

Figuras atraentes e tempestuosas enchem suas páginas, e se movimentam através de muitos festivais [religiosos] e casos de amor, com a síntese da presença de espírito africano e o decoro português que nós passamos a aceitar.

Mas enquanto os espíritos [a energia] do lugar e pessoa dão o que pensar, o romance de Amado não é nem um trabalho regionalista, nem histórico. Enquanto delicia, ele oferece uma sátira instrutiva séria das relações raciais brasileiras e políticas, e assim se coloca como um trabalho memorável tanto por sua vitalidade, quanto pelas implicações críticas de desempenho enérgico¹⁹⁰ (Alan Cheuse, *Los Angeles Times* de 19 de setembro de 1971).

Como “sátira instrutiva séria das relações raciais no Brasil”, a interpretação da obra de Amado já começava a se afastar das afirmações que ele fizera ao *Courier*. Essa mesma leitura será feita por Gregory Rabassa, que ficou responsável pela crítica publicada no *The New York Times*:

O ritmo selvagem e brincalhão que nós esperamos [encontrar] agora em Amado é usado aqui, entretanto, para esvaziar um dos mitos mais exaltados no Brasil, aquele da harmonia racial. Mesmo uma olhada incidental nas ideologias do século XIX que sobreviveram no Brasil revelará a mácula de Gobineau, e elas geralmente mostram uma virulência mais violenta ainda¹⁹¹. (Gregory Rabassa, *The new York Times* de 24 de outubro de 1971)

Rabassa, que apenas 6 anos antes tinha escrito algo muito diferente, agora lia a obra de Amado como alguém que denuncia a idéia da harmonia racial brasileira. E afirmava, ainda, que os escritores brasileiros tinham, em sua maioria, evitado tratar da

¹⁹⁰ “Appealing, raucous figures fill its pages and move through many a festival and love affair with a synthesis of African aplomb and Portuguese decorum that we come to accept.

But while the spirits of place and person loom large, Amado’s novel is neither a regionalist nor a costume work. As it delights, it offers a serious instructive satire of Brazilian racial relations and politics, and thus stands as a work memorable both for its vitality and the critical implications of its energetic performance.”

¹⁹¹ “The wild frolicking pace we now expect from Amado is used here, however, to deflate one of Brazil’s more vaunted myths, that of racial harmony. Even a casual look at the 19th-century ideologies that have survived in Brazil will reveal the taint of Gobineau, and they often display an even fiercer virulence.”

questão das raças, enquanto a linha oficial estivera engrenada às relações públicas. Como acadêmico que acompanhava a questão racial dentro da literatura, Rabassa provavelmente também acompanhava as discussões acadêmicas no Brasil.

A visão de Rabassa era a de que, apesar da atração [despertada] pela sátira picaresca de Amado e da inclusão do “útil glossário”, ele achava que os “neófitos” em coisas da Bahia, incluindo muitos brasileiros nativos, ficariam confusos e seriam incapazes de acompanhar o enredo: “Nesses momentos o livro vira um exercício de vocabulário¹⁹²” – completava. Rabassa lamentava que Amado tivesse deixado isso acontecer, já que o tema era o “mais forte desde sua primeira fase de protestos exaltados”¹⁹³, faltava-lhe apenas a tensão de *Quincas Berro D’Água*.

Mais uma vez, o papel do tradutor não seria ignorado. No mesmo artigo, Rabassa, que já era também um tradutor, adiantava-se a qualquer possível crítica negativa a sua colega, alegando que Bárbara Shelby escrevia como se fosse o duplo de Amado, “com um tom em inglês que é o perfeito correspondente para o estilo ousado do português”¹⁹⁴.

Apesar de a crítica de Rabassa apontar várias qualidades da obra, de forma geral ela não era nada entusiasmadora para os leitores americanos. “Um exercício de vocabulário” não devia estar nos planos de quem buscava uma leitura estrangeira. Menos ainda nos planos dos antigos leitores de Jorge Amado.

A mesma reclamação quanto ao vocabulário já surgira pouco antes na crítica de L.J.Davis, no *Washington Post* de 12 de setembro de 1971. Davis acrescentava que a “boa tradução de Bárbara Shelby” trazia um “livro sentimental e casual demais para ser considerado um bom romance, apesar de muito rico e exótico”¹⁹⁵. Dificilmente os leitores mais exigentes se dariam ao trabalho de ler a obra amadiana após essa afirmação inicial do crítico literário. Segundo Davis, a mensagem do romance era superficial e seu enredo cheio de falhas, entre elas os “ininteligíveis africanismos”. Mas a obra ganhava significância com o entusiasmo do autor, sua humanidade e bom coração, quando colocado no contexto alegre e exuberante, “quase mágico” das descrições amadianas das festas e dos rituais africanos, das lendas locais e das

¹⁹² “At these points, the book becomes something of a vocabulary exercise.”

¹⁹³ “It is too bad that Amado has let this happen, for this is his strongest since his first phase of heavy-handed protest.”

¹⁹⁴ “Since academics most often take delight in poking at translation, I want to stress that Barbara Shelby writes as if she were Jorge Amado’s parados [sic], or double with a perfect match for the sassy style of the Portuguese.”

¹⁹⁵ “The new book by Brazil’s Jorge Amado, brought to us in a fine translation by Barbara Shelby – is far too sentimental and haphazard to qualify as a good novel.”

personagens estranhas e maravilhosas. Davis mostrava ainda o quão difícil é satisfazer os desejos da crítica, indo na contramão de seus predecessores e expressando o desejo de que a obra fosse “mais longa”:

(...) esse é o âmago do livro, a razão pela qual alguém continua lendo, apesar das maquinações “Mickey Mouse” do enredo e das qualidades simplórias da pregação das teorias de raça de Amado.

Ninguém lê um romance como este porque ele é bom, mas porque é engraçado (...) O resultado não deve, claro, ser confundido com literatura, e poucos livros desse tipo são bem sucedidos. Este é, e eu gostaria que tivesse cem páginas a mais. Minha única reclamação é que o editor negligenciou em incluir um glossário de palavras do Yorubá usadas no texto.¹⁹⁶ (L.J.Davis – *Washington Post* 12 de setembro de 1981)

Estranhamente, Davis não percebeu que tal glossário sempre existiu. Mas o que importa é que, ao afastar a obra da categoria de literatura e classificá-la como um livro para ser lido por diversão e não pela qualidade, o crítico norte-americano retirou o romance do universo das obras “sérias”, que levam a reflexões e questionamentos importantes. A referência às “maquinações Mickey Mouse”, atribuem uma característica infantil e pouco sofisticada ao romance. Uma das mais importantes obras para Jorge Amado, e aquela considerada seu melhor romance pelo editor e por sua tradutora, era um livro de passatempo para o crítico do *The Washington Post*. O que podia ser aceito na proposta informal de Érico Veríssimo, durante a Segunda Guerra, agora aparecia com um gosto amargo, já que o escritor atingira nesse meio tempo o sucesso editorial.

Tenda dos milagres parecia encerrar um ciclo de imagens e conceitos sobre o Brasil que não estiveram sempre necessariamente no plano da consciência para o público norte-americano. Essas imagens formavam um quadro exótico, no centro do qual o que se esperava era uma pintura da personagem principal feminina, sensual e libertária. As denúncias sociais do escritor, ofuscadas por seu passado político, tornavam-se muito menos palatáveis e atraentes.

Segundo Rostagno (1997, p. 39), a “onda de boa de sorte” de Amado chegava a um fim abrupto com o lançamento em 1975 de *Tereza Batista cansada de guerra*

¹⁹⁶ “(...) - this is the heart of the book, the reason one continues to read on despite the Mickey Mouse machinations of the plot and the homiletic simplicities of Amado’s theories of race.

One doesn’t read a novel like this because it is good but because it is fun (...) The result is not, of course, to be confused with literature, and not many books of this sort succeed. This one does, and I wish it had been a hundred pages longer. My only real complaint is that the publisher had neglected to include a glossary of the Yoruba words used in the text.”

(1972), cuja publicação em inglês teve o título de *Tereza Batista Home from the Wars* (1975).

A tradução da obra também ficou a cargo de Barbara Shelby, que recebeu os elogios de Knopf pela execução do “difícil trabalho”. Em correspondência de 3 de dezembro de 1974, Knopf dizia-lhe: “Você parece ter achado todos os corretos equivalentes em inglês para a linguagem muito especial de Jorge”¹⁹⁷.

Entretanto, a pequena órfã Tereza, que é vendida e tornada escrava, que mata seu algoz e segue uma vida difícil, caindo na prostituição, não comovia os críticos americanos. Nem seu altruísmo, sua ajuda no combate à varíola e sua paixão proibida por um homem casado. Se nada disso os demovia, muito menos sua adesão a uma greve de prostitutas em Salvador. Todo esse enredo foi encapsulado de forma simplista na sua definição como uma “prostituta com um coração de ouro” pelo o crítico do *The New York Times* (de 21 de setembro de 1975). O romance significava a possibilidade de colocar “vinho novo em garrafas velhas”, num resultado de qualidade que podia “não ser do gosto de todos”. O crítico Thomas Lask não poupava ironia:

Os sertões do Brasil, com suas terras feudais, seu poder brutal e sua corrupção moral é uma geografia que o autor evidentemente conhece bem, e que ele transmite com íntimos detalhes. Não é, entretanto, uma transmissão que vai lhe dar qualquer louvor junto à Câmara de Comércio local.¹⁹⁸ (Roger Stone, *The New York Times* de 21 de setembro de 1975)

Com essa afirmação, o crítico unia-se aos que acusavam Amado de transmitir uma imagem negativa do Brasil. Knopf não deixou Lask sem uma resposta, criticando-o por insultar “o mais popular escritor do mais importante país da América Latina”. E complementava: “Eu não tenho que lhe dizer que o inglês é a única língua de trinta ou mais para as quais seus livros foram traduzidos na qual eles são tão mesquinamente considerados”¹⁹⁹ (KNOPF apud ROSTAGNO, 1997, p. 40).

Quando, em 1977, Amado finalmente passou a trabalhar com Alfredo Machado, seu editor de maior habilidade para promovê-lo internacionalmente, a onda que levara Amado para a lista de *bestsellers* americanos já havia passado. O eficiente e carismático

¹⁹⁷ “You seem to have found all the right English equivalents of Jorge’s very special language.”

¹⁹⁸ “The backlands of Brazil with its fiefdoms, brutal power and moral corruption is a geography the author evidently knows well, and he renders it in intimate detail. It’s not, however, a rendering that will earn him any encomia from the local Chamber of Commerce.”

¹⁹⁹ “I don’t have to tell you [Roger Stone] that English is the only language of thirty or so into which his books are translated where they are so shabbily regarded.”

editor brasileiro também entraria para o rol de grandes amigos de Knopf. Barbara Shelby definiu-o como “um homem maravilhoso e generoso, e um bom amigo de Knopf”²⁰⁰. Como grande empresário que era, Alfredo Machado foi o responsável pela promoção e transformação da obra amadiana em filmes, novelas, peças de teatro e outros tipos do que chamamos “tradução intersemiótica”. Mas nenhuma outra obra de Jorge Amado chegaria a ter o sucesso comercial de *Gabriela e Dona Flor* nos Estados Unidos.

Barbara Shelby ainda foi responsável pelas traduções de *Tieta do Agreste: a pastora de cabras* (1977), cujo título em inglês tornou-se *Tieta, the Goat Girl: or the Return of the Prodigal Daughter* (1979), e de *O gato malhado e a andorinha Sinhá* (1982), publicado no mesmo ano como *The Swallow and the Tom Cat: A Love Story*, ambos com pouco sucesso. Jorge Amado definitivamente não era alguém que mudaria paradigmas nos Estados Unidos.

O que observamos é que a iniciativa dos agentes de tradução mostrava-se incompatível com a atmosfera em que se inseria o público leitor norte-americano em geral. No caso de *Tenda dos milagres*, tanto o editor quanto a tradutora eram pessoas politizadas e, dentro de seu lócus, interessados em debates culturais e sociais²⁰¹. Contudo, era preciso considerar a existência de todo o processo histórico, que levava os leitores norte-americanos comuns a rejeitar esses mesmos aspectos na obra do escritor baiano, diferentemente dos leitores brasileiros, que se identificavam cada vez mais com sua preocupação social e suas personagens populares, principalmente após a obra ter atingido a mídia televisiva.

Knopf continuou publicando as obras de Jorge Amado e apoiando o escritor até seu desligamento total das atividades da editora. A partir de então, o nome de Jorge Amado unia-se aos dos demais autores brasileiros que figuravam mais frequentemente nos círculos de estudos acadêmicos do que em meio ao público leitor em geral²⁰². Knopf

²⁰⁰ Anotação feita na carta de Alfredo Machado a Barbara Shelby em 22 de julho de 1977.

²⁰¹ Um exemplo disso foi também a indicação para tradução, por Barbara Shelby, de *Anarquistas, graças a Deus!* de Zélia Gattai (1979), que Knopf acabou por recusar.

²⁰² Após a morte de Alfred Knopf, ainda existiram as publicações em idioma inglês de:

Jubiabá, de título *Jubiabá* em inglês pela Avon Books, traduzido por Margaret A. Neves **1984**.

Mar morto de título *Sea of Death*, pela Avon Books, traduzido por Gregory Rabassa, também em **1984**.

Farda, fardão, camisola de dormer, com o título *Pen, Sword, Camisole: A Fable to Kindle [a] Hope*, pela Avon Books, traduzido por Helen Lane em **1986**.

Capitães da areia como *Captains of the Sand*, ainda pela Avon Books, traduzido por Gregory Rabassa em **1988**.

Tocaia Grande como *Showdown*, já pela Bantam Books, traduzido por Gregory Rabassa em **1988**.

[FONTE: Heloisa Gonçalves Barbosa. *The Virtual Image: Brazilian Literature in English Translation*. University of Warwick, WARWICK, Inglaterra. 1994.]

faleceu em 1984, deixando para trás uma longa história de publicações e relações pessoais no Brasil, das quais o maior elogio provinha ainda do cordial Jorge Amado:

As edições Knopf foram muito importantes para mim, divulgando muito os meus livros. Mas, a partir de um certo momento, sobretudo quando Alfred Knopf se retirou, achei que a editora não tinha mais o mesmo interesse pelo meu trabalho (...) Alfred Knopf foi um grande amigo, era uma pessoa extraordinária (...) ele tinha verdadeira adoração pelo Brasil (RAILLARD, 1990, p. 206).

Não podemos dizer que o sucesso ou insucesso das obras de Jorge Amado traduzidas para os Estados Unidos tenha se devido a uma única agência, ou que tenha existido uma única forma de resistência nesse processo. A questão das raças, a inserção do Brasil no círculo dos grandes temas mundiais, a inserção de sua literatura nos Estados Unidos e, mais particularmente, a agenda de amizade de Alfred Knopf, são exemplos de subagências derivadas de uma agência política maior, de manutenção do “status quo” capitalista-democrata nas Américas. No entanto, cada uma dessas agências era complexa, e envolvia diferentes grupos de interesse interagindo dinamicamente. Não há necessariamente nelas um caráter “bipolar” entre “dominadores e dominados”, mas relações multipolares de poder. Para cada uma das “embaixadas”, as resistências aconteceram de formas diferentes, de acordo com interesses específicos.

Importa ainda atentar para o fato de que a atividade tradutória foi um instrumento importante dentro desses enfrentamentos. A resultante desse conjunto de forças foi o que determinou, momentaneamente, a recepção positiva ou negativa de determinada obra do escritor em questão.

A tradução, ainda que supostamente encarada de forma empírica, foi proposta pelos agentes da tradução como forma de assimilação do “outro cultural”. Mas o projeto, que já se mostrava incompatível com os interesses reais da população americana durante a Segunda Guerra, perdera de vez sua legitimidade e sua força com o abandono oficial do projeto. Durante o período da Guerra Fria, a rejeição aos temas que pudessem ser associados ao socialismo, e que eram pouco palatáveis ao público em geral, também predominou. Apesar de todos os esforços para promover o intercâmbio cultural, a recepção à obra de Jorge Amado esbarrava no “exotismo” gerado pelo engajamento político do autor e por sua menção aos cultos religiosos africanos. O

“exótico” era aceito, desde que vinculado às qualidades eróticas, sensuais e “malandras” atribuídas ao povo brasileiro.

Separado da indústria ideológica governamental da década de 1940, sem a ajuda do rádio, do cinema, e mesmo dos jornais e revistas, o projeto de tradução de Knopf não conseguia mais ser um instrumento de intercâmbio ou de enriquecimento cultural, nem mesmo de mudança de paradigmas, como ocorrera anteriormente.

O capítulo seguinte busca verificar a interrelação entre os contextos histórico-sociais expostos neste capítulo e o produto final da atividade da tradução: o texto traduzido.

CAPÍTULO 4

TRADUZINDO O TEXTO AMADIANO: COMENTÁRIOS

Nesta história tem gato escondido. Que mistérios Jorge Amado, o escritor coloquial por excelência, pode oferecer ao leitor interessado em linguagem? Deus dá nozes a quem não tem dentes. O ícone da literatura baiana talvez não se preocupasse com formalismos, embora dominasse a variante da elite culta. Meta a mão na cabeça quem quiser, não eu. Superioridade formal em relação a expressões da língua? Pregar sermão em outra freguesia. Por causa disso, o escritor brasileiro mais vendido no exterior (55 países, 49 idiomas) até o advento do conterrâneo Paulo Coelho, foi vítima de certo desdém da crítica. Quando os urubus aparecem é sinal de carniça. Mas se manteve firme em seu projeto de literatura popular. Quem engorda o porco é o olho do dono.

Alceu Luís Castilho²⁰³

Ao abrirem um romance de Jorge Amado, seus tradutores se deparavam com a linguagem regional e popular que tanta polêmica gerou no Brasil. Como constatou bem-humoradamente Monteiro Lobato: “Difícil definir seus livros. São de dar dor de cabeça aos acadêmicos”²⁰⁴.

Assim, achamos ser fundamental iniciar estas observações refletindo sobre essa que foi uma das principais questões enfrentadas pelos tradutores. Afinal, como pudemos verificar, Knopf fazia questão de manter na íntegra os textos originais nas publicações traduzidas, buscando a “fidelidade” ao texto original.

Desde o princípio de sua carreira, Jorge Amado rejeitou o caráter mais formal da língua e a valorização da gramática. Ao se tornar um comunista, ainda muito jovem, entrou em contato com a idéia de escrever para as massas, de ter como alvo o grande público, de persuadi-lo. Não interessava a simpatia de um grupo acadêmico restrito, mas a atenção dos grandes grupos:

O propósito era fugir de qualquer coisa que, mesmo de longe, pudesse cheirar a elitismo. O ideal era atingir mais do que apenas aquele punhadinho de “happy few” de que falava Stendhal. Para conseguir chegar a esse objetivo, certamente, seriam necessárias estratégias bem

²⁰³ Em *O amante da expressão popular*. *Revista Língua Portuguesa* – julho 2007.

²⁰⁴ Lobato em carta a Jorge Amado, apud Gadelha, *Jorge: o bem-amado* Disponível em http://www.trf5.gov.br/component/option,com_docman/task,doc_view/gid,55/ Acesso em 04/07/2008.

diversas daquelas que a tradição literária vinha empregando. Evidentemente, para isso se fazia urgente um pacto com seus leitores. Um caminho possível e tentador, talvez o mais óbvio, era o populismo literário – um certo barateamento da linguagem e das situações narrativas, de modo a ampliar o público por meio de um nivelamento por baixo, atendendo a quem não seria considerado capaz de entender eventuais recursos mais complexos que porventura viessem a ser utilizados pelos escritores. (MACHADO, 2006, p. 7)

Dessa maneira, produzir uma escrita rebuscada nunca foi o objetivo maior de Jorge Amado. A visão comunista de conscientização de classes impunha-lhe uma visão de sua escrita como um veículo de divulgação de idéias, que precisava ser acessível tanto àqueles que tinham, quanto aos que não tinham um alto grau de escolaridade. A idéia era denunciar, alertar para os retratos do “realismo socialista”. Jorge Amado nunca teve a intenção de ser didático quanto à gramática, pelo contrário, constantemente usava palavras como “gramatiquês” ou “literatice” para ironizar a questão da correção gramatical.

O pesquisador Tadeu Luciano Siqueira Andrade, da Universidade Estadual da Bahia, simpatizante da postura do escritor baiano, adota um discurso politizado a respeito da questão. Segundo Andrade (2004, p. 4), a “obra de Jorge Amado revelou para o Brasil e o mundo a adequação da língua das classes estigmatizadas pelas elites culturais, descrevendo o modo de viver de uma gente que ansiava por liberdade”. O autor tece ainda grandes elogios ao caráter lingüístico da produção do escritor baiano, defendendo que:

Jorge Amado deu autenticidade à língua, especialmente na modalidade oral, não vacilando em quebrar os preconceitos. Nos tempos de perseguição e opressão à expressão do pensamento, Jorge Amado, munido de ousadia e consciência política, retratou fielmente os costumes, dando expressão literária ao linguajar do povo. (...) O falar das classes populares, como frases feitas, provérbios, palavras e expressões, vindo da boca do povo e ouvido nas ruas, nos ambientes marginalizados, representa um papel essencial, principalmente quando se refere ao vocabulário de uma língua. (ANDRADE, 2004)²⁰⁵

O uso da linguagem popular, apesar de já prenunciado pelos escritores modernistas, surgia de forma escandalosa na obra de Jorge Amado, representando, como vimos, mais uma das transgressões do escritor. Amado orgulhava-se de sua

²⁰⁵ Disponível em <http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno11-03.html> , Acesso em 03/07/2008.

escrita “sobre o povo e para o povo”, como comentou em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras:

Com o povo aprendi tudo quanto sei, dele me alimentei e, se meus são os defeitos da obra realizada, do povo são as qualidades porventura nela existentes. Porque, se uma virtude [eu] possuí, foi a de me acercar do povo, de misturar-me com ele, viver sua vida, integrar-me em sua realidade. (AMADO, 1981, p. 12)

O uso do baixo calão, das frases feitas, dos provérbios e das expressões idiomáticas, conforme destacado por Andrade, era realmente constante em suas obras.

Essa também é a opinião da professora da PUC de São Paulo, Edilene Dias Matos, entrevistada pelo jornalista Alceu Luís Castilho (2007, p.1) para a Revista Língua Portuguesa. A idéia de uma “sociedade utópica, sem preconceitos e hierarquias, inclusive as das palavras”, e que “traduz uma linguagem do dia-a-dia” foi considerada “descuidada” por muitos. Mas Amado era contrário a que corrigissem a linguagem de suas personagens em edições subseqüentes, porque, como afirma Matos, “sua proposta era burlar tudo o que fosse represamento, burlar conscientemente essa gramática (...)”

Por tudo isso, nos textos de Amado não existem “jogos de palavras”, ironia ou preocupações estilísticas. Não existe a criatividade na formação de palavras como em Guimarães Rosa, ou duplos sentidos, comuns na obra de Machado de Assis. Mas há o regionalismo, o caráter “sociolingüístico” das falas, a tentativa de denunciar qualquer preconceito lingüístico. Há, ainda, a tentativa de retratar a cultura popular e regional, a religião e os costumes populares. São esses os traçados do estilo nos textos amadianos.

Essa questão remete-nos às palavras de um outro autor que foi muito crítico quanto às traduções de suas próprias obras, e que certamente valorizava esse tipo de “fidelidade” ao estilo do autor, o escritor Milan Kundera:

Para um tradutor, a autoridade suprema deveria ser o “estilo pessoal do autor”. Mas a maioria dos tradutores obedece a uma outra autoridade: aquela da versão convencional do ‘bom francês’ (do bom alemão, bom inglês, etc.), ou seja, o francês (ou alemão, etc.) que aprendemos na escola. O tradutor se considera um embaixador da autoridade do autor estrangeiro. Esse é o erro: todo autor de algum valor “transgride” o “bom estilo”, e nessa transgressão instala-se a originalidade (e conseqüentemente a *raison d’être* [razão de ser]) de sua arte. O esforço principal do tradutor deveria ser o de entender essa transgressão (KUNDERA, 1995, p. 107)²⁰⁶.

²⁰⁶ “For a translator, the supreme authority should be the “author’s personal style”. But most translators obey another authority: that of “conventional version of “good French” (of good German, good English,

Se considerarmos simplesmente as alegações de Kundera, nenhum tradutor deveria menosprezar a transgressão da “escrita literária” em Jorge Amado. Mas, na prática, essa decisão não acontece tão despreocupadamente.

Gillian Lane Mercier (1997), por exemplo – retomando uma discussão levantada inicialmente por Antoine Berman (1985, p. 69) –, discorreu de forma brilhante sobre os riscos de traduzir os dialetos. Segundo a autora, são diversas as possíveis conseqüências negativas de tal procedimento, entre elas: a criação de novos significados, sua perda, a exotização ou ridicularização do original, a falta de autenticidade, o conservadorismo e o radicalismo. A discussão de Mercier foi, ainda, resumida por Milton:

A tradução de dialeto tem sido descrita como uma aporia em tradução (Folkart apud Lane-Mercier, 1997, p.53). Seja qual for a decisão que tome o tradutor, será sempre um desacerto, um disparate. O dialeto escolhido, quer seja mimético, análogo, ou pertencente à norma culta, nunca terá a autenticidade do original: um escravo fugitivo nunca chegaria a falar o português da Bahia, um falar de baixo padrão “imaginário” ou um falar semelhante ao das pessoas mais educadas (MILTON, 2002, p. 52).

Assim, há aqueles que acreditam que a melhor atitude a ser tomada pelo tradutor é simplesmente descartar a tradução do dialeto. A questão acumula as marcas de um longo debate sobre a existência de uma “essência única”: “A linguagem torna-se simples roupagem, sem relevância nenhuma, da idéia essencial” e nesse caso, “(...) o dialeto [é] uma simples fachada, uma distração desnecessária para conhecer as verdadeiras qualidades da personagem” (MILTON, 2002, p. 54).

No caso de Jorge Amado, a opção por qualquer um desses procedimentos é delicada, principalmente porque o estilo da linguagem era “apenas uma” das diversas formas de transgressão do escritor, em cuja obra as pessoas buscavam o eco de diferentes ideais sociais e políticos. Assim, além de pensar no enredo propriamente dito, os tradutores da obra de Jorge Amado também se depararam com o problema da tradução dessa linguagem transgressora, cuja função é também política e, por isso mesmo, geradora de tensão.

etc.), namely the French (the German, etc.) we learn in school. The translator considers himself the ambassador from the authority of the foreign author. That is the error: every author of some value “transgress” against “good style”, and in that transgression lies the originality (and hence the *raison d’être*) of his art. The translator’s primary effort should be to understand that transgression”.

Para tomar uma decisão, seria necessário, então, manter o foco nos objetivos do projeto inicial de tradução. E aí residia outro grande problema: a contradição inicial contida nele. O vínculo à antiga “fabrica de ideologias” de Rockefeller era frágil. O objetivo das traduções não era apenas criar ilusões, mas, como defendera Veríssimo, compreender “o bom e o ruim”, e daí extrair a tolerância. Nada simples. Uma coisa era apresentar novas idéias e novos conhecimentos, falar sobre uma diferente cultura, sobre um povo com diferentes problemas sociais e posicionamentos políticos, para um pequeno grupo de intelectuais interessados nos grandes problemas mundiais. Outra coisa era fazer tudo isso para o grande público norte-americano, um público heterogêneo, com diferentes prioridades e pouco interesse pelos países ao sul. Tudo para conquistar sua simpatia.

Restava a cada tradutor a missão de equilibrar-se entre o que ele mesmo considerava “adequado e aceitável” para sua comunidade e sua obrigação de levar o novo, o exótico, o estranho. Ao trabalhar com a linguagem do autor, cada tradutor precisava escolher, seguidamente, se reproduziria a linguagem popular, os erros gramaticais nas falas das personagens e o uso do baixo calão.

Era necessário resolver, ainda, a dificuldade imposta pelo grande conjunto de vocábulos culturalmente marcados. Uma linguagem que, segundo Regina Helena M. A. Corrêa²⁰⁷, “resiste” à domesticação, impondo certa visibilidade de elementos da cultura brasileira relacionados à nossa história, nossa linguagem e nossas crenças religiosas²⁰⁸ (CORRÊA, 2005, p. 4).

O tradutor precisava transpor, assim, todas essas barreiras, mantendo o interesse do leitor, fazendo com que compreendesse as questões culturais. Era necessário vencer o “anel de ferro”.

²⁰⁷ A pesquisadora usou a análise de corpora para estudar as traduções de obras de Jorge Amado para o inglês, o francês e o espanhol.

²⁰⁸ “(...) Amado’s novels seem to be resistant to appropriations and to a domesticated translation in which the other’s interpretation wipes out our cultural specificities. In order to translate Jorge Amado one has to keep visible certain elements of the Brazilian culture that are related to our history, our language and our religious beliefs. His novels are not just plots that can be transposed to other codes – they can only make sense as a whole in which cultural facts play an important part.” (CORRÊA, 2005, p. 4). Disponível em <http://www.apebfr.org/passagesdeparis/edition2/articles/p281-correa.pdf>, acesso em 01/11/2008.

O TRABALHO DOS TRADUTORES DE KNOPF

Knopf foi citado no *The New York Times*, por ocasião de sua morte (12 de agosto de 1984), como um “editor perfeito”. Alguém que geralmente selecionava livros cujo apelo ou atração tivessem “longo prazo” (vários de seus autores ganharam o Prêmio Nobel), em vez de buscar livros que se tornassem rápidos “best sellers”.

O mesmo deveria se aplicar aos projetos de tradução que dirigiu. No entanto, ao vinculá-los aos ideais políticos da boa vizinhança, seu alvo passava a ser apresentar as novas idéias contidas nas narrativas latino-americanas a um público maior. Assim, Knopf usava sua estrutura editorial, com tradutores politicamente engajados e/ou inseridos no ambiente literário das universidades americanas, acostumados a satisfazer gostos literariamente refinados, para atingir agora o público médio americano.

Vimos no capítulo anterior que vários fatores influenciaram a recepção das obras de Jorge Amado nos Estados Unidos entre as décadas de 1940 e 1980. Enquanto os temas fortemente sociais atraíam alguns dos agentes de tradução da equipe Knopf, os enredos menos politizados e mais românticos eram muito mais palatáveis ao público visado pela editora. Além disso, uma vez que o projeto de traduções na década de 1940 usava a tradução como instrumento de “intercâmbio cultural” e de ampliação da tolerância, e que a norma do editor era a manutenção da íntegra do texto, nenhum tradutor poderia fazer grandes cortes ou alterações nas histórias contadas por Jorge Amado. Isso posto, seria injusto depositar a carga total da boa ou má aceitação das obras sobre o trabalho individual dos tradutores.

Nossa intenção aqui passa a ser, dessa forma, observar o trabalho desses tradutores a partir de três características amadianas que desafiavam suas habilidades:

- A Linguagem Popular
- O Baixo Calão
- Os Termos Culturalmente Marcados, com destaque para a questão religiosa.

As características acima serão abordadas à luz da recepção crítica de cada obra e dos comentários publicados nos jornais e revistas norte-americanos. Normas, *habitus* e contexto têm, obviamente, presença compulsória nestes comentários. Os termos em destaque na análise aparecerão em negrito.

SAMUEL PUTNAM: TRADUÇÃO EM DEMASIA

Não é provável que este livro tenha perdido muito na tradução. Restou demais...

Nancy Flag

“...Demasiado estilo pelo estilo em si, demasiada indignação para com os poderosos e demasiada pena dos pobres, personagens demasiadamente excitadas e sombrias, demasiados amor e luxúria, e demasiada cobiça e incêndio e matança”²⁰⁹. Foi assim que a crítica do *The New York Times* definiu a obra traduzida por Putnam. Uma obra “demasiadamente” socialista. Mas as afirmações do tradutor em *Marvelous Journey*²¹⁰ mostravam que ele via a reação da crítica como decorrente de outro estranhamento: o “exotismo” da obra, proveniente, por exemplo, do ritual de feitiçaria retratado no texto. Para o comunista Samuel Putnam, o leitor precisaria saber mais sobre o Brasil para compreender a obra de Amado. A fraca recepção e o desinteresse do público frustravam o brasilianista e escritor americano.

A LINGUAGEM POPULAR

Sem usar notas de rodapé, mas com uso de “Glossário de Termos Brasileiros”²¹¹ ao final da edição, Putnam iniciou as traduções de obras amadianas como quem tenta facilitar a leitura e ao mesmo tempo preservar os termos culturalmente marcados. O procedimento padrão nesses casos era “emprestar” a palavra do português, destacando-a no corpo do texto através do *itálico*, e adicionando-a ao glossário.

Vemos um exemplo no trecho abaixo.

“Tenho um **cabra** aí, homem de confiança.”

“I have a **cabra** here,” he said, “a fellow you can trust.”

O termo “cabra” traz a seguinte definição, no glossário de Putnam:

Cabra (kah'brah). Term applied to the offspring of a mulatto and a Negro;

Cabra (kah'brah). Termo usado para [se referir a]o filho de um mulato e um negro;

²⁰⁹ *The New York Times* de 24 de junho de 1945 (Ver Capítulo 3).

²¹⁰ Ver Capítulo 3.

²¹¹ Glossary of Brazilian Terms

comes to mean, in general, a backwoods assassin. Cf. **capanga, jagunço**.

significa, em geral, um assassino do sertão. Cf. [comparar com] **capanga, jagunço**.

É interessante notar que o glossário apresenta até mesmo indicação de pronúncia da palavra, demonstrando a intenção didática do tradutor. A definição remete a “capanga” e “jagunço”, definidos respectivamente como:

Capanga (kah-pahn-gah) Hired assassin; backwoods Negro. Cf. *cabra, jagunço*.
Jagunço (zhah-goon'soo). This term was originally applied to ruffians at a fair; from this it derived the meaning of backcountry ruffian, which is the sense that it has in this book (cf. *cabra, capanga*); is sometimes used as practically synonymous with *sertanejo*, or inhabitant of the backlands.

Capanga (kah-pahn-gah) Assassino contratado; negro do sertão. Cf. *cabra, jagunço*.
Jagunço (zhah-goon'soo). Este termo foi originalmente usado para [se referir a] brigões em feiras; a partir disso se derivou o significado de brigão do interior, que é o sentido que o termo assume neste livro (cf. *cabra, capanga*); é por vezes usado praticamente como sinônimo de *sertanejo*, ou habitante dos sertões.

O que surge aqui é um novo questionamento: qual a origem das definições adotadas pelo tradutor em seu glossário? As palavras ali escritas trazem uma carga determinista, cuja menção às raças ecoa os preconceitos da época. Tais palavras muito certamente não sairiam da boca, ou da caneta, de Jorge Amado. Elas, no entanto, podem ser encontradas ainda hoje nos dicionários mais tradicionais. É também apropriado lembrar que, por ocasião dessa tradução, Putnam havia recentemente traduzido “Os Sertões” de Euclides da Cunha, um livro no qual essas questões eram descritas de forma determinista.

Interessantemente, “compadre”, a palavra que se tornaria símbolo da amizade entre Alfred Knopf e Freyre, não foi adicionada ao glossário, mas traduzida como “my friend”...

- Não bote o curinga, por favor. “Don’t keep the joker, please.”
- **Tá feita a sua vontade, compadre** - e “Very well, my friend,” and Maneca tossed
Maneca jogou o curinga no meio das cartas it in the discard.
inúteis.

Uma das mais destacadas características da tradução de *Terras do Sem Fim* é, também, a tentativa de adaptar as expressões idiomáticas encontradas no texto, buscando algo muito parecido com o “efeito equivalente” causado no leitor do texto alvo, defendido por Nida (1964). O tradutor, de imediato, lança mão da substituição de

sintagmas ou até de frases completas por “correspondentes” no idioma estrangeiro, como em:

(...) me contaram que dava uma febre **por essas bandas que mata até macaco.** “(...) they told me **there was a fever going around down there that takes people off in a flash.**”

Já no trecho abaixo, na expressão idiomática “forte que nem um cavalo”, o cavalo foi transformado em “ox”. O recurso, então, era buscar na cultura alvo um animal considerado forte e valente:

- Não contaram mentira, não, **siá dona.** Já vi tanto homem cair com essa febre, **homem forte que nem um cavalo.** “They didn’t tell you any lie,” he said. “No, **sirree, lady.** I’ve already seen many a man who was stronger than an ox come down with that fever. .”

Na busca da reprodução da oralidade, Putnam usa e abusa de phrasal verbs (“Se toca” traduzido como “Taking yourself off” ou “dar trela” como “clear out”).

A dificuldade na tradução de outros termos culturalmente marcados, como “tabaroa” e “tabaroinha”, é compensada com o emprego de expressões idiomáticas populares em trechos subseqüentes, como no segmento abaixo:

- Tu quer é **enganar uma tabaroinha qualquer,** agarrar o dinheiro dela... “**You’re out to pull the wool over some country girl’s eyes and get your fingers on her money**”.

Segue ainda a excelente utilização de uma expressão idiomática típica da cultura americana contraposta à outra, típica da região da Bahia: “T’esconjuro” é transposto como “Saints preserve us”.

-T’esconjuro... – fez outra mulher. (...) “**Saints preserve us**”- said another woman. (...)

Em sua busca pela “equivalência dinâmica”, Putnam era, por vezes, bem sucedido – como na transposição de “cabeçudo” como “bullheaded”, que carrega o mesmo significado de “teimoso” –, e por vezes cometia erros ou afastamentos do original, cujo exemplo é a reprodução mais sonora do que semântica em “Juca aproveitou” por “Juca nodded approvingly” .

Os erros gramaticais encontrados no texto fonte não se reproduzem no texto alvo...

- **Nós vai a pé guardando vosmecê...**

“We’ll go along to guard you”

...demonstrando que Putnam ainda apresentava os mesmos critérios de “linguagem correta” defendidos também pelos membros da academia literária no Brasil, naquela época.

Um dos pontos fortes da tradução de Putnam é o uso dos pronomes de tratamento. O conjunto desses pronomes na língua portuguesa para a segunda pessoa do singular (“tu”, “você”, “o senhor”, “vosmicê”, etc.) é trabalhado com dificuldade na transferência para a língua inglesa que, em geral, concentra-se no uso de “you”. A variação no português torna os discursos muito mais hierarquizados.

Para sanar tal diferenciação, Putnam utilizou vocativos. Um exemplo é o acréscimo do termo “sir” a frases que continham o sujeito “you”, ou seja, o uso de “sir” e “you” concomitantemente para traduzir o pronome de tratamento “o senhor”. Formas de tratamento como marcadores discursivos e indicadores de hierarquia e níveis de formalidade constituem um dos maiores problemas na tradução do português para idiomas como o inglês. Vejamos a solução do tradutor:

“O que é que o **senhor** acha que eu devo fazer? And what do **you** think I ought to do, **sir**?”

Putnam recuperou assim a hierarquia perdida com a tradução do pronome simplesmente como “you”.

No mesmo segmento temos exemplos tanto de omissões, quanto de correção da ortografia, e também de manutenção de hierarquia quanto às formas como as personagens abordam umas às outras. Os marcadores de discurso ajudaram a manter o nível hierárquico do diálogo:

Diálogo entre o coronel Horácio e o seu advogado Virgílio:

- **Seu doutor...** Vim pra essas terras, era menino. Vai muitos anos que isso sucedeu. Não sei de ninguém que conheça Ilhéus melhor do que eu. Ninguém quer que o **senhor** morra, o compadre falou direito, muito menos eu que **gosto do senhor** e

“Doctor,” said Horácio . “I’ve been in this country ever since I was a lad – that was a good many years ago – and I don’t know anyone who’s better acquainted with Ilhéos that I am. Our friend here is right: no one wants to see

preciso do senhor. Mas também não quero que o senhor fique desmoralizado por aqui, com fama de covarde... Por isso **tou** lhe falando.

you killed, **sir**, above all myself, for I have **need of your services**. But neither do I want you to be disgraced around here, with the reputation of a coward. That is why **I am** talking to you like this."

Putnam optou também por manter o nome das personagens de forma consistente, mesmo quando estes eram compostos ou possuíam alguma referência cultural. É o caso de "Sinhô Badaró", cujo pronome de tratamento recorda toda uma história de escravidão e toda uma relação de poder existente no país da língua de origem. Caso o leitor não identifique o termo "Sinhô" como um pronome de tratamento, e tome-o por um nome próprio, não irá buscar a origem da palavra. O termo "Sinhô" também não se encontra no glossário ao final do livro.

O BAIXO CALÃO

Apesar de estar politicamente alinhado com o escritor à época da tradução, Putnam demonstrava certo pudor em reproduzir integralmente o baixo calão peculiar a Jorge Amado, que aparece suavizado no texto alvo:

- (...) eu era até capaz de pensar que tu era **um cagão**. "(...) I'd be capable of thinking that you are **a coward**".

Existem vários sinônimos mais "fortes" que poderiam ser utilizados, como "sissy", "chicken", "jellyfish", "gutless" etc. Mas mesmo o enredo mostra uma situação mais tensa e a linguagem é pesada, Putnam reduz o peso, omitindo alguns palavrões. É o caso de "valentão de merda" (em vermelho, no trecho abaixo):

Teodoro pulou da cadeira, queria brigar:

- E você o que é que tem com isso, **seu filha da puta**? O dinheiro e meu ou é seu? Por que não **se mete na sua vida**.

Astrogildo replicava:

- **Filho da puta** é você, seu **valentão de merda**. . . - sacava o revólver querendo atirar.

Teodoro bounced from his chair; he was looking for a fight.

"And what business is it of yours, **you son of a bitch**? Is it my money or yours? Why don't you **attend to your own affairs**?"

"You're a **son of a bitch** yourself!" and, drawing his revolver, Astrogildo was on the point of firing.

Vemos, assim, que ao mesmo tempo em que Putnam busca manter alguns elementos do estilo popular da linguagem, usando expressões idiomáticas e empréstimos, o tradutor reluta e tende a curvar-se à norma do “bom inglês”.

MARCAS CULTURAIS E RELIGIOSAS

Na década de 1940, Jorge Amado ainda não expunha tão claramente sua defesa do sincretismo religioso, mas já mostrava a influência da religião em sua obra. Existem algumas menções ao candomblé e, em menor grau, à igreja católica.

O trecho abaixo mostra que não ocorreram grandes afastamentos quando se tratava da religião cristã. O nome de “São Jorge”, conhecido pela população cristã norte-americana, é tranqüilamente traduzido para o inglês:

As **velhas beatas** que rezavam a **São Jorge** na igreja de Ilhéus costumavam dizer que o coronel Horácio, de Ferradas, tinha debaixo da sua cama, o diabo preso numa garrafa.

The **pious old ladies** who prayed to **St. George** in the church at Ilhéus were accustomed to say that Colonel Horacio of Ferradas kept the Devil under his bed, imprisoned in a bottle.

Ao tratar do culto africano, no entanto, enquanto Amado buscou demonstrar a diferença da linguagem de uma comunidade à margem da sociedade da época, Putnam quis elevar o nível de linguagem do “feiticeiro”. E é interessante notar que, diferentemente do que ocorreu no trecho acima, na cena em que o negro Jeremias lança um feitiço sobre os destruidores da floresta, Putnam realizou outros, diferentes tipos de intervenção no texto original:

As palavras de Jeremias eram para os seus deuses, os deuses que tinham vindo das florestas da África, **Ogum, Oxóssi, Iansã, Oxolufã, Omolu, e também a Exu, que é o diabo.**

Clamava por eles para que desencadeassem a sua cólera sobre aqueles que iam perturbar a paz da sua moradia. **E disse:**

- O olho da piedade secou e eles tá olhando pra mata com o olho da ruindade. **Agora eles vai entrar na mata mas antes vai morrer homem e mulher, os menino e até os bicho de pena. Vai morrer até não ter mais buraco onde enterrar, até os urubu não dar mais abasto de tanta carniça, até a terra tá vermelha de sangue que vire rio nas estrada e nele se afogue os parente, os vizinho e as**

Jeremias's words were addressed to his gods, **to his own gods**, those gods that had come from the jungles of África – to **Ogún, Oxossi, Yansan, Oxolufã, Omolú – and to Exú, as well, who was the Devil himself.**

He was calling upon them now to unloose their wrath upon those who were coming to disturb the peace of their dwelling-place.

"Piety is dried up, and they are eyeing the forest with the eye of the wicked. **They shall enter the forest, now; but before they enter, they shall die, men and women and little ones, even unto the beasts of the field. They shall die, until there is no longer any hole in which to bury them, until the buzzards have had their fill of flesh, until the earth shall be red with blood. A river**

amizade deles, sem faltar nenhum. Vão entrar na mata mas é pisando carne de gente, pisando defunto.

shall flow in the highways, and in it relatives, neighbours, friends shall be drowned, and not a one shall escape. They shall enter the forest, but it shall be over the bodies of their own dead.

O tradutor fez acréscimos (e.g. “to his own gods” – em vermelho acima) e empréstimos (nomes dos orixás). Ao traduzir “O olho da Piedade secou” – expressão originária do candomblé que significa a vitória da maldade dentro do indivíduo – como “Piety is dried up”, sem nenhuma outra explicação, sem diferenciação por itálico, Putnam deixa seu leitor “no escuro” e, certamente, com um sentimento de confusão. Ao corrigir a gramática do feiticeiro e utilizar o auxiliar “shall” em suas falas, o tom da linguagem do feiticeiro passa a ser mais formal, quase bíblico, e vemos o apagamento da distância social entre a personagem e seu leitor. O mencionado “urubu” transforma-se em uma ave mais nobre nas plumas do “buzzard” (espécie de falcão).

Novo erro na busca da equivalência aparece quando Putnam apresenta a tradução de “até os bichos de pena” (expressão relacionada aos rituais de sacrifício do candomblé), como “even unto the beasts of the fields”.

Finalmente, Putnam não poupa o leitor dos termos fortes utilizados por Amado, como “fill of flesh” e “red with blood”, o que recupera na tradução a tensão da cena do original. Uma tensão bem mais forte do que a apresentada no trecho anterior.

Outros procedimentos de Putnam para a tradução de termos culturalmente marcados acabaram se tornando mais confusos.

Vejamos o trecho abaixo:

Naquela noite despertaram e eram o **lobisomem e a caipora, a mula de padre e o boitatá** (...) E vêem quando cessam os raios, o fogo que elas lançam pela boca, e vêem, por mistério, o vulto inimaginável da **caipora** bailando seu bailado espantoso.

On this night they awoke: the **werewolf and the goblin, the padre's she-mule, and the fire breathing ox, the boi-ta-tá**. (...) And when the lightning ceased, they beheld the flame-spitting mouths and caught a glimpse at times of the inconceivable countenance of the caipora as it did its horrible **goblin** dance.

No glossário:

Boi-ta-tá – Mythical fire-breathing ox.

Caipora – A goblin.

No trecho acima não encontramos nenhuma explicação para o fato de “boitatá” entrar diretamente para o glossário e “caipora” não. Este último foi várias vezes traduzido como “goblin”, para depois de algum tempo ser introduzida a palavra “caapora”, que foi adicionada ao glossário com a definição de “A goblin”!

Ainda nesse mesmo trecho, vimos que “mula-de-padre” acabou recebendo um estranho correspondente “padre’s she-mule”. O uso do genitivo nos leva a crer que o tradutor pensava em domesticar o termo, mas “padre” não é uma palavra originária do inglês. Nesse caso, Putnam não trouxe a língua de origem para perto do leitor estrangeiro e nem aproximou o leitor estrangeiro da língua fonte, mas ficou indeciso, no meio do caminho. Mesmo com tais problemas, percebemos que Putnam tenta manter o suspense e o clima sobrenatural da cena.

OBSERVAÇÕES FINAIS

A história de Jorge Amado, contada pelo brasilianista, escritor, comunista e historiador não atingia um público tão diferente de Amado e de si mesmo. Um público desinteressado, que dificilmente seria conquistado por meio da exposição a uma cultura diversa, através de um imaginário diferente daquele apresentado por Hollywood. As pequenas adaptações, as suavizações do baixo calão e a elevação da linguagem de alguns personagens não conseguiram tornar o enredo mais palatável ao público norte-americano na década de 1940. Um público que, como comentou Mildred Adams, “relutantemente enfrentava os problemas de raça”²¹², e que olhava com receio os acontecimentos na Europa. *The Violent Land* ainda era demasiadamente “estranha” para o leitor médio norte-americano.

TAYLOR & GROSSMAN: TRADUÇÃO EM FALTA

A inadequação de tom de várias traduções, a transposição de um número de expressões para um nível cultural mais alto ou mais baixo do que o usado pela personagem em questão, e algumas omissões do texto original, embora deploráveis, não são suficientes para arruinar o estilo caracteristicamente

²¹² Ver capítulo 3.

*fluyente e refrescantemente popular do autor para o leitor falante do inglês*²¹³.

Claude L. Hulet

Na seqüência, Amado teria como tradutores James L. Taylor, que depois rumaria para uma área mais técnica da linguagem, dedicando-se à criação de dicionários de metalurgia, e William Grossman, que vinha de outra área técnica, a de transportes oceânicos.

Se a tradução de Putnam transmitia os “excessos” da obra, a de Taylor e Grossman foi caracterizada pela falta. Nada de glossários ou notas. Nada de termos marcados em itálico.

Quando o filho de missionários deparou-se com a linguagem amadiana, sua tendência foi a de “depurá-la” e domesticá-la. A intervenção de Grossman não mudou o estilo de tradução de Taylor.

A LINGUAGEM POPULAR

As diferentes personagens, pertencentes a diferentes grupos sociais, apresentam, no texto em português de *Gabriela*, formas de falar bem diversas umas das outras. Mundinho Falcão, o exportador de cacau que vinha do Rio de Janeiro, é *estudado* e fala de forma mais correta, fazendo uso de ênclises e mesóclises. Já os coronéis do cacau são homens rudes, com pouco estudo, cometem alguns erros gramaticais, usam frases feitas e palavrões. Enquanto isso, o negro Fagundes, pobre, retirante e jagunço dos coronéis, sem nenhum estudo, comete muitos erros gramaticais, o mesmo acontecendo com outras personagens pobres da obra. Os dois primeiros usam seu discurso como instrumento de poder: Mundinho, para demonstrar sua inteligência e capacidade, e os coronéis para demonstrar sua força.

Apesar disso, os tradutores não conseguiram – podemos nos perguntar se tentaram – fugir da padronização das falas, fato também evidenciado por Claude L. Hulet no *Los Angeles Times*.

Vejamos os exemplos abaixo.

²¹³ Publicado no *Los Angeles Times* de 28 de outubro de 1962.

Mundinho para o coronel Aristóteles:

Disse-lhe, **coronel**, o que tinha a lhe dizer. Não vim lhe pedir votos, sei que o senhor é **unha e carne** com o coronel Ramiro Bastos. Tive grande prazer em vê-lo.

I have told **you** all I had to say. I haven't come to solicit votes. I know that you are **hand in glove** with Colonel Ramiro Bastos. It's been a great pleasure to see you.

Coronel Melk para Mundinho:

Vosmicê me **adesculpe**: por que **vosmicê** não faz um arranjo com ele?

Excuse me for suggesting this, but why don't **you** make a deal with him?"

Negro Fagundes para Gabriela:

Tu **percura** ele. Marca um lugar pra **mim** encontrar.

You **go talk** with him. Ask him where I **should** meet him.

Observamos que as personagens pertencentes a diferentes classes sociais e com diferentes graus de escolaridade não apresentam as variações lingüísticas pertinentes, mas uma linguagem “correta” e padrão. O único diálogo que busca reproduzir o nível do discurso original é o diálogo entre Nacib e Mariazinha:

Fala de Mariazinha:

- **Inhô**, não. Agora só cozinho pra meu homem e pra mim. Ele nem quer ouvir falar nisso.

“No, **suh**,” she said. “Now I cook just for my man and me. He **don't** even want to hear about me **goin'** to work.”

O que encontramos neste trecho da tradução são formas que se aproximam da fala de dialetos negros, como “**suh**” ou a supressão do “**g**” final em “**lookin'**, **offerin'** e **goin'**”. A utilização do dialeto negro não era estranha à população americana. E a comparação do regionalismo nordestino com a fala do sul dos Estados Unidos seguia as comparações que vimos nos próprios artigos dos jornais norte-americanos.

Esse recurso foi utilizado apenas para falas de personagens secundárias. Na grande maioria dos casos, os erros gramaticais foram “**corrigidos**” pelos tradutores, passando por cima do fato de os erros serem propositais e refletirem diferentes classes sociais e grupos identitários.

Termos culturalmente marcados, como “cabra” e “jagunço”, não são emprestados, como na tradução de Putnam. Existem várias traduções para “cabra” (p.41) como “trigger man” (p.87), “ruffian” (p.141) ou “colonel's men” (p.141). A palavra “jagunços” aparece traduzida como “assassins” (p.1) ou “henchmen”(p.144).

Vemos outros exemplos desse procedimento no trecho abaixo:

Da Praça Seabra, na mesma hora, vinham o boi, o vaqueiro, a caipora, o bumba-meu-boi . Dançando na rua.	From Seabra Plaza, at the same time, came a group doing the traditional ox pageant, with its three principal characters – the “ox”, the cowherd, and the hillbilly .
--	---

O uso de “hillbilly” para traduzir “caipora” foge totalmente do sentido do original. Ao que parece, Taylor quis aproximar muito mais seu texto da cultura alvo, fugindo da proposta de “intercâmbio cultural”.

Encontramos novamente a dificuldade quanto aos pronomes de tratamento. Os tradutores não utilizaram aqui os bem sucedidos recursos já aplicados por Putnam em *Terras do Sem Fim*.

“**Tu**”, “**o senhor**” e “**vosmicê**” foram igualmente traduzidos como “**you**”, numa padronização das nuances de regionalismo ou diferenciação social, como conferimos nos trechos abaixo.

Fagundes para Gabriela:

Tu não que mesmo ir comigo pras matas?	Don't you want to go with me?
---	--------------------------------------

Mariazinha para Nacib:

O senhor tá vendo?	You see?
---------------------------	-----------------

Coronel Melk para Mundinho:

Vosmicê está coberto de razão.	You couldn't be more right.
---------------------------------------	------------------------------------

Mas o caso mais interessante e difícil foi o uso de “**moço**”, por Gabriela. Como uma forma de tratamento própria da personagem, Gabriela desafia as normas de conduta entre subordinado e autoridade, sendo quase pessoal, focando na juventude de seu empregador, sem demonstrar desrespeito. Apesar de comum na Bahia, a forma de tratamento usada por Gabriela também faz parte de um ingênuo, mas poderoso jogo de sedução próprio à personagem:

- **O moço** me leva e vai ver...
(...)

“**You** take me, **sir**, and you will see.”
(...)

- **Que moço bonito!**
(...)
- **O moço não disse nada...!**

“What a beautiful man!”
(...)
“The gentleman didn’t say anything”

Em um primeiro momento os tradutores adotam a palavra “**sir**” para traduzir “**seu moço**”, e não há a quebra da relação de poder ou o jogo de sedução. Mais adiante, a expressão “**Que moço bonito!**” foi traduzida como “**What a beautiful man!**”, perdendo a continuidade da referência no original, mas mantendo uma maior formalidade. A discrepância maior fica por conta do diálogo seguinte, quando Nacib pergunta a Gabriela por que ela ainda não havia ido dormir. Sua resposta, “**O moço não disse nada...!**”, foi traduzida como “**The gentleman didn’t say anything**”. A substituição de “moço” por “gentleman” não reproduz em nada a relação de poder e sedução que mencionamos. Em vez de aproximar as personagens, tornando-as íntimas, afasta-as através da formalidade. Aqui o simples “you” seria mais adequado.

O BAIXO CALÃO

Duas décadas depois da publicação de *Terras do Sem Fim* nos Estados Unidos, a questão do baixo calão ainda se apresentava problemática. A formação religiosa do tradutor ou sua herança familiar também podem ter influenciado no tratamento dado aos palavras. Os trechos abaixo são exemplos típicos de casos em que esses termos aparecem suavizados, além das já mencionadas omissões e do uso de inglês padrão:

Trecho 1:

Tonico surgia de colete e polainas. Altino levantou-se, foi envolvido num abraço cordial, caloroso. Um **vira-bosta**, pensou o fazendeiro.

Vira-bosta: Nome popular de uma ave parasita, que tem o hábito de não fazer seu próprio ninho, preferindo pôr seus ovos no ninho de outras aves, para que estas criem seus filhotes. Por isso costuma-se usar seu nome para designar a uma pessoa folgada, que deixa de fazer suas obrigações para que outros o façam.

Tonico appeared, wearing a vest and spats. Altino stood up and was enveloped in a cordial embrace. A **popinjay** thought the planter.

Popinjay: a strutting supercilious person . Fonte: Dicionário Merriam-Webster

Trecho 2: Suavização e substituição de expressões (idiomáticas) populares por inglês padrão.

Minha teoria é que o nosso **respeitável chibungo** fez as malas e **arribou por conta própria**. Bateu as asas. **Não sendo Ilhéus terra dada a esses requintes de bunda, bastando, para o pouco gasto, Machadinho e Miss Pirangi, sentiu-se ele desolado e mudou-se**. Fez bem, **aliás, livrou-nos** em tempo **de sua asquerosa presença**.

My theory is that our **gay friend** simply packed his things and **left of his own accord**. **He found our sexual climate antipathetic, he learned that the small demand for what he had to offer was being adequately served by Machadinho and Miss Pirangi, so he felt forlorn and decided to relieve us of his loathsome presence**.

No primeiro trecho, Taylor e Grossman não apenas abandonam o baixo-calção, mas também mudam o sentido do termo. Vemos também o desaparecimento do adjetivo “caloroso”.

No segundo trecho, a ironia de “chibungo respeitável” é transposta para “gay friend”, mas o próprio termo “gay”, além de ser um uso mais suave para o correspondente em português, é de uso geral da população, enquanto “chibungo” é de uso regional do interior da Bahia. A maior discrepância é, no entanto, a transposição de “requintes de bunda” por “what he had to offer”. O “palavrão” aqui desaparece.

MARCAS CULTURAIS E RELIGIOSAS

Apesar da crítica às regras da sociedade burguesa, não se pode dizer que o tema da religião seja central em *Gabriela*. Existem poucos momentos em que o tema é destacado. O trecho que segue é um dos raros exemplos de menção à religião cristã. Observamos as inúmeras adaptações, inversões e omissões. “São Jorge” é novamente traduzido como “St. George”:

E dizer-se que essas chuvas agora demasiado copiosas, ameaçadoras, diluviais, tinham demorado a chegar, **tinham-se feito esperar e rogar! Meses antes, os coronéis levantavam os olhos para o céu límpido em busca de nuvens, de sinais de chuva próxima**. Cresciam as roças de cacau, estendendo-se por todo o sul da Bahia, esperavam as chuvas indispensáveis ao desenvolvimento dos frutos acabados de nascer, substituindo as flores nos cacatiais. A procissão de **São Jorge**, naquele ano, tomara o aspecto de uma ansiosa promessa coletiva ao **santo padroeiro da cidade**.

But this unending downpour might ruin everything. **And to think that only a few months earlier the colonels were anxiously scanning the sky for clouds, hoping and praying for rain**. All through southern Bahia the cacao trees had been shedding their flower, replacing it with the newly born fruit. Without rain this fruit would have soon perished.

The procession on **St. George's Day** had taken on the aspect of a desperate mass appeal to **the town's patron saint**.

O seu rico andor bordado de ouro,

The gold-embroidered litter bearing

levavam-no sobre os ombros orgulhosos os cidadãos mais notáveis, os maiores fazendeiros, vestidos com a bata vermelha da confraria, e não é pouco dizer, pois **os coronéis do cacau não primavam pela religiosidade, não freqüentavam igrejas,** rebeldes à missa e a confissão, deixando essas fraquezas **para as fêmeas da família:**

- Isso de igreja é coisa para mulheres.

the image of the saint was carried on the shoulders of the town's most important citizens, the owners of the largest plantations, dressed in the red gowns of the lay brotherhood. This was significant, for **the cacao colonels ordinarily avoided religious functions. Attendance at Mass or confession they considered a sign of moral weakness. Church-going, they maintained, was for women.**

Traçar paralelos entre os trechos acima torna-se uma tarefa relativamente complexa, uma vez que os tradutores não respeitaram a divisão de períodos ou de parágrafos. As informações de uma oração foram redistribuídas em outras, chegando a fazer com que os coronéis se tornem o sujeito de “hoping and praying for rain”, diferentemente do texto original. Até mesmo o discurso direto da última linha foi transformado em discurso indireto na versão inglesa. Mas distorções ainda mais fortes surgiriam por ocasião da única menção ao candomblé, já nas últimas páginas no livro. É o que podemos observar por meio do número de omissões (em vermelho) no trecho abaixo:

Dora de Nilo, Nilo de Dora, mas qual das pastoras não montara seu Nilo, **pequeno deus de terreiro?** Eram éguas na noite, **montarias dos santos.** Seu Nilo se transformava, era todos os santos, era **Ogun e Xangô, Oxossi e Omolu, era Oxalá para Dora. Chamava Gabriela de Yemanjá, dela nasciam as águas, o rio Cachoeira e o mar de Ilhéus, as fontes nas pedras. Nos raios da lua, a casa velejava no ar, subia pelo morro, partia na festa.** As canções eram o vento, as danças eram os remos, Dora a figura de proa. Comandante, seu Nilo ordenava marujos. Os marujos vinham do cais: o negro Terêncio, tocador de **atabaque,** o mulato Traíra, **violeiro** de fama, o moço Batista, cantador de **modinhas** e Mário Cravo, **santeiro maluco,** mágico de feira. Seu Nilo apitava, a sala **sumia,** era **terreiro de santo, candomblé e macumba, era sala da dança,** era leito de núpcias, um barco sem rumo **no morro do Unhão,** velejando ao luar. **Seu Nilo soltava cada noite de alegria.** Trazia a dança nos pés, o canto na boca.

Sete Voltas era uma espada de fogo, um raio perdido, **um espanto na noite, um ruído de guizos. A casa de Dora foi roda de capoeira quando ele surgiu com seu Nilo, o corpo a gingar, a navalha na cinta,**

Dora and Nilo, Nilo and Dora. But, indeed, which of the shepherdesses did Nilo not mount? They were holy mares. Nilo was transformed into all the gods—**Ogun and Xangô, Oxossi and Omulu;** for Dora he was the great god **Oxalá. Gabriela was Yemanjá, goddess of the sea. The house sailed away in the moonlight, over the hill.** The songs were the wind, the dances the oars, Dora the figurehead on the prow, Nilo the captain directing the crew.

The crew came from the waterfront: the Negro Terencio, a **bongo-drum** player; the mulatto Traíra, a famous **guitarist;** young Batista, a **ballad** singer; and Mário Cravo, an **eccentric peddler of holy images** and, as a sideline, a market-place magician. Nilo blew his whistle and the room became a **voodoo ground,** a nuptial bed, a rudderless boat sailing in the moonlight. **Every night Nilo let loose his joy.** He had music in his feet, songs in his mouth.

Sete Voltas was a thunderbolt, a flaming sword. **All swagger, danger, and fascination. When he showed up with Nilo, his body swaying, a razor in his belt, the shepherdesses bowed before him. A magic**

sua prosápia, fascinação. Curvaram-se as pastoras, um rei mago chegava, um deus de terreiro, um cavaleiro de santos para seus cavalos montar.

Cavalo de Yemanjá, Gabriela partia por prados e montes, por vales e mares, oceanos profundos. Na dança a dançar, o canto a cantar, cavalgado cavalo.

king, a voodoo god, a holy horseman come to mount his steeds.

Gabriela, the horse of Yemanjá, galloped across plains, through valleys, over mountains, and down to the bottom of the ocean. Dancing, singing, horse and rider.

As diferentes formatações de períodos e parágrafos se acentuam. Também as omissões. Além disso, os 4 termos referentes ao culto africano (*terreiro de santo, candomblé e macumba, era sala da dança*,) são comprimidos na expressão única “voodoo ground”. A associação do candomblé brasileiro com o “Voodoo” norte-americano, culto que teve origem no Haiti e que é também praticado na região de Nova Orleans, passou a ser freqüente nas traduções de obras brasileiras. Essa é, no entanto, uma religião totalmente distinta do candomblé, e tal associação domesticadora só demonstra, mais uma vez, a influência das inúmeras comparações feitas entre a região nordeste brasileira e o sul dos Estados Unidos. As mesmas feitas desde a década de 1930, por Freyre e Veríssimo. Essa mesma associação resulta na transposição de “atabaque” por “bongo drum”. A palavra “capoeira” é evitada no teto alvo através da omissão de parte do período. As intervenções dos tradutores novamente aproximaram o texto de Amado da cultura de chegada.

OBSERVAÇÕES FINAIS

Apesar de também fazer uso de um pequeno número de adaptações e explicitações, a tradução de *Gabriela* apresenta-se muito mais caracterizada pelas omissões, seguindo em uma direção contrária à de *Terras do Sem Fim*. Os aspectos discursivos das personagens são repetidamente “suavizados” e os marcadores discursivos substituídos por inglês padrão. A aproximação da cultura alvo é evidente.

Todas essas interferências dos tradutores produziram um texto pouco “fiel” à linguagem amadiana, e que foi ironicamente definido por Orville Prescott²¹⁴ como uma tradução fluente, cheia de vida e natural. Mas, se o resultado do trabalho de Taylor e Grossman é algo que, para muitos tradutores, surge como uma tradução sem esforços de

²¹⁴ Ver capítulo 3 – crítica do *The New York Times* (12 de setembro de 1962).

pesquisa, simplificada e domesticadora, foi esse o trabalho que se tornou mais palatável e acessível ao público médio norte-americano: um público que ainda buscava ler uma obra brasileira através das lentes da sensualidade feminina. Foi esse tipo de linguagem menos elaborada, padronizada, fácil e suavizada, que a princípio desagradou ao próprio editor, que levou ao sucesso de vendas, nos Estados Unidos, uma obra de Amado. Depois de Taylor e Grossman, as obras de Jorge Amado passariam para as mãos das mulheres.

HARRIET DE ONÍS E O “USO DO THESAURUS”

*Existe um dicionário secreto somente para traduções? Ou é um mau uso maníaco do thesaurus?*²¹⁵

John Duncan

Foi mais um dos membros da Universidade de Columbia, casada com o chefe do Departamento de Estudos Hispânicos daquela universidade, que assumiu as traduções seguintes da obra amadiana. Antes, porém, a tradutora estivera envolvida em traduzir Guimarães Rosa. Apesar de todos os esforços para traduzir a idiomática e a linguagem especial do escritor mineiro, De Onís tinha sido fortemente acusada de apagar o caráter poético que atravessa *Grande Sertão Veredas*. Como vimos, a troca de correspondência entre ela e Guimarães Rosa foi grande, assim como seu interesse pela obra daquele autor, o que não aconteceu com James Taylor (e depois William Grossman) em relação a Jorge Amado. Se considerarmos apenas a dedicação da tradutora a Guimarães Rosa, as acusações a De Onís eram, de certa forma, cruéis.

Apesar de representar uma tarefa menos ousada do que os textos de Rosa, a dificuldade em traduzir o regionalismo e o socioleto de Jorge Amado não deixava de ser um novo desafio. Como vimos, De Onís traduziu, na seqüência, *Pastores da noite* e *Dona Flor e seus dois maridos*. Ao comentar a tradução de *Pastores da noite*, John Duncan também ironizou a escolha vocabular de De Onís, tecendo o maldoso comentário sobre o “mau uso do Thesaurus”.

²¹⁵ Cf. *The New York Times* de 22 de janeiro de 1967.

Apesar dessas referências a outras traduções de De Onís, escolhemos aqui comentar a tradução de *Dona Flor e seus dois maridos*, devido a seu maior sucesso junto ao público norte-americano.

A LINGUAGEM POPULAR

Dentre as estratégias de tradução de De Onís para *Dona Flor*, encontramos novamente um glossário, agora chamado de “Palavras e Expressões Estrangeiras”²¹⁶. Além disso, ao traduzir as obras de Jorge Amado, De Onís exibiu uma grande preocupação em reproduzir o estilo da escrita do autor, através do uso de expressões populares. Após traduzir Rosa, era natural que a tradutora se concentrasse em trabalhar mais criativamente a linguagem do romance que levava para o idioma inglês. A busca de correspondentes na linguagem cotidiana pode ser observada nos trechos abaixo, extraídos de *Dona Flor e seus dois maridos*:

Até o ar que se respira aqui ficou mais leve depois que o **desgraçado esticou a canela...**

Dona Norma não pôde conter-se:

- **Puxa!** A senhora tinha mesmo raiva de Vadinho, hein?

- **Oxente! E não era para ter?** Um vagabundo sem eira nem beira, pau-d'água, jogador, não valia de nada... E se meteu na minha família, virou a cabeça de minha filha, tirou a desinfeliz de casa pra viver às custas dela...

“The very air one breathes here is better since that **dirty dog cashed in his chips**”

Dona Norma could not restrain herself: “**Good Lord.** You really hated him, didn't you?”

“**What a question! Didn't he deserve it? A worthless vagabond, a lush, a gambler, good for absolutely nothing...** And he had to get mixed up in my family, turn my daughter's head, beguile the poor thing away from her home and let her keep him...”

A tradutora traz para o texto traduzido várias expressões idiomáticas populares em inglês. Mas a dificuldade de encontrar correspondentes na fala popular parecia levá-la a compensar a falta de um correspondente com expressões populares para os trechos seguintes. No trecho abaixo, se os “melindres” e “não-me toques” se tornavam mais pobres com “carping and criticizing”, a solução “about-face” para “mudou da água para o fogo” foi muito bem sucedida:

Eu não acho nada, minha santa, se assunto você. Estava só falando... **Porque você é toda cheia de melindres, toda não-**

I'm not trying to meddle in your business, my dear. I was just talking. You are the one who is always carping and

²¹⁶ Foreign Word Expressions

me-toques. Basta ver qualquer moça passeando sozinha com um rapaz e logo diz que é **uma perdida...** E agora **mudou da água pro fogo**, largou a menina de mão...

criticizing. You only have to see a girl out walking with a fellow and right off she's **a strumpet...** And now **you've made a complete about-face**, you've turned the girl loose...

Apesar do uso do glossário, De Onís preferiu traduzir alguns termos culturalmente marcados, em vez de usar empréstimos. O termo “capangas”, por exemplo, foi “domesticado”, traduzido como “bad men”:

Chimbo enxugou as lágrimas de Rita, agradeceu a dedicação do sírio, gratificou os dois **capangas**, dois criminosos de morte, foragidos de Ilhéus. Sob aparente nonchalance, era Chimbo homem prudente e hábil, não lhe faltava treita política.

Chimbo dried Rita's tears, thanked the Syrian for his devotion, rewarded the two **bad men**, two hardened criminals wanted in Ilhéus. Under his outward nonchalance, Chimbo was a prudent and canny man who was not lacking in politics!

Paradoxalmente, a grande dedicação da tradutora à pesquisa lexical punha em risco a aceitação de leitores menos interessados em uma linguagem não convencional. E provavelmente ignorou a crítica de Duncan, já que repetiu em *Dona Flor* alguns dos termos que o crítico evidenciou no *The New York Times*, como vemos no exemplo abaixo:

- Tu está falando igualzinho o doutor, meu bem. Toda **estrambótica**, toda **monarca**, parece um professor...

You are talking just like the doctor, my love. All **ridiculous, high-falutin'**, as though you were a teacher.

“High-falutin” foi um dos termos mencionados pelo crítico. Outro possível exemplo do uso de expressões demasiadamente fora de uso no inglês da época é a tradução de “xixica” por “haybag”:

"Tudo **xixica** para passar o tempo, **permanente só tu**, Flor, minha flor de manjerição, outra nenhuma". Que diabo era **xixica?** - quis de repente saber Dona Flor.

Nothing but **haybags** to pass the time. **The only one I truly love is you**, Flor, my sweet basil Flor, nobody else". What the devil was a **haybag**, Dona Flor suddenly wondered.

O termo “xixica”, utilizado no nordeste do Brasil para se referir a “gorjeta” ou “propina”²¹⁷ (a famosa “caixinha”, ou seja, “um extra”). O termo assume popularmente

²¹⁷ Definições encontradas no *Michaelis - Moderno Dicionário de Língua Portuguesa* Melhoramentos, 2008.

outros significados, sendo usado no dialeto caipira como sinônimo de “titica”²¹⁸ (“excremento”), ou até mesmo na fala infantil como referência ao órgão sexual feminino. O fato de Dona Flor estranhar o termo vem justamente de seu uso ser regional e comum às camadas populares, mas com um significado ao mesmo tempo dúbio. Ao escolher “haybag” como correspondente, De Onís usou um termo bem menos popular em inglês. O léxico não consta nem mesmo do “Thesaurus”, mas sua definição foi encontrada no *Encyclopedic Dictionary of Gender and Sexual Orientation Bias in the United States* (Dicionário Enciclopédico de Preconceito de Gênero e Orientação Sexual nos Estados Unidos), como “prostituta ou vagabunda (...)”²¹⁹. Dessa forma, é possível que alguns dos termos escolhidos pela tradutora também fossem desconhecidos de muitos leitores locais.

Quanto à diferenciação das falas dos personagens, sabemos que a luta de poder e a diferença social não foi o foco maior de Amado nessa obra. Mesmo assim, podemos dizer que um exemplo típico do jogo de linguagem que identifica as diferentes personagens é refletido pela comparação entre as falas do cafajeste Vadinho e do “doutor” Teodoro. Vadinho usa o baixo calão, frases feitas, expressões populares. Já Teodoro usa a norma culta, o vocabulário sofisticado, a linguagem elevada que Vadinho tão bem ironizou no trecho mencionando anteriormente.

A Fala do malandro Vadinho:

- É isso que você chama de **vadiação**? É esse o doutor Sabe-tudo, o mestre das **putas**, o rei da **sacanagem**? Essa **porqueira**, meu bem? Nunca vi coisa mais insípida... Se eu fosse tu, pedia a ele, em vez disso, um frasco de xarope: cura tosse e é mais gostoso... Porque o que ele está fazendo, **meu bem**, é a coisa mais triste que eu já vi...

And you call that **screwing**? And this Dr. Know-it-all, the teacher of the **whores**, the king of the **fags**? This **half-assed stuff**? I never saw anything more insipid! If I were you, I would ask him to bring me a bottle of cough syrup instead of this; it's good for a cold and is pleasanter. Because what he is doing, **my pet**, is the sorriest thing I have ever seen..

Novamente vemos De Onís buscar correspondentes na linguagem popular e nas expressões idiomáticas. A pesquisa não evitou o erro destacado em negrito (“sacanagem” por “fag” [homossexual/bicha]). Enquanto Gabriela tinha como forma típica de seu falar a expressão “seu moço”, Vadinho, semelhantemente, adota o vocativo

²¹⁸ Ver: Amadeu Amaral, *O dialeto caipira*. 4.^a ed. Editora Hucitec/INL-MEC, 1982.

²¹⁹ “(...) female prostitute or vagrant who may also be considered fat and lacking in moral restraint”. Fonte: Philip Wimmmin Herbst, *Wimps & Wallflowers: An Encyclopaedic Dictionary of Gender and Sexual Orientation Bias in the United States*. Intercultural Press, 2001.

“meu bem” como típico de seu linguajar, da forma maliciosa e malandra como aborda Flor. A expressão é transposta de diferentes formas (nesse trecho como “my love” e “my pet”), mas todas dão o sentido afetoso, íntimo e ao mesmo tempo atrevido do original. Vemos também o malandro Vadinho do texto em inglês usando o mesmo nível do baixo calão do texto fonte.

A fala de Teodoro distingue-se sobremaneira da fala de Vadinho.

As Falas do “doutor” Teodoro:

- **Minha querida**, você deve estar morta de cansada, é natural. Não é brincadeira preparar um **bródio** como o de ontem e depois receber as pessoas, **atendê-las...** Você precisa descansar. Por que não fica na cama? **Eu me arranjo com a empregada...**

(...)

- **Que lembrança mais gentil, querida.** Há ocasiões que **se impõem e me perdoe se hoje abuso, rompendo o calendário...** - era sempre tão prudente e delicado, que mulher não ficaria cativa de sua educação?

My dear, you must be exhausted, it's natural. It's no joke preparing a **party** like yesterday's and receiving so many people, **looking after them.** You need rest. Why don't you stay in bed? **The maid will get my breakfast.**

(...)

“What a delicate reminder, my dear. There are occasions **when one has to forget about the calendar. Forgive me if I take unfair advantage tonight”.** He was always so prudent and thoughtful – What woman would not be charmed by his good breeding?

Apesar da perda de sofisticação em “bródio” (substituído por “party”), a escolha dos demais termos, como “reminder”, consegue resgatar a sofisticação da fala de Teodoro, dando ao leitor a imagem de um homem de grau de instrução mais alto. O uso do indeterminado “one has to” também opera tão bem como demonstração do grau formal da linguagem quanto o “se impõem” do original. O mesmo ocorrendo com as expressões “me perdoe se hoje abuso” e “Forgive me if I take unfair advantage”.

O BAIXO CALÃO

Se para Putnam, na década de 1940, e para Taylor, no início dos anos sessenta, o baixo calão devia ser evitado, De Onís, em meados da década de 1960, enfrentava bravamente a questão. O trabalho de pesquisa da tradutora certamente incluía encontrar o significado dos palavrões e buscar seu correspondente mais próximo na língua alvo.

No trecho abaixo, a tradutora reproduz a maior parte dos palavrões no idioma alvo...

- (...) **merda** de vida mais **escrota** aquela, emprego mais **filho da puta** aquele, obrigado a acompanhar o Governador a todos os cantos, a todas as cerimônias, a todas essas **merdolências** e **porcarias** . . .

"A **shit** of a life that's **got me by the balls**, a **son-of-a-bitching** job, having to accompany the Governor to the most out-of-the-way places, to all the ceremonies, to all that **junk** and **rubbish**."

... mas a tentação de suavizar o baixo calão por vezes a vencia. “Merdolências” vira simplesmente “junk”. O mesmo acontece no trecho abaixo:

- O teu doutor... Não somos os dois casados contigo, teus maridos? **Colegas de babaca**, meu bem...

“Your doctor – aren’t we both married to you, both you husbands? **Bed colleagues**, my pet...”

“Colegas de babaca” é suavizado, aparecendo no texto alvo como com “bed colleagues”. Um caso mais peculiar ainda foi o encontrado no trecho abaixo. Ao descrever a cena do ritual de candomblé, Amado usa um termo forte do baixo calão popular: “subilatório” (uma das formas de se referir ao ânus). O que De Onís fez não foi exatamente “emprestar” a palavra, que poderia ser realmente traduzida, mas sim colocá-la entre parênteses:

Oxumarê enfiou o rabo pela boca, anel e enigma, **subilatório**.

Oxumaré put its tail in its mouth, ring and enigma (**subilatario**).

O procedimento da tradutora pode ter ocorrido por diferentes motivos: o pudor em traduzir o termo ou o simples desconhecimento de seu significado junto ao fato de não querer ocultar uma palavra não reconhecida. Mas, com certeza, o termo não fez sentido algum para o leitor norte-americano, já que ele também não entrou no “glossário de termos estrangeiros”. Tornava-se, assim, mais uma palavra que ele não encontraria nem mesmo no thesaurus, e essa não era uma característica que agradava à crítica norte-americana.

Entretanto, é importante lembrar que essa questão é muito controversa, já que grande parte da população norte-americana tem uma formação rígida protestante, em que muitos palavrões são tabus. Somando-se o ideal do “bom inglês”, mencionado por Milan Kundera, o resultado é um constrangimento ao traduzir o baixo calão.

MARCAS CULTURAIS E RELIGIOSAS

Vimos que em *Dona Flor* o feitiço do candomblé se transformara, aos olhos do crítico literário David Gallagher, em fantasia e imaginação, reflexos das correntes renovadas do “realismo mágico”. Acreditamos que a tradutora, diante das normas de manutenção e integridade do texto, pouco poderia ter feito para influir nessa leitura com base em suas estratégias de trabalho. Mesmo assim, vale verificar a dificuldade na tradução desses termos culturalmente marcados. Ao tratar a questão religiosa em *Dona Flor*, o que Harriet de Onís fez foi adotar o “empréstimo” para todos os nomes de orixás...

Ogun malhou o ferro e temperou o aço das espadas. **Euá** com suas fontes, **Naná** com sua velhice. Rei da guerra, **Xangô** cercado de **obás** e de **ogans**, na corte de esplendor, disparando raios e coriscos.

Ogun beat the iron and tempered the steel of the swords. **Euá** with her fountains, **Naná** with her venerability. **Xangô**, king of war, encircled by **obás** and **ogans**, in a court of splendor, sending out flashes and rays of lightning.

... mas De Onís chega a um impasse quando outros termos culturalmente marcados surgem junto aos nomes dos Orixás. Como fazer para que o texto não se torne demasiado difícil e indigesto? A opção de De Onís foi mista: a de omitir alguns termos, domesticar e emprestar outros:

Toda quarta feira **Xangô come amalá e nos dias de obrigação come cágado ou carneiro (ajapá ou agutan).**

Ewó, orixá das fontes, tem quizila com cachaça e com galinha. Iyá Massê come conquém.

Para Ogum guardem o **bode** e o **akikó** que é **galo em língua de terreiro**. Omolu não suporta caranguejo.

Every Thursday, **Xangô eats amalá and on special days, turtle or mutton.**

Ewá, goddess of the springs, cannot stand rum and chicken. Iyá Masse eats guinea hen.

For Ogun they set aside the **goat andakikó, which means cock in the language of the candomblé centers.**

A expressão “dias de obrigação”, que se refere aos deveres dos iniciados no culto do candomblé, foi traduzida como “special days”. Os termos “ajapá ou agutan” agora desaparecem, marcando uma das poucas omissões realizadas por De Onís. O mesmo acontece com “Omolu não suporta caranguejo”. Ainda, diferentemente de Taylor & Grossman, De Onís traduz o termo “terreiro” como “candomblé centers”.

No glossário do livro, o leitor não encontraria nenhuma explicação sobre os orixás, mas sim as definições dos termos emprestados:

amalá: Dish made of okra, similar to *caruru*.

akikó: Rooster. (Nago)

O resultado parece não ter sido algo tão indigesto, já que a dificuldade com esses termos culturalmente marcados e ligados à religião africana não foi enfatizada nas críticas jornalísticas à tradução de *Dona Flor e seus dois maridos*.

OBSERVAÇÕES FINAIS

Tanto os problemas referentes à linguagem produzida na tradução, quanto os possíveis problemas de aceitação dos temas retratados na obra de Jorge Amado parecem ter sido ofuscados pelo caráter sensual e erótico do romance. O que *Dona Flor* deixou na memória norte-americana foi a imagem de uma heroína que, como definiu o crítico Walter Clemons no *The New York Times* de 14 de agosto de 1969, oscilava “entre o decente e o inaceitável”²²⁰.

BARBARA SHELBY: O DUPLO DE AMADO

*Já que os acadêmicos muito frequentemente se deliciam em cutucar as traduções, eu quero reforçar que Bárbara Shelby escreve como se ela fosse o duplo de Amado, com um tom em inglês que é o perfeito correspondente para o estilo ousado do português*²²¹.

Gregory Rabassa

Apesar de não ter sido a primeira obra de Jorge Amado traduzida por Shelby, optamos aqui por observar a tradução de *Tenda dos milagres*. Isso porque o romance foi um dos mais importantes para Jorge Amado, o preferido de Knopf e Shelby, e porque trata de uma questão polêmica tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos: o racismo.

Vimos que uma das grandes reclamações a respeito de *Tent of Miracles* foi quanto à questão do vocabulário. Knopf já havia prevenido Shelby sobre aquilo que, na

²²⁰ O título do artigo de Walter Clemons era “Between the Decent and the Unseemly”.

²²¹ “Since academics most often take delight in poking at translation, I want to stress that Barbara Shelby writes as if she were Jorge Amado’s parados, or double with a perfect match for the sassy style of the Portuguese.” *The New York Times* de 24 de outubro de 1971.

obra, pareceria “grego” ao leitor norte-americano. A tarefa que Barbara Shelby tinha agora certamente não era das mais fáceis.

A LINGUAGEM POPULAR

Ao traduzir a linguagem popular de Amado, Barbara Shelby aplica uma fórmula de uso de expressões idiomáticas parecida com a de Harriet de Onís. No entanto, a tradutora-mediadora faz um uso maior de acréscimos (marcados em vermelho) e explicitações, uma estratégia que facilita a transposição dos regionalismos e a compreensão do leitor.

Nesses casos, o contato com o escritor para a solução de dúvidas pode facilitar o trabalho da tradutora. Mas, como revela a carta de Jorge Amado, escrita em português, enviada a Shelby em 31 de dezembro de 1973 (portanto, após a publicação de *Tent of Miracles*), nem sempre o recurso é tão bem sucedido:

Ypicilone [sic] aqui na Bahia significa qualquer coisa difícil, complicada, misteriosa. Uma pessoa “cheia de ypicilones” é uma pessoa que sabe muito. “Tal coisa tem os seus ypicilones”, quer dizer: “tem os seus mistérios”. Como você vê, a significação da palavra é variável. (AMADO a SHELBY, em 31 de dezembro de 1973)

A própria explicação de Amado, definindo a significação da palavra como “variável”, deixa dúvidas quanto ao que ele mesmo quis dizer no texto. É óbvio que o charme de se apropriar da letra “y” e de seu uso diferenciado são de difícil reprodução. Considerando que a data da correspondência é posterior à publicação de *Dona Flor*, concluímos que a tradutora tenha usado sua intuição, ou tentado deduzir o significado do termo com base do contexto, para traduzir o trecho abaixo:

– **Mestre** Archanjo sabe muito, **tem um armazém de ipicilones na cabeça** e nos pedaços de papel. Mas o que ele sabe não é coisa de se **perder em trova de tostão**, é **passaladagem de muita sustância**, enredos de que pouca gente ouviu falar. **Valia a pena** era ele contar na Faculdade a um professor, a **um desses bambas** na escrita, lá tem cada um **retado**, para o **sabichão botar o resumo no papel e servir de ensinamento**. Garanto que ia **causar muita admiração**.

“That’s right, Master Archanjo knows plenty. **He’s got a whole mess of plots in his head** or written down on those scraps of paper of his. But the things he knows are too good **to waste on throwaways** you can buy for a penny. His **stuff really has some meat to it**, and there **ain’t** too many people who know about those things. **What he ought to do** is go to the university and tell some professor, **one of those bigwigs** who knows how to write – the place is full of **crackerjacks**, you all

know that – and **let the guy put it all down on paper so people can read it and be educated.** I bet *that* would **liven things up around here**".

Vemos “um armazém de ipicilones” transposto como “a whole mess of plots”. Mesmo assim, o texto alvo não parece ter perdido muito com a tradução. A substituição conseguinte de “é passaladagem de muita sustância” por “His stuff has some meat to it”, traz a brilhante solução com o duplo sentido de “meat” seja como “alimento” ou “conteúdo/substância”. “Bambas” traduzido como “bigwigs” e “retado” por “crackerjack” são exemplos de gíria usada em ambas as línguas. As boas transposições acabam por recuperar a perda de significado na substituição de “sabichão” por “guy”.

Uma das afirmações de Shelby era a de que a escrita de Amado era divertida e isso devia ser transportado para o idioma inglês²²². Foi ao fazê-lo com eficiência que ela permitiu que uma entre as várias qualidades de Amado fosse transmitida a contento ao público norte-americano: seu humor. Justamente aquela à qual o crítico do *The New York Times* se apegou para sua apreensão do trabalho de Jorge Amado, para ele, uma obra para ser lida por diversão.

No trecho abaixo, vemos, ainda, que os empréstimos também fizeram parte do rol de estratégias de Barbara Shelby – segundo a tradutora, como uma forma de “enriquecer” a cultura estrangeira²²³. O que parece ter ocorrido com a tradução de Shelby é que sua organização e metodologia excederam a de alguns de seus colegas.

A fala popular foi também reforçada pelo uso de “ain’t”. O erro gramatical finalmente surgia nas traduções de Jorge Amado. Já a expressão “Dê destino a ele” foi explicada (ou explicitada) por Barbara Shelby.

A tradutora admitiu que, por acreditar que notas de rodapé impedem o fluxo da leitura, ela acrescentava explicações ao texto, para fazer com que o leitor compreendesse as expressões idiomáticas da outra língua.²²⁴ Era dessa forma que a tradutora fazia sua mediação tradutória. Ela buscava amenizar o texto “grego” de *Tenda dos milagres*, mostrar o estilo da linguagem e, ao mesmo tempo, manter marcadores culturais:

²²² Ver entrevista com Barbara Shelby – Anexo II – questão 6.

²²³ Ver entrevista no Anexo II – questão 6.

²²⁴ Idem.

– Senta aqui, junto de mim, meu **camaradinho**.

Antes de dar-se a Yansan, que impaciente a reclamava, Dorotéia falou com sua voz macia e autoritária:

– Diz que quer estudar, só fala nisso. Até agora **não deu pra nada**, nem pra carpina nem pedreiro, vive fazendo conta, sabe mais tabuada do que muito livro e professor.

De que me serve assim? Só dá despesa e nada posso fazer.

Torcer a sina que trouxe do sangue que não é meu? Querer lhe **dar um rumo** que não é o dele? Isso não vou fazer porque sou mãe, não sou madrasta. Sou mãe e pai, é muito para mim que vivo de vender na rua, de fogareiro de carvão e lata de comida. Vim lhe trazer e lhe entregar, **Ojuobá. Dê destino a ele.**

(...)

Os dois a saudaram ao mesmo tempo: **“Eparrei!”**

"Sit down here next to me, **camaradinho**."

Before yielding to Yansan, who was calling for her impatiently, Doroteia said in her soft, peremptory voice: He says he wants to study, that's all he talks about. **He doesn't amount to much** so far, he won't ever be a good carpenter or bricklayer. All he can do is his sums. He knows the multiplication tables better than most teachers or books. But **what good will he be to me that way? It just costs me money to keep him**, and —there **ain't** a thing I can do about it. **I can't cheat the fate he inherited from the blood that ain't mine**. I can't make him **hoe a row** that ain't his. I can't do that, because I'm his mother, not his step-mother. I have to be mother and father both, and it's too much for me when I have to keep us both off what I can sell in the streets with my charcoal stove and my pans of food. I brought him here to give to you, **Ojuobá. You make a future for him. Show him the road he ought to take.**"

(...)

Man and boy saluted her at once: **“Eparrei!”**

Todos os empréstimos aparecem no glossário ao final do livro, permitindo a pesquisa do leitor:

Camaradinho: Little pal.

Eparrei: Greeting by devotees to *candomblé* divinity Yansan.

Ojuobá: Eyes of the king (Yorubá)

Yansan: Goddess of winds; mother of the gods. Syncretized

Com relação a esse procedimento, Shelby foi a mais eficiente dos tradutores de Amado. Seu glossário é o mais completo e esclarecedor.

A fala erudita, mais fácil de ser trabalhada, aparece no trecho abaixo, nas palavras do doutor Zézimo, com o uso de termos e expressões típicas da norma culta, como “indeed”, “give some thought”, “certain” e “I should like”, mostrando a forma como Barbara Shelby recuperava a hierarquia na linguagem, num viés sociolinguístico:

Muito obrigado, **caro professor**. Suas palavras **me confortam**. Mas, já que o senhor falou no seminário, desejo expressar algumas breves opiniões sobre o assunto: **andei**

"Thank you very much, **Professor**. Your words **are very encouraging indeed**. But now that you've brought up this matter of the seminar, I'd like to say a few words about

reestudando a idéia, aprofundando-lhe as implicações e cheguei a certas conclusões que venho sujeitar ao bom senso e ao patriotismo dos senhores. Quero consignar antes de tudo minha admiração pelo professor Ramos, por sua obra magistral.

that very thing, I've been giving some thought to the implications of our scheme, and I've reached certain conclusions that I should like to set before you to be examined with your usual patriotism and good sense. First of all, I want to express my admiration for Professor Ramos and the wonderful work he has done.

O BAIXO CALÃO

Ao ser questionada sobre as dificuldades ao traduzir o texto amadiano, Shelby afirmou que a “linguagem indecente de Amado era, por vezes, um problema”²²⁵. E acrescentou: “Meus colegas me provocavam”. A dificuldade em lidar com o baixo calão ainda chegava com força à década de 1970. E era nessa atmosfera de provocação e gozação que a tradutora tinha que enfrentar o baixo calão amadiano.

Vemos no trecho abaixo como Shelby lidou com a questão:

Meu velho, você é quem tem razão: na Bahia não há clima para esse troço, não dá pé. Se eu tivesse um jeito, largava essa merda, ia bater pernas pelas ruas. Me diga uma coisa, Gastão: você já viu a fachada da Igreja da Ordem Terceira?

– Porra, menino, eu nasci aqui.

– Pois eu já fiz um ano de Bahia, já passei por ali mais de mil vezes, e nunca tinha parado para reparar e ver. Sou um cavalo, seu Gastão, um animal, um infeliz, um filho-da-puta de agência de publicidade.

Gastão Simas suspirou: assim não era possível.

“You know, Gastão, you were right: Bahia's not the place for this kind of stuff, it just won't work. If I had the wherewithal I'd say good-bye to all this crap and just roam around the streets. Gastão, have you ever looked at the Church of the Third Order?”

“Christ. Kid, I was born here!”

“Well, I've lived in Bahia for a year now and I must have passed by that church a thousand times without ever taking the time to really look at it. I'm an animal, Gastão, a stupid fool, a son-of-bitch P.R. flack!”

Gastão Simas sighed; the kid would never get anywhere with that attitude.

Shelby procurou manter os palavrões, de acordo com o original (“crap” e “son-of-bitch”). Interessantemente, ao verificar a transposição de “Porra” como “Christ”, poderíamos imaginar que a tradutora perdera a força do baixo calão original. No entanto, palavras relacionadas ao cristianismo (como também a outras religiões) são

²²⁵ Idem.

consideradas “tabus” no sistema cultural norte-americano, e seu uso é muito mal visto, posicionando-se, assim, em um mesmo patamar que o termo em português

MARCAS CULTURAIS E RELIGIOSAS

Vimos acima que, da mesma maneira que De Onís, Shelby utilizou um glossário no qual inseriu os termos culturalmente marcados. Nele ela incluiu os principais termos do candomblé, nomes de instrumentos musicais e alimentos do Brasil, e até mesmo termos como “catedrático” e “fazendeiro”.

Todavia, ao pensar a questão religiosa em *Tenda dos Milagres*, é importante lembrar que o protagonista Pedro Archanjo se declara um “materialista”, apesar de ter uma função importante na comunidade do candomblé local. É nessa obra que Amado exprime mais claramente sua defesa do sincretismo como solução social.

Ao observar o trecho abaixo, vemos que Shelby buscou a correspondência próxima em todos os segmentos culturalmente marcados do trecho abaixo, usando os empréstimos e o glossário.

Eu penso que os **orixás** são um bem do povo. A **luta da capoeira**, o **samba-de-roda**, os **afoxés**, os **atabaques**, os **berimbaus**, são **bens** do povo. Todas essas coisas e muitas outras que o senhor, com seu pensamento estreito, quer acabar, professor, igualzinho ao delegado Pedrito, me desculpe lhe dizer. Meu materialismo não me limita. Quanto à transformação, acredito nela, professor, e será que nada fiz para ajudá-la?

O olhar se perdeu na Praça do **Terreiro de Jesus**:

– **Terreiro de Jesus, tudo misturado na Bahia**, professor.

O Adro de **Jesus**, o **Terreiro de Oxalá**, **Terreiro de Jesus**. Sou a mistura de raças e de homens, sou um **mulato**, um brasileiro. Amanhã será conforme o senhor diz e deseja, certamente será, **o homem anda para a frente**. Nesse dia tudo já terá se misturado por completo e o que hoje é mistério e luta de gente pobre, roda de **negros e mestiços**, música proibida, dança ilegal, **candomblé**, **samba**, **capoeira**, tudo isso será festa do povo brasileiro, música, balé, nossa cor, nosso riso, compreende?

"I think the **orixás** are a blessing to the people. **Capoeira fighting, circle sambas, afoxés, atabaques, berimbaus** are all **blessings** for the people. All those things and many others that you, with your narrow way of thinking, would like to do away with, just like Chief Pedrito, if you'll pardon my saying so. My materialism does not limit me. As for **change and transformation**, Professor, I believe in it. Do you think I've done nothing to help it along?"

His gaze was lost in the **Terreiro de Jesus**.

"**Terreiro de Jesus. Everything in Bahia is a mixture**, Professor. The churchyard of **Jesus Christ**, the **Terreiro of Oxalá**, **Terreiro de Jesus**. I'm a mixture of **men** and races; I'm a **mulatto**, a Brazilian. Tomorrow things will be the way you say and hope they will, I'm sure of that; **humanity is marching forward**. When that day comes, everything will be a part of the total mixture, and what today is a mystery that poor folk have to fight for—meetings of **Negroes and mestizos**, forbidden music, illegal dances, **candomblé, samba, and capoeira**—why all that will be the treasured

joy of the Brazilian people. Our music and ballet, our color, our laughter. Do you understand?"

OBSERVAÇÕES FINAIS

Não acreditamos que os esforços de tradução de Bárbara Shelby pudessem modificar a visão de críticos norte-americanos como o do *Washington Post*, que consideraram o romance de Amado uma obra “não literária” e para ser lida por diversão. Esses são conceitos que envolvem todo um posicionamento acadêmico e político com relação à obra. O que pudemos observar é que Barbara Shelby fazia um trabalho de pesquisa e adequação de linguagem muito eficientes e adequados à proposta de fidelidade de Knopf.

CAPÍTULO 5 (CONSIDERAÇÕES FINAIS)

AS FACES DA REESCRITA E OS CAMINHOS DA MUDANÇA

Os diferentes estilos de escrita que marcaram as traduções de Jorge Amado, durante o período em estudo, funcionaram como se a voz do escritor tivesse encontrado diferentes frequências de transmissão, com diferentes controles de volume para cada uma das transgressões de sua linguagem padrão. O “volume” do baixo-calão foi “diminuído” de forma mais constante, enquanto os demais controles variaram de tradutor para tradutor.

Não foi coincidência que o maior sucesso com o público médio americano foi a única tradução que não apresentava um glossário e que mais descaracterizava a linguagem do original. Sem recorrer a tais elementos de epitexto, os tradutores abrandaram qualquer caráter didático, educativo ou acadêmico do romance.

A tradução de *Gabriela* tornava-se, assim, a que trazia menos elementos estranhos à cultura de chegada, apresentando a seu público um texto mais “leve” e de fácil compreensão. Mas era também a tradução que mais fugia da proposta de intercâmbio cultural.

Como já mencionado, Maria Tymoczko (1995), que se dedicou à metonímia na tradução de textos de culturas marginalizadas, defendeu a forma como ela opera na atividade de “recontar” histórias e criar refrações. Para a autora, a idéia de metonímia pode ser estendida à área da tradução e ajudar a compreender o uso de estratégias tradutórias. Ao tentar evitar uma sobrecarga de informações e, ao mesmo tempo, “honrar” a representação da cultura estrangeira e a tradição literária, o tradutor acaba por se comprometer duplamente. A estudiosa defende que a seleção metonímica – o que preservar e o que desprezar, o que assimilar, a que resistir – é o que mais caracteriza as normas iniciais de textos de culturas marginalizadas, e que tais decisões sobre a metonímia do texto alvo, por sua vez, determinam as normas operacionais.

Destaca, ainda, Tymoczko que:

É por isso que as traduções iniciais de textos não familiares freqüentemente são populares ou acadêmicas: as primeiras são gravemente limitadas em sua intenção de transferência e minimamente representativas dos aspectos metonímicos do original, enquanto as últimas permitem que aconteça uma grande quantidade de metatradução, apresentando quantidades de informação através de veículos tais como introdução, notas de rodapé, apêndices, textos

paralelos e assim por diante. Em uma tradução acadêmica, o texto é embebido em uma concha de dispositivos paratextuais que servem para explicar as metonímias do texto fonte, fornecendo um conjunto de contextos para a tradução. No caso de uma tradução popular, ao contrário, o tradutor tipicamente foca em poucos aspectos do texto literário que são trazidos para um amplo segmento do público alvo (1995, p.1)²²⁶

Sobre o tradutor, recai, então, a grande carga de desafiar a resistência de seu público ao novo, ao não canônico. É nossa opinião que, no caso estudado, nem todas as escolhas aconteceram de forma tão clara e consciente. As construções de longo prazo da imagística da “nação brasileira” e os contextos particulares e globais foram de grande influência em todo o processo tradutório. É a própria Tymoczko quem demonstra a influência cultural e de contexto sobre as “leituras” literárias ao mencionar o famoso ensaio de Laura Bohannan (1971), *Shakespeare in the Bush*. O ensaio de Laura Bohannan é um relato interessantíssimo, extremamente rico e bem humorado sobre a experiência da antropóloga junto à tribo dos Tiv, na África Ocidental. Em suas tentativas de recontar a história de Hamlet aos membros da comunidade local, ela se depara com uma interpretação totalmente diferente da sua própria, com adaptações e “domesticações” de sua história que, no final das contas, já não era a mesma.

Esse texto tem sido, na verdade, muito mencionado nos estudos da tradução como exemplo da tendência humana de reinterpretar novas histórias, remodelando-as de forma que se tornem versões de histórias já conhecidas. É o que comenta a tradutora e professora da USP Lenita Rimoli Esteves, que traduziu e disponibilizou o texto em português, tecendo vários comentários sobre a questão²²⁷:

Toda a delícia do texto está no fato de pessoas de contextos tão diferentes, apesar de não se entenderem perfeitamente, suporem que “as pessoas no mundo são iguais”, e que, apesar de diferenças pontuais, as grandes questões são sempre as mesmas para toda a humanidade. No entanto, essa concordância nasce de uma cegueira, de uma incapacidade de ver o outro como outro. (ESTEVES, 2008, p. 2).

²²⁶ “This is why initial translations of unfamiliar texts are so often either popular or scholarly: the former are usually severely limited in their transfer intent and minimally representative of the metonymic aspects of the original, while the latter allow a good deal of metatranslation to proceed, presenting quantities of information through vehicles such as introductions, footnotes, appendices, parallel texts, and so forth. In a scholarly translation, the text is embedded in a shell of paratextual devices that serve to explain the metonymies of the source text, providing a set of contexts for the translation. In the case of a popular translation, by contrast, the translator typically focuses on a few aspects of the literary text which are brought to a broad segment of the target audience.”

²²⁷ O texto de Lenita Rimoli Esteves e Francis Henrik Aubert encontra-se disponível no endereço: <http://sare.unianhanguera.edu.br/index.php/rtcom/article/view/153/152> acesso 05/11/2008.

Ao falar desse mesmo texto, Maria Tymoczko (1995) explica que a ciência cognitiva sugere uma tendência das pessoas a assimilar informações novas e não familiares direcionando-as para padrões já conhecidos e tornados familiares, e aponta estudos científicos indicando tal tendência. Ousamos acrescentar que, quando apresentadas a um texto supostamente “bom”, a tendência é que as pessoas o interpretem de forma a diminuir sua própria ansiedade, tornando-o pouco ameaçador, de acordo com suas próprias agendas. Na impossibilidade de fazê-lo, o texto passa a ser considerado “ruim” e rejeitado, e os argumentos para justificar tal julgamento são extraídos dos próprios conteúdos históricos e contextuais dessas pessoas, de suas vivências particulares.

No caso das traduções das obras de Amado, o conceito se encaixa. Gabriela trazia projeções de Carmen Miranda; Flor trazia projeções da “prima” Gabriela... Acrescenta-se aí o fato de as obras de Jorge Amado – tão diversas, cheias de questionamentos sociais e políticos, salpicadas com erotismo e recheadas de cultura afro-brasileira – propiciarem diferentes refrações, ora similares, ora opostas. Fato é que as diferentes apropriações existiram e que as lentes culturais de cada comunidade deram às leituras estrangeiras das obras amadianas diferentes cores.

O que observamos aqui foi a forma como cada agente da tradução, cada ator, e cada leitor pintou com suas próprias cores, realizou suas escolhas, priorizou sua própria metonímia, resultando em diferentes “texturas”, diferentes “emissões luminosas” do texto amadiano, e como os tradutores de Jorge Amado enfrentaram os desafios da tarefa solicitada pelo projeto de Knopf.

Em 5 de janeiro de 1970, Alfred Knopf escrevia ao correspondente do *Christian Science Monitor*, lamentando o fato de que, apesar de Jorge Amado ser o único escritor de ficção latino-americano lucrativo, os críticos das Letras latino-americanas viam-no com tal desprezo que seu nome nunca era mencionado por eles (KNOPF apud ROSTAGNO, 1997, p. 40).

O fato de Jorge Amado discutir temas de caráter social e político certamente agradava a Knopf, que apreciava dialogar também com escritores e tradutores sobre tais assuntos, trazendo a questão diplomática para o centro de suas empreitadas. Rostagno é novamente quem reconhece em Knopf, desde meados da década de 1960, um “embaixador não oficial para assuntos referentes ao Brasil” (1997, p. 40), ao mencionar uma carta enviada ao presidente do Banco de Londres e da América do Sul, em 22 de maio de 1969:

Ele justificava seu persistente lobby pelo Brasil enfatizando a crescente importância do Brasil nos assuntos internacionais. Uma carta a Sir George Bolton, o presidente do Banco de Londres e da América do Sul, atesta tais sentimentos: “O Brasil vale para os Estados Unidos, provavelmente no presente, mas principalmente no longo prazo, tanto quanto todos os países da América Espanhola juntos.”²²⁸

Já a explicação da tradutora Bárbara Shelby sobre o interesse de Knopf por Jorge Amado recaiu sobre a questão pessoal. Nas palavras da tradutora: “Uma característica que Amado e Knopf tinham em comum era a lealdade a seus amigos – e [eles] eram igualmente leais [um ao outro]. A amizade de Knopf com Freyre era mais antiga, mas Knopf e Amado se escreviam e visitavam mais”²²⁹.

Ambas as explicações demonstram que a filosofia do “bom amigo” perdurou por décadas para Alfred Knopf, e que ela encontrou alento nos modos do carismático Jorge Amado, fazendo dele, assim, o maior retrato da dedicação de Knopf à literatura brasileira. A atitude de Knopf para com Jorge Amado, ao menos a partir da década de 1960, foi a de um agente que não colocava o escritor e sua cultura como “inferiores” e essa foi uma atitude extremamente positiva.

Todavia, o projeto de Knopf não caminhou sozinho nos Estados Unidos. Outras correntes de influência atuavam sobre a recepção das obras do escritor. Interesses particulares, cenas públicas, resistências de diversas formas. Mesmo os incidentes, as guerras, invasões e os fatos políticos que aconteciam em outros continentes interferiam, em maior ou menor grau, na recepção local da literatura estrangeira.

No momento em que *Gabriela, Clove and Cinnamon* tornou-se um *bestseller*, vários fatores alinharam-se para que isso acontecesse: a situação em Cuba, a mudança política na vida de Jorge Amado, a fácil associação da personagem “Gabriela” aos antigos estereótipos, ou mesmo a escrita simplificada de Taylor & Grossman.

A semente plantada por Knopf pode não ter gerado tantos frutos quanto ele desejava, mas seus esforços não foram totalmente nulos. Em 1987, a Bantam Books comprou os direitos de publicação de *Tocaia Grande* nos Estados Unidos por \$ 250.000 (dólares), um valor considerado muito alto para esse tipo de atividade, e a tradução foi

²²⁸ “He justified this persistent lobbying for Brazil by stressing the increasing importance of Brazil in international affairs. A letter to Sir George Bolton, the chairman of the Bank of London and South America, attests to these feelings: ‘Brazil is worth to the United States, probably presently, but most assuredly in the long run as much as all the Spanish American countries put together’.”

²²⁹ “One trait Amado and Knopf had in common was loyalty to their friends – and [they] were equally loyal [to each other]. Knopf’s friendship with Freyre was older, but Knopf and Amado wrote and visited more.” Cf. Entrevista no Anexo II.

entregue ao renomado Gregory Rabbasa (*The New York Times*, 24 de janeiro de 1988). O fato demonstra que a valorização da obra pelo editor atingiu alguns agentes do meio. Em 2001, ano da morte do escritor baiano, a Routledge publicou o livro *Jorge Amado: New Critical Essays*, organizado por Keith H. Bowler, Earl E. Fitz e Enrique Matínez-Vidal. A obra reúne ensaios que reavaliam o trabalho do escritor brasileiro. Novas visões e novas apropriações são indicações de mudanças nas atitudes em relação ao escritor.

A conclusão mais significativa a que chegamos neste trabalho, em nossa opinião, é a de que os estudos da tradução podem nos revelar muito mais sobre a sociedade e sua história, sobre as forças e os pensamentos que a movem. O resgate dos contextos históricos que geraram projetos ou “embaixadas” de traduções são de fundamental importância. A partir delas são criadas representações oriundas de diferentes “loci”, sempre parciais, nunca correspondendo a uma “identidade ou essência única”, mas a um feixe de luz que se dilacera ao adentrar um meio de diferente densidade.

Ao iniciar esta pesquisa, interessava-nos, acima de tudo, perceber a relação entre a representação cultural do Brasil e a atividade de tradução. Após finalizá-la, concluímos que o texto literário traduzido é um instrumento de representação relativamente forte, mas que se potencializa quando agregado a outros meios de comunicação. Hoje, passadas mais de quatro décadas da publicação de *Gabriela* nos Estados Unidos, e após as revoluções tecnológicas, a formação do imaginário sobre o Brasil também depende muito de mídias como a Internet, o cinema e a televisão, criando novas imagens e novas refrações. Exportamos música, shows, filmes e telenovelas que surgem em novos contextos históricos.

A questão das raças ou etnias também tomou novas direções e, no ano de 2008, os Estados Unidos elegeram seu primeiro presidente mestiço. As relações internacionais tomam novos rumos, dia após dia, e novos acontecimentos marcam a imagem do país no exterior. O Brasil luta agora contra a imagem da corrupção e da violência que vigora dentro e fora de suas fronteiras.

Resta-nos sugerir que as pesquisas na área de tradução e historiografia continuem se desenvolvendo, enriquecendo cada vez mais os estudos da tradução, e que eles ganhem o apoio acadêmico necessário para trazerem à tona o conhecimento do que cria nossa história.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Jorge (M. B.) de “Carmem Miranda: a musa da boa vontade”. *Mundo*, São Paulo, v. 13-6, p. HC 1, 10 out. 2005.
- _____. “Brasil, meu mulato inzoneiro.” *Mundo*, São Paulo, v. 8-6, p. 10 - 11, 10 set. 2000
- AMADO, Jorge. *O País do Carnaval*. Rio de Janeiro: Schmidt, 1931.
- _____. *Cacau*. Rio de Janeiro: Ariel, 1933.
- _____. *Suor*. Rio de Janeiro: Ariel, 1934.
- _____. *Jubiabá*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.
- _____. *Mar Morto*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.
- _____. *Capitães da Areia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1937.
- _____. *ABC de Castro Alves*. São Paulo: Martins, 1941.
- _____. *O Cavaleiro da Esperança*. Buenos Aires: Claridad, 1942.
- _____. *Terras do Sem Fim*. São Paulo: Martins, 1943. 73ª edição Rio de Janeiro: Record, 2005.
- _____. *São Jorge dos Ilhéus*. São Paulo: Martins, 1944.
- _____. *The Violent Land*. Tr. Samuel Putnam. New York: Alfred A. Knopf, 1945
- _____. *Seara Vermelha*, São Paulo: Martins, 1946.
- _____. *O Mundo da Paz: União Soviética e Democracias Populares*. Rio de Janeiro: Ed. Vitória, 1952.
- _____. *Os Subterrâneos da Liberdade*. São Paulo: Martins, 1954.
- _____. *Gabriela cravo e canela: crônica de uma cidade do interior*. São Paulo: Martins, 1958.
- _____. *A Morte e a Morte de Quincas Berro D'Água*. São Paulo: Martins, 1961.
- _____. *Discurso de posse na Academia Brasileira de Letras*. Pasta 17. Manuscrito 482. 1961.
- _____. *O Capitão de longo curso*. São Paulo: Martins, 1961.
- _____. *Gabriela Clove and Cinnamon*. Tr. James L. Taylor and William Grossman. New York: Knopf, 1962.
- _____. *Os Pastores da Noite*. São Paulo: Martins, 1964.

- _____. *Home Is the Sailor: The Whole Truth Concerning the Redoubtful Adventures of Captain Moscoso de Aragão, Master Mariner*. Tr. Harriet de Onís. New York: Alfred A. Knopf, 1964.
- _____. *The Two Deaths of Quincas Wateryell: A Tall Tale*. Tr. Barbara Shelby New York: Alfred A. Knopf, 1965.
- _____. *Dona Flor e seus dois maridos: história moral e de amor*. São Paulo: Martins, 1966.
- _____. *Shepherds in the Night*. Translated by Harriet de Onís. New York: Alfred A. Knopf, 1967.
- _____. *Dona Flor and Her Two Husbands: A Moral and Amorous Tale*. Translated by Harriet de Onís. New York: Alfred A. Knopf, 1969.
- _____. *Tenda dos Milagres*. São Paulo: Martins, 1969.
- _____. *Tent of Miracles*. Translated by Barbara Shelby. New York: Alfred A. Knopf, 1971.
- _____. *Tereza Batista cansada de guerra*. Rio de Janeiro: Record, 1972.
- _____. *Tereza Batista: Home from the Wars*. Tr. Barbara Shelby. New York: Alfred A. Knopf, 1974.
- _____. *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá: uma história de amor*. Rio de Janeiro: Record, 1976.
- _____. *Tieta do Agreste*. Rio de Janeiro: Record, 1977.
- _____. "Where Gods and men have Mingled - Culture Brief Article" - *UNESCO Courier* - September 1977a.
- _____. *Tereza Batista Cansada de Guerra*. São Paulo: Martins, 1978.
- _____. *Farda Fardão Camisola de Dormir: fábula para acender uma esperança*. Rio de Janeiro: Record, 1979.
- _____. *Tieta, the Goat Girl: or, the Return of the Prodigal Daughter*. Tr. Barbara Shelby Merello. New York: Alfred A. Knopf, 1979.
- _____. *O Menino Grapiúna*. Rio de Janeiro: Record, 1981.
- _____. *The Swallow and the Tom Cat: A Love Story*. Tr. Barbara Shelby Merello. New York: Delacorte Press/E. Friede, 1982.
- _____. *Tocaia Grande: a face obscura*. Rio de Janeiro: Record, 1984.
- _____. *A Bola e o Goleiro*. Rio de Janeiro: Record, 1984.
- _____. *Jubiabá*. Tr. Margaret A. Neves. New York: Avon Books, 1984.

- _____. *Sea of Death*. Tr. Gregory Rabassa. New York: Avon Books, 1984.
- _____. *O Sumiço da Santa: uma história de feitiçaria*. Rio de Janeiro: Record, 1988.
- _____. *Showdown*. Tr. Gregory Rabassa. New York: Bantam Books, 1988.
- _____. *Captains of the Sand*. Tr. Gregory Rabassa. New York: Avon Books, 1988.
- _____. *Navegação de cabotagem; apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei*. Rio de Janeiro: Record, 1992.
- _____. *A Descoberta da América pelos Turcos*. Rio de Janeiro: Record, 1994.
- _____. *O Compadre de Ogum*. Rio de Janeiro: Record, 1995.
- ANDRADE, Tadeu Luciano Siqueira. *A obra de Jorge Amado e A realidade Lingüística das Classes Subalternas*. UNEB.
<http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno11-03.html>
- ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*. New York, NY: Verso, 1983.
- ARENDT, H. *The Human Condition*. Chicago University Press. Chicago, 1958.
- ARMSTRONG, Piers. *Third World Literary Fortunes: Brazilian culture and its international reception*. 1999. Associated University Presses. London.
- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Epitaph of a Small Winner [Memórias Póstumas de Brás Cubas]*. Tradução de William L. Grossman. New York: Noonday, 1953.
- BARBOSA, Heloísa Gonçalves. *The Virtual Image: Brazilian Literature in English Translation*, University of Warwick, WARWICK, Inglaterra. 1994.
- BASSNETT, Susan et André LEFEVERE. *Translation, history and culture*. New York: Pinter, 1990.
- BASSNETT, Susan and TRIVEDI, Harish eds. *Translations Studies*. London and New York: Routledge, 1991.
- BASTIDE, Roger e FERNANDES, Florestan. 1955. *Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo*, São Paulo, UNESCO-ANHEMBI.
- BOAS, Sérgio Vilas. “Olhares modernos sobre um romântico” in *Jornal da Poesia* de 10 de agosto de 2001. Disponível em <http://www.jornaldepoesia.jor.br/svboas1.html>, acesso em 25 de junho de 2008.
- BHABHA, Homi. *DissemiNação: O tempo, a narrativa e as margens da nação moderna. O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila e outros. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- BHABHA, Homi K., *Location of Culture*, Londres, Routledge, 1994.
- BHABHA, Homi K. (org.), *Nation and Narration*, Londres, Routledge, 1990.

- BOLOGNINI, Carmen Zink; PAYER, Maria Onice. Línguas de imigrantes. *Cienc. Cult.*, São Paulo, v. 57, n. 2, 2005.
- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 32ª ed São Paulo: Cultrix, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- CARDOSO, Fernando Henrique; IANNI, Octavio. *Cor e mobilidade social em Florianópolis: aspectos das relações entre negros e brancos numa comunidade do Brasil meridional*. Prefácio de Florestan Fernandes. São Paulo: Nacional, 1960.
- CASTILHO, Alceu Luís. “O Amante da Expressão Popular”. *Revista Língua Portuguesa* – julho 2007.
- COBB, ELIZABETH A. *The Rich Neighbor Policy: Rockefeller and Kaiser in Brazil*. New Haven: Yale University Press, 1992.
- CONH, Deborah N. A Tale of Two Translation Programs: Politics, the Market, and Rockefeller Funding for Latin American Literature in the United States during the 1960s and 1970s *Latin American Research Review* (2006).
- _____. *Retracing The Lost Steps: The Cuban Revolution, the Cold War, and Publishing Alejo Carpentier in the U.S.* CR: The New Centennial Review Volume 3, Number 1, Spring 2003, pp. 81-108.
- CORRÊA, Regina Machado Aquino. *Barreiras culturais da tradução. Doutorado em Lingüística e Semiótica*. Universidade de São Paulo, 1998.
- _____. “Translating the other: Jorge Amado's novels and Brazilian resistance to appropriation.” *Passages de Paris*, Paris, v. 2, p. 281-285, 2005.
- _____. Gilberto Freyre e a tradução do Brasil. In: *Brasa IX*, New Orleans. BRASA IX - Tulane University, New Orleans, Louisiana, Vanderbilt University Publisher, 2008. v. 1. p. 1-11.
- Profª. Dra. Regina Helena M. A. Corrêa (UEL)
- CORRÊIA, Adilson da Silva. *Gabriela na malha da tradução domesticadora dos anos 60*. In: CONGRESSO NACIONAL DE ESTUDOS FILOLÓGICOS E LINGÜÍSTICOS, 7, 2003, Rio de Janeiro. Anais eletrônicos. Rio de Janeiro: CIFEFIL, 2003.
- _____. *A boemia da exclusão: referências homossexuais na tradução de Gabriela clove and cinnamon*. In: CONGRESSO NACIONAL DE ESTUDOS FILOLÓGICOS E

LINGÜÍSTICOS, 8, 2004, Rio de Janeiro. Anais eletrônicos. Rio de Janeiro: CIFEFIL, 2004.

CRISTALDO, Janer *Engenheiro de Almas* disponível em

http://www.uol.com.br/cultvox/livros_gratis/zdanov e

<http://br.geocities.com/sitecristaldo/artigosum.htm>. acesso em 28/01/2007.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis*, Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1979.

_____. “Digressão: a fábula das três raças, ou o problema do racismo à brasileira”, *Relativizando, uma introdução à antropologia social*, Petrópolis/RJ: Vozes, 1981.

_____. “Notas sobre o racismo à brasileira”, Jessé Souza (org.) *Multiculturalismo e racismo. Uma comparação Brasil-Estados Unidos*, Brasília, ed. Paralelo 1997.

DIMAS, Antonio. “Nas ruínas, o otimismo” in *Reinventar o Brasil: Gilberto Freyre entre história e ficção*. São Paulo: EDUSP, 2006, pp. 99-143.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Jorge Amado: romance em tempo de utopia*. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 1996.

ESTEVES, Lenita M.R. e AUBERT, Francis. “Shakespeare in the Bush” – história e tradução. In *Tradução e Comunicação* No 17 Unianahanguera. 2008. Disponível em <http://sare.unianhanguera.edu.br/index.php/rtcom/article/viewArticle/153> acesso em 20/22/2008.

EUSÉBIO, Elaine. The Political Translations of Monteiro Lobato and Carlos Lacerda, in *META*, Volume 49, no. 3, 2004.

FADIMAN, CLIFTON. Fifty years, being a retrospective collection of novels, novellas, tales, drama... all drawn from volumes during the last half-century by Alfred and Blanche Knopf over this sign and device. New York: Alfred A. Knopf, 1965.

FARIA, Daniel. *Realidade e consciência nacional: o sentido político do modernismo*. *História*, Franca, v. 26, n. 2, 2007.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742007000200019&lng=en&nrm=iso>.

Acesso em: 10 Feb. 2009. doi: 10.1590/S0101-90742007000200019.

FERNANDES, Florestan. Prefácio. In: CARDOSO, Fernando Henrique; IANNI, Octavio. *Cor e mobilidade social em Florianópolis*. São Paulo: Editora Nacional. 1960.

_____. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Dominus/Edusp, 1965.

- FONSECA, Edson Nery da. Gilberto Freyre conciliador de contrários. *Ciência & Trópico*. Recife, v. 15, n. 2, p. 169-174, jul./dez. 1987.
- FRANÇA, Nilcéia Albuquerque. Nota de Pesquisa: Origens do Português no Brasil: da Criolização ao Português Brasileiro. *Revista de História Regional* 7(1):195-205, Verão 2002.
- FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. Rio de Janeiro: Maia & Schmidt, 1933.
- _____. *Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.
- _____. *Palavras Repatriadas* (org. Édson Néri da Fonseca) Brasília: Editora UNB e Imprensa Oficial de São Paulo, 2003.
- _____. BRAZIL: an interpretation. New York: Alfred A. Knopf, 1945.
- _____. THE MASTERS and the slaves: a study in the development of brazilian civilization. Tr. Samuel Putnam. New York: Alfred A. Knopf, 1946.
- _____. MOTHER and Son. New York: Alfred A. Knopf, 1967. 232p.
- NEW world in the tropics: the culture of modern Brazil. New York: A. Knopf, 1959.
- _____. THE MANSIONS and the Shanties: the making of modern Brazil. Tr. Harriet de Onís. New York: Alfred. A. Knopf, 1963.
- _____. THE GILBERTO Freyre reader: varied writings by the author of the brazilian classics, The masters and the slaves, The mansions and the shanties, and Order and progress. New York: Alfred A. Knopf, 1974.
- _____. ORDER and Progress: Brazil from monarchy to republic. Berkeley: University of California Press, 1986.
- GADELHA, Paulo. *Jorge: o bem-amado*. Disponível em http://www.trf5.gov.br/component/option,com_docman/task,doc_view/gid,55/ acesso em 04/07/2008.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. Amado, respeitoso, respeitável. *Saco de gatos*. São Paulo: Duas Cidades, 1976.
- GARDINER, Harvey C. *Samuel Putnam, Brazilianist*. University of Wisconsin Press., 1971.
- _____. *Samuel Putnam, Latin Americanist – A Bibliography – The Library – Souther Illinois University - 1970*
- GOLDSTEIN, Ilana. *O Brasil best seller de Jorge Amado: literatura e identidade nacional*. USP 2000 (Senac, 2003).

GREENBLATT, Stephen. *Learning to Curse: Essays in Early Modern Culture*. New York and London: Routledge, 1990.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio. Democracia racial: o ideal, o pacto e o mito. In: *Novos Estudos Cebrap*, 2001.

_____. "Racismo e anti-racismo no Brasil", *Novos Estudos Cebrap*, n. 43, novembro de 1995.

HAMILTON, Russell G. *Gabriela Meets Olodum: Paradoxes of Hybridity, Racial Identity, and Black Consciousness in Contemporary Brazil*. *Research in African Literatures* - Volume 38, Number 1, Spring 2007, pp. 181-193

HASENBALG, C. & Silva, N. V. "Educação e diferenças raciais na mobilidade ocupacional". In: HASENBALG, C.; SILVA, N. V. & LIMA, M. (orgs.), *Cor e estratificação social*. Rio de Janeiro. 1999.

HASENBALG, Carlos *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*. 2ª edição, Belo Horizonte: Editora UFMG. Rio de Janeiro: 2005.

HIRSCH, Irene & MILTON, J. Translation and Americanism in Brazil 1920-1970, in *Across: Language and Cultures*, Volume 6, Issue 2, 2005.

HOLMES, J.S. *Translated! Papers on Literary Translation and Translation Studies*. Amsterdam: Rodopi, 1988.

HOLMES, James. S. The Name and Nature of Translation Studies. *The Translation Studies Reader*. Venuti, Lawrence. London/New York: Routledge, 2000.

HORTA, P. O potencial de recepção de Jorge Amado na Alemanha. In: XI. *Lateinamerikanischer Germanistenkongress*, 1995, São Paulo, Paraty, Petrópolis. Akten des XI. Lateinamerikanischen Germanistenkongresses. São Paulo: Edusp, 2003. v. 2.

HUDSON, Richard. *Sociolinguistics*. Cambridge: Cambridge University Press. 1980.

Jornal Opção. *Entrevista com Jorge Amado*. De: 09 a 15 de fevereiro de 2003. Goiânia. Disponível em:

<http://www.jornalopcao.com.br/index.asp?secao=Especiais&subsecao=Especiais&idjornal=13&idesp=25>

JEZDZIKOWSKI, Jaroslaw Jacek. *Pilar do comunismo ou um escritor exótico? Estudo descritivo das traduções polonesas das obras de Jorge Amado*. Tese de Doutorado em Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística - Universidade Federal da Bahia. Universidade Federal da Bahia. 2007.

JONES, Francis R. Translating Post-war Bosnian Poetry into English, in *Agents of Translation*, ed. John Milton and Paul Bandia. Amsterdam: John Benjamins, 2008.

- KNOFF, Alfred A. *Portrait of a Publisher 1915/1965*. 2 vols. New York: Typophiles, 1965.
- KUNDERA, Milan. *Testaments betrayed: an essay in nine parts*. Translated from the French by Linda Asher – 1st ed. New York, 1995.
- LANDERS, Clifford E. Do patrimônio nacional ao patrimônio universal: Jorge Amado e os tradutores. In: Vera Rollemberg. (Org.). *Um grapiúna no país do carnaval*. Salvador: EDUFBA/Fundação Casa de Jorge Amado, 2000.
- LANE MERCIER. Translating the Untranslatable: The Translator's Aesthetic, Ideological and Political Responsibility, *Target*, vol. 9, no 1, pp. 43-68. 1997.
- LEFEVERE, André. *Translating Literature: Practice and Theory in a Comparative Literature Context*. Modern Language Association of America. New York: 1992.
- _____. *Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame*. London and New York: Routledge, 1992a.
- _____. Report. in *Translation in Foreign Language Teaching* FIT- UNESCO, Paris 1983.
- LINS, Álvaro. *Os mortos de sobrecasaca*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.
- MACHADO, Ana Maria. *Romântico, Sedutor e Anarquista: Como e por que ler Jorge Amado hoje*. Objetiva. 2006.
- _____. “Um escritor Solar. Entrevista – *Balaio de Notícias*. Webjornal - Mensal - Edição 93 - Aracaju, 17 de setembro a 15 de outubro de 2006. Disponível em: <http://www.sergipe.com.br/balaiodenoticias/entrevistaj93.htm> acesso em 8/12/2008.
- MACHADO, Ronaldo. *Entre o Centro e a Periferia: Érico Veríssimo nos Estados Unidos, 1944*. VI Encontro do 'Brazilianisten-Gruppe in der ADLAF', Berlim, 2004.
- MAIO, Marcos Chor. Estoque semita: a presença dos judeus em Casa-Grande & Senzala. *Luso-Brazilian Review*, Vol. 36, No. 1 – 1999.
- _____. O Projeto Unesco e a agenda das ciências sociais no Brasil dos anos 40 e 50. *Rev. bras. Ci. Soc.*, São Paulo, v. 14, n. 41, 1999.
- MILTON, John. et BANDIA, Paul (org.) *Agents of Translation*. Amsterdam: John Benjamins. 2008.
- _____. *O Clube do Livro e a Tradução*. Bauru/SP: Editora da Universidade do Sagrado Coração (EDUSC), 2002.

_____. (com Marie-Helène Catherine Torres). Tradução, Retradução e Adaptação. *Cadernos de Tradução*, no. XI, 2003/1. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.

_____ & and Paul Bandia (eds). *Agents of Translation*, ed. John Benjamins. Benjamins Translation Library 81: 2009.

NIDA, E. *Principles of Correspondence*. In: Venuti, L. *The Translation Studies Reader*. London: Routledge, 1964.

OLINTO, Antonio. “Jorge e Zélia” – *Tribuna de Imprensa*. Rio de Janeiro, 10/01/2006
Disponível em
http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from_info_index=61&info_id=1406&sid=368 , acesso em 20 de janeiro de 2009.

OLIVEIRA, M. Para a História Social da Língua Portuguesa em São Paulo: séculos XVI-XVII. *Linguística*, vol.14, pp.323-354, 2002.

PAGANO, Adriana Silvina. ‘An Item Called Books’: Translations and Publishers’ Collections in the Editorial Booms in Argentina and Brazil from 1930 to 1950. *Emerging Views on Translation History in Brazil, CROP*, (journal of the English Language and English and North-American Literature Courses), FFLCH, n. 6. São Paulo: USP, pp.171-194. 2001.

PEDREIRA, Lícia Maria Borba. *Gabriela e os filhos de Calvino: uma leitura da versão de Gabriela cravo e canela em língua inglesa*. Dissertação. Programa de Pós-graduação de Letras e Linguísticas da Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2001.

PINHO, Osmundo de A. A Bahia no Fundamental: notas para uma interpretação do discurso ideológico da baianidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 13, nº 36, 1998, pp.109-120.

PIRES, José. Jorge Amado, um mito sem qualidade in *Brasil Limpeza*, 17 de Março de 2008. Disponível em <http://brasillimpeza.blogspot.com/2008/03/jorge-amado-mito-construido-com-foice-e.html> acesso em 25 de junho de 2008).

PUTNAM, Samuel. *Marvelous Journey. Four Centuries of Brazilian Literature*. New York: Knopf 1948.

RABASSA, Gregory. *O negro na ficção brasileira: meio século de história literária*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1965.

RAILLARD, Alice. *Conversando com Jorge Amado*. Tradução Annie Dymetman. Rio de Janeiro: Record, 1991.

RIVAS, Pierre. A recepção da literatura brasileira na França. In: *France-Brésil*. Ministère des Affaires étrangères. 2005.
Disponível em http://www.diplomatie.gouv.fr/fr/IMG/pdf/france_bresil.pdf Acesso em 10/11/2008.

RAMOS, Graciliano. *Angústia*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1936.
_____. *Anguish*. Tr. L.C. Kaplin. New York: Knopf, 1946.

ROCHE, Jean. *Jorge Bem / Mal Amado*. São Paulo: Cultrix, 1987.

ROSA, João Guimarães. *Sagarana*. 27ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.

ROSTAGNO, Irene. *Searching for recognition: the promotion of Latin American literature in the United States* Westport, Conn: Greenwood Press, 1997.

RUBIM, Rosane; CARNEIRO, Mariel. *Jorge Amado 80 anos de vida e obra: subsídios para pesquisa*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1992

RUSSELL-WOOD, A. J. R. United States Scholarly Contributions to the Historiography of Colonial Brazil. *The Hispanic American Historical Review*, Vol. 65, No. 4 Duke University Press 1985.

SAID, Edward W. *Culture and Imperialism*. London: Vintage, 1993.

SANSONE, L. Pai preto, filho negro: trabalho, cor e diferenças de gerações. *Estudos Afro-Asiáticos*, 1993 p.25.

SALLES, João Moreira. *Jorge Amado*. Documentário. Disponível em <http://www.jorgeamado.com.br/vida.php3> . Acesso em 10/12/2008.

SCHWARCZ, Lilia. Nem preto, nem branco, muito pelo contrário, cor e raça na Intimidade In: *História da vida Privada no Brasil*, org. Fernando Novais, pp. 177-184, São Paulo: Cia de Letras, 1998.
_____. Questão Racial e Etnicidade. In MICELI, Sérgio org. O que ler na Ciência Social Brasileira (1970 – 1995). *Antropologia* Vol. II, Sumaré e ANPOCS. São Paulo, 1999.
_____. Quase pretos, quase brancos. In: *Revista Pesquisa FAPESP* - Abril 2007 - Edição 134.

SHAMMA, Tarek. The Exotic Dimension of Foreignizing Strategies: Burton's Translation of the Arabian Nights. In *The Translator* 11,1: 51–67. 2005.

SIMEONI, Daniel, The Pivotal Status of the Translator's Habitus, *Target* 10:1, 1998.

SIWI, Márcio. *U.S.-Brazil Cultural Relations during World War II* in ILASSA27 Student Conference on Latin America, February 1 - 3, 2007. Disponível em <http://lanic.utexas.edu/project/etext/llilas/ilassa/2007/siwi.pdf> , acesso em 20/12/2008.

- TAHIR-GÜRÇAĞLAR, Şehnaz. What Texts Don't Tell, The Uses of Paratexts in Translation Studies in *Crosscultural Transgressions, Research Models in Translation Studies II Historical and Ideological Issues*, Theo Hermans (ed.), Manchester, UK and Northampton MA, 44-60m, 2002.
- TEIXEIRA, Felipe C. Narrativa e Fronteira Cultural. *Revista de História e Estudos Culturais*. Vol 2 Ano II No 2 Junho 2005.
- TOTA, Antônio Pedro. *O imperialismo sedutor*. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.
- TOURY, Gideon. A handful of paragraphs on 'Translation' and 'Norms' in *Translation and Norms*. Christina Schäffner, ed. Clevedon etc.: Multilingual Matters, 1998.
- _____. The Nature and Role of Norms in Translation. In *Descriptive Translation Studies and Beyond*. Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins, 1995, 53-69.
- TYMOCZKO, Maria. The Metonymics of Translating Marginalized Texts, *Comparative Literature*, Winter 1995.
- _____. *Translation in a Postcolonial Context*. Manchester: St. Jerome. 1999.
- _____. *Translation and Political Engagement*. In *The Translator*. Volume, Number 1. 2000
- VEIGA, Benedito. Gabriela, cravo e canela: A recepção crítica. In *Anais do VII Congresso Nacional de Lingüística e Filologia*. 2000.
- VENUTI, Lawrence. *The Translator Invisibility*. New York: Routledge, 1995.
- _____. A Tradução e a Formação de Identidades Culturais. Tradução de Lenita R. Esteves in *Língua e Identidade*. FAPESP/FAEP/UNICAMP. São Paulo. 1998.
- _____. *Escândalos da Tradução*. Tradução de Laureano Pelyrin & alii. Bauru/SP: EDUSC. 2002.
- VERÍSSIMO, Érico. *Incidente em Antares*. São Paulo: Globo, 2002a.
- _____. *Caminhos cruzados*. São Paulo: Globo, 2002 b.
- _____. *O senhor embaixador*. Porto Alegre: Liv. do Globo, 1965.
- _____. *His excellency the ambassador*. Tr. L. L. Barret & Marie Mac-David Barret. New York: Macmillan, 1967.
- VERÍSSIMO, Luis Fernando. Salve Jorge. Entrevista. *O Estado de São Paulo*, 10/8/01.
- VERLANGIERI, Iná Valéria Rodrigues. *J. Guimarães Rosa: correspondência inédita com a tradutora norte-americana Harriet de Onís*. Araraquara, 1993.
- VINCENT, Jon S. Jorge Amado, Jorge Desprezado. *Luso-Brazilian Review*, Vol. 15, Supplementary Issue (Summer, 1978), pp. 11-17.

VIZENTINI, Paulo. *Relações Internacionais do Brasil: de Vargas a Lula*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo. 2003.

WAGLEY, Charles. *Race et classe dans le Brésil rural*. Paris: Unesco, 1952.

ARTIGOS DE REVISTAS E JORNAIS CONSULTADOS:

- Aid Without Strings. *The New York Times*. 20 de maio de 1961.
- Alfred A. Knopf Weds Mrs. Helen E. Hendrick. *The New York Times*. 21 de abril de 1967.
- Also Current. *Time Magazine*. 15 de maio de 1964.
- Brazilian Author Acquitted by Court. *The New York Times*. 26 de setembro de 1969.
- Brazilian Novelist Tells Plan to Foster Western Harmony. *Los Angeles Times*. 18 de abril de 1941.
- Brazilian Society Formed. *The New York Times*. 8 de setembro de 1945.
- Bridge to Good Neighbors. *The New York Times*. 30 de dezembro de 1939.
- Fastest Gun in the Northeast. *Time Magazine*. 28 de maio de 1965.
- Gilberto Freyre Wins Aspen Humanities Award. *The New York Times*. 2 de maio de 1967.
- Harriet de Onís, Translator, Dies. *The New York Times*. 16 de março de 1969.
- Mayor to Greet Students. *The New York Times*. 21 de junho de 1942.
- Mrs. Blanche Wolf Knopf of Publishing Firm Dies. *The New York Times*. 5 de junho de 1966.
- Mrs. Knopf Honored. *The New York Times*. 3 de novembro de 1950.
- Nacib's Omnamorata. *Time Magazine*. 12 de outubro de 1962.
- New Books Listed for South America. *The New York Times*. 27 de abril de 1941.
- Nights of Song & Stars. *Time Magazine*. 27 de Janeiro de 1967.
- Notes on Books and Author. *The New York Times*. 22 de novembro de 1940.
- P.E.N. Translation Prize To Go to Harriet de Onís. *The New York Times*. 7 de maio de 1967.
- Publisher Alfred A. Knopf, 91. *Chicago Tribune*. 12 de agosto de 1984.
- Russia as the hope of democracy. *The New York Times*. 20 de fevereiro de 1916.
- Samuel Putnam, Author, Critic, 58. *The New York Times*. 18 de janeiro de 1950.
- Stalin Peace Prizes Given on Birthday. *The New York Times*. 22 de dezembro de 1951.
- Sugar and Spice. *Time Magazine*. 5 de setembro de 1969.
- The Cocoa Rush. *The Times*. 30 de agosto de 1963.
- The Pride of Miscegenation. *Time Magazine*. 26 de abril de 1963.
- The Violent Land. *Chicago Tribune*. 13 de junho de 1965.

Two Books by Jorge Amado Made Into Films. *Los Angeles Times*. 1 de Janeiro de 1978.

William Grossman, Professor at N.Y.U. And a Translator, 74. *The New York Times*. 8 de maio de 1980.

REVISTA VEJA, 15 de agosto de 2001, também disponível em http://veja.abril.com.br/150801/p_096a.html acesso em 26 de junho de 2008.

ADAMS, Mildred. Here is Brazil. *The New York Times*. 12 de abril de 1959.

ADAMS, Mildred. Literary Letter from South America. *The New York Times*. 10 de dezembro de 1961.

BALDWIN, Nona. U.S. Cultural Ties Growing in Brazil. *The New York Times*. 23 de março de 1941.

BARR, Donald. The Doctor's Dilema. *The New York Times*. 20 de abril de 1947.

BARROW, Leo L. The Good Life in Brazil. *Chicago Tribune*. 24 de agosto de 1969.

BRICKEL, Herschel. Brazilian Literature. *The New York Times*. 25 de julho de 1948.

BURGUM, Edwin B. Luis da Silva of Brazil. *The New York Times*. 31 de março de 1946.

CALLADO, Antônio. A Literary Letter from Brazil. *The New York Times*. 8 de janeiro de 1956.

CALLADO, Antônio. Recent Literary Trend in Brazilian Letters. *The New York Times*. 8 de janeiro de 1956.

CALLADO, Antônio. A Literary Letter from Brazil. *The New York Times*. 30 de janeiro de 1960.

CALLADO, Antônio. Literary Letter From Brazil. *The New York Times*. 27 de dezembro de 1964.

CHAMBERLAIN, Henriqueta. Brasileiros. *The New York Times*. 4 de fevereiro de 1945.

CHEUSE, Alan. Fictional Tribute to Bahia. *Los Angeles Times*. 19 de setembro de 1971.

CLEMONS, Walter. Books of The Times: Between the Decent and the Unseemly. *The New York Times*. 17 de agosto de 1969.

DAVIS, L.J. Brazilian magic. *The Washington Post*. 12 de setembro de 1971.

DUNCAN, John. The World of the People. *The New York Times*. 22 de janeiro de 1967.

FITS, Dudley. A New Door to Brazil. *The New York Times*. 24 de abril de 1955.

FITS, Dudley. The Delightful Odor of Scandal. *The New York Times*. 28 de novembro de 1965.

FLAG, Nancy. Summer Fiction List. *The New York Times*. 24 de junho de 1945.

FREMONT-SMITH, Eliot. Books of The Times: What a Way of a Corpse to Act!. *The New York Times*. 19 de novembro de 1965.

GROSSMAN, William. To Understand a Nation Go Back to Its Beginning. *The New York Times*. 16 de fevereiro de 1964.

GROSSMAN, William. Outlaw With a Problem. *The New York Times*. 21 de abril de 1963.

LASK, Thomas. Tereza Batista. *The New York Times*. 21 de setembro de 1975.

HOGUE, Warren. Brazilian Author, Cosmopolitan Land of Tradition. *The New York Times*. 2 de junho de 1980.

HULET, Claude L. Gabriela Blows Her Horn. *Los Angeles Times*. 28 de outubro de 1962.

HULET, Claude L. Brazilian's Recent Novel Loses Poetic Power in Translation. 28 de abril de 1963.

HULET, Claude L. Violent Saga of Brazilian Frontier. *Los Angeles Times*. 18 de julho de 1965.

HULET, Claude L. Monuments From Human Frailty. *Los Angeles Times*. 26 de dezembro de 1965.

HULET, Claude. Bahian Society – a 3-Way View. *The New York Times*. 19 de fevereiro de 1967.

KAPP, Isa. Death in Porto Alegre. *The New York Times*. 23 de junho de 1946.

LASK, Thomas. Books of The Times: No Pillars of Society. *The New York Times*. 18 de janeiro de 1967.

MCDOWELL, Edwin. U.S. is discovering Latin America's Literature. *The New York Times*. 16 de fevereiro de 1982.

MATTHEWS, Herbert L. Brazil is Smarting from U.S. Neglect. *The New York Times*. 1 de abril de 1951.

METGANG, Herbert. Knopf, at 85, Looks Back on a Life Crammed With Books – and History. *The New York Times*. 12 de setembro de 1977.

MONTENEGRO, Ernesto. The Literary Scene in Latin America. *The New York Times*. 11 de janeiro de 1940.

PETERSON, Virgínia. The Captain and the Sea. *The New York Times*. 22 de março de 1964.

PRESCOTT, Orville. Books of The Times. *The New York Times*. 12 de setembro de 1962.

PRESCOTT, Orville. Books of The Times: A Whale of Goldfish. *The New York Times*. 3 de abril de 1964.

PUTNAM, Samuel. Brazil an Intimate Introduction. *The New York Times*. 7 de setembro de 1947.

RABASSA, Gregory. Tent of Miracles. *The New York Times*. 24 de outubro de 1971.

RAYMONT, Henry. Latin Writers Stirring Up U.S. Publisher's Interest. *The New York Times*. 15 de abril de 1969.

RAYMONT, Henry. Harriet de Onís Gets Book Prize: Translator of 40 Works Is Honored by P.E.N. Club *The New York Times* de 9 de maio de 1967.

VERÍSSIMO, Érico. Literary Milestone in Brazil. *The New York Times*. 6 de fevereiro de 1944.

VERÍSSIMO, Érico. Relations with Brazil Deteriorating. *Los Angeles Times*. 14 de novembro de 1944.

VIDAL, David. Brazilian Author Reflects Nation's African Heritage. *The New York Times*. 1 de outubro de 1977.

WAGLEY, Charles. Meet the Brazilians. *The New York Times*. 12 de maio de 1963.

WHITE, Connie B. A Literary Letter from Brazil. *The New York Times*. 21 de março de 1950.

WHITE, Edward. Between Flesh and Spirit. *Los Angeles Times*. 2 de novembro de 1969.

WHITE, William W. Colossus to the South. *The New York Times*. 5 de agosto de 1951.

YOUNG, Allen. Brazil's Bahia: Salvador, the Nation's First Capital Being "Rediscovered" by Tourists. *The New York Times*. 11 de abril de 1965.

**CORRESPONDÊNCIA ENTRE ALFRED A. KNOPF, JORGE AMADO E
BARBARA SHELBY – Material Pesquisado – Ordem Cronológica.**

Correspondência trocada entre Herbert Weinstock e Jorge Amado, entre outubro e novembro de 1950 – Harry Ranson Humanities Research Center – University of Texas – Knopf Collection - BOX 80 – folder 13.

Carta de Jorge Amado a Alfred Knopf, em 22 de novembro de 1963. HRC – BOX 401 – folder 1.

Memorando de Alfred A. Knopf para Janet Garrett, em 28/08/1969.

Carta de Knopf para Shelby, em 8 de dezembro de 1969.

Carta de Knopf para Shelby, em 25 de agosto de 1970.

Carta de Jorge para Shelby, em 30 de maio de 1970.

Carta de Knopf a Amado, em 20 de agosto de 1970.

Carta de Knopf para Shelby, em 25 de agosto de 1970.

Carta de SHELBY para JANET GARRET em 5 de setembro de 1970.

Memorando de Alfred A. Knopf para Janet Garrett, em 28/08/1969.

Memorando de Knopf a Garrett, em 15 de abril de 1971.

Carta de Barbara Shelby Merello ao HRC na Universidade do Texas – 28 de agosto de 2002.

Carta de Barbara Shelby Merello ao HRC na Universidade do Texas – 28 de agosto de 2002.

ANEXO I

ENTREVISTA COM BÁRBARA SHELBY MERELLO – REALIZADA POR
CORRESPONDÊNCIA DATADA DE 21/03//2008.

1 - Were you born in the US? (Is English your mother tongue?)

- Yes, I was born in the U.S. and my native language is English. My mother was born in Mexico, of American parents and met my father at the University here. He was hired by NBC in the earliest days of television, so I was born in New York.

2 - When and how did you learn Portuguese? What was your educational background?

- I learned Spanish pretty much by myself and graduated from U.T. (one year at the old National University in Mexico, studying mostly literature), majoring in Romance Languages with a minor in History. (I recall a Spanish literature professor telling us that every language one learns is a new soul.) A young woman from Bahia taught a semester of Portuguese and I took it, never thinking I would join the Foreign Service and would have the luck to be posted to Rio. In those days (the 60s) new officers would spend several months learning the language at post.

3 - What was your opinion about Brazilian literature, Brazilian authors and Jorge Amado?

- I think a good novel reveals more about a country than non-fiction can, but once I was working I didn't have much time to read until I was actually translating and simply made time, I honestly don't know how. But each of the books Knopf chose was engrossing and stirring to the imagination, each in its own very different way. The authors themselves were delightful. Guimarães Rosa -- the Brazilian James Joyce -- was the one I knew least but admired most, for his astonishing language and versatility. His years as a doctor in the backlands, and then as a diplomat in European capitals -- he somehow absorbed those experiences and transmuted them into something rich and strange.

4 – How did you become a translator at Knopf Publishers?

- It was luck. I think it's explained well in the introduction to eh Knopf letters [at Harry Hanson Research Humanities Center]. Harriet de Onís was about to retire, I Believe. And Alfred very much wanted a correspondent in Brazil, a country that fascinated him. He was obsessed with gaining the popularity for Brazilian authors, particularly Jorge Amado, that he had won for Thomas Mann, for example, before the war.

5 – Which novels by Amado did you translate?

- Amado novels I translated:

A morte e a morte de Quincas Berro D'Água.

The two deaths of Quincas Wateryell.

Tenda dos Milagres (Amado's favorite and mine too).

Tent of Miracles.

Tereza Batista, Cansada de Guerra.

Tereza Batista, Home from the Wars.

Tieta do Agreste.

Tieta.

O Gato malhado e a Andorinha Sinhá.

The Swallow and the Tom Cat (illustrated by Carybé)

(published by Delacorte Press / Eleanor Friede).

(This is a delightful children's story which Amado wrote for his son decades ago and found in a trunk).

O Milagre dos Pássaros.

The Miracle of the Birds.

(Short story written for Harpers Magazine, then published By William Targ).

6 – How was the translation process? Which were the main difficulties?

- It's hard to believe now that I translated these and more than half a dozen other books while still in the foreign service. I had little enough time to read, let alone translate. I must have done most of it on six-week home leaves every two or three years, with the pressure of a very fine editor: my mother. She wrote an introduction to Guimarães Rosa's *The Third Bank of the River* and insisted that I take the credit.

The whole point of translation, for me, is to keep the book alive, and that sometimes means taking liberties, but not too many. It's a question of balance. There's no such a thing as a "literal translation", of course. Along with their populist message, Amado's novels are fun to read, so they have to be fun in English as well. Freyre's books are more formal, and a scholarly tone would have to be still more precise. As for Guimarães Rosa, what can I say? He was the one who encouraged me to find equivalents that would convey the emotion or meaning of the original – and I'm grateful for that.

Occasionally, I could not resist enriching our language with a common saying in Portuguese instead of substituting the English equivalent. "Ele tem o rei na barriga" – what a wonderful phrase! I dislike footnotes in fiction because they impede the flow of the narrative, so I'd add a few words of explanation: "He has the king in his belly, as we say of someone conceited." A cliché in one language can be a shock in another. A Spanish friend was appalled when he first heard "Eat your heart out!", a phrase we toss out without thinking about. (That one should not be translated).

For some reason, inexplicable to me now, I avoided asking Amado for clarifications of anything puzzling, instead spending hours figuring it out. For one thing, I was in Rio and Amado lived in Bahia. In any case, I never wanted to collaborate with an author as some translators did; the English version was my responsibility alone. (True, Gilberto Freyre liked to read drafts, but only infrequently suggested a change.) With Amado, indecent language was sometimes a difficulty. Colleagues teased me.

7 – How was the reception of "Tent of Miracles" in the USA?

- After the success of *Gabriela*, Amado was very popular here, though never enough to please Alfred. We got glowing reviews and most of the novels were published in paperback by Avon.

8 – What did Knopf like about Amado?

- One trait Amado and Knopf had in common was loyalty to their friends – and [they] were equally loyal [to each other]. Knopf's friendship with Freyre was older, but Knopf and Amado wrote and visited more.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)